

MARTHA ROSA PISANI DESTRO

MEMÓRIA, CULTURA E EDUCAÇÃO:
O IMIGRANTE ITALIANO EM SÃO PAULO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
1994

Este exemplar corresponde à redação
final da Tese defendida por
Marta Rose Pisani Dexto e
aprovada pela Comissão Julga-
dora em 16-8-94

J. B. F.

Tese apresentada como exigência
parcial para a obtenção do título de
Doutor em Educação, na área de
Metodologia do Ensino, à Comissão
Julgadora da Universidade Estadual
de Campinas, sob a orientação do
Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes (Ju-
nior.)†

Comissão Julgadora

João Roberto dos Reis

Charles R. Synelak

Juiz Luiz Vinícius

João

João



IN MEMORIAM

MARTHA ZINI DESTRO,
cujo sonho realiza-
do, tornou possível
o sucesso dos filhos
e a realização deste
trabalho.

Aos meus pais: Mário e Ida,
minha filha Marcy,
e Walter

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao amigo Joaquim; mais que orientador, foi quem incentivou, confiou, e deu todo seu apoio, carinho e paciência, para que este trabalho se iniciasse e chegasse ao fim.

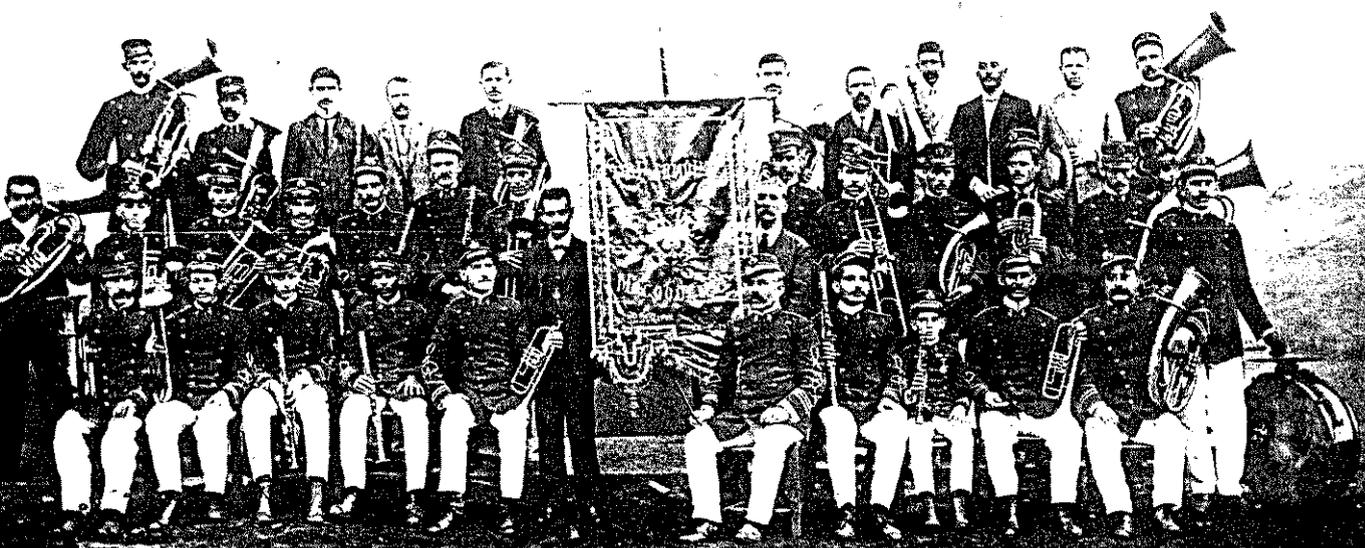
Ao Prof. José Luís Sanfelice; além de diretor, foi o incentivador e amigo que tanto me ajudou com sua compreensão e amizade.

Ao apoio, carinho, incentivo, compreensão e paciência que recebi de minha família, e também da Fernanda, velha amiga, que sempre acreditou em mim e no meu trabalho.

Aos meus irmãos Paschoal e Cacalo, que proporcionaram o suporte e infraestrutura para a realização da pesquisa.

Aos colegas e amigos de trabalho, que represento nas pessoas de Orly, Fátima e Arlete, amigas de todas as horas. Especialmente, Cleiton de Oliveira e Vera Louzada que me permitiram e apoiaram quanto ao uso do microcomputador.

À incansável, atenciosa e carinhosa Maria Luíza Pinto de Moura, que no CCLA de Campinas, tanto contribuiu para que a bibliografia e os livros preciosos fossem encontrados.



**CORPORAÇÃO MUSICAL
HARMONICA MOCOQUENSE**

XX ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO
MOCÓCA 25 MARÇO de 1912
DIRECTOR e MAESTRO" PASCHOAL GALHARDI

PHOT. BONORA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	pag. 001
CAPÍTULO I - Recorte histórico de São Paulo e apresentação dos entrevistados.....	pag. 011
- Quem é esse imigrante.....	pag. 011
- A imigração em São Paulo.....	pag. 013
- Apresentação dos entrevistados.....	pag. 016
CAPÍTULO II - Recorte Histórico.....	pag. 037
- A Europa no Final do século XIX.....	pag. 038
- O italiano no quadro geral europeu.....	pag. 039
- Brasil-recorte histórico e condições econômicas.....	pag. 047
CAPÍTULO III - Recorte histórico do cotidiano.....	pag. 064
- Vida cotidiana na Europa.....	pag. 066
- Vida cotidiana no Brasil- São Paulo.....	pag. 093
CAPÍTULO IV - Recortes de vida.....	pag. 109
- A - Origem e Fixação dos "Oriundi" em São Paulo.....	pag. 111
- B - Localização espacial.....	pag. 122
- C - Vida social: assimilação e dis- criminação.....	pag. 136
- D - Escolaridade e Trabalho.....	pag. 150
CONCLUSÃO.....	pag. 172

Às musas, agora que, contra meus olhos
Cansados, avançam as trevas da Noite.
Felipe da Tessalônica (1)

] quero dizer te uma coisa,
mas a vergonha me impede
[]
se fosse coisa honesta e boa,
se palavras más não te travassem a
língua,
os olhos não abaixarias, para dizer,
com franqueza, teu pensamento []
Safo (2)

INTRODUÇÃO

A História, aqui tomada na acepção da Historiografia, não está a cavaleiro da condição temporal do pensamento. Escrita com base em outros escritos lidos por uma visão retrospectiva como documentos, como vestígios de acontecimentos a reconstituir, ela é ciência possibilitada pela reminiscência. Dessa forma, imagem do passado pela perspectiva aberta no presente, o conhecimento histórico pressupõe a historicidade enquanto corrente da tradição em que mergulha: a continuidade e a mudança das criações humanas, a sua proveniência ou origem e a transmissão que as perpetua modificando-as. (3)

O tema central, inicialmente proposto para estudo, era levantar dados para saber se houve influência cultural da imigração italiana no contexto educacional do Estado de São Paulo, no período de 1900 a 1930. Esse tema apontava para um problema: o confronto que certamente houve entre aquilo que se poderia chamar de educação "oficial", vigente nas escolas brasileiras no referido período, e os valores e a cultura das famílias que emigraram em busca de uma nova vida em um novo país.

Os estudos bibliográficos me levaram a um impasse como se a pesquisa, voltando sempre ao mesmo tema, recomeçasse indefinidamente, a ponto de fazer parecer que o trabalho não progredia. Isto me levou a repensar a pesquisa e este repensar levou-me a um outro tema, que envolvia não ape-

nas minha experiência pessoal, mas existencial no sentido filosófico da palavra.

... O tema descobre o pesquisador, o interpela e envolve por deitar raízes no núcleo de vida, de sua vida, ancorado numa visão de mundo que se liga à cultura italiana, a vivências (no sentido de "vécu") de uma realidade sócio-cultural. (*)

Nesse momento, cheguei à constatação da existência da imigração italiana em São Paulo, tema já bastante explorado e analisado por pesquisadores especializados no assunto. Mas, para mim, as questões que se colocavam eram as seguintes:

- 1) esses imigrantes exerceram influência no meio que os recebeu?
- 2) é possível estudar a influência cultural exercida por eles?

Tais questões, tornando-se objetivo do trabalho, apresentavam duas vias de estudo: a primeira era uma análise bibliográfica, o que igualmente me levava a um impasse, uma vez que o específico ficava ameaçado de se perder naquela maneira de análise; e a segunda via, articulada pelo que se convencionou chamar "história nova", que consistia em efetuar um recorte no real e interrogar a memória de sujeitos que participaram direta ou indiretamente do evento. Para maior coesão e fundamentação do trabalho, percorri as duas vias.

Esta pesquisa é, portanto, um fragmento de um passado datado. É um trabalho pessoal que se esvazia de emoções mas não totalmente. Ele solicita a emoção do leitor que, no mesmo movimento, é a força capaz de reinseri-lo na dialética da história. Nesse sentido, este trabalho reclama-se das teses benjaminianas sobre a história e se realiza numa dialética do pessoal e do coletivo.

Mas ficava ainda a questão: que tipo de experiência cultural eu queria examinar? Sabia que, especificamente, eram aquelas relacionadas com a educação informal, destacadamente a ocorrida na família.

Assim, nesse ponto da pesquisa percebi que, para resolver o impasse, precisava entrar em contato com experiências vividas pelos imigrantes, ou por seus descendentes. Tratava-se de sondar memórias, mesmo cheias de lacunas, e às vezes, imprecisas. O caminho escolhido foi pois, o das entrevistas, que permitiam provocar, rastrear, seguindo lembranças. Essas entrevistas são pequenas narrativas, nas quais o leitor e/ou ouvinte pode perceber o cotidiano de um tempo passado, ainda atuando nessa experiência presente.

Tentando fazer minha essas memórias, busquei integrá-las num contexto mais amplo, isto é, na história da comunidade a qual pertencem. Por essa razão,, passei a utilizar as entrevistas inserindo-as na dimensão espaço-temporal

atual para localizá-las na história de um Estado brasileiro e de um povo (o italiano). Foi nesse momento que pude reutilizar um levantamento bibliográfico de cunho histórico tradicional, feito anteriormente e que havia sido provisoriamente abandonado. Com isto foi necessário realizar uma pequena interrupção no ritmo do trabalho. Refletindo sobre o impasse que havia chegado, senti que a pesquisa passava a caminhar numa outra direção.

Nesta parada na da leitura do histórico no "vécu", na vivência, na realidade; na da visão da história através da memória do cotidiano. Esta nova direção me levou ao estudo do que se convencionou chamar de "História Nova", articulada à renovação das teorias históricas iniciada na França, em 1929, com a fundação da revista "Annales", que propõe uma nova concepção de tempo histórico. Para esses historiadores, a história seria feita segundo ritmos diferentes e a tarefa do historiador seria, principalmente, reconhecer tais ritmos. (04)

O trabalho da história ocorre no campo do inexato. Referindo-se tanto ao método quanto ao objeto, ela quer ser objetiva e não consegue, quer fazer reviver, e só consegue reconstituir; ao mesmo tempo que torna um evento contemporâneo, ela reconstrói a distância e a lonjura do histórico.

A partir dos estudos de M. Foucault, são introduzidos os objetos provocadores (05) da história, o que signi-

ficou uma grande virada na história contemporânea ocidental: passam a ser estudados aqueles assuntos que tinham sido ignorados desde a Idade Média: os desviados. Foucault identifica a história com a arqueologia, uma vez que não se pode ficar apenas no que aparece; trata-se, principalmente de explicitar o oculto.

A história-genealógica de Foucault preenche inteiramente o programa da história tradicional; ... as intrigas que ela conta são as histórias das práticas em que os homens veriam verdades, reconhecem suas lutas em torno dessas verdades.(06)

São assim colocados novos problemas; novas abordagens e novos objetos que surgem no horizonte epistemológico da história.

Esse caráter singular de uma ciência que possui apenas um único termo para seu objeto e para si própria, que oscila entre a história vivida e a história construída, sofrida e fabricada, obriga os historiadores, já conscientes dessa relação original, a se interrogarem novamente sobre os fundamentos epistemológicos de sua disciplina.(07)

Trata-se de uma história nova que ultrapassa a visão tradicional, supera a ilusão positivista, pois pretende ir além da crítica ao fato, e se encaminha para uma tendência conceitual que se orienta para uma outra direção que não a das finalidades marxistas, das abstrações weberianas ou da intemporalidade estruturalista.

Essa nova concepção implica na noção de história do imediato ou do presente e, mais do que desafiar a histó-

ria tradicional, recusa-se a reduzir o presente a um passado, recusa à definição tradicional de história como ciência do passado.

Enfim, a história se afirma como nova ao anexar novos objetos que até agora lhe escapavam e se situavam fora de seu território....O essencial, porém, não é sonharmos agora com um prestígio passado ou futuro, mas sabermos fazer a história de que o presente tem necessidade. Ciência da autoridade do passado e da consciência do tempo, deve ainda se definir como ciência da mudança, da transformação. (18)

Essa nova concepção do fenômeno histórico busca, não uma verdade imóvel do passado, mas a dinâmica do que poderíamos chamar de "duração". Utilizando os dados da memória, constrói o evento que é, ao mesmo tempo, passado e presente, preso nas malhas do "individual" e do "social", o dado fundamental é, aqui, a memória.

A partir dos estudos de Bergson em 1896, a memória passou a ser considerada uma encruzilhada de memória e percepção, chegando a um nível profundo e pessoal, que não pode ser vista em termos de "coisas", mas de progresso, e que estabelece uma identidade individual e coletiva.

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não à servidão dos homens (19)

Para continuar no caminho do atual, passando do coletivo para o pessoal e das concepções da história tradi-

cional para as da história nova, no primeiro capítulo deste trabalho farei uma apresentação da realidade social que o imigrante encontrou em São Paulo; falarei sobre a emigração para São Paulo, para poder, nesse contexto apresentar os entrevistados.

No capítulo seguinte, através de um recorte histórico, irei situá-los no panorama histórico de suas origens (Europa) e na realidade brasileira, que fez um apelo para a vinda de seus pais.

No terceiro capítulo, ainda baseado na bibliografia, farei um recorte do cotidiano da Europa, com especial destaque para a Itália, e no cotidiano brasileiro que os emigrantes encontraram aqui, no fim do século XIX e início do XX.

No quarto capítulo será dada voz aos filhos/netos dos "oriundi", numa leitura das entrevistas através de quatro

(4) enfoques:

- (1) tipo de imigração e origem;
- (2) localização espacial em São Paulo;
- (3) socialização: assimilação e discriminação;
- (4) trabalho e estudo dos filhos/netos (homens e mulheres).

Na conclusão tentarei esboçar alguns traços da influência italiana no desenvolvimento de São Paulo, mostrando

que houve assimilação e transformação, criando aspectos próprios do ser paulista. Falarei das mudanças que ocorreram no cotidiano das famílias, na educação dos filhos quanto da necessidade de escolaridade, na nova visão de trabalho como pertencendo ao próprio ser do homem e não mais a seres inferiores. Estes pontos foram relacionados com as experiências vividas ainda na Europa e, posteriormente, contrapostas ao cotidiano do brasileiro tradicional.

Ainda na conclusão, destacarei como decorrente da visão de educação e de trabalho, a introdução da "nova mentalidade rural" da pequena propriedade, com atividades diversificadas sendo produtivas (quando bem administradas), contrapondo-se ao latifúndio e à monocultura, e o impulso que essa "nova mentalidade" trazida pelos imigrantes deu à industrialização e ao comércio, ocasionando o desenvolvimento das cidades.



Notas:

- (*) Joaquim Brasil Fontes Jr. Anotações feitas durante atividades de orientação
- (1) Filipe de Tessalônica, in JOAQUIM BRASIL FONTES Jr. *Eros, tecelão de mitos* São Paulo: Estação Liberdade, 1989, p.23.
- (2) Safo, idem p. 325.
- (3) Benedito Nunes, idem pp. 17-18.
- (4) JACQUES LE GOFF, *História e memória* Campinas: Edunicamp, 1990, p.15.
- (5) Objetos provocadores são temas que emergem, ao longo dos estudos tradicionais e que eram ignorados pela história por romperem com sua linha de estudo, e que são na "nova história" assumidos como novos elementos que reintroduzem problemas, novos elementos que não eram estudados na visão tradicional.
- (6) JACQUES LE GOFF *Hist. e mem.* p. 105.
- (7) idem p. 12.
- (8) idem ibidem p.14.
- (9) Cfr. JACQUES LE GOFF *Hist. e Mem.* Campinas: Edunicamp, 1990.
- (10) idem p. 477.

CAPÍTULO I- RECORTE HISTÓRICO DE SÃO PAULO E APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Retrato sócio-histórico de São Paulo- Até a metade do século XIX São Paulo era, apenas, um entreposto entre o Rio de Janeiro e a Minas Gerais, com algumas pequenas cidades e fazendas, sem muito destaque econômico. A partir de então começam, a se desenvolver as plantações de café, aumentam as pressões externas e internas contra a utilização da mão-de-obra escrava; e tem início uma nova política de estímulo à importação de mão-de-obra remunerada, branca, européia, principalmente, o emigrante italiano devido às semelhanças culturais.

Uma outra força econômica se levanta: é São Paulo com uma nova mentalidade, uma "nova" (no Brasil) visão econômica liberal e capitalista, com outros traços culturais.

Essa "outra" mentalidade é decorrente da revolução industrial inglesa e de seu ideário capitalista, que se faz acompanhar, também, por idéias socialistas e anarquistas.

Essas concepções são trazidas pelo "sangue novo" que, vindo do velho mundo, aqui chega querendo mudar, crescer, progredir: o emigrante europeu.

Quem é esse emigrante? A situação sócio-econômica da segunda metade do século passado propiciou um grande movimento migratório, na Europa, fazendo com que ocorresse o êxodo rural tanto para outras regiões agrárias como para as cidades, e, até mesmo para outros continentes. Do contexto europeu, destacarei as correntes migratórias ocorridas na Itália (1).

No primeiro momento, a maioria dos italianos do norte vieram para o Brasil; em seguida, vieram os calabreses, enquanto que os sicilianos se dirigiram principalmente para os Estados Unidos. Houve uma verdadeira mobilização de emigrantes seguindo para os mais diferentes países das Américas: Estados Unidos (Nova York), Brasil (São Paulo e Sul) e Argentina.

Entretanto, essa mudança espacial não significou uma mudança de cidadania. Ao se encontrar num lugar estranho, às vezes hostil, outros frio, o imigrante procurou seus pares, buscou se agrupar aos compatriotas, recriando uma familiaridade e um companheirismo.

Os emigrantes buscaram regiões onde havia demanda de mão-de-obra, onde tivessem a possibilidade de melhorar de vida e não porque tivessem desprezo pela pátria de origem. Por isso é que, no novo ambiente, formavam verdadeiros "guettos" onde eram mantidas as tradições, a língua, enfim a cultura da mãe-pátria.

Eles queriam "fazer a América" (ou país para onde fossem) na esperança de ganhar o suficiente, após alguns anos para comprar uma propriedade ou uma casa e, como pessoas de posses, adquirir o respeito dos vizinhos, em alguma aldeia siciliana, polonesa ou grega.
(2)

A maioria que emigrou tentara, antes, sobreviver como assalariado nas cidades da Europa, e só depois buscou as Américas. Foram poucos os que voltaram para a Itália; a maioria permaneceu na nova pátria.

No Brasil os que se dirigiram para São Paulo eram principalmente da região do Vêneto e, na sua grande maioria, artesãos e operários. Assim, não se fixaram no campo, seu destino inicial, pois tão logo se tornava possível, dirigiam-se para as cidades onde iriam exercer atividades industriais, comerciais, ou, tornar-se proprietários de pequenas fábricas ou casas comerciais.

Não podemos esquecer que o início da industrialização fazia com que houvesse, nas cidades, mais demanda de

mão-de-obra, tanto para as indústrias como para as ocupações terciárias, isto é, os escritórios, as lojas e os serviços gerais.

A imigração em São Paulo (3)

- América! América!

Nas fímbrias do longe começaram a surgir os vislumbres da terra sonhada. Estava amanhecendo o dia vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e noventa e um.

O "Europa" explodiu num grito de alegria: América !...

Naquela noite Domênico mal mente pôde cochilar. Dormir não foi possível, porque no coração se lhe agarrara, qual abutre, o fantasma do Incógnito. Só uma luz bruxolenta, alentadora, na tenebrosa noite daquelas almas: São Paulo. Ali estaria o futuro, porvir remansoso de todos. De Domênico também: São Paulo.

...
Começava assim um novo capítulo do destino dos imigrantes. (4)(*)

A imigração de italianos para São Paulo foi subvencionada pelo governo e fazendeiros. Não podemos esquecer que eles não viajaram "de graça", pois, os gastos eram reembolsados através do trabalho; isto é, do pagamento das tarefas concluídas eram descontadas, aos poucos mas com juros, as despesas de viagem. A imigração visava a mão-de-obra para as fazendas de café, não se encaminhando para as "colônias": grupo de pequenos proprietários, como no sul.

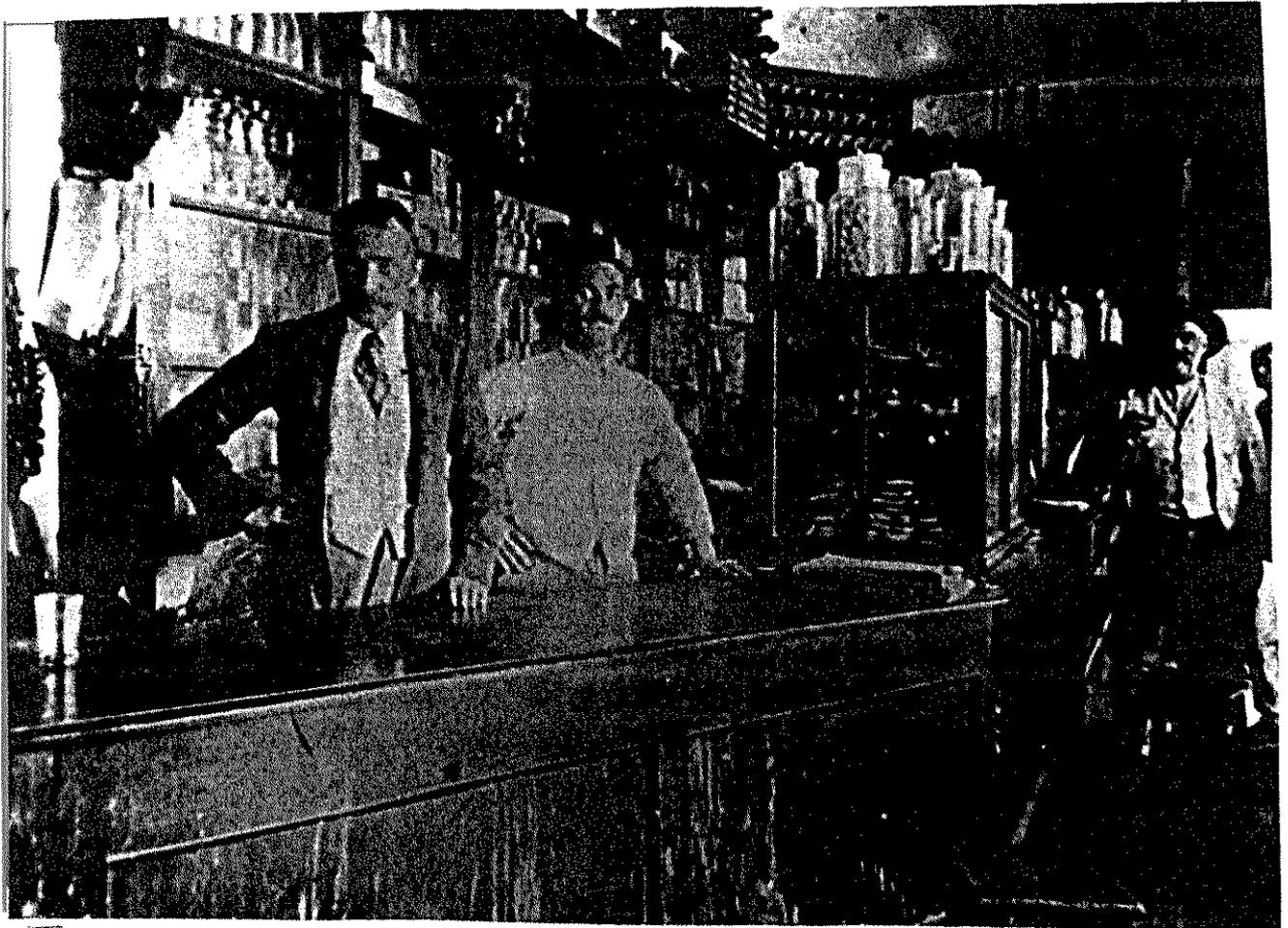
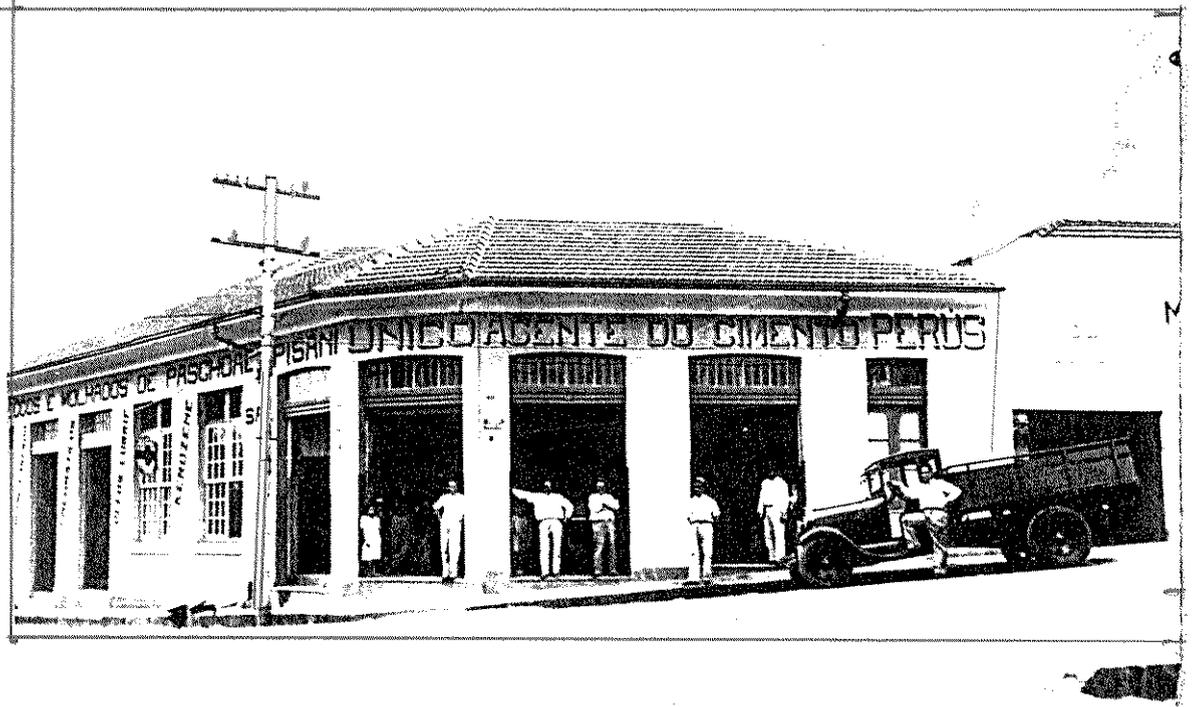
A corrente imigratória para São Paulo confunde-se de tal maneira com a economia cafeeira que qualquer tentati-

va de desvinculá-las torna toda a problemática incompreensível.(5)

Entretanto, não podemos esquecer que a imigração, ainda não em massa, iniciou-se mesmo antes da libertação dos escravos. No final do governo de D.Pedro II já haviam chegado a São Paulo, aproximadamente 157.000 italianos; só em 1888, entraram 88.744 imigrantes, sendo a maioria italianos, que foram seguidos pelos espanhóis. (6)

Mas, apesar da vinda de outros imigrantes europeus para São Paulo, foram os italianos que mais marcaram a vida nas fazendas e nas cidades. Isto pode ser verificado através dos relatos (7) de João Pedro da Veiga (1896), Pierre Denis e Enrico Ferri no seu trabalho "ITALIA E L'AMERICA MERIDIONALE", de 1911, e de muitos outros do início do século, como o de Gina Lombroso Ferrero, que ressalta a "italianità" da cidade de S.Paulo, e o de Antonio Piccarolo, intelectual italiano radicado em São Paulo que se refere, no livro de 1908 "UNA REVOLUZIONE ECONOMICA", ao município de Bebedouro, onde 33% da população era italiana, 32% brasileira, 20% espanhola, 10 % portuguesa, 5 % síria e além de outras.

A oligarquia no poder, tanto no final do Império como, principalmente, no início da República, era formada pelos "barões" do café. Esta conseguiu que o governo criasse leis e incluísse, no seu orçamento, somas destinadas à subvenção da imigração dos italianos e suas famílias. A pre-



ferência por imigrantes com famílias decorria do fato de se saber que haveria mais braços para executar os trabalhos propostos por contrato, e que a família poderia ajudar muito na adaptação ao país, além de dificultar a viagem de volta.

M.T.S.Petrone (8), entre outros autores, destaca a figura de Martinho da Silva Prado Jr, 1º presidente da Sociedade Promotora da Imigração fundada em 1886, como um dos maiores entusiastas e defensores da imigração européia, tendo ido, ele próprio, aos vilarejos italianos para fazer propaganda das vantagens de emigrar para S.Paulo. Tal Sociedade recebia dinheiro do governo para fazer contratos com as companhias de navegação, e fiscalizar as condições como número de famílias por viagens.

Neste contexto, não podemos nos esquecer da importância que teve a "Hospedaria do Imigrante".

A Hospedaria desempenhou ainda a ação polarizadora intensa fazendo crescer ao seu redor o bairro italiano mais típico da cidade, o Brás, fixando mão-de-obra para a incipiente industrialização. (9)

Passo agora a apresentar os entrevistados cujas famílias fazem parte da realidade histórico-cultural até agora descrita, com objetivos de tentar inserir aspectos da

memória individual no quadro de uma visão do coletivo histórico. Procuro efetuar, desta maneira, a dialética entre o particular e o geral.

Apresentação dos entrevistados- As pessoas entrevistadas foram contatadas segundo o meu conhecimento pessoal das mesmas ou indicadas por outras pessoas. A exigência era que fosse filho de "oriundi", mas houve três (3) casos em que entrevistei netos que conviveram muito com os avós. E também considereei o ato da pessoa querer ou não, ser entrevistada.

Para introduzir as entrevistas usarei o parâmetro de "classe social", sem levar em consideração a escolaridade, uma vez que verifiquei existir uma alta correlação entre a escolaridade e a cidade onde a pessoa fora criada. Em outras palavras deixei de considerar a "escolaridade" pelo fato de os entrevistados deixarem claro que terem feito ou não curso superior tinha relação com as cidades onde foram criados. E também pelo fato de eu estar tratando com pessoas educadas na primeira metade do século, quando o número de escolas superiores era limitado e restrito às capitais.

Na leitura das entrevistas, usarei o parâmen-

tro de "localização espacial", que possibilitará uma melhor descrição do ambiente onde os entrevistados foram educados.

Dos entrevistados, seis (6) pertencem à Alta Burguesia, seis (6) à Classe Média, e dois (2) à Classe Operária. Todos estão na faixa etária superior a 60 anos; a maioria com mais de 70 anos. Os quatorze (14) entrevistados receberam uma classificação alfabética por família, que acompanhará todo o trabalho, obedecendo à ordem diretamente inversa à da sequência cronológica das entrevistas.

No primeiro grupo tivemos cinco (5) mulheres e um (1) homem; no segundo, quatro (4) homens e duas (2) mulheres; e, no terceiro, dois (2) homens. A distinção quanto ao sexo e classe social dos entrevistados foi totalmente ao acaso, só verificada depois de realizadas todas as entrevistas. O cuidado que tomei foi quanto à diversidade nas atividades dos entrevistados, para não obter apenas uma visão unilateral da situação, o que proporcionaria um retrato deformado da situação do imigrante no Estado de São Paulo.

Seguindo a classificação econômica-social, temos na (10) Alta Burguesia pessoas, que sempre tiveram uma vida de muito conforto, com grande poder aquisitivo e muitas propriedades.

A entrevistada da família "A", uma senhora com um pouco mais de 80 anos, viúva com dois filhos (um homem e uma mulher), sempre viveu em Mocóca, trabalhando à frente dos negócios da família, junto com uma outra irmã solteira e um irmão mais velho, já falecido, cuja viúva esteve presente à entrevista, tendo ajudado muito quanto à clareza dos elementos. A família era composta por oito irmãos: três homens e cinco mulheres.

A entrevistada cursou o antigo primário, o ginásio e a Escola de Comércio (ii), tendo sido responsável pela contabilidade do grande armazém e que era um dos maiores da região.

Quando seu irmão mais velho morreu, ela assumiu junto com a irmã solteira, a direção dos negócios. Mas com o avanço da idade, não tendo ninguém da nova geração trabalhando com elas, transformaram o prédio do armazém em uma Galeria de lojas e boutiques, tendo total apoio da família.

Outro aspecto marcante dessa família é a musicalidade. A entrevistada foi uma grande pianista, que sempre tocava acompanhada de dois irmãos: o mais velho, com piston, e o outro, com violino. Eram excelentes músicos, tendo até tocado profissionalmente em festas e cerimônias religiosas.

Mas, a música cessou, na grande e bela casa da família, quando morreu o mais velho.

A cunhada, presente à entrevista, ainda mora na mesma casa comprada pelos pais do marido, onde foi morar logo que se casou, pois o sogro e a sogra já haviam falecido. Ainda hoje, é lá que a família se reúne. Mas não há mais música ao vivo. pois o irmão, líder admirado e respeitado pela família, silenciou com sua morte, nos anos 70 o encantador trio musical.

A família "D", também de Mocóca, é representante da classe industrial emergente no início do século. A entrevistada é uma senhora solteira de 76 anos, que nunca trabalhou fora. Morou com os pais na grande casa (hoje um restaurante), até eles morrerem, e agora mora sozinha numa casa menor. Trata-se de uma pessoa alegre, sociável, que sempre gostou muito de ler, viajar, e que se dedica divinamente, a trabalhos de crochê e tapeçaria, tendo no passado se ocupado com bordados e costuras.

Não deixou transparecer que tivesse sofrido qualquer tipo de discriminação ou limitações por ser solteira ou filha de imigrantes. Conta os fatos de sua vida e da família com muita alegria tornando a entrevista leve, agradável e

divertida. A única exceção foi quando falou sobre a perda dos pais. É a sétima numa família de onze (11) filhos dos quais estão vivos apenas quatro (4): ela, uma (1) irmã mais velha com 81 anos, ela e os dois (2) caçulas (uma irmã com 67 e o irmão com 65 anos). Sempre ajudou muito a mãe nos trabalhos de casa, embora tenham sempre tido empregadas domésticas.

Lembrou, ainda que, tão logo seu pai teve sucesso financeiro, a vida se tornou muito mais fácil para ela e os outros irmãos mais novos, entretanto, no início fora de muita luta e trabalho para o pai e os mais velhos.

Sua escolaridade se limitou ao antigo primário; sempre detestou escola e sua mãe, cansada de insistir, acabou desistindo. O mesmo ocorreu com a irmã mais velha, ainda viva, que interrompeu seus estudos no antigo Curso Normal.

Na entrevista com uma encantadora senhora da família "F" de Campinas, fiquei conhecendo um pouco da história da cidade, e das famílias italianas que nela residiram ou residem ainda.

A família teve sua origem, no Brasil, em função do casamento de dois irmãos com duas irmãs, tendo ambos casais

seis filhos: três homens e três mulheres. Ela tem um pouco mais de 70 anos (não disse sua idade), é a penúltima filha; a mais velha está com 87, e a mais nova, também, na casa dos 70; os irmãos já estão todos mortos.

Esta senhora é muito alerta, atualizada e ativa, uma testemunha da vida cultural e artística de Campinas. Hoje, por limitações pessoais, acompanha a tudo pelos jornais, e através das filhas e dos netos.

Estudou no Colégio "Coração de Jesus" até terminar o antigo ginásio, tendo depois se dedicado apenas ao estudo de piano que abandonou ao casar (sem ter terminado o Conservatório).

Ela admitiu que os italianos fazem diferenças entre homens e mulheres, embora tenha afirmado que seus pais tenham dado oportunidades iguais para todos.

A entrevistada da família "L", nasceu e viveu a vida toda em Campinas. Sendo solteira, morou com seus pais até morrerem, e agora mora com uma irmã viúva e uma sobrinha (filha de outra irmã) que criou. Está com 75 anos. Muito ativa e lúcida, recorda-se, com saudades, da "Velha Campinas", calma e tranquila onde ao se sair as ruas sempre se encontrava pessoas conhecidas.

A família "H" saiu da Itália (pai e mãe, deixando o filho pequeno que veio mais tarde) para Mócoca. Depois seguiram para São Paulo, onde teriam melhores possibilidades de progresso para os filhos. Essa família não pertence à Alta Burguesia, mas o entrevistado, sendo um verdadeiro "self made man" é um publicitário de alto nível, internacionalmente conhecido, e um legítimo representante da alta burguesia paulistana. Trata-se de uma pessoa que não recebeu educação formal além do curso primário, embora tenha destacado que em sua família havia a preocupação com a informação e a formação.

O entrevistado sempre trabalhou, quer ajudando a mãe nos serviços de casa, quer nas entregas de marmitas que ela fazia, ou nas entregas para o açougue vizinho (viviavam no Tatuapé, em casa própria). Aos 14 anos começou a trabalhar como operário em uma estamperia. Lá onde desenvolveu sua habilidade de desenhar, que foi percebida e aproveitada na seção de desenhos de estampas. Mas sua paixão era a publicidade, que via nos jornais que sempre havia em sua casa. Abandonou seu trabalho, onde recebia 3 salários mínimos (era muita coisa na época) e com 17 anos, lançando-se na carreira publicitária, o que fez dele um vitorioso.

Deixa transparecer, com muita razão, seu orgulho por ter sempre trabalhado e vencido pela dedicação ao que faz.

Finalmente, a família "I" que, de Bragança Paulista, mudou-se para São Paulo. A senhora, conhecida minha, foi entrevistada pela própria filha, que para tanto, recebeu instruções e um roteiro orientador. Ela se mostrou bastante orgulhosa do lado "tradicional brasileiro" da família materna (o avô foi um homem muito empreendedor e de muita visão).

O pai veio ao Brasil a passeio, para visitar o próprio pai, que tinha uma fazenda na Bahia; a mãe e o resto da família sempre viveram na Itália. Não gostando da fazenda continuou seu passeio até o Rio de Janeiro e depois São Paulo, onde veio a conhecer sua futura esposa. Acabou se radicando como comerciante de ferragens na cidade. Ela falou sobre dois irmãos (assim, não sei se eram mais do que três filhos) que fizeram curso superior e se tornaram pessoas de grande destaque na vida social, cultural e política de São Paulo (um chegou até ser prefeito da cidade).

Ela fez o antigo curso primário e depois "uma escola muito fina" especial para as moças da Alta Sociedade. Nunca trabalhou fora; nem seus irmãos trabalharam durante o período em que estudaram, pois viviam com muito conforto e sem preocupações econômicas.

Os entrevistados citados a seguir são todos da classe média: pessoas com algumas propriedades, de uma vida com conforto conquistado com muitas lutas.

Conversar com o representante da família "B" foi muito agradável. Com 66 anos, está ainda atuando ativamente. Embora aposentado, continua como contador da prefeitura de Mocóca, onde ele e a família sempre viveram. Foi, também, durante 19 anos, professor na Escola de Comércio e na Escola Profissional.

Cursou o antigo primário, o ginásio, escola de comércio, a escola normal e, mais recentemente, a FFCL em Guaxupé, MG. Sempre trabalhou, e mesmo quando ainda muito criança estava constantemente procurando uma forma extra para ganhar algum dinheiro que desse para pagar o cinema, sua paixão.

Profundamente religioso, totalmente dedicado à família tem, com muito orgulho, um filho padre, que é o pároco de Mocóca. Ele próprio queria ter se dedicado ao sacerdócio, tendo sido impedido pela mãe por ser o único filho homem.

É marcante sua simpatia e orgulho sobre como sua

família se fixou e progrediu desde a chegada como imigrantes, trabalhando em uma fazenda na região de Comendador Guimarães, Mocóca. Sua própria vida, embora difícil, e tendo feito o que sempre gostou, foi vitoriosa. Tem uma vida confortável, boa casa e carro. Educou todos os filhos, dando-lhes condições de seguirem até o curso superior, sem maiores preocupações econômicas.

Pela família "C", entrevistei um professor aposentado com 68 anos, artista plástico e estudioso da história da cidade e da vida dos imigrantes. Uma pessoa com muita iniciativa e espírito de luta. Fundou a biblioteca e o museu municipais. Ainda hoje lidera as atividades artístico-culturais de Mocóca.

Cursou os antigos primário, ginásial colegial, e, em 1944, quando poucos saíam da cidade natal para estudar fora (se o faziam era para seguir Direito, Medicina ou Engenharia) foi para o Rio de Janeiro estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Considera que isto foi possível devido ao grande amor que os italianos, ente os quais seu pai, têm pelas artes.

Apresento, agora, o entrevistado pertencente à família "M", que nasceu e foi criado em Mocóca, tendo se mudado para Campinas, com a família, em 1957. Um senhor com 72 anos, muito ativo e que ainda trabalha na área financeira, embora já esteja aposentado há muitos anos. Sempre foi muito sociável, e um líder nas diferentes atividades que exerceu, e ainda exerce, em ambas as cidades citadas..

Sua vida foi marcada por atividades políticas e pela Maçonaria, que acentuou suas posições anti-clericais (herdadas do pai). É liberal convicto. Embora sua mulher nunca tenha trabalhado fora, sempre defendeu primeiro para os irmãos, como o mais velho (apoiado pela mãe viúva, desde que ele tinha 12 anos) e, depois para os filhos a necessidade de homens e mulheres estudarem e terem uma profissão de nível superior.

Cursou os antigos primário, ginásial e escola de comércio. Muito cedo começou a trabalhar para ajudar a mãe na criação dos irmãos (quatro homens e duas mulheres).

Sempre considerou o trabalho um direito, um privilégio, uma vantagem e não uma obrigação, passando para a família esses valores.

A outra entrevistada, da família "K", é uma senhora que nasceu em Bauru e que ainda criança se mudou para Campinas com toda a família menos o irmão mais velho, que lá ficou por já estar casado, seguindo a irmã mais velha, braço direito da mãe, que ficou viúva muito cedo, com seis (6) filhos.

Ela, a caçula, não chegou a conhecer o pai. Fez os antigos cursos primário e ginásial, mas parece que não se interessava muito por estudo, pois aos 14 anos foi trabalhar em escritórios, o que fez até pouco depois de casada.

Embora sem maior escolaridade formal, é uma pessoa com muita leitura e paixão por cinema, teatro, música e viagens. Nunca foi muito religiosa, como a mãe e irmãos, não sabendo explicar o porquê desse desinteresse familiar.

Casou-se numa família brasileira. Não falou, nem deixou transparecer que tivesse sofrido ou sentido qualquer forma de discriminação familiar ou social por ser mulher e filha de imigrantes.

Muito conhecida em Campinas pelas suas atividades jornalísticas e culturais, a entrevistada pertence à família "N", que sempre teve muito destaque político, social e comercial na cidade.

Trata-se de uma pessoa cheia de vida e idealismo, que me proporcionou uma entrevista muito agradável, contando sobre sua família, suas experiências escolres, a vontade de ir para São Paulo estudar, o que não foi permitido pela família, e falou, também, sobre a vida cultural de Campinas.

É advogada por formação (era um curso superior que havia em Campinas, mas não muito frequentado por mulheres), e exerceu a profissão de jornalista (embora tenha sido impedida de cursar jornalismo em São Paulo, pelos pais). É administradora de um Conservatório fundado pela avó, que mantém por amor e vontade de continuar a tradição artística da cidade, não apenas da música, mas, das artes em geral.

É neta de "oriundi", teve muito contato com os avós. Contou, com muito colorido, e como jornalista que "escrevia gesticulando" (como boa descendente de italianos), sobre o espírito inovador do avô, e sobre a avó, que com mão-de-ferro dirigia a vida dos filhos, noras e até netos.

Da música, artes plásticas e jornalismo, passo para a literatura, com o entrevistado da família "G", que nasceu e foi criado em Botucatu, e que mudou-se para São Paulo para cursar uma faculdade, lá se fixando.

Escritor (desde os 11 anos), editor e historiador até hoje, aos 72 anos, é diretor de uma grande editora e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Foi através dos livros do entrevistado, o Senhor Herâni Donato, e do seu amigo de infância, Senhor Francisco Marins, que fui introduzida, por meu pai, ao tema da "saga dos imigrantes". Assim, esta entrevista teve muito importância e significado para mim .

Além disso, foi uma entrevista muito rica em detalhes, com esclarecimentos que enriqueceram todo o presente trabalho, uma vez que ele falou, com muito conhecimento, sobre a "Marcha para o Oeste Paulista", essa área nova do Estado, "descoberta" e enriquecida pela cultura do café, a partir do final do século passado.

Passo, agora, as entrevistas de duas (2) pessoas que podem ser consideradas como representantes típicas da classe operária paulista.

O senhor da família "J", com 64 anos, tem instrução primária incompleta (cursou até 3^o ano do antigo primário, que havia na fazenda). Nasceu em Araras, mas foi criado em uma fazenda em Araraquara, onde foi, como seus irmãos, colono até seu pai falecer (quando a família se separou, se-

guindo cada um, seu próprio caminho para diferentes cidades).

De lá veio para Campinas, onde se fixou, constituiu família, e onde vive até hoje. Aposentado, trabalhou como operário numa grande indústria da cidade. É uma pessoa que tem boas recordações, embora a vida tenha sido difícil. Foi entrevistado pela própria filha (por mim orientada), já que seria muito difícil que ele falasse com uma estranha sobre a família.

Seus pais e irmãos mais velhos eram analfabetos. Mas ele disse que não estudaram porque a vida deles era feita de muito trabalho, e uma sobrevivência difícil; também, pelas condições espaciais, uma vez que a fazenda era longe da cidade e de qualquer escola. Assim, o estudo era para eles um luxo.

Embora viva em bairro mais distante do centro, sua casa e carro são próprios. Falou da importância da escola, e de se ter uma profissão, valores que passou para os filhos que, se não completaram os estudos, foi por não querer, não por falta de oportunidades, que ele proporcionou com seu trabalho e espírito de luta.

Finalmente, temos o representante da família "E"

de Mocóca, com 71 anos, aposentado pela CESP. É filho de pai analfabeto e mãe semi-analfabeta, que já viviam na cidade, embora os avós paternos tivessem vindo para uma fazenda, e os maternos sempre morado na cidade. O avô trabalhava como marceneiro nas fazendas, depois que se aposentou, comprou um sítio, abriu um bar-armazém, e lá viveu até morrer.

A vida toda, o pai foi operário e sacristão. Considera que seus pais tiveram pouca influência na sua vida escolar e de seu irmão, com idade próxima à dele, o que foi diferente com as irmãs, bem mais novas, quem os irmãos sempre estimularam para estudar e exercer suas profissões, o que fizeram.

Considera que foram os amigos (todos descendentes de italianos) que tiveram muita influência para que se dedicasse aos estudos. Até que aos 17 anos voltou à escola, que tinha abandonado no 3º ano do antigo primário. Fez, então, os antigos ginásio, escola de comércio e escola normal.

Hoje, apesar das lutas e sacrifícios iniciais ou por causa disso mesmo, goza de uma vida de conforto e sem preocupações econômicas. Os filhos, todos, estudaram e fizeram curso superior. Casou-se com uma senhora de família brasileira e tradicional da cidade.

É uma pessoa extremamente esforçada que fez de suas dificuldades uma ponte para lutar, progredir e vencer.

Foi admirável verificar, através de sua narrativa, como cada etapa de sua vida foi vencida, como as adversidades foram superadas, e como as poucas chances que tinha foram transformadas em meios para vencer as dificuldades.



Notas:-

(1) Cfr. ZULEICA M.F. ALVIM Brava gente Sao Paulo: Brasi-
liense, 1986.

(2 idem

(3) Embora tenha delimitado meu trabalho ao período de 1880 a 1930, não posso deixar de citar alguns grupos de europeus não-portugueses que já haviam emigrado para o Brasil antes dessa época. O próprio D. João VI instalou alguns grupos de imigrantes no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, mas grupos ficaram isolados passando por sérias dificuldades, o que fez com que não tivesse sido incentivada a vinda de outros.

D. Pedro II, mesmo antes da abolição, por interferência de Carlos Gomes, permitiu a vinda de um grupo de italianos que fundou no Paraná, a "Colônia Cecília" (Schmidt,), mas a tentativa de fundar uma colônia anárquica - levando o anarquismo às últimas consequências - não conseguiu que produzissem o suficiente para sobreviver. Teve, também, para dificultar, a desagrado dos fazendeiros que viam a experiência como um perigo para a manutenção do latifúndio, a monocultura e a escravidão que tanto defendiam.

O senador Vergueiro introduziu, em 1847, na sua fazenda em Limeira, SP, o sistema de "parceria" com aproximadamente 360 famílias de emigrantes alemães. Pagou a viagem das famílias, instalou-as e distribuiu para cada uma um certo número de pés de café para cuidar, no final o lucro seria dividido entre colonos e proprietário. Seu projeto fracassou, mas a semente estava lançada.

D. Campos Salles, se posicionou à favor da imigração subvencionada, em um artigo no Jornal "O Estado de São Paulo, de 07/04/1887, distinguindo 2 tipos de imigração...

os operários agrícolas que se colocavam - locavam satisfeitos a serviço da grande lavoura e os colonos propriamente ditos, os pequenos proprietários que povoavam os núcleos coloniais e que dificilmente tomariam outro sentido. Ambos deveriam solucionar o duplo problema do povoamento e do trabalho" (Alencar, 1981, p. 140)

Estimulado por fazendeiros do oeste paulista, o governo iniciou uma campanha de propaganda, na Europa, para atrair emigrantes. Esta encontrou eco na Itália que estava passando por sérios problemas econômicos após a Unificação. Em 1888, já haviam no Brasil aproximadamente 200 000 italianos...

A vinda maciça de imigrantes e a introdução de trabalho assalariado na agricultura fizeram com que se tornassem evidentes as limitações quantitativas do trabalho escravo e vieram romper a unidade política da aristocracia agrária. ... Os setores tradicionais escravistas, ..., se colocaram contra a política do Império. ... Tais lutas acabaram introduzindo a país à República, "(in De Boni, BORGES FERREIRA, pp. 224 a 250,).

(4) JOSÉ SEVÁ *Eles Vieram de Longe* Campinas: L. J. Amendola, 1961, pp.31,33,36.Foi mantida a ortografia original do texto.

(5) In DE BONI (org.) *A Presença italiana no Brasil* Porto Alegre: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, p. 95 . Os dados referentes ao ano de 1881 não foram encontrados no Livro de Matrícula de Imigrantes, do Departamento de Imigração e Colonização do Estado de São Paulo.

Número de italianos que passaram pela "Hospedaria do Imigrante de São Paulo", na década de 1880.

ANO	Nº DE VAPORES	Nº DE IMIGRANTES ITALIANOS
1882	31	2015
1883	39	2934
1884	09	2225
1885	57	5292
1886	71	5723
1887	51	29413
1888	125	79751
1889	134	20154
TOTAL	517	147507

(6) M.T.S. PETRONI, "O imigrante italiano na fazenda de café", pp.102 a 119, in DE BONI (Org.) op. cit., p.106.

(7) Apud DE BONI (org.) p. 108.

(8) Cfr. M.T.S.PETRONE, in DE BONI (org.) PAG. 109

(10) São os entrevistados que por coincidência (ou não) pertencem à velha São Paulo: Mocóca (Alta Mogiana), Campinas (início da Mogiana), Bragança Paulista e São Paulo, onde todas as cidades, com excessão de São Paulo, é claro, foram fundadas por fazendeiros mineiros e conservadores. Outra coincidência, talvez, é que todos eles, com excessão da mãe da família "F", vieram por conta própria, com alguma recursos e se radicaram nas cidades.

(11) Esta escola era curso mais avançado na cidade e região e quen a cursou até a década de 30 foi considerado, legalmente, como tendo curso superior.

(12) Nas famílias "D", "F" verifiquei o mesmo fato, a necessidade de uma escolaridade básica e, se não quisessem continuar, não tinha importância pois os pais os encaminhava e orientava para as atividades exercidas pela família.

(13) Em 1881 já havia em Campinas, um conjunto musical da família Di Tullio, também um pouco mais tarde as figuras do Dr Mário Gatti e Dr Toffoli na medicina e Elpinice Torrine na arquitetura e decoração.

Capítulo II- RECORTE HISTÓRICO

As teses da chamada "História Nova" são fontes de inspiração deste trabalho. Contudo por razões metodológicas, torna-se necessário rever, aqui, um espaço histórico mais amplo, que sirva de referencial para a leitura das entrevistas. retomando o fluxo da uma "História Longa", tentarei construir um recorte no qual visarei, inserir, Posteriormente, o "tempo curto" observável nas entrevistas.

Num primeiro momento tentarei situar, na Europa, as transformações sócio-culturais que ocorreram no final do século passado, e que influíram na vida das famílias.

Num segundo tratarei da situação italiana depois da Unificação, bem como das consequências para a vida cotidiana familiar e das dificuldades que as famílias passaram, a ponto de serem levadas a optar pela emigração.

Finalmente, tentarei retratar a situação brasileira para tentar estabelecer o quadro sócio-cultural-político-econômico encontrado pelos imigrantes quando aqui chegaram maciçamente, no final do século XIX.

A EUROPA no final da século XIX— O período de 1890 a 1930 (1), objeto deste estudo, foi muito rico em mudanças sociais, políticas e econômicas. É a época marcada pelo rompimento com modelos sociais rígidos, no qual a burguesia se torna poderosa, a classe média se define melhor e se afirma como força política. Ao mesmo tempo aparece, e ganha notoriedade uma nova classe o proletariado como decorrência do processo capitalista de industrialização e mecanização do campo.

Estamos falando do auge do modernismo cuja abrangência se estende à indústria publicitária, popularizando uma erudição que, até então, estava nas mãos de poucos: jornais e revistas, fotografia e fotografia em movimento; até o desenvolvimento científico e tecnológico.

Este desenvolvimento possibilitou a ocorrência de uma Revolução Industrial mais efetiva e abrangente, seguida de um desenvolvimento econômico segundo o modelo de produção capitalista, com sistema de créditos no qual os bancos se fortalecem, o comércio internacional se intensifica, e cresce a demanda de mão-de-obra especializada.

Assim, o sistema artesanal pré-industrial, com uma

economia de sobrevivência e troca de excedentes é substituído pelo sistema capitalista da produção industrial, acompanhado do uso da moeda como intermediária entre compra e venda. Entra no vocabulário social a noção de se "ter dinheiro" e aparece a figura do excedente monetário que deve ser empregado na forma de empréstimos, propriedades, especulações financeiras ou industriais; conseqüentemente. Conseqüentemente, há o reverso, a noção de "não se ter dinheiro", isto é, "ser pobre", "proletariado" - aquele que só possui a prole- ou o "assalariado"- aquele que ganha a vida trocando sua atividade manual ou industrial por um salário.

Outro ponto a destacar, no período, foi a mecanização da agricultura, liberando um grande número de pessoas que, não tendo como sobreviver no campo, se dirigiram às cidades, atraídos pela possibilidade de se tornarem mão-de-obra para a crescente industrialização, mas uma mão-de-obra não especializada.

Para atender às demandas de especialização da industrialização crescente, foi cada vez mais ampliada a rede pública de escolarização, principalmente de alfabetização; acompanhada de cursos "profissionalizantes" que visavam formar uma mão-de-obra mais específica, incentivando a escolarização para cada área de industrialização. Mas o importante a destacar é a criação e ampliação da rede pública de educação básica ao alcance das classes menos privilegiadas.

Tendo falado sobre o aparecimento da classe operária, devo, agora, destacar o seu crescimento, que foi acompanhado de uma certa mobilização e organização política, sob influência socialista e marxista, e que não ocorreu de forma homogênea. Era uma classe sem muita identificação social, isto é, era composta de pessoas que vieram de regiões diferentes com costumes e crenças arraigadas. Contrapunham-se muito mais umas às outras do que agiam unidas, tinham uma certa consciência de grupo, mas não era uma consciência política de classe social. Uniam-se apenas nos momentos de crises, ou quando se fazia necessária uma oposição aos ricos e poderosos que as exploravam.

A Itália no Quadro Geral Europeu: A Itália, no início do século XIX, era formada por estados independentes (2) e dominada pela França. Esta dominação contribuiu para a Unificação dos estados italianos com: 1) a introdução dos códigos comercial e bancário na vida econômica; 2) a criação de um sistema administrativo unificado e comum; 3) o estabelecimento de um sistema público de educação; 4) a exigência da obrigatoriedade, para todas regiões, de serviço militar; e 5) a implantação de um único código legal. Mas a unificação estava, ainda, longe...

Com a desculpa de ajudar os italianos a expulsarem os franceses, a Austria invadiu a Itália. Sua interferência teve sucesso, pois os franceses ficaram limitados às províncias de Parma, Piacenza e Gêstalla. Mas Veneza e Lombardia passaram para o domínio austríaco, sendo administrados como um único Estado, sob regime rígido e governo distante do povo. Ao mesmo tempo, Lucca estava sob o domínio da Espanha, havendo, ainda, os Estados Papais, onde o regime era quase feudal, sem quaisquer reformas mais modernizadoras, e onde crescia a influência dos jesuítas. San Marino se manteve independente e passou incólume por todo esse período, continuando como cidade-estado independente, como, aliás, é até hoje.

Havia sido rompida a hegemonia napoleônica, mas a Itália continuava dividida e subjugada. Em todos os estados, havia descontentamento e uma constante ebulição contra a dominação, mas não a favor da Unificação.

Estas insatisfações propiciaram, sobretudo no contexto da classe média, principalmente, embora uma parte desta se mantivesse fiel aos clérigos, a formação de sociedades secretas. Em Nápoles surgiram os maçons livres (de orientação francesa) e os carbonari, cuja postura de luta foi, primeiro, contra os franceses, depois, contra os aus-

triacos. Mas, estas facções não alcançavam o povo. Na Romagna e Piemonte surgem os federati, semelhantes aos carbonari, também de inspiração francesa, que era uma organização patriota e anti-austriaca.

Despontam, em várias regiões, rebeliões que envolviam pequenos grupos, sem contudo atingir a massa da população. Eram movimentos separatistas e contra os austriacos, o que os tornava verdadeiras revoluções. A Itália continuou sendo um verdadeiro campo de batalhas entre franceses e austriacos. Enquanto isso, os carbonari falham, e G.Mazzini, buscando outra forma de ação, funda um movimento nacional, visando todos os italianos, e tendo como objetivo a unificação da Itália que deveria ser uma República Livre. Foi o movimento "Giovine Italia", que se espalhou por todo o país, até entre os italianos exilados, mas ainda sem atingir as massas, continuando apenas como um movimento da classe média, de burgueses e radicais. Estes desenvolveram muitos esforços, muitas atividades de propaganda, mas o povo continuava apático lutando pela própria sobrevivência.

Quando o assunto se refere à Itália, não podemos ignorar a força da Igreja e, principalmente, do papado, com poder temporal maior que o religioso. Em 1846, Pio IX foi eleito papa. Era um homem liberal, patriota, que realizou muitas reformas: planos para uma estrada de ferro; criação

um governo municipal para Roma, com administração leiga; estabelecimento um Conselho de Estado; garantia de uma certa liberdade para a imprensa e montagem de uma guarda civil.

Para melhorar as comunicações e fortalecer a unidade nacional, foi construída uma estrada-de-ferro entre Cenis e Brenner, que atravessava toda a Itália, mas que infelizmente expunha os fazendeiros e industriais italianos à competição estrangeira (que estava mais bem equipada e desenvolvida tendo, portanto, preços menores) e à flutuação de mercado.

Agravando ainda mais a situação, que já não era fácil, o governo italiano não concordou com o tratado comercial da França, tendo a Itália sido excluída do mercado francês, que passou a importar vinho, da Algéria e seda, do Extremo Oriente. Estas duas indústrias italianas não se recuperaram, principalmente no Sul, onde a vinicultura estava ainda em expansão.

Outro elemento gerador da crise foi o desenvolvimento da navegação a vapor, abaixando o preço dos fretes e das mercadorias. Com isso, foi favorecida a importação em grande escala, principalmente de grãos, da América do Norte e Rússia, que possuíam uma agricultura mais evoluída, assim produzindo mais grãos a preços melhores.

A situação econômica crítica atingiu alguns bancos que não agiam com muita honestidade e que, com seu colapso, trouxe à tona todo um sistema corrupto de créditos irregulares, afluindo um grande escândalo econômico, envolvendo até pessoas do governo.

A crise atingiu a todos: operários urbanos, pequenos comerciantes e seus empregados, e, principalmente, os camponeses, a grande maioria da população italiana que, embora não fossem uma classe politicamente consciente, contribuíram muito na mudança do desenvolvimento político-social, através de suas revoltas e reivindicações.

A pobreza do campesinato era extrema e as condições de vida insuportáveis, em decorrência das fracas colheitas, da depressão comercial e do descaso dos políticos. Uma nova rebelião ocorreu na Sicília, onde os camponeses marcharam para ocupar os grandes latifúndios, na sua maioria com os proprietários ausentes. Esta revolta nada tinha de socialista embora os seus adeptos a apoiassem: foi, antes de mais nada, um grito de famintos contra a política agrícola que tornava os alimentos mais caros e a sobrevivência impossível.

Além de não resolver os problemas sociais criou leis marciais, o governo e multiplicou o aprisionamento de

líderes e adeptos da insurreição. Toda a culpa dessa política caiu sobre o Rei Umberto I, que foi assassinado em 1890, por um anarquista.

Estava estabelecida uma situação que propiciou a emigração das populações desempregadas ou descontentes com a situação política e social do país. Movimentos migratórios não eram estranhos à vida italiana. Entretanto, um movimento em massa ocorreu, pela primeira vez, tendo como destino, países distantes, como as Américas do Norte e do Sul.

A economia italiana era basicamente agrária, com regime quase feudal em algumas regiões, como no caso do Sul.

Mas no Norte havia já uma forte industrialização nos moldes capitalistas. Ocorreu, também, a penetração do capitalismo no campo, com concentração da propriedade nas mãos de poucos. A Unificação ocasionou o aumento de impostos sobre a terra, o que levou ao abandono ou à venda da pequena propriedade, que já estava inviável economicamente para a sobrevivência da família, que dela não mais conseguia mais tirar seu sustento.

Victor Emmanuel III que sucedeu seu pai, considerava os imperialistas conservadores mais perigosos que a população revoltada. Era um político mais popular, mais liberal, e por isso formou um gabinete com liberais de esquer-

da. O rei acreditava que o equilíbrio social deveria ser alcançado através de melhor distribuição de rendas e revisão de impostos que, até então, só protegiam os ricos e sobrecarregavam os pobres. Em resumo, queria um país com uma maior justiça social.

Os trabalhadores passaram a ser encorajados a lutar por melhores condições de trabalho e por salários mais adequados; e os agricultores a lutar por melhores contratos e pelo uso de terras comuns. Além disso, a grande evasão, decorrente das emigrações, deu aos trabalhadores melhores condições de negociação, pois já não havia tanta mão-de-obra excedente. Com essa política, a emigração em massa cessou.

É importante destacar, também, que desde 1877 havia sido introduzida, no país todo, a obrigatoriedade da educação elementar que, se não resolveu o problema do analfabetismo, diminuiu muito seus índices. A alfabetização em massa, no país, ampliou os horizontes dos camponeses.

Este foi, também, um período onde a burguesia e o capitalismo triunfaram- derrubando qualquer projeto alternativo que pudesse ter surgido- embora não o suficiente para impedir o aparecimento de partidos populares que tinham como base os movimentos trabalhistas. Surgiu, com muita força, a Internacional Sindical, que era a sindicalização do traba-

lhador, e que se dedicou mais ao operário urbano, por considerar o camponês muito conservador.

Ocorreu, ainda, uma maior divulgação e aceitação do anarquismo que se caracterizava tanto como uma revolta contra o passado pré-industrial, quanto contra o presente industrializado, com suas instituições, abrangendo a Igreja e Estado.

Esse recorte histórico permite concluir que a Itália não poderia ser colocada entre os países desenvolvidos da Europa. O atraso econômico da região foi um dos fatores que explicam a emigração para o Brasil, onde um grande número de italianos aqui chegaram alfabetizados, nos primeiros 15 anos da Unificação, foi dada grande ênfase à escolaridade básica, principalmente à alfabetização, que facilitaria a institucionalização de uma única língua nacional.

O Brasil: Recorte histórico e condições econômicas. Depois de termos visto a situação da Europa, principalmente na Itália, localizando as causas da emigração em massa para as Américas, tentarei recuperar a situação histórico-político-econômica do Brasil, especialmente em São Paulo, no período de 1880 a 1930.

O objetivo do capítulo não é reapresentar uma situação histórica já bastante estudada pelos especialistas (3) mas, sim, formar um recorte histórico que explicita as diferentes situações do cotidiano vivido pelas famílias da burguesia, e das classes média e proletária.

A partir de 1840, o café se tornou o principal produto brasileiro de exportação para os Estados Unidos e a Europa, principalmente França e Prússia (4). Esses países estavam vivendo, como a Inglaterra, a Revolução Industrial, e preferiram concentrar seus esforços e capital no desenvolvimento urbano-industrial, deixando a agricultura para um segundo plano, já que economicamente era melhor importar produtos alimentícios e matérias-primas para a indústria de outros países do que desviar capital para investir na produção dos mesmos.

No Brasil, o aumento das exportações trouxe uma situação de um certo conforto e equilíbrio no comércio externo. Mas temos que destacar as mudanças econômicas aqui ocorridas, pois pela primeira vez o capital estrangeiro entrou no país como investimento, isto é, via bancos estrangeiros; os empréstimos eram feitos para serem aplicados, não em gastos do governo, mas em ferrovias, companhias de navegação, saneamento, etc.. De uma economia colonial extra-

tiva, passamos para uma economia capitalista de produção, embora dependentes e devedores.

No século XIX, a Inglaterra foi nossa principal credora, sendo substituída progressiva e lentamente, pelos Estados Unidos, mas ainda continuando a mesma rede de dependência. Os empréstimos cresciam e, por mais que exportássemos, a nossa dívida continuava aumentando o desequilíbrio cambial e, conseqüentemente, a desvalorização da moeda brasileira que, por sua vez, ampliou a inflação e a pobreza das classes menos privilegiadas:

... pessoas se deixavam, em geral, impressionar pelos aspectos externos dessa invasão de capitais colonizadores, que se manifesta através de certas comodidades da vida moderna-

... que transformaram algumas aldeias provincianas em grandes cidades modernas. A corrupção pelo conforto, de alguns pequenos agrupamentos humanos. O reverso da medalha nos revelará que esse capital vindo do exterior empobreceu o país e dificultou a formação de uma burguesia nacional (4).

As transformações sociais decorrentes da economia cafeeira. O café foi plantado inicialmente na Floresta da Tijuca e se expandiu para o Vale do Rio Paraíba, que possuía solo mais rico, clima mais ameno e propício com adequada quantidade de chuvas. Mas as plantações no vale não

foram adequadamente planejadas, e o solo logo se esgotou (5), sendo necessário buscar novas terras, em direção ao oeste paulista- Campinas e região.

De Campinas, as plantações foram levadas para o Norte e para o Novo Oeste (Botucatu, Baúru, etc.). Ao norte (via Ribeirão Preto) chegaram a Goiás e Minas Gerais; pelo oeste, ao Norte do Paraná. As plantações foram seguidas pelas ferrovias, pois necessitavam delas para o transporte rápido do café até o porto de Santos. Ao norte, tivemos a Companhia Mogiana, para o oeste a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (São Paulo Railway Company). Ambas se encontravam em Campinas, e seguiam para Santos via Jundiaí e São Paulo. Mais tarde, outros troncos ferroviários foram criados para atender às novas regiões do Estado.

Naquele dia de meados de abril toda Santanal estava em festa com o acontecimento mais importante para a cidade, desde a sua elevação à comarca.

Logo cedo as ruas, muito enfeitadas agitavam-se com o povo em roupas domingueiras a se concentrar no largo da capela e no pátio fronteiro à estação, onde a banda de Nhô Ludgero tocava dobrados. Pela madrugada a cidade fora sacudida por estrondos festivos. Salva de 21 tiros rimbombara ensurdecadora, anunciando o grande acontecimento. O trem ia chegar, finalmente, ao alto da serra !...

Por volta de duas horas da tarde perpassou pelo povo um frêmito quando soou um apito prolongado, estridulo e desconhecido.

Fêz silêncio espontâneo, depois uma explosão de júbilo, enquanto os comentários fervilhavam. O trem vinha vindo! Vinha vindo! Vinha vindo!... (6)

Como as fazendas eram administradas com a mentalidade latifundiária e de monocultura, ao redor delas foram sendo estabelecidas, posteriormente, pequenas propriedades. Estas produziam principalmente alimentos comercializados nas pequenas vilas, que foram se desenvolvendo e se tornaram centros comerciais, não apenas de produtos da região, mas também daqueles importados e, principalmente, da comercialização do café. O crescimento foi maior naquelas cidades que eram local de entroncamento das ferrovias pelas quais o café chegava de diferentes regiões:

o aceleramento das comunicações através da construção das estradas-de-ferro permite a penetração mais profunda e mais rápida nas áreas produtoras, ao mesmo tempo em que se amplia o mercado interno (7).

Além do desenvolvimento comercial das cidades, foram também importantes as medidas econômicas, entre as quais o fato dos próprios fazendeiros comercializarem e exportarem seus produtos, através das "Casas de Comissariados", que financiavam a lavoura. Entretanto, não podemos esquecer que muitos destes Comissariados eram associações entre fazendeiros e grupos estrangeiros. Destes "Comissariados" se originaram as casas bancárias que depois se transformaram nos primeiros bancos privados brasileiros, e que, hoje, são denominados "Bancos Rurais".

A expansão do café, no primeiro momento, usou a mão-de-obra escrava excedente da mineração, mas passou a exigir, cada vez mais, trabalhadores mais especializados.

Os escravos não se adaptavam às novas técnicas introduzidas no oeste paulista, assim, os fazendeiros começaram a pressionar o governo para promover a vinda de imigrantes europeus (8):

...
- Quem apoia a abolição é porque é cego!
- O Brasil sem a escravidão vai à bancarrota.

...
- Quero ver o café sem o negro. A lavoura roda barroca abaixo. E a colheita sem o braço escravo? .

...
- Estão falando nos italianos.
- Italiano nunca viu um café, ...
E eles vão aguentar angú e bacalhau no lombo?
- Nem por sombra ! São homens livres.

...
O Barão da Estrela, a um canto, ficara bem pensativo, ... pelo interior andava um homem insinuante, que sabia falar nas praças públicas, chamado Silva Jardim. Diziam que o povo chorava ouvindo os seus discursos e muitos sujeitos acabavam dando liberdade a seus cativos. (9)

No final do Império, embora São Paulo já liderasse a exportação de café, Minas Gerais era ainda o Estado mais rico e populoso, e o Distrito Federal o maior parque industrial. A partir de 1910, São Paulo assumiu a liderança nas indústrias e nas exportações. Em 1923, dois terços (2/3) das exportações nacionais eram de São Paulo. (10)

O regime republicano- A Proclamação da República não contou com a participação popular. Foi um movimento de elites gerenciado por militares, decidida em um gabinete. Apenas o imperador foi avisado e o Congresso fechado.

A partir dessa decisão, duas grandes mudanças ocorreram: a naturalização de todos os estrangeiros que aqui viviam, e, a promulgação da Constituição com inspiração positivista.

O novo sistema de governo enfrentou, de um lado, problemas decorrentes do desequilíbrio financeiro (herdado do Império) e agravado pela política emissionária adotada pelos primeiros dirigentes. Por outro lado, teve problemas, também, com a elaboração da Constituição que alguns (militares principalmente) queriam positivista. Mas esta corrente estava dividida: alguns queriam um governo central forte, enquanto que outros um governo federalista.

Em fevereiro de 1891, foi promulgada uma constituição liberal (baseada na norte-americana), federalista, presidencialista e representativista.

Esses dois aspectos- financeiro e o constitucio-

nal- das dificuldades no início do novo regime interessaram-me, pois a constituição repercutiu no sistema escolar. A emissão de moeda gerava mais inflação, mais empobrecimento e com isso mais êxodo para as cidades além da possibilidade do imigrante comprar as fazendas abandonadas pelos fazendeiros empobrecidos.

Mas, na realidade, apesar da constituição, o que tivemos foi uma disfarçada ditadura da classe dominante, que manipulava e fraudava as eleições; a maioria da população continuava alienada, pois não tinha direito de voto livre. No poder estavam as mesmas oligarquias que dominaram o Império; não eram mais os "senhores de engenho", mas os "fazendeiros de café e de leite" (São Paulo e Minas Gerais).

A burguesia paulista do café aliou-se à burguesia mineira do leite. Ambas passaram a controlar o governo federal, obtendo uma hegemonia política que só terminou com a Revolução de 1930. Essa oligarquia disseminou a ideologia da "VOCAÇÃO AGRÁRIA" do país, tendo como valor central o campo, a principal fonte de riqueza.

Mas os desníveis sociais aumentavam. As crises econômicas eram constantes, pois o café - principal fonte de riqueza - tinha seu preço oscilando segundo o mercado internacional e os interesses estrangeiros. Toda situação social

variava conforme o comércio externo, principalmente a classe média urbana e os "colonos" italianos nas fazendas.

Enquanto a economia nordestina estava em decadência- com a desvalorização, no comércio exterior, das produções de algodão, açúcar e tabaco- estava em ascensão nos estados do sudeste como decorrência das plantações de café:

...O caso de São Paulo é impar, num avanço rápido, surgem novas zonas que logo suplantam as existentes, esta renovação é constante, transformando radicalmente o processo de produção. Nascem fazendas com características de empresas capitalistas e com extraordinárias possibilidades de expansão... As zonas Central, Mogiana e Paulista surgem com toda a pujança nesta época.
... Desdobram-se no começo do século Araraquarense, Noroeste e Alta Sorocabana.(11)

Dentro dessa nova estruturação da sociedade, começa a se destacar uma outra classe social, que até o final do Império estava apenas esboçada, e tinha se manifestado somente quando da abolição: a classe média, formada por profissionais liberais, funcionários públicos, pequenos comerciantes e proprietários de pequenas indústrias, ainda que artesanais. Esta classe ganhou mais importância, e acabou tendo um papel fundamental para acabar com a Velha República, em 1930. Suas fileiras foram engrossadas, e sua força ampliada com a ascensão do imigrante, ao passar de assalariado a pequeno proprietário.

Os imigrantes que se dirigiram para as fazendas

eram assalariados por, tarefas. Assim, usavam toda a família no trabalho com o café, e nas suas atividades de subsistência - plantação de arroz, feijão, milho e, às vezes, trigo e criação de porcos e galinhas - visando mais renda, pois, todo o excedente era vendido e economizado juntamente com o salário.

Aqueles que realmente gostavam das atividades agrárias, aos poucos foram adquirindo capital suficiente para adquirir propriedades, isto é, pequenas áreas rurais onde, além do café, plantavam alimentos - quebrando com isso dois padrões "coloniais" a saber: a monocultura e o latifúndio; e, o mais importante ainda, provando que a pequena propriedade, quando bem administrada, era lucrativa.

Entretanto, não podemos nos esquecer de que uma pequena parcela continuou como assalariada, e, apenas seus filhos, mais tarde, buscaram alternativas para "melhorar de vida".

Os outros, que só se dirigiram às fazendas por ser a única alternativa para emigrar, ao juntarem capital suficiente, compravam propriedades nas áreas urbanas e iniciavam um pequeno negócio, de acordo com o "ofício" que possuíam em sua terra natal. Muitos saíram das fazendas com algumas economias, e vieram para a cidade trabalhar exclusivamente como empregados.

57

Houve, também, uma parcela de imigrantes que exerciam as duas atividades, isto é, ou eram proprietários de sítios que durante a semana eram cuidados pela família - enquanto, para melhorar a situação, continuavam trabalhando como assalariados nas grandes fazendas de café- ou mudavam-se para as cidades, montavam um pequeno negócio e continuavam trabalhando como empregados em firmas maiores, às vezes até do mesmo ramo. Essas pessoas agiam assim para aumentar a renda familiar.

Aqueles imigrantes que tinham vindo com recursos próprios, logo compravam propriedades - se estes eram suficientes- e iniciavam uma atividade, pequena ou de vulto, conforme o capital que dispunham e o ofício que conheciam.

Ou, então, se fixavam nas cidades, buscando trabalhar como ferreiros, carpinteiros e marceneiros, empregados de comércio, pedreiros, ou a trabalhar nas indústrias que começavam a se desenvolver.

Apesar desse início de diversificação nas atividades produtivas de São Paulo, a nossa economia tinha como base a exportação de café. As diversas crises sofridas pela cafeicultura afetavam muito a vida brasileira, principalmente a das classes mais privilegiadas. Isto porque a queda do preço do café, no mercado internacional, implicava no aumento da dívida externa - por maior que fossem as exportações - o que gerava, por sua vez, a necessidade de mais emissões de

moeda, influenciando diretamente na vida do brasileiro, uma vez que significava maior inflação.

Os salários eram mantidos estáveis e baixos, perdendo, assim, grande parte de seu poder aquisitivo, aumentando a pobreza, tanto nas cidades com nas fazendas - onde os salários eram acertados por tarefas e, em geral, pagos quase um ano depois de acertado, no valor combinado, isto é, já bastante defasado.

Este recorte histórico despertou, em mim, ecos de vozes que, durante toda minha vida tinham me contado (como experiências próprias) e o que os livros relatavam. Desta maneira, constituía-se, para mim, um horizonte onde se cruzaram ecos provenientes do espaço da escritura e da memória pessoal.

Através do contato com meus entrevistados, tentei enfatizar esse segundo aspecto, mas já ajora contra o pano de fundo de um coletivo (a "história longa").

NOTAS

(1) Pode ser melhor vista nas obras de Eric J. Hobsbawn, *A Era do capitalismo*, 1988 e *A Era dos Impérios*, 1989 Rio de Janeiro: Paz e Terra.

(2) A Áustria, mais precisamente Metternick, não gostou das reformas pelo perigo que significavam para a dominação. Como retaliação, suas tropas ocuparam os Estados papais (Módena, Parma e depois Ferrara). Aproximou-se da França para que juntas pudessem impedir a continuidade das reformas. A atitude franco-austriaca fez com que Pio IX fosse cada vez mais identificado com a causa de libertação nacional. Mas, nos diferentes Estados, o único sentimento comum era a revolta contra a dominação franco-austriaca. Seguindo as atitudes de Pio IX, todos os soberanos italianos aprovaram novas constituições e realizaram reformas, mas estas sobreviveram às guerras apenas no Piedmont sendo que sua constituição tornar-se-ia, mais tarde, a da Itália Unificada.

Percebendo a situação européia e os problemas que Viena e Paris estavam enfrentando, os Estados italianos se rebelaram e as forças austríacas foram expulsas, ficando restritas ao Quadrilátero (Verona, Peschiara, Legnano e Mântua). Usavam Veneza - embora os italianos ajudados pelos exércitos papais houvessem tentado libertar - como via de comunicação com a Áustria.

A Itália ficara livre do poder austríaco, restando os franceses e em menor perigo os espanhóis. Mas havia muitas diferenças e desconfianças entre os Estados italianos. O fundamental era a constatação de que a maioria da população não se envolvia! Somente em Roma, Milão e Veneza ocorreram movimentos que envolveram todas as classes sociais.

Os diferentes Estados italianos, longe de se preocuparem com a Unificação, se estabeleceram como autônomos tendo governos despóticos. Apenas o Piemonte preservou sua constituição (embora conservadora) com seus líderes, defendendo não ser o melhor momento para se pensar em Unificação. Gradualmente, o Parlamento piemontês foi adquirindo maiores poderes,

Os exilados de outros Estados se dirigiam para o Piemonte. Estes exilados eram, na sua maioria, intelectuais que influenciaram no pensamento piemontês através da imprensa e da atuação junto ao Parlamento. Aos poucos, o Piemonte foi sendo considerado o núcleo da futura Itália. Como o Parlamento abrangia o Piemonte, a Sardenha e a Liguria, seus deputados aprendem - para melhor se comunicarem uns com os outros - a falar o "italiano" língua falada na Toscana, na qual Dante, Petrarca e outros grandes escritores tinham se expressado ao escrever suas obras). Nessa mesma época foi construída uma estrada-de-ferro unindo Turim a Gênova. Os poderes dos eclesiásticos foram diminuídos, assim como os da aristocracia, do exército e da burocracia parlamentar.

Nesse cenário aparece uma figura fundamental para a Unificação - Camilo Bens di Cavour - um grande estadista e um especialista em finanças, que mudou a economia piemontesa: tornou o comércio mais livre, derrubou o paternalismo, e ampliou as atividades comerciais, incluindo a Grã-Bretanha no seu mercado. Conseguiu estabelecer alianças com a esquerda, a direita e o centro; criou leis avançadas que diminuíram ainda mais o poder temporal dos cléricos e conseqüentemente, o do papa. Por sua habilidade de estadista conseguiu um lugar na Conferência de Paz de Paris, onde, pela primeira vez, foi discutida a situação dos italianos.

As atitudes de Cavour conquistaram as simpatias dos outros Estados, a tal ponto que estes não reagiram à expansão territorial piemontesa, pois todos governantes entendiam que o tempo de ações isoladas estava superado e que era necessário tomar atitudes mais diplomáticas, mais bem organizadas que fossem asseguradas por um exército regular.

Luiz Napoleão, embora apoiasse Cavour, não queria uma Itália forte. Além de defender a autonomia dos estados papais, Cavour se demitiu, não aceitando as pressões do governo francês, tendo sido realizadas eleições onde venceram os nacionalistas e tendo sido formado um único exército para toda a Itália Central, com Garibaldi no segundo comando. Aos poucos, Cavour foi reassumindo seu antigo poder, e anexou mais territórios. O Parlamento de Turim já incluía lombardos, toscanos, romagnoleses. Mas o Piemonte mantinha seu domínio sobre a situação no Norte e Centro da Itália.

Estava faltando ainda, além de Veneza, a anexação da Sicília e de Nápoles que não queriam se aliar ao Piemonte. No Sul, não poderíamos falar em nacionalismo. O que havia era um constante descontentamento em relação aos Bourbons, gerando desejo de mudança e animosidade contra os reis. Essas atitudes facilitavam o instigamento da insurreição, o que foi feito por Garibaldi - com o apoio dos genoveses - que invadiu a ilha, tendo sido apoiado pelos camponeses que aproveitaram a invasão para lutar contra os "senhores da terra" (não pela Unificação). Garibaldi expulsou os franceses e assumiu ditatorialmente o governo - o que desagradou aos líderes do continente.

Finalmente, em 1861, Cavour resolveu anexar os Estados papais, o que foi conseguido após ter derrotado os exércitos deles, mas deixou Roma fora de suas investidas. Roma continuava intocável.

Nesse mesmo período, Garibaldi realizou na Sicília, e em Nápoles, um plebiscito, para veridicar a opinião popular sobre a anexação ao governo continental - o que foi aprovado. Vencida mais esta etapa, o Parlamento declarou Victor Emmanuel Rei da Itália, que manteve o título de Victor Emmanuel II, para deixar claro que não se formava um novo Estado, mas que seu governo seria a continuação do velho reino da Sardenha.

Cavour foi figura fundamental para o processo de Unificação, mas morreu antes da consolidação desse processo, embora tivesse tido oportunidade de iniciar negociações entre governo italiano e estado papal. Entretanto, afirmou, em uma de suas últimas declarações no Parlamento, que Roma deveria ser a capital da Itália.

Após sua morte, houve uma série de primeiros-ministros, sem a habilidade e envergadura de Cavour, e por isso enfrentaram sérios problemas administrativos e legais (como a formação de um exército que colocava lado a lado cidadãos que, até então, tinham sido inimigos; ou a distribuição equalitária - dos serviços militares e civis - entre todos os Estados, sem que nenhum fosse privilegiado. Mas o maior problema era econômico-financeiro; a Itália era um país totalmente sem recursos, devido às inúmeras guerras e à administração anômala que precisava ser organizada; deveriam, também, ser criados impostos nacionais.

Os problemas políticos eram grandes; facções federalistas, garibaldinas e mezzinianas exigiam a tomada de Roma. Garibaldi formou um exército na Sicília e, através da Calábria, partiu para tomar Roma. Tendo calculado mal a proteção que ela tinha das tropas francesas, foi derrotado e capturado e suas tropas evacuadas. Mais uma vez os governantes garantiram que a "Cidade Santa" seria respeitada.

Outro foco de problemas era a situação no Sul, que estava muito difícil, porque eles se sentiam dominados, e não como participantes da Itália. Pediam mais autonomia e, como resposta, foram criados mais impostos. Sem uma política protecionista para seus produtos, não conseguiam competir com os do Norte, que estavam numa etapa mais desenvolvida. A crise econômica e a pobreza do Sul aumentaram e deram origem a uma guerra civil intermitente, que durou aproximadamente 5 anos, e que só serviu para empobrecer mais ainda a população. Quando a ordem política foi restaurada, os problemas sociais continuaram e estes só foram, realmente resolvidos por volta de 1900.

Para o reino de Itália ficar completo faltava Veneza. A situação, na Europa, era de grande efervescência, sendo que a França, e a Prússia queriam diminuir o poder austriaco. Para se defender e ter um aliado, a Áustria devolveu Veneza aos italianos, mas estes queriam também Trento. Assim, as hostilidades recomeçaram, sem nenhum resultado além de mais endividamento. Trento só foi anexada em 1918, depois da I Grande Guerra.

Rattazzi assumiu o ministério e tinha sido um excelente ministro das finanças. Enfrentou o déficit público (agravado pelas guerras e rebeliões), nacionalizou e vendeu terras da Igreja, criou impostos para a agricultura. Com estas medidas, conseguiu o equilíbrio financeiro do Estado.

Mas, se as finanças estavam equilibradas, as insatisfações continuavam pois faltava Roma... Garibaldi tentou conquistar Roma e novamente foi derrotado. Só quando Napoleão III foi afastado do governo em Paris e as tropas francesas abandonado Roma é que a conquista da cidade símbolo do Estado italiano tornou-se eminente.

Para completar a situação, em julho de 1870, foi proclamada a "infallibilidade do papa", o que significou maior centralização do poder nas suas mãos. Assim, até os Estados papais reagiram negativamente, ficando mais fácil ainda a tomada de Roma, que já não contava com os franceses, nem com o apoio dos outros Estados papais.

A 20 de setembro de 1870 (data que se tornaria nacional e

que seria comemorada mesmo aqui no Brasil) o Gal. Raffaele Cardona forçou sua entrada pela Porta Pia e, apesar da resistência, Pio IX teve que aceitar sua derrota. No mesmo ano foi realizado um plebiscito onde o povo romano - até então indiferente e mesmo hostil à Unificação - se manifestou com maioria esmagadora favorável à anexação.

O papa se considerou prisioneiro no Vaticano, recusou receber uma pensão anual do governo italiano, mas aceitou as garantias que ele e sua corte teriam imunidades diplomáticas. As desavenças entre Igreja e Estado continuaram. Pio IX e seus sucessores se consideravam "prisioneiros" no Vaticano, tendo sido declarado que católicos não poderiam votar nem ser votados - o que nunca aconteceu. Na realidade, eram atitudes apenas formais pois, muita colaboração ocorreu extra-oficialmente, afinal Pio IX era um nacionalista convicto.

Finalmente o "Resorgimento" havia atingido seus objetivos - exceto por Trento, Trieste e alguns ratificações de fronteiras - a Unificação estava completa, e assim, todas as atenções poderiam se voltar para os graves problemas econômicos. Em 1871, a capital que tinha sido transferida de Turim para Florença, foi finalmente mudada para Roma, que passou por transformações administrativas e físicas.

(3) in Carlos G. Mota(Org.) Brasil em perspectiva São Paulo: DIFEL, s.d., pag.139. Percentagens da produção brasileira de café exportada em relação à produção mundial:- 1820/29 - 18,18%
1840/49 - 40,00%
1900/09 - 75,64%

(4) Cfr. L. BASBAWN *História sincera da república* 4.ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1979

(5) As plantações eram feitas em linhas retas, sem curvas de níveis, assim as chuvas arrastavam, não apenas as plantas de café, mas também a terra, logo o solo se tornou desgastado e pobre para o plantio de café.

(6) FRANCISCO MARINS *Clarão na serra* São Paulo: Melhoramentos, p.258.

(7) F. ALENCAR e outros *História da sociedade brasileira* 2a. ed. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1981, p. 140.

(8) L. BASBAWN *Hist. sinc. da rep.* na p. 124 lista os tipos de indústrias brasileiras relacionando o Brasil com São Paulo, e Rio de Janeiro e outros estados:

Indus- trias	esta- dos	madeira	metalur- gia	quími- ca	alimen- tação	vestuá- rio
	BR	1207	509	950	3969	1988
	SP	183	142	265	1267	736
	RJ	95	131	232	203	422
	outros estados	929	236	453	2499	830

(9) FRANCISCO MARINS op. cit. p. 103-107

(10) A campanha abolicionista: em 1822 a metade da população brasileira era escrava. O comércio de escravos foi iniciado pela Inglaterra que mais tarde passa a pressionar o governo brasileiro para acabar com a escravidão. Dividido entre os senhores das terras e escravagistas e a Inglaterra- nossa principal credora- o governo imperial promulga algumas leis que nunca foram postas em prática por contrariarem os interesses da classe dominante e da burguesia que se enriquecia com o tráfico, entretanto, era este mesmo comércio que estava endividando, cada vez mais, os senhores de fazendas e engenhos de açúcar já decadentes.

Com as divergências crescendo dentro da classe dominante, D. Pedro II conseguiu promulgar, vagarosamente, leis que restringiam, passo a passo, a escravatura e que aos poucos começam a ser cumpridas. É interessante destacar que como na Proclamação da República, onde a população assistiu apática aos acontecimentos, os escravos na sua maioria não participaram do movimento abolicionista. Foi a mesma classe dominante que criou a escravatura que a extinguiu, gradualmente, segundo seus interesses.

Por volta de 1850, enquanto ampliavam-se os cafezais, aumentavam as restrições ao tráfico, acrescido do problema da alta mortalidade e baixa natalidade entre os escravos. Assim, os fazendeiros começaram a aceitar os "agregados" que trabalhavam como assalariados. Mas, os longos anos de escravidão, a tradição veiculada pela educação erudita jesuítica- do menosprezo pelo trabalho manual, somadaã noção preconceituosa- ou real- da indolência do cabloco brasileiro, fizeram com que os trabalhos dos "agregados" não satisfizessem aos fazendeiros nem trouxessem resultados satisfatórios.

Com a ruptura na classe dominante foi possível um maior crescimento do movimento abolicionista: - naquele momento a sociedade brasileira assistia por um lado, o fato de em algumas fazendas os escravos se revoltavam com os maus-tratos (esses acontecimentos eram divulga-

dos), fugiam e chegaram até a formar "quilombos", em outras ocorria apenas a revolta e fugas; por outro lado, grupos urbanos- classe média escolarizada- apoiados por alguns setores da classe dominante e países exteriores.

Além disso, nas cidades aumentavam os trabalhos assalariados e a população livre, é nesse meio que o movimento abolicionista encontra apoio para crescer; nas fazendas, como eram distantes umas das outras, havia a dificuldade de locomoção, de comunicação. Os abolicionistas passam a percorrer as fazendas incentivando as rebeliões e auxiliando as fugas que eram protegidas pela população que escondia os negros das "autoridades que cassavam negros fujões".

Finalmente a situação se torna insustentável, a Assembléia Legislativa vota a favor da Abolição e a Princesa Isabel a sanciona. Havia pessoas que defendiam a continuidade da escravidão com medo de uma crise econômica, mas esta não ocorreu, há já algum tempo os setores produtivos estavam utilizando mão-de-obra assalariada, principalmente imigrantes que tornavam possível a modernização da produção.

Para os fazendeiros, em sua maioria, não ocorreu um desastre, mas para o escravo a situação ficou insustentável, elas não tinham nenhuma atividade além da lavoura e dela foram expulsos pela vinda do imigrante, assim a grande maioria seguiu para as cidades onde se sujeitavam a qualquer tipo de trabalho, salários irrisórios e dão continuidade à marginalização que sofriam nas fazendas. Sem analisar as causas dos desajustes, os preconceitos sociais se agravam sem que sequer se pensasse que não havia sido dada nenhuma oportunidade para que o negro se desenvolvesse ou, muito menos, se educasse, foram (se é que não são ainda) taxados de inferiores... (CFR. ALENCAR, op. cit.)

(11) EDGARD CARONE *A República Velha* São Paulo: DIFEL, s.d. , p.27

III- Recorte histórico do cotidiano

Para obter mais clareza e estabelecer mais relações entre as duas realidades (velho e novo mundo), busquei explicitar as vivências (vécu) trazidas pelos emigrantes, tentando, em seguida, compreender a realidade aqui encontrada por eles.

Esses objetivos levou-me novamente a recorrer à historiografia tradicional e a textos literários. Através desse recurso tentei traçar um retrato da vida; primeiro na Europa, incluindo especificamente as "inovações" puritanas da Inglaterra e as reformas espaço-arquitetônicas francesas; em seguida, passarei a rever a economia e os costumes (para não falar nos problemas) italianos; e finalmente, a vida, o cotidiano no Brasil - São Paulo - no final do século XIX, e início do século XX.

Reformas na Inglaterra Vitoriana- ocorreram pressões populares, instigadas pela Igreja, para que a família real assumisse tanto as responsabilidades familiares quanto as com seus cidadãos. A reforma do Anglicanismo, vi-

sando restaurar o verdadeiro cristianismo, não permitia qualquer tipo de licenciosidade (pelo menos que não fosse pública ou, que se tornasse conhecida), e reinstaurou o cotidiano familiar, à luz dessa doutrina, propondo-se a afastar os cristãos do mundo - lugar do pecado!

Os anglicanos estabeleciam regras de conduta e de obediência às autoridades. Foi esta postura que levou ao conservadorismo, no qual o homem deveria cuidar da vida pública, e a mulher, do lar e da família. Acreditavam, também, que homens e mulheres haviam nascidos, pela própria constituição biológica, diferentes e, por isso, tinham que realizar atividades diferentes.

O movimento de reforma anglicana foi seguido pelas outras religiões reformistas, como os quakers, unitaristas, presbiterianos, metodistas independentes e batistas. Todas elas colocando-se contra doutrinas que falassem da igualdade dos sexos - como a de Mary Wollstonecraft e seus seguidores.

Essas igrejas influenciaram na educação das crianças: os homens frequentariam escolas recebendo a formação específica para atividades profissionais, e as mulheres seriam educadas em casa para executar as tarefas domésticas. Ao mesmo tempo, a sociedade procurava estabelecer, principal-

mente entre os burgueses, uma distância ente a vida familiar e a profissional.

A- Vida Cotidiana na Europa

Na vida familiar, ocorriam transformações que podiam ser verificadas na própria arquitetura da época: as casas sendo construídas cada vez mais afastadas da rua, com aposentos fechados e separados para pais, filhos e filhas, com aposentos especiais para os homens se reunirem, e com a cozinha distante da sala-de-jantar. As casas se tornaram o lugar da vida familiar, cercadas de jardins - lugar que serviam para o lazer, e para isolar as casas das ruas.

Nas casas operárias buscavam-se imitar os valores burgueses, tentando repetir a disposição das casas mas como não possuíam grandes propriedades, delimitavam para cada família um ambiente isolado, mesmo que fosse pequeno- era o espaço da privacidade da família.

Os papéis sociais eram mantidos bem distintos. A mulher deveria desenvolver as habilidades de boa cozinheira, boa arrumadeira, excelente costureira e modista, pois eram atividades consideradas femininas e poderiam ser executadas na própria casa, contribuindo, assim, para o orçamento familiar, sem se afastar de seu "papel". Se a mulher trabalhasse fora, sem ser arrumadeira, copeira ou cozinheira, a respeitabilidade do marido ficaria abalada, e ela era considerada uma ameaça aos homens.

A Revolução Francesa, tentou criar um novo conceito de homem e remodelar o cotidiano através da reorganização do espaço familiar e social. Mas a família continuou sendo considerada o âmago da sociedade civil, e suas funções tradicionais foram mantidas.

Na sociedade do século XIX a vida privada era dominada pela figura do pai: "o nascimento jurídico é o único nascimento verdadeiro"(1). A mulher não era considerada responsável não podia dispor de seus bens ou de seu salário - se trabalhasse além dos serviços de casa - quem receberia seria o marido ou o pai.

O poder do pai se exercia sobre a mulher e os filhos, podendo casá-los, prendê-los em prisões ou manicômios. É importante destacar que o poder paterno independia da re-

ligião, da classe social ou do país. A morte do pai ocasionava a dissolução da família.

Aos poucos, alguns pensadores procuraram rever e criticar esta rígida organização dos valores tradicionais quanto aos papéis sexuais, advogando a modificação da instituição familiar, e a necessidade de maior igualdade entre os sexos, tanto na educação quanto nos direitos. Lentamente, a figura paterna foi perdendo sua importância central na família. Ao mesmo tempo, foram ocorrendo avanços nas prerrogativas das mulheres, dos filhos, e do Estado.

Pelo casamento os filhos-homens se libertavam do domínio do pai, criando o seu próprio. Mas, o casamento era realizado segundo os interesses familiares e/ou financeiros. Na burguesia a mulher (com o dote) garante a manutenção da riqueza familiar. No proletariado, ela é vista como garantia de mais braços para o trabalho e a sobrevivência.

A mulher burguesa se isolava no lar, limitando-se a administrar sua casa, seus filhos e empregados, ficando, aparentemente, distante do poder e do dinheiro.

A mulher dona-de-casa das classes populares (urbanas ou rurais) tinham múltiplas funções: cuidava dos filhos e atendia a família executando os "serviços de casa", que

consistiam, além da limpeza, em buscar alimentos mais baratos e prepará-los, e a cuidar das roupas. Procurava aumentar o orçamento doméstico realizando pequenos serviços-extras, como lavar e passar roupas, limpar outras casas, costurar para fora, serviços de recados, realizar pequenas vendas em bancas de feira, ou de porta em porta. No final do século XIX, ela é admitida nas indústrias de confecções, inicialmente executando suas tarefas em casa, e, só mais tarde, trabalhando nas fábricas, Mesmo assim recebendo salários menores que os dos homens, mesmo executando as mesmas tarefas.

Pouco a pouco, a situação das mulheres foi mudando. De totalmente submissas aos homens, passam a se tornar assalariadas, e começaram responder por seus atos, assumindo, também, a administração das finanças familiares. Isso não apenas nas classes proletárias, mas também na burguesia, onde por trazerem seus dotes, embora não trabalhassem fora, iam adquirindo voz cada vez mais ativa dentro da família, tanto na educação dos filhos, quanto nas decisões financeiras.

Na vida familiar, o costume de bater nos filhos era muito difundido, e parece ter sido uma prática comum nos mais diferentes países e classes sociais. Embora já se discutisse essa prática e se começasse a condená-la. O mesmo

ocorria nas escolas, onde o aluno poderia ser espancado como castigo ou forma de correção.

Foi nesse final de século que a infância começou a ser percebida como uma fase da vida, diferente da idade adulta, que deveria ser respeitada nas suas características próprias. Até então, ou a criança era considerada como adulto em miniatura, ou simplesmente ignorada. Como consequência, a adolescência passou a ser vista como uma idade crítica, correspondendo à busca da identidade sexual e pessoal.

De um lado, verificamos a existência do sonho burguês de adquirir "status" de aristocracia, com a pretensão de que os filhos estudassem em casa, educados por preceptores, de preferência, ingleses. Por outro lado, nos meados do século XIX, começaram aparecer os pensionatos e internatos, sendo alguns frequentados apenas por mulheres com idade de 15 a 18 anos, com o objetivo de proporcionar uma educação moral, mundana e recreativa e, assim, "...torná-las atraentes para o matrimônio". Outros, exclusivamente para homens, tinham o objetivo de completar a educação dos jovens, e eram muito diferentes das escolas femininas. Os jovens que os frequentavam eram da mesma faixa etária. Obviamente, estamos falando da alta burguesia e da aristocracia remanescente.

Os internatos não eram ainda considerados como solução ideal, mas as classes sem muito recursos, com grandes aspirações, usavam os internatos para educar seus filhos, enquanto a alta burguesia os deixava como externos e os estudos eram completados, em casa, por preceptores ou tutores privados.

Nas famílias, havia também uma hierarquia entre os filhos, segundo idade, sexo e preferências por parte dos pais. Os filhos caçulas tinham a situação quase de um criado; muitas vezes eram obrigados até a permanecerem solteiros, por interesses familiares ou mesmo por inexistência total de meios de subsistência, pois não recebiam nenhuma educação nem herança. Já o mais velho, o único herdeiro legal, era preparado para assumir o papel de chefe e orientador de toda a família. A filha mais velha tinha papel muito importante, por ser considerada a substituta da mãe, caso esta viesse a falecer; devia, também, cuidar dos irmãos mais novos. Em compensação, a filha mais nova é quem deveria cuidar dos pais na velhice.

Laços de Parentescos, Redes Sociais e Relações de Amizade - Essas características varia-

vam conforme as regiões, os diferentes países, os meios sociais e o tipo de moradia, em decorrência das migrações.

No meio urbano, na classe operária, o relacionamento familiar mais amplo, além da família nuclear, era restrito ao almoço de domingo. Como suas casas eram pequenas, ficava muito difícil para a própria família nuclear, outros familiares vivendo juntos, embora ocasionalmente isto pudesse ocorrer.

O maior problema relacionava-se às pessoas idosas que, sem rendas próprias (o que era muito comum), dependiam dos filhos. Uma solução era fazer um rodízio nas casas dos filhos. Mas o grande medo era ser enviado para os asilos, o que, com o problema de pouco espaço nas casas, acabou ocorrendo cada vez mais frequentemente.

Já no meio rural, entre os camponeses, sempre foi marcante e constante a presença dos avós que ajudavam nos serviços da casa, às vezes nas plantações e na educação dos netos. Os avós poderiam ocupar o lugar dos pais mortos, ausentes ou incapacitados. Mas, em geral, embora muito presente na vida dos netos, não exerciam qualquer função educativa, apenas o papel afetivo de transmissão de conhecimentos.

A família ampliada urbana ou rural contava com a

presença dos tios, tias, primos e primas. Nas famílias burguesas, estes eram os elementos que constavam do grupo de recepções, férias, viagens, e até de iniciação sexual. Nas classes populares, a família ampliada serviu de pano de fundo para migrações funcionais. Os tios poderiam atuar, quando necessário, como tutores, administradores de bens; e as tias solteiras, como educadoras, coadjuvantes ou mães substitutas.

Temos, então, três (3) círculos nas relações familiares: 1) família nuclear; 2) família ampliada (avós, tios, primos); e 3) nas famílias mais abastadas, agregando os criados e nas mais pobres abrangendo os vizinhos.

Neste 3º círculo, ambos (vizinhos e criados) têm um papel duplo: são apoio e ajuda; mas, também, vigilantes e constrangedores da intimidade. Nas pequenas vilas, a vizinhança poderia ser cúmplice ou hostil. Ficava muito difícil escapar da vigilância de algumas pessoas e mesmo de todo o povoado; a vizinhança era uma aliada, mas também o juiz de todas as ações.

Nas cidades, havia mais liberdade do que no campo, onde as comunidades, sendo pequenas, eram mais fiscalizadas. As cidades eram comunidades maiores, com circulação mais intensa de pessoas e, no caso de uma cidade grande,

era criada uma solidariedade entre os vizinhos que os protegia contra tudo que fosse "exterior". Entretanto, a figura do(a) zelador(a), uma vez que a maioria da população vivia em casa alugadas, era o(a) intermediário(a) entre o público e o privado. Era ele(a) que selecionava inquilinos, verificava as visitas, sendo seu apartamento voltado para a rua, invadindo o espaço privado de cada família.

Outro ponto que considero de destaque refere-se aos valores sociais "importados" da aristocracia. "Ter criados" era símbolo de ascensão social, e os burgueses continuavam repetindo os valores aristocráticos. Esses valores eram interiorizados pela própria criadagem, que estabelecia uma hierarquia dentro dela mesma: no topo estavam os professores e preceptores, que poderiam pertencer a famílias empobrecidas, isto é, poderiam pertencer à mesma classe social dos patrões, ou mesmo, à classe superior. Os outros criados vinham de classes socialmente desprotegidas e viviam total e exclusivamente para a família, embora fossem excluídos das atividades familiares; estavam lá para servir, nada deviam ver e muito menos dizer.

Com o passar do tempo, os criados foram sendo excluídos das atividades mais íntimas. Começaram a ser mantidos numa distância suficiente para que ouvissem quando fossem chamados, mas longe o suficiente para não penetrarem na

intimidade da vida dos patrões. As atividades domésticas, aos poucos, tornam-se "ofícios", ao mesmo tempo surgem algumas leis que protegem as atividades da criadagem. Há até um início de sindicalização, o que poderia sugerir um caminho no sentido da democratização da sociedade, pois servos ou escravos não tinham qualquer direito.

A Arquitetura e o Espaço Social -

Aquela era uma época do nascimento do capitalismo, assim a sociedade considerava a posse como bem supremo, criando uma distância intransponível entre os proprietários e os não-proprietários, seja de terras ou mesmo das casas onde moravam, o que era, em geral, o caso dos trabalhadores.

Em Paris, Haussmann criou um novo traçado da cidade, no qual as classes "perigosas" eram expulsas para a periferia, e onde foram-se criando novos bairros - para os mais ricos - com largas avenidas, e prédios com sacadas voltadas para as ruas e entradas com grandes pátios, nos quais havia acessos ocultos que levavam os criados à cozinha ou ao sótão, onde dormiam. Os apartamentos tinham uma entrada e uma porta interna que isolava o interior da casa, impedindo qualquer invasão à intimidade, ficando depois da

entrada um grande salão (totalmente separado dos quartos, da cozinha e dos cômodos da criadagem), usado socialmente para receber as visitas e convidados. Este salão tem um papel muito importante, pois era a marca da mundaneidade e da vida social da família. Assim, até mesmo os pequenos burgueses, que pouca vida social tinham, procuravam decorá-lo com todo o luxo, não necessariamente bom gosto.

Desta forma estava definitivamente encerrada a época na qual os aristocratas e, por imitação a alta burguesia, recebiam as visitas em seus leitos. O quarto do casal, ou do chefe da casa, passa a ser um lugar fechado - nele só entravam criados e familiares, quando chamados. As crianças não possuem um lugar especial, ficando todas num mesmo aposento, acompanhadas de uma ama, até que atingissem a idade de ir para o internato, ou se casar.

Na casa burguesa, o salão era todo decorado com objetos, quadros e tapetes. As janelas eram fechadas por pesadas cortinas. Todo o espaço era recoberto como se, com isso, se conseguisse isolar o mundo exterior. A cozinha também ficava isolada e, quando existia o quarto-de-banho, que não era considerado necessário ou importante (temos que nos lembrar que a água encanada apareceu muito mais tarde) era anexo à cozinha.

Na Inglaterra, já havia uma legislação completa sobre "água e esgotos", em 1855. Na França, ela é muito confusa e até mesmo ignorada. A partir de 1865, em Paris, do lado direito do Sena, passa a se ter água corrente nas casas. Nas outras regiões, isso só vai ocorrer mais tarde. O exterco humano era considerado valoroso e o cheiro infecto e putrefante persistia nas cidades. Na Itália, as medidas de saneamento ocorreram muito mais tarde.

Só a partir dos trabalhos de Pasteur, e outros, sobre contaminação, no final do século XIX e início do XX, é que foram construídos os sanitários, mas ainda anexos às cozinhas.

Não podemos nos esquecer das "mansões-vila" da alta burguesia de toda a Europa, longe do centro da cidade, que se localizavam no centro de grandes jardins em estilo inglês, e que deixavam visível a distância que deveria existir entre o público e o privado. Nessas mansões, junto aos salões de jantares e recepções, estavam anexadas: salas-de-jogos, estufas e jardins de invernos. Em geral, a disposição dessas mansões era: a cozinha no sub-solo ou no térreo bem afastada do corpo principal da casa; toda a parte social ficava no térreo, distribuída a partir do vestíbulo; os quartos da família no 1º andar; quartos de visitas e criados superiores no 2º andar; e quartos dos outros empre-

gados no sótão com um acesso oculto ou uma escada de serviços que ligava internamente a cozinha aos andares superiores.

Meu interesse maior é saber algo acerca das casas das classes mais pobres, pois delas é que saíram a maioria dos emigrantes que vieram do campo, e, também, das cidades.

A maioria das casas, no campo, que seriam melhor denominadas de choupanas, compreendiam uma sala-cozinha, um ou dois dormitórios para toda a família (mais ou menos 10 ou 12 pessoas) - não necessariamente separados totalmente da sala - e ainda, em anexo, a adega e os celeiros, (e, às vezes, o estábulo e o galinheiro). O chão era de terra batida, cheio de poças de água.

Havia poucas aberturas para a entrada de luz e ventilação (o que é compreensível, pois as aberturas facilitavam a entrada do frio, no inverno, e da chuva, no verão). No inverno, a iluminação e o aquecimento vinham do fogão ou do lampião, que enegrecia as paredes e os móveis.

Além disso, conceitos de higiene, água encanada e sanitários, eram completamente desconhecidos.

Em um único cômodo poderiam morar até dez pessoas.

Nele se preparavam os alimentos, penduravam-se as roupas, fazia-se queijos, lidavam-se com os animais mortos (jogando-se nas portas, toda a sujeira ao lado da própria casa) e penduravam as carnes salgadas.

Animais e pessoas compartilhavam a insalubridade e a promiscuidade do ambiente. Mas a coabitação não afetava o comportamento moral, onde o respeito pelas pessoas era rigorosamente seguido.

Com toda essa falta de higiene, não é de se causar espanto, o fato de qualquer infecção se tornar logo um abcesso, e a tuberculose ser uma constante nas famílias, ambos causas de morte, que ocorria, também com muita frequência durante os partos, realizados no mesmo cômodo descrito anteriormente.

Nos bairros da periferia e nos velhos centros, das grandes cidades, onde os migrantes se fixaram, as habitações não eram muito diferentes daquelas do meio rural. Só que no campo, as casas eram separadas umas das outras, enquanto que, na cidade, as casas com um só cômodo estavam amontoadas umas às outras, repetindo o problema da total falta de higiene, com as ruas fétidas, e a multiplicação das epidemias.

Entretanto, no final do século XIX, surgiram as primeiras preocupações com as condições de vida da classe operária. Os patrões, de forma paternalista, perceberam que obteriam mais lucros se os empregados vivessem mais satisfeitos, pois com isto estariam menos dispostos a fazer greves. Assim começaram a construir pequenas casinhas, separadas umas das outras, onde os operários viveriam com um conforto "semelhante" ao do patrão.

O importante é que mesmo nas classes menos favorecidas, aparece o conceito do direito de privatização da vida familiar, afastando de suas vidas essa promiscuidade das habitações conjuntas, onde todos partilhavam a mesma cozinha, o mesmo sanitário, a mesma fonte de água para todo o consumo necessário (beber, e cozinhar, lavar roupas e utensílios, e mesmo se lavar - quando isto se fizesse absolutamente necessário, já que não era costume tomar banho, nem mesmo parcialmente).

Cotidiano daquele que se tornou Emigrante Italiano - Como se viu anteriormente, a migração interna, na Itália, era decorrente da pobreza e da miséria que assolava o campo, e que fora intensificada com a Unificação e os problemas que a acompanhavam.

Os camponeses, abandonando os campos e se dirigindo às cidades, aumentavam a insatisfação dos trabalhadores urbanos, pois aumentavam a mão-de-obra disponível dificultando uma política salarial justa para com o trabalhador.

O fenômeno migratório não era novidade, na Itália, pois era facilitado por suas características geográficas, climáticas, econômicas e políticas. Geograficamente, a Itália possui uma única área plana, o vale do Rio Pó compreendendo 23% de sua extensão. Os outros 42% são cobertos de colinas e os 35% restantes são regiões montanhosas. Ao perfil geográfico soma-se uma grande variação climática, dificultando muito a agricultura.

Os problemas eram, também, agravados pela alta densidade demográfica de algumas regiões economicamente mais desenvolvidas, e pelo isolamento político das cidades-estados, às vezes decorrente da topografia.

As causas econômicas decorriam de uma agricultura de subsistência (visando o bem-estar familiar), acompanhada por um sistema de troca de excedentes, nas feiras, que alimentava o comércio dos produtos da própria da região. Essa situação se agravava nas épocas de crises, ocasionando novos movimentos migratórios em busca de regiões onde houvesse abundância de alimentos e de trabalho.

As migrações também ocorreram por motivos políticos, pois à medida em que se sucediam as dominações estrangeiras, estas eram acompanhadas de lutas para a libertação dos Estados e, visando mais tarde a Unificação.

A situação econômica da Itália era instável e insatisfatória, variando de região para região. Enquanto o norte estava assistindo ao início do capitalismo e da industrialização, o Sul vivia ainda em um regime quase feudal.

Com a Unificação, as diferenças se tornaram mais acentuadas. Mas a emigração ocorreu tanto no norte quanto no sul, pois, em ambas regiões, a proletarização do homem do campo e do operário da cidade ocorria aceleradamente.

Ao desespero e à insatisfação somavam-se um grande número de propagandas e ofertas de trabalho nas Américas, falando das possibilidades de sucesso e enriquecimento.

A Região do Vêneto - A região do Vêneto era uma área com colinas, montanhas e planícies, com grandes propriedades de caráter capitalista mas ainda apoiada na

produção decorrente do trabalho familiar. A mão-de-obra era composta de pequenos proprietários e arrendatários assalariados que cultivavam, principalmente, uva e trigo.

A esse contingente, devem-se acrescentar os carroceiros, os administradores e feitores, e os "braccianti" - empregados sem terras, que eram contratados por tarefas, ou como "fixos" nas fazendas.

Os imigrantes dessa região eram, principalmente, os "meeiros" - que plantavam em terras alheias e dividiam a produção- e os pequenos proprietários de áreas que, tornando-se insuficientes para o sustento da família, completavam a economia familiar com atividades da indústria doméstica, garantindo a sobrevivência no inverno.

Outro problema era a divisão das terras entre os descendentes - um costume antigo- que tornou a propriedade quase improdutiva e insuficiente para o sustento da família. Foram, principalmente, esses pequenos proprietários (com famílias grandes) os primeiros a emigrar para o Brasil, seguidos pelos "braccianti" (com pequenas famílias de mais ou menos 5 pessoas) que viviam sob condições de precariedade igual ou maior.

Descrição dos costumes - A FAMÍLIA - Em geral, a família era composta de doze a quinze pessoas, compreendendo dois ou três homens, com suas respectivas mulheres e filhos; todos vivendo na/da pequena propriedade, enquanto houvesse condições de sobrevivência.

O casamento era muito importante, pois garantia mais braços para o trabalho. Assim, o homem se preocupava mais com os "dotes físicos" da mulher uma vez que nesse grupo, não havia "dote" em dinheiro ou propriedades.

ALIMENTAÇÃO - a alimentação não era muito elaborada ou variada. Nas famílias mais pobres era composta, basicamente, de polenta e massas; nas famílias mais ricas de peixes, ovos, salame e verduras. Mas dificilmente comiam carne; a mais comum era a de caça (onde as florestas não tinham sido totalmente destruídas), de porco, carneiro ou cabrito; a de vaca era muito cara, e como não existiam geladeiras tinha que ser rapidamente consumida. Pão de farinha de trigo e vinho, só na época das colheitas, pois não havia boas técnicas de armazenamento

HABITAÇÃO - As casas não eram muito diferentes das já descritas anteriormente. Geralmente, os pastores viviam em choupanas de um só cômodo e cobertas de sapé. Os campo-

nesses construíam, em suas propriedades, casas térreas feitas de pedras e com telhado em forma de cone. Na realidade, eram casebres baixos, sem qualquer condição sanitária, com paredes cheias de frestas, janelas irregulares e escuras - por causa da fumaça que saía do fogão (sem chaminé) localizado no centro do cômodo, para melhor aquecimento. O chão era de terra ou pedras irregulares. Às vezes, estes casebres possuíam um tipo de andar superior - seria mais um mezanino - alcançado por escadas precárias e/ou externas; nele poderiam estar localizados dormitórios minúsculos onde toda a família se acomodava. O número dos cômodos era sempre inferior à necessidade, devido à coabitação de diversas famílias e do fato de se abrigar também, os animais durante o inverno.

MOBILIÁRIO- Sendo artesãos, com muita experiência e habilidade construíam seus próprios móveis- quase sempre uma ou duas camas, um baú e um "armário" para guardar os utensílios de cozinha e agricultura. Eram peças onde se combinavam diferentes madeiras e se faziam entalhes para decoração.

VESTUÁRIO - Suas roupas eram peças grosseiras de algodão ou lã, que haviam sido fiadas, tecidas e costuradas

em casa pela própria família. No verão, geralmente, as pessoas trabalhavam descalças e, no inverno, usavam tamancos com solas de madeira, os quais, nas regiões mais frias, eram forrados de lã - até esses tamancos eram feitos pela própria família.

A evasão no Sul- Não havia falta de terras, mas conforme já foi dito, os camponeses viviam em um regime semi-feudal, ou em grandes latifúndios pertencentes a senhores poderosos, que eram, quase sempre, também chefes políticos. Quando não viviam em pequenas propriedades, insuficientes para o sustento da família, gerando maior pobreza.

A situação social do camponês era semelhante à do Norte, mas com condições de vida piores.

Na choupana, onde também vivia a família toda, a pobreza era muito maior, as condições de higiene muito mais precárias, já que nela conviviam igualmente pessoas e animais.

Outros trabalhadores, que já não possuíam suas pequenas propriedades, moravam em pequenos vilarejos, onde as

condições de vida não eram melhores, podendo até ser consideradas piores. As casas eram construídas amontoadas umas às outras, em ruelas com o esgoto correndo a céu aberto. O lixo era amontoadado ao lado das casas, que não possuíam água encanada. A água era retirada de riachos que passavam perto da vila ou de fontes que ficavam na praça central. Esses trabalhadores caminhavam para distantes locais de trabalho na mesma vila ou mesmo em outra região.

Portanto, compreende-se como deveriam ser atraentes os panfletos falando sobre a "Mérica"; como era fácil querer fugir da miséria (onde mal conseguiam sobreviver) e vir para o Brasil. Mas, a partir de 1902, passaram a preferir os Estados Unidos, devido às notícias sobre as difíceis condições que aqui encontraram.

Alguns dados culturais sobre os italianos (3)- Afinal quem eram esses italianos do qual falamos até agora? Apesar de uma Unificação tardia, existiria um caráter nacional ? (4)

Não há critérios seguros para a definição de um caráter nacional; apenas verifiquei certos hábitos, traços, tendências e práticas comuns às diferentes regiões, o que Barzini chama de "cose all'italiana"(5), que passo a tracar abaixo.

O "artista" - A maneira que o italiano encontrou para resistir a tantas invasões - seja por conquistadores, seja por parte de visitantes constantes, que escolhiam a Itália pelos mais diferentes motivos - foi a do disfarce, da mentira polida, da lisonja útil. O italiano considera dever seu "representar", criar sempre situações agradáveis, montar espetáculos, que podem ser vistos como uma forma de revolta contra o destino e contra as injustiças sofridas, sem que com isso corresse perigo. Essas representações podem ser verificadas, também, na arquitetura suntuosa dos palácios e catedrais, muitas vezes rodeados de pobreza.

O "Simulador" - Devido às constantes dominações estrangeiras, o italiano estava já há muito tempo sofrendo com a pobreza, a ignorância, a injustiça, e o excesso de leis e criando meios de burlá-las, e aumentando, com isso o medo que a insegurança da situação gerava. Tudo isto fez com que o italiano se tornasse cuidadoso, simulado, para ser um sobrevivente.

A "Ordenação" - Outro traço marcante é a "siste-

mazione", um conceito um tanto diferente, talvez até difícil de ser entendido, mas que significa regulamentação, estabelecimento. Por exemplo, o sonho do italiano é "una sistemazione", o que para ele significa ter uma aposentadoria! O italiano não pode imaginar viver sem um emprego, mas esta ocupação não pode "degenerar em trabalho" (6).

Este traço pode também ser rastreado na esfera política, na qual buscam sistematicamente uma burocracia eficiente, embora duvidando de sua eficiência. A liberdade é considerada "um preconceito pequeno burguês"; o grande sonho é um estado perfeito, embora continuem votando sempre nos mesmos partidos.

A "Família"- O ponto central e talvez a única instituição fundamental do país é a família. Ela sempre foi e tem sido o alicerce da sociedade, prevalecendo sobre o Estado, a Igreja e mesmo sobre interesses pessoais. Foi a família que manteve e protegeu o italiano durante as diferentes invasões estrangeiras: A Itália das famílias é, sem dúvida, a Itália real, ..., ao passo que a Itália das leis e instituições é em parte fictícia..."(7).

A família italiana é o repositório de todas as tradições. Todos devem ser totalmente leais a ela; tudo deve

ser feito para protegê-la, a tal ponto que um de seus membros deve estar filiado ao partido do poder e o outro membro ligado à oposição. Assim a família, estaria sempre protegida. Portanto, são necessários muitos filhos, principalmente homens. Todo esforço é feito para que ascendam socialmente. Parece que o que o italiano não faz pela pátria ele faz pela família.

O casamento é fundamental, pois garante a continuidade da família, política e financeiramente. As grandes famílias da Máfia italiana, na Sicília, estão intrinsecamente ligadas por laços matrimoniais antigos e recentes.

O italiano procura nunca desagradar a quem tem o poder, ao mesmo tempo que não o apoiará ostensivamente. Isso não é oportunismo, mas um ceticismo de quem, ao longo da história, viu governos aparecerem e caírem, e tantos sonhos acabarem...

O homem é considerado o chefe e o herdeiro, independente e ciente de sua supremacia; a mulher é colocada à serviço do homem, e vista como uma figura decorativa. Mas essa é mais uma representação. Os homens governam o país, mas as mulheres governam os homens. Na realidade a Itália é um criptomatriarcado(8). Não poderia ser diferente, sendo a família o núcleo central da vida social. Na Itália, a coesão

deste núcleo está nas mãos das mulheres. Isto pode ser percebido pela importância da "Mama", e pela adoração da "Madonna" pelos italianos católicos.

Para "vencer na vida", o caminho é a família. Os italianos não se filiam a partidos, sindicatos, mas a organizações diferentes, como facções, quadrilhas, camorras, máfias, etc. fato que aponta para as tendências do anarquismo italiano. A família é cultivada; cada um de seus membros procura ter um número máximo de amigos e mínimo de inimigos. Estão sempre tentando ser simpáticos e agradáveis a qualquer preço, sem parecerem importantes, confiantes ou crédulos. Ainda é a representação, a teatralidade se fazendo presente.

Outro elemento definidor do "ser italiano", que está baseado na supremacia da família sobre o Estado e a Igreja, é a anarquia — não como estilo de vida, ou desenvolvimento natural da sociedade, mas, como um produto deliberado da vontade do homem, fruto de sua escolha(9). O anarquismo é cultivado e alimentado no seio da família.

Outras "Fontes de Poder" — Até agora, todas as características descritas estão ligadas à família. Mas, além da família, há a Igreja que, embora possa parecer um bloco monolítico, na realidade não passa de um conjunto de facções lutando constantemente. Uma outra força, é a Maçon-

ria, possuindo pelo menos duas facções rivais, tem muito poder na Itália.

O italiano admira pessoas vitoriosas por seus próprios méritos: sejam cantores, artistas de cinema, políticos, costureiros, pilotos ou prostitutas... **Talento é fonte do Poder...**(10).

"As Artes" - Ao falar da Itália, não se pode ignorar as atividades artísticas. Novamente, não podemos ser enganados pelas aparências. A realidade italiana é barroca. Mas "barroco" aqui é mais uma expressão metafórica do que uma realidade estilística: é um sinônimo de excessivo, grandiloquente.

As artes plásticas e cênicas, a música, bem como a beleza dos edifícios, igrejas e cidades são importantes para a compreensão da "alma italiana". Segundo Barzini, escondidos no esplendor, estavam os sentimentos de desespero e frustração espiritual. A expressão artística servia para compensar a insegurança, o vazio e a desordem nacional. Os italianos criaram "obras-primas" pois estas lhes davam uma sensação, uma aparência de calma e bem estar.

Alguns italianos aceitaram a ditadura fascista como se fosse a solução definitiva para seus problemas. Entretanto, acordaram quando perceberam que ela era mais uma "simulação" que custara a vida de milhões de pessoas.

Despojados das ilusões fascistas, mais uma vez, encontraram a Itália de sempre: anárquica, suave e invisível, regulada por normas e costumes secretos. Cheia de ceticismo, tolerância, indulgência para com as fraquezas humanas. É calma, mesmo quando esconde uma catástrofe eminente contra a qual as pessoas e o próprio país quer lutar.

Finalmente, para tentar concluir este retrato, e poder falar do "italiani", resta uma questão: "A Unidade Italiana existe?" É difícil, para mim, respondê-la, mas para falar sobre a Itália temos que ressaltar as diferenças entre o Sul e o Norte.

Enquanto o italiano do Norte busca segurança, fortuna o do Sul quer ser respeitado, ter prestígio e autoridade. Enquanto o homem do Norte quer o progresso, o diploma universitário, o do Sul busca o respeito de seus pares, quer ser temido e invejado.

Houve a Unificação política mas, o homem do Sul e o do Norte, culturalmente, continuam distantes um do outro.

São poucos os trabalhos sobre o cotidiano na sociedade brasileira da época. Por isso estou usando a literatura que, embora não tenha objetivos científicos, retratou, às vezes, detalhadamente, o dia-a-dia do brasileiro.

O cotidiano numa fazenda paulista com escravos- Para traçar um retrato da vida nas fazendas com escravos, usei o texto de Ina von Binzer (12) sobre duas fazendas paulistas onde a autora trabalhou como professora.

A primeira, no Vale do Paraíba, pertencia a um fazendeiro bastante conservador e defensor da escravidão; e a segunda, na região de Campinas, era de uma família muito dinâmica e contrária à escravidão; embora ainda tivesse alguns escravos, não era totalmente dependentes deles. A autora não fala, no livro, se havia imigrantes europeus na região; apenas cita os imigrantes americanos que tinham se radicado nas redondezas de Santa Bárbara.

Tudo aqui no Brasil era muito diferente das casas (e famílias) européias, cheias de cortinas e tapetes, que

visavam não apenas aquecer a casa mas isolá-la das ruas. No período passado no Rio de Janeiro e São Paulo a autora já havia percebido, nas famílias brasileiras, a despreocupação em separar o público do privado. Nas suas descrições, a impressão que se tem é que o sentido de privacidade não acompanhava o "modus vivendi" nacional.

Nas duas fazendas havia uma "casa grande" clara, espaçosa, com janelas e portas amplas, mantidas sempre abertas. Era uma moradia muito agradável no verão, mas fria no inverno. Cercada de jardins agradáveis, bem cuidados, segundo a orientação da dona-da-casa, mas "exóticos", pois eram elaborados com mistura de flores e frutas.

O mobiliário era rústico, desconfortável e pesado, acompanhado de muitas redes espalhadas pelas salas e alpendres.

As famílias eram nucleares, com alguns filhos estudando fora e outros em casa, sob a responsabilidade da professora alemã. Foram destacados, na primeira família, as filhas solteiras (com 19, 21 e 22 anos). As moças usavam roupas muito sóbrias e não demonstravam qualquer alegria: mudas em volta da mesa, com suas caras brasileiras empalmadas e nem mesmo um apático e indiferente "Bonjour Mademoiselle", lhes muda a expressão (13), já os filhos mais novos eram muito simpáticos e amáveis. (14)

As refeições eram tomadas ao redor de uma mesa grande, na qual era colocada toda a comida, sendo que cada pessoa se servia, servindo também aos outros os pratos que lhe estava próximos - estes eram levados de um lado para outro, pelas escravas que atendiam à mesa, mas não serviam a comida. Completando a cena, havia sempre um pequeno escravo - que balançava uma longa vara com bandeirolas para espantar as moscas.

Os alimentos costumeiros (servidos quase que diariamente) eram: uma sopa, feijão preto com caldo, farinha de milho ou mandioca para misturar no feijão, angu (ou bolo de fubá sem açúcar), carne de aves ou de carneiro (secas ao sol) e, arroz marrom cozido em água (feito com molho de tomate). O ponto alto das refeições eram as sobremesas: compotas de frutas servidas com grandes fatias de queijo, e balas de chocolate ou ovos.

As famílias se visitavam muito, e estas visitas, devido às distâncias, incluíam as refeições - que não diferiam daquela já citada - e que eram precedidas de conversas em uma grande sala-de-visitas, com cadeiras dispostas em ângulos retos a partir de um sofá de palhinha, e encostadas à parede, tendo uma mesa redonda no centro. Depois da refeição, havia um sarau, onde se esperava que as mulheres tocas-

sem piano, principalmente, ou violino, e que soubessem cantar, sempre peças clássicas.

Há duas observações da autora que gostaria de citar: a primeira, refere-se à festa de São João - coincidindo com o final da colheita de café. Era uma grande festa para os escravos, no terreiro próximo à casa. Os familiares ficavam dentro das casas e, das janelas, acompanhavam as festividades. Era servida uma refeição igual à dos patrões, depois soltavam-se fogos de artifícios e todos dançavam ao som dos seus "tambores".

A segunda, refere-se ao grande número de escravos, principalmente para os serviços da casa. Trabalhavam fazendo muito barulho (já que todas as portas e janelas ficavam sempre abertas). A autora percebeu e deixou claro que os brancos é que poderiam ser considerados os verdadeiros escravos, pois dependiam totalmente dos negros; não faziam nada!

A vida nas fazendas sem escravos - Se a fazenda fosse antiga, que tivesse tido escravos, ela teria uma "Casa Grande", e seriam construídas algumas casinhas para os trabalhadores assalariados. Entretanto, embora pudes-

sem ser novas, essas casas deixavam muito a desejar quanto ao conforto e à higiene.

Nas fazendas novas, a casa grande era substituída, na maioria dos casos, por uma "sede" bem mais simples que as imponentes "casas grandes", e próxima a ela havia a casa do administrador (substituto do capataz das fazendas com escravos).

Os italianos, denominados "colonos", viviam numa série de casas alinhadas umas ao lado das outras, tendo cada qual um pedaço de terra, onde, na maioria dos casos, podiam plantar alimentos para consumo próprio e ter a própria criação. Às vezes, era permitido que plantassem feijão e milho entre as fileiras do café novo, mas isto era uma concessão do fazendeiro e não um direito contratual.

Quando os imigrantes eram mandados para áreas novas, onde deveriam "abrir fazendas", eles nada encontravam. Suas tarefas começavam com a derrubada da mata e a limpeza do terreno. Com as árvores tombadas, construíam pequenas casas de madeira para morar, e outras para guardar as ferramentas ou para as criações que traziam consigo. Ficavam nessas casas improvisadas até que o ritmo das atividades com o plantio do café (para o que tinham sido contratados) e dos alimentos fundamentais para a sobrevivência (em geral as no-

vas fazendas ficavam em regiões distantes de qualquer vila ou cidade) permitisse que fossem construídas as casas de alvenaria, onde pudessem viver com algum conforto e segurança.

Apesar das condições adversas nas fazendas (15), os italianos, acostumados em sua terra natal com a economia de subsistência e a serem auto-suficientes - todos na família - tinham atividades nas plantações de café, nas suas plantações de alimentos, na criação de galinhas e de porcos. Depois, vendiam os alimentos excedentes (ovos, galinhas, porcos) e também trabalhavam como sapateiros, marceneiros, ferreiros, etc.. As mulheres trabalhavam na lavoura, no cuidado com as plantações e criações. No início, teciam. Mais tarde, passaram a comprar roupas e sapatos dos "mascates" que iam de fazenda em fazenda. Além disso, costuravam, cozinhavam para a família e os outros colonos; geralmente as filhas trabalhavam como domésticas nas casas dos patrões; tudo isto para aumentar a renda familiar.

Para colocar em evidência as dificuldades vivenciadas nas fazendas pelos colonos, relato, a seguir, algumas reclamações de italianos coletadas de diversos autores e diferentes e traduzidas por PINHEIRO e HALL. (17) de diversos autores e diferentes datas.

Condições de vida dos colonos em 1892 (171) -
Através do relato de um cônsul italiano, onde é possível sa-
bermos de reclamações de colonos (feitas a ele), sobre o
tratamento que recebiam: era semelhante ao dado aos escra-
vos; isto é, a vontade do fazendeiro era tomada como lei
única, sem qualquer respeito pelos direitos dos colonos.

Reclamavam também das moradias, sem qualquer con-
dição de higiene; muitas vezes com um único cômodo, com piso
de "chão de terra batida". A remuneração era precária (ex.:
40-50 mil réis por 1000 pés de café, ou 400 réis por alquei-
re de café cultivado e levado ao secador).

O autor (citado na nota 171) afirma que, apesar
disso, se não ocorressem doenças ou houvessem muitos filhos
pequenos, dava para economizar. Os problemas eram maiores
nas fazendas distantes pois nelas o colono só podia fazer
compras no armazém da fazenda onde os preços eram muito al-
tos, e onde se não ficasse atento, o colono estaria sempre
devendo ao patrão.

Outro ponto a ser salientado era o fato de os con-
tratos privilegiarem os fazendeiros, deixando o colono sem
elementos para recorrer à justiça brasileira - caso o fizes-
se, pouco adiantava, pois as autoridades estavam sempre do
lado do fazendeiro. Entretanto, o mesmo autor ressalva: não

quero com isso provar que todos os nossos imigrantes sejam vítimas e todos os fazendeiros opressores.

Reclamações dos Colonos Italianos- 1902 (17ii) -
Devido às reclamações de maus tratos recebidos por italianos nas fazendas, o governo italiano enviou Adolfo Rossi para investigar sobre elas. Este fez um relatório tão negativo, que levou à proibição da emigração subsidiada.

As reclamações mais constantes, recebidas pelo relator, referiam-se à falta de pagamentos, aos pagamentos atrasados ou incompletos, às ameaças de morte, aos espancamentos e expulsões sem qualquer explicação ou aviso - fatos que eram encobertos pelas autoridades locais:

Dell'Olio referiu-se ainda que os mesmos capangas foram antes em sua casa, quando ele estava ausente, e encontrando só sua mulher injuriaram-na e ameaçaram-na. Dell'Olio narra finalmente que durante a luta perdeu um impermeável e 300 mil reis que por encargo realizado devia entregar ao seu patrão.

Muitos são os abusos que impunemente se cometem por parte de certos fazendeiros.

ou então, em outro ponto:

Os colonos do fazendeiro Sr. E.N. vieram dizer-me que ele recebeu a carta na qual lhe pedia para pagá-los, ele declarou que se quisessem ser pagos deveriam trabalhar até o fim do ano, e que se o representante consular fosse aborrecê-lo ele o mandaria espancar.

ou dados do trecho da carta que o colono Angelo Segantin, da fazenda L.:

Ah! pobres italianos, em quantas misérias viemos cair! Se o nosso governo soubesse como aqui é tratado o seu sangue, choraria dia e Noite.

Em 1912, descrevendo o progresso técnico nas fazendas e a situação dos colonos, Adolfo Bellucci (17iii) - um dos três especialistas italianos convidados pelo governo brasileiro para analisar a imigração italiana - fez um relatório muito negativo quanto à situação dos colonos nas fazendas, pois verificou que viviam em casa velhas, feias sem condições higiênicas ou qualquer conservação (que deveria ser feita pelos fazendeiros). Considerou as fazendas avançadas tecnicamente, mas as condições de vida dos imigrantes estavam deixando muito a desejar.

As Condições de Saúde dos Imigrantes no Campo (1914) descritas por Gaetano Pieraccini (17iv), que veio na mesma comissão citada anteriormente, relata sua inspeção sobre as condições de vida em São Paulo e no Sul. Do ponto de vista médico, a situação era assustadora, devido à falta de médicos, e do alto custo das visitas e dos medicamentos. Ele considerou muito compreensível a relutância dos colonos em procurar os serviços médicos, ressaltando as tristíssimas condições da assistência médica no Brasil.

Em 1915, Mário Zanotti Bianco, vice-cônsul italiano em Ribeiro Preto (17v), fez um relato detalhado sobre os imigrantes italianos da região destacando a concorrência da mão-de-obra japonesa e a pouca melhoria das condições de vida, nas fazendas.

O texto estabelece a distinção entre os primeiros colonos que aqui chegaram, seus sacrifícios e luta para economizar e conseguir ascensão e boa situação social, embora o trabalho inicial tivesse sido muito difícil. Os trabalhadores livres sofreram pelo fato de que, na origem, o trabalho livre era um regime de exceção.

O relator descreve, ainda, a vida nas fazendas: era um pequeno mundo. Nela, o fazendeiro era o senhor absoluto, muito hospitaleiro, tinha sua casa sempre aberta, mas sua mulher nunca aparecia - parece que para ela a vida mundana cessa com o casamento - A propriedade é extensa, e a casa, cercada de jardins, é grande, arejada e bonita, contrastando com as dos colonos, que moravam em construções regulares e dispostas em uma ou duas linhas.

O trabalho dos colonos consistia em cuidar de um certo número de pés de café, isto é, carpir, tirar as pedras, mais ou menos três ou quatro vezes ao ano, plantar novos pés e, na época certa, colher e levar os grãos para a lavagem e secagem.

Diariamente, às 5:30 hs (o sino para acordar tocava às 4:00hs) quando se dirigiam aos cafésais; às 9:30 hs as mulheres ou filhas levavam o almoço; às 10:00 hs voltavam ao trabalho; às 12:00 hs as mulheres, novamente, levavam café e pão e às 12:15 hs retomavam ao trabalho até às 17:30h. ...

Segundo M.T. Petrone (18) os colonos, salvo alguma exceção, são gente boa e tranquila, eram na maioria vênnetos e dotados de grande paciência e de um raro bom senso. Obedientes, serviçais e apreciadíssimos pelos fazendeiros.

No período da colheita, a partir do começo de maio, os colonos se reuniam em grupos para colher os grãos e levá-los ao "terreiro", onde eram lavados, secos, limpos, descascados e depois distribuídos pelas máquinas, conforme a qualidade, sendo então ensacados e enviados aos armazéns e, de lá, para Santos.

Além do trabalho com o café, era, ou não, permitida (na maioria dos casos, sim) a plantação de arroz, feijão, milho e trigo (onde o clima fosse favorável), e a criação de galinhas, porcos e cabras.

Há relatórios até certo ponto contraditórios. Entretanto, não podemos nos esquecer de que se tratava de re-

giões, fazendas e situações diferentes. Mas servem para mostrar que, embora a situação tivesse sido, em muitos casos, difícil, não era situação de escravidão disfarçada.

Entretanto, isso ocorreu em algumas fazendas, cujos patrões insistiam em ver no italiano um escravo branco; daí terem ocorrido, no início do século, várias greves, algumas vitoriosas.

A vida que os colonos levavam era simples, trabalhavam de segunda a sábado, de sol a sol, sério, sem cantos ou músicas; descanso só aos domingos, quando se visitavam ou iam à cidade.

O retrato da realidade da vida dos emigrantes na Itália é muito importante para podermos compreender melhor a luta dos "oriundi" em adquirir a casa própria - geralmente, a primeira propriedade comprada - e como esta fazia com que se sentissem seguros e pertencentes à nova pátria.

Podemos, também, entender porque viviam, sem muitas queixas nas casas das "colônias", nas fazendas, ou nos "cortiços" das cidades. A situação nesses lugares não estava muito distante daquela vivida por eles na velha pátria.

Mas havia uma grande diferença: além do frio não ser tão intenso, era mais fácil adquirir uma propriedade ou

buscar outro trabalho, quando quisessem ou estivessem insatisfeitos com o que possuíam, e até mesmo ter mais de um emprego.

Mas, o grande sonho era "ter uma casa", se não igual, pelo menos o mais parecido possível, àquelas dos grandes senhores do campo ou das cidades da velha Europa.

Destaca-se também, entre os imigrantes, o orgulho de ter um "ofício e a importância dada ao. Esse fato indica um contraste entre esses homens e os brasileiros que, marcados pela tradição erudita jesuítica, valorizavam os estudos chamados literários em detrimento dos ofícios manuais. Só este dado já nos permite verificar a grande mudança ocorrida na vida paulista, a partir da chegada dos italianos. Trata-se de uma mudança de mentalidade. O italiano, diferente dos escravos e dos brasileiros de então, trazia consigo o espírito de liberdade e o costume de falar, protestar.

É significativo o fato de ser este o momento em que temos notícias das primeiras greves nas regiões rurais e, nas cidades, principalmente Rio e São Paulo e o surgimento dos primeiros sindicatos anarco-socialistas.

Algo está mudando no Brasil - São Paulo - e a chegada do imigrante não é alheia a isso.

Notas:

- (1) Cfr. F. ARIÈS e G. DUBY *História da vida privada-4*
São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- (2) Cfr. ZULEICA M.F. ALVIM *Brava Gente* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- (3) Cfr LUIZI BARZINI *Os italianos* São Paulo: Brasiliense, 1966
- (4) idem p. 4.
- (5) Cfr Luiz Barzini
- (6) idem
- (7) idem
- (8) idem
- (9) idem
- (10) Vozes de autores que atravessaram o período de trabalho e que se perderam ao se misturar com as palavras do pesquisador.
- (11) idem
- (12) INA Von BINZER *Os meus romanos: alegrias e tristezas de um educador alemão no Brasil* 3a.ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- (13) .op.cit. p. 21
- (14) Tanto nesta obra como nas Memórias de Visconde de Taunay(**) percebe-se o uso corrente da língua francesa entre as famílias da classe dominante.
- (15) Lo stato di San Paolo nel Brasile ed l'emigrazione italiana im VIAGGI E GEOGRAFIA COMMERCIALE,Ps 43 e seg.. também IMIGRAZIONE ITALIANA A SAN PAOLO...
"...l'emigrazione nostra continuò, ma meno tumultuata, meno numerosa e in buona parte clandestino... le "fazendas" sono bene organizzate riguardo alla tecnica agricola, ma lasciano a desiderare assai riguardo alle condizioni di vita e di lavoro del loco abitanti. ...Mentre la casa del "fazeindeiro" è bello aspetto ed è arredata se non con gusto fino, talvolta con lusso, le abitazioni dei coloni, purtroppo, sono ad che di più misero si può immaginare. ...

(16) M. T. S. PETRONE *O imigrante italiano no Brasil* in De Boni (org.) *A presenza italiana no Brasil* Porto Alegre: EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1985, p. 103

(17) PINHEIRO, P.S., HALL, M.M., "A classe operária no Brasil (1889-1930"- Documentos vol II, 1981, Campinas, SP, Ed. Funcamp/Brasiliense. RTraduziu vários relatórios enviados ao governo italiano:

(i) ROZWADOWSKI, A.B., "San Paolo" in Emigrazione e colonie:raccolta di rapporti dei rr. agenti diplomatici e consolari, Roma, 1893,pp 166-168 [ps 16-19];

(ii) ROSSI,A., "Condizione dei coloni italiani nello stato di San Paolo", Bollettino dell Emigrazione, nº 7, 1902, pp 78-85 [32-39];

(iii) Emigrazione agricola al Brasile, Relazione della Commissione Italiana", 2ª ed. Bologna,1913, pp 35-36 (ps 9192];

(iv) On.Prof. Gaetano Piaraccini, "Il problema sanitario del Brasile", Avanti, 30/05/1914 [ps 99-100];

(v) Mario Zonotti Bianco, "Il distreto del R.V. Consolato d Italia in Ribeirão Preto", Bolletino del Minitero degli Affari Esteri, nº 8, 1915, pp 43--45 [ps. 101-105].

(18) Apud De Boni, op. cit. M.T. PETRONE

CAPÍTULO IV - Recortes de Vida

Neste capítulo, darei voz aos descendentes dos "Oriundi", destacando o seu modo de vida na sociedade e a educação/trabalho dos filhos/netos.

Com os depoimentos obtidos através das entrevistas, busquei formar um retrato do cotidiano das famílias nas suas casas, na vida escolar e nas relações socio-econômica culturais nas diferentes cidades do Estado, onde se fixaram.

A leitura de cada entrevista oferece, inicialmente, um universo de imagens com características até certo ponto ficcionais, uma vez que esses itinerários descritos cruzam-se em nosso imaginário, como fragmentos de filmes, livros e memórias pessoais. A primeira leitura nos dá a visão de um conjunto caracterizado por sentidos fortes, mas profundamente marcados pela subjetividade.

Num segundo momento, sem pretender apagar as marcas da subjetividade do leitor, procura-se dirigi-la através da reinserção das entrevistas no coletivo. Esse movimento pode ser explicado através de uma metáfora que procede da Linguística: o ato da fala ganha sentido no contexto da língua. Trata-se, pois, de chegar àquilo que Merleau-Ponty cha-

mava de "parole parlante" (Phénoménologie de la Perception, p.228), mas lida, no fundo com uma "parole parlée". Assim, aquelas pessoas com seus destinos pessoais, suas pequenas ou grandes angústias, se transformam em letras "A", "B", "C", etc.. Signos já do percurso que fiz rumo a uma caracterização que me permitiu inserir essas vidas no fluxo histórico mais amplo, que foi descrito, por mim, nos capítulos anteriores, usando o recurso da visão tradicional da história.

O terceiro passo, foi tentar encontrar, nestes textos (entrevistas), algumas constantes e/ou variáveis que, regularizando a superfície textual, permitissem ver nesse cotidiano um fragmento de um todo pleno de sentidos. Assim entrevistas foram lidas a partir de quatro (4) enfoques:

- (1) tipo de emigração;
- (2) localização espacial;
- (3) socialização: assimilação e discriminação;
- (4) trabalho e estudo dos filhos (homens e mulheres).

Inicialmente, farei a enumeração da procedência das famílias (1) e das cidades onde se radicaram. Em seguida, serão descritas as atividades exercidas pelos pais e/ou avós desde que chegaram em São Paulo, até se radicarem definitivamente. Então, farei a leitura das entrevistas organizadas nos quatro enfoques citados.

A - Origem e Fixação dos "Oriundi" em São Paulo - Os entrevistados têm pais/avós vindos das seguintes regiões: 1) Vêneto (50%): alguns não souberam dizer a localização precisa, já outros sabiam que seus ascendentes vieram de Rovigo, Mestra, Pádua, Veneza; 2) Lucca (San Vito e Sant'Anna); 3) Treviso; 4) Abruzzi; 5) Calábria; 6) Reggia Emilia (Suassolo), e das cidades de Firenze; Nápoles e Módena;

Organizei esses dados em um quadro onde combinei cidade de origem, destinação e recursos (próprios ou financiados pelo governo de São Paulo) para a viagem, assim:

- Quadro 1 -

De	Recursos	Para	Mais Tarde
Vêneto	não soube dizer	Botucatu	Bauru
Rovigo	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Pádua	recursos próprios	faz. de café	Botucatu
Vêneto	recursos próprios	Botucatu	Botucatu
Mestra	recursos próprios	Mocóca	São Paulo
Vêneto	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Vêneto	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Vêneto	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Rovigo	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Pádua	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Pádua	não sabe	Campinas	Campinas
Inão sabe	recursos próprios	Mocóca	Mocóca
Lucca	recursos próprios	Mocóca	Mocóca
Lucca	recursos próprios	Mocóca	Mocóca
Nápoles	recursos próprios	Botucatu	Bauru
Nápoli-Lascio	Cia de Imigração	Minas	Campinas
Treviso	Cia de Imigração	Faz. de café	Araraquara/Cps
Calábria	recursos próprios	Mocóca	Mocóca
Calábria	Cia de Imigração	faz. de café	Campinas
Salerno	recursos próprios	Bragança Pta	São Paulo
Monte Nuovo	Cia de Imigração	faz. de café	Mocóca
Reggia Emilia	recursos próprios	Argentina	Mocóca, outras

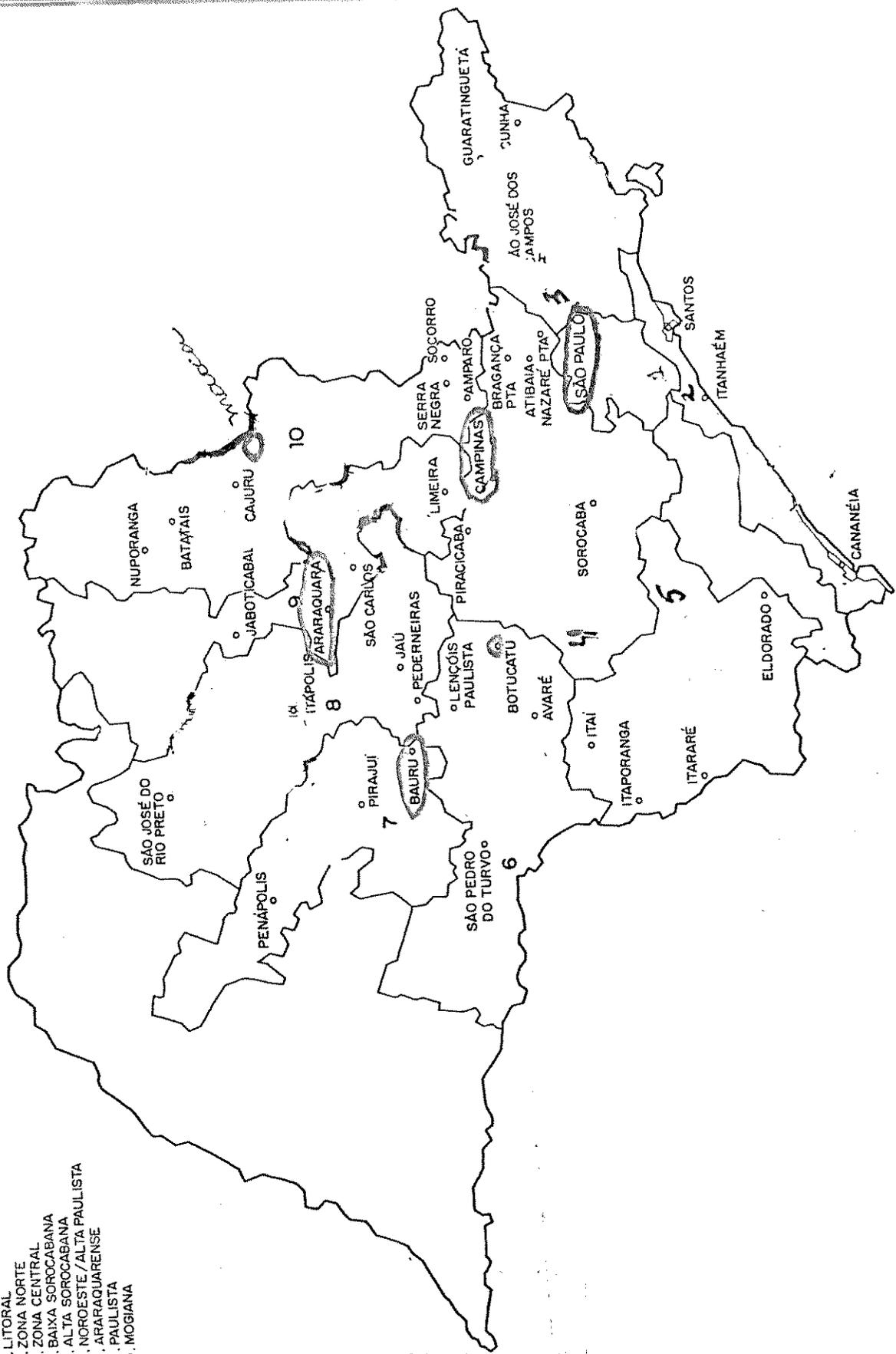
REGIÕES DE ORICEM DOS PAIS/AVÓS DOS ENTREVISTADOS



CIDADES/REGIÕES ONDE SE FIXARAM OS "ORIUNDI"

LOCALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS DOS ENTREVISTADOS

1. CAPITAL E PERIFERIA
2. LITORAL
3. ZONA NORTE
4. ZONA CENTRAL
5. BAIXA SOROCABANA
6. ALTA SOROCABANA
7. NOROESTE/ALTA PAULISTA
8. APARAGUARENSE
9. PAULISTA
10. MOGIANA



As famílias que vieram para as fazendas ficaram nelas o tempo suficiente para juntar seu "pé-de-meia" e assim, conseguir se mudar para a cidade. Entretanto, quero destacar duas exceções, a Família "E", o avô materno morava na cidade, era um marceneiro (fazendo serviços nas fazendas). Assim que teve rendas suficientes para se aposentar, comprou um sítio onde montou um pequeno bar-armazém, e lá viveu até morrer. Também, na Família "L", a mãe, antes de se casar, morava num sítio de propriedade da família, mas a entrevistada não falou se o sítio era apenas residência ou era uma propriedade produtiva da qual a família tirava seu sustento.

Ao se mudarem para as cidades, as famílias compravam suas casas. Embora algumas fossem muito simples, tinham sempre um terreno em volta onde formavam suas hortas, seus pomares e criavam suas galinhas. Toda a insegurança vivida na velha pátria fazia ser muito importante sentir que tinham uma propriedade.

Alguns já vinham da Itália com outro "ofício" que não a agricultura. Esses exerciam nas cidades suas profissões, outros se tornavam simplesmente operários sem especialização; e outros com mais recursos abriam pequenos armazéns ou indústrias (no início) apenas familiares. Aqueles que se empregaram formaram a emergente classe operária de São Pau-

As famílias que vieram para as fazendas ficaram nelas o tempo suficiente para juntar seu "pé-de-meia" e assim, conseguir se mudar para a cidade. Entretanto, quero destacar duas exceções, a Família "E", o avô materno morava na cidade, era um marceneiro (fazendo serviços nas fazendas). Assim que teve rendas suficientes para se aposentar, comprou um sítio onde montou um pequeno bar-armazém, e lá viveu até morrer. Também, na Família "L", a mãe, antes de se casar, morava num sítio de propriedade da família, mas a entrevistada não falou se o sítio era apenas residência ou era uma propriedade produtiva da qual a família tirava seu sustento.

Ao se mudarem para as cidades, as famílias compravam suas casas. Embora algumas fossem muito simples, tinham sempre um terreno em volta onde formavam suas hortas, seus pomares e criavam suas galinhas. Toda a insegurança vivida na velha pátria fazia ser muito importante sentir que tinham uma propriedade.

Alguns já vinham da Itália com outro "ofício" que não a agricultura. Esses exerciam nas cidades suas profissões, outros se tornavam simplesmente operários sem especialização; e outros com mais recursos abriam pequenos armazéns ou indústrias (no início) apenas familiares. Aqueles que se empregaram formaram a emergente classe operária de São Pau-

lo. Já aqueles os com mais recursos vieram a constituir, de forma mais definida, a ainda insipiente classe média brasileira.

Tipo de Emigração- Através do quadro 1, da p.3, vemos que aproximadamente, 45% dos familiares dos entrevistados vieram "por conta própria". É por estes que iniciarei a descrição sobre a fixação das famílias.

O entrevistado da Família "G", de Botucatu falou sobre os avós maternos: o avô era veterinário prático; que com recursos próprios abriu uma cantina e um hotel, onde abrigava os viajantes e cuidava de seus animais; a avó foi uma exímia cozinheira, cuidando da cantina. Não falou sobre os avós paternos, pois para cá vieram apenas o pai e um irmão. Ambos eram pedreiros, tendo o pai já trabalhado em outros países (Luxemburgo e França) antes de vir para o Brasil. Foram atraídos por uma tia que tinha fazenda em Lençóis Paulista. Mas nada entendiam de fazenda; foram contratados para trabalhar com empreiteiros italianos em Botucatu, onde seu pai se casou e se fixou. Nada mais contou sobre o tio.

Na Família "F" de Campinas, o pai e o tio, da entrevistada, vieram com recursos próprios e trabalharam na cidade. O pai foi funcionário do Instituto Agronômico. A mãe

e a irmã vieram com a avó viúva; tinham alguns recursos mas foram trabalhar em uma fazenda da região. Logo conheceram os dois irmãos e se casaram, vindo morar na cidade.

A avó, no início, trabalhou como doméstica na casa dos diretores (europeus) do Agronômico; mais tarde passou a morar com os pais da entrevistada. As duas irmãs abriram um "bar-botequim" na Avenida Brasil- estrada de acesso à Campinas para as fazendas da região norte- onde serviam refeições para os empregados das fazendas que vinham a serviço para a cidade. Desfizeram a sociedade (mas não a amizade): cada uma abriu seu próprio estabelecimento, sendo que a mãe da entrevistada fundou um armazém de "Secos e Molhados", na R. Carolina Florence, outra via de passagem das fazendas para a cidade. Essa duas mulheres começaram um patrimônio com raízes no ramo comercial que subsiste até hoje, formaram um nome honrado e respeitado na vida comercial e social campineira.

Na Família "L", o pai da entrevistada emigrou com recursos próprios. Chegando à Campinas abriu, perto da Estação Ferroviária, um grande armazém de Importados: uma parte de atacado (com grande número de representantes comerciais que viajavam pelo interior do Estado) e uma completa seção de varejo ("tinha de tudo"). A mãe vivia com a família num sítio perto de Campinas (região da atual Vila Industrial). Vinha sempre à cidade para aprender a costurar, e passando

sempre em frente do armazém, começou o namoro, seguido do casamento, que deu origem à família.

Todo o relato foi centrado na figura do pai, que prosperou muito dando conforto e segurança para todos os filhos. Estes nunca precisaram trabalhar, a não ser mais tarde, quando dois deles formados (médico e engenheiro), escolheram exercer suas profissões.

Na Família "N", o avô materno foi primeiro para Minas. Já casado, veio para Campinas, onde abriu uma casa comercial que foi famosa, iniciando a indústria de confecções - foi o primeiro a vender camisas já confeccionadas. Foi um inovador, além de ser uma pessoa com grande visão e tino comercial; mas muito dispersivo (um "bon vivant"). O avô paterno foi um alfaiate famoso, que fez fortuna, depois diversificou e ampliou suas atividades.

A origem da Família "I" está em Bragança Paulista, onde o pai da entrevistada, italiano, conheceu uma senhora de família tradicional mineira que vivia em Bragança, com a qual casou-se. Além do avô que tinha uma fazenda na Bahia, o pai foi único da família a morar no Brasil. Sua mãe e irmãs sempre viveram na Itália. Mudaram-se para São Paulo, onde, tendo recursos próprios suficientes, ele abriu uma lo-

ja de ferragens. A esposa era, também, de família com muito recursos.

Sempre levaram uma vida tranquila, com muito conforto e luxo. Dando aos filhos uma educação esmerada, estes se tornaram figuras de destaque na vida política e cultural da cidade de São Paulo.

Na família "A", de Mocóca, o pai vindo com recursos, abriu em sociedade, um armazém. Quando a sociedade se desfez estava casado com uma senhora que embora trabalhasse numa fazenda de café, era de família de comerciantes (que acabaram voltando para a Itália). Ambos assumiram o negócio, mas ele morreu, muito moço. Ela e os filhos mais velhos fez crescer o armazém. Uns dez anos mais tarde, ela também veio a falecer. Os irmãos todos, sob a liderança do mais velho - na época com uns vinte anos, mais ou menos - continuaram trabalhando juntos, transformando o armazém em um dos maiores da região. A família se tornou uma das mais conhecidas e admiradas na cidade.

A Família "D" é, entre todas as entrevistadas, a que marca sua presença pelo fato do pai, da entrevistada, ter se tornado um grande industrial- o exemplo típico do "self made man". Convidado pela irmã já casada e bem estabelecida como comerciante em Mocóca, ele veio muito jovem, com

outros dois irmãos. A mãe veio da Itália com os pais e outra irmã, também com recursos próprios. Mas o pai morreu logo em seguida, tendo a mãe se casado novamente com um italiano viúvo que já tinha um filho, e com quem teve mais outra filha.

Foi um começo difícil para o jovem casal, com muitas lutas e muitas tentativas: primeiro uma fábrica de cerveja; depois, outra de pregos; depois funda uma fábrica de gelo, uma serraria e um armazém geral com importados. A vida começa a melhorar. Então, já com todos esses bens, o pai da entrevistada, faz sociedade com uma família de italianos em uma metalúrgica, além de construir uma empresa de "beneficiar" e comercializar algodão.

Compra a compra da metalúrgica, que passa a dirigir sozinho com os filhos, ele a transformou numa grande empresa (hoje pertence a uma multinacional), produzindo implementos agrícolas, turbinas e caldeiras,

O começo de lutas levou ao conforto, luxo e bem estar para toda a família, que nunca soube o que eram dificuldades, principalmente financeiras.

Seguindo ainda o quadro 1 da p.3, verificamos que os outros 45% das famílias vieram através de financiamento da Companhia de Imigração (2). Quero lembrar aqui que 10% dos entrevistados não souberam dizer como foi que a família ou os seus pais vieram para cá. Destes 45%, todos vieram para as fazendas de café, com exceção da Família "H".

A Família "H" na triagem feita no "Albergue do Imigrante" (3) foi encaminhada diretamente para a cidade de Mocóca, onde havia falta de pessoas especializadas na área de construção. É o caso do chefe da família que tinha vindo casado, trazendo apenas a esposa (o filho mais velho, ainda pequeno, ficou com os familiares na Itália, tendo vindo mais tarde quando as coisas já estavam assentadas).

Entretanto, alguns anos mais tarde, com uma grande família (onze filhos vivos) e só a mais velha (única filha mulher) casada que ficou em Mocóca, mudou-se para São Paulo, onde considerou que teriam mais chances para progredir. Viveram no Bráz e no Tatuapé. Ele continuou construtor e os filhos trabalharam como operários - enquanto ainda jovens - nas indústrias do bairro; depois seguiram outros caminhos.

O entrevistado da Família "M" contou que seu pai veio com os pais e irmãos com 4 anos de idade. Foram para

uma das fazendas do distrito de Comendador Guimarães, de Mocooca que recebeu um grande número de italianos, quase todos da mesma região, se não da mesma vila. Logo se mudaram para a cidade. O pai se tornou cervejeiro e músico da Filarmônica Mocoquense, sobre à qual outros entrevistados se referemem suas falas.

A mãe nasceu na Argentina, filha de um dos mais autênticos representantes do anarquismo, que já tive a oportunidade de conhecer. Nunca se fixou; gastou toda a herança: dos pais, avós e, sogros, viajando de um lado para o outro. Nunca permitiu que um filho servisse o exército, seja no Brasil ou na Argentina. Viajou muitas vezes, com toda a família, para a Argentina, a Itália, o Brasil, conforme sua vontade. Só trabalhava quando o dinheiro estava acabando, então, montava uma fábrica de bebidas. Bastava juntar algum dinheiro ou a fábrica começar a dar lucro que ele vendia e parava de trabalhar. Só se acalmou quando os filhos, já adultos, se recusaram a continuar nessa "vida de ciganos".

Os pais se casaram já com mais idade. Ele trabalhava em um grande armazém, enquanto ela cuidava da casa e de outro armazém menor. Ele morreu aos 44 anos, deixando sete filhos (a mais nova ainda não nascida). Ela os educou proporcionando a mesma oportunidade para que fizessem curso superior. Se não conseguiu amealhar riquezas, formou filhos que se tornaram cidadãos de destaque nas diferentes cidades para onde se dirigiram.

A família "B" e uma parte da família "C" vieram da mesma região, tendo ido trabalhar na mesma fazenda que a família "M", em Mocóca. Suas histórias ("M" e "C") são muito semelhantes: logo se mudaram para a cidade e foram pequenos comerciantes.

O pai da família "B" era marceneiro, como o avô e o tio maternos, também italianos, com quem muitas vezes trabalhava. Deu estudos para os filhos (um casal) e teve uma vida com relativo conforto.

Os avós paternos da família "C" foram de Casa Branca para Mocóca. Sempre viveram na cidade, mas não foi dito o que faziam. Já os avós maternos vieram para Comendador Guimarães, numa fazenda de café; depois para a cidade. Não me foi dito o que fazia o avô. O pai do entrevistado foi um pequeno comerciante (açougue), mas com grande visão quanto à vida e as profissões dos dois filhos.

O representante da Família "E" contou que seu avô materno veio direto para a cidade, onde era carpinteiro. Os avós paternos vieram para uma fazenda de café. Mais tarde se mudaram para a cidade, sem qualquer especialização ou "ofício". Sendo analfabetos, sempre trabalharam: o avô, os irmãos e o pai, como operários não-especializados.

A Família "J" se formou em Rio Claro. Mudou-se para Araras e, mais tarde com todos os filhos já nascidos, para uma fazenda de italianos conhecidos em Araraquara. Os pais e os mais velhos eram analfabetos. Apenas os mais novos conseguiram fazer os três anos do antigo primário na escola da fazenda. Não foi possível continuarem mais porque a vida era difícil e a escola, como a cidade, muito distante da fazenda. Depois da morte do pai, que ficou muitos anos doente, os filhos se separaram, cada um "tomando seu rumo". O entrevistado veio para Campinas, onde se casou, e teve filhos e vive até hoje, tendo trabalhado como operário em uma grande indústria até se aposentar.

A entrevistada da Família "K", sem muita certeza, acha que os pais vieram com recursos próprios. Casaram-se em Botucatu e se mudaram para Bauru, uma cidade nova que prometia grande futuro. O pai tinha uma fábrica de fogos de artifícios que a mãe fechou quando ele morreu, ainda muito jovem.

Mais tarde, a família se mudou para Campinas, onde estava vivendo a filha mais velha, braço direito da mãe. Radicaram-se parte em Campinas e parte em Bauru.

B - Localização Espacial - Visando precisar melhor a localização dos "oriundi", no contexto geográfico sócio-econômico, farei um rápida descrição das cidades onde as famílias se fixaram.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar que esta localização é importante porque, conforme verifiquei nas entrevistas, na maioria dos casos, influenciou diretamente na escolaridade dos filhos. Não podemos ignorar que estou falando sobre a primeira metade do século XX, até a década de quarenta aproximadamente, quando o número de escolas de primeiro e segundo graus era pequeno, e as de ensino superior restritas a São Paulo e Rio de Janeiro.

Em segundo lugar, destaco que as entrevistas deixaram transparecer que problemas de integração e discriminação foram mais evidentes nas cidades mais antigas e tradicionais, como Campinas e Mocóca, ocorrendo menos em Botucatu., Eles nem foram citados em Bauru (uma cidade que estava se formando) e São Paulo, onde os italianos estavam restritos a certos bairros. Essa circunscrição espacial pode significar, entretanto, um tipo de segregação.

Mocóca- Foi formada com a chegada de fazendeiros mineiros. A partir de 1860, há notícias da chegada dos pri-

meiros italianos não para as lavouras, mas para o comércio e construção (4). Em 1890, chegou a Estrada de Ferro Mogiana, mudando o cenário e trazendo mais desenvolvimento à cidade. Como explicitação da presença italiana anterior ao período em estudo, cito que já em 1878, o primeiro médico da cidade foi Dr. Domenico de Luca.

Mocóca era uma cidade fundamentalmente agrícola, com economia baseada no café, na monocultura e a mentalidade conservadora dos mineiros. O comércio se desenvolveu muito lentamente e a indústria, ainda que artesanal, era vista como uma ameaça aos interesses dos senhores da terra.

Entretanto, com a chegada maciça dos italianos, a cidade vai mudando, mas paralelamente à elite. Assim os membros da Filarmônica Mocoquense, todos italianos, fundam a Empresa Teatral Variedades, constroem um teatro, encenam peças em português e trazem para a cidade companhias de óperas e operetas italianas que vinham para São Paulo e Campinas.

Outro clube foi o "Doppo Lavoro", que se tornou o "Circulo Operário". Foi fundado pela "Sociedade Italiana da Nova Itália", que apoiava seus membros jurídica, moral e, às vezes, materialmente.

A "Sociedade Italiana de Socorro Mútuo" realizava no dia 20 de setembro, uma grande festa para celebrar a Uni-

ficação da Itália, "uma linda festa com bandas de música desde o raiar do dia, fogos de artifícios e que durava o dia todo (MD).

A entrevista com o representante da Família "C" foi muito esclarecedora, quanto à influência dos italianos na cidade. Além de artista plástico, ele é um estudioso - com um grande acervo - sobre a história da cidade e a influência dos italianos. Foi ele que contou um feito inédito de um italiano do sul - Carmo Taliberti - que chegou na cidade como mascate, prosperou, abriu um armazém, construiu o primeiro hotel e, o mais difícil: conseguiu se casar com a filha de um dos fazendeiros mineiros, um dos fundadores da cidade !

Suas pesquisas mostram documentadamente que as primeiras indústrias - tanto aquelas que prosperaram e se mantiveram como aquelas que por força da concorrência e do rápido desenvolvimento do capitalismo desapareceram - os grandes armazéns, tudo pertencia aos italianos e seus descendentes.

É muito interessante sua observação sobre o fato de que na maioria das cidades existe uma praça central com uma igreja e todo o comércio ao redor. Em Mocóca foi construída a "Matriz Nova", com um jardim em frente (do tipo "bosque") e, ao redor, grandes casas foram construídas, na sua maioria, pelo arquiteto italiano Bozzani. Trazido da

Itália, especialmente, para construir a Igreja do Rosário (devido a uma promessa da esposa de um fazendeiro muito rico), no lugar da "Matriz Velha", numa praça uma quadra abaixo da nova, agradou o gosto dos outros fazendeiros, e construiu suas casas no estilo neo-clássico italiano e art-nouveau.

Ainda sobre essas casas, "HD" um dos membros da Família "M" completando a entrevista do irmão, cita um por um dos moradores, da Praça da Matriz até a da Igreja do Rosário (hoje um Museu), demonstrando que apenas duas famílias italianas moravam neste círculo: um italiano que ninguém soube dizer como veio para a cidade casado com uma filha das famílias mais tradicionais e, um outro que era dono da fábrica de macarrão. Todos os outros italianos (inclusive o que já citei - Carmo Taliberti), importantes e ricos, moravam a partir de uma quadra abaixo da praça, descendo em direção ao Ribeirão do Meio.

Subindo, do outro lado do rio, à direita havia a saída para "São José", onde moravam os italianos pobres (era denominado de Bráz). Continuando em direção à estação ferroviária, viviam os italianos "classe média", havendo, também, alguns armazéns e indústrias.

Na cidade, aproximadamente 300 km distante de São Paulo, havia apenas um Grupo Escolar Público, um Ginásio Mu-

nicipal pago com duração de 5 anos e, uma Escola de Comércio particular. Só mais tarde, final da década de 30, é que foram criados o Ginásio Estadual e a Escola Normal, posteriormente (na década de 50) outro Grupo Escolar.

Verifiquei que para os entrevistados mais velhos continuar os estudos, significava fazer a escolaridade disponível na cidade, isto é, até a Escola de Comércio a qual, até a década de 40, foi considerada como curso superior.

CAMPINAS - a cidade se originou de caminhos alternativos àqueles que seguiam via Minas Gerais e Rio Tiete, buscados por alguns "bandeirantes" com o objetivo de atingir "Os Goiasés". Foi o caso de Luiz Pedroso de Barros, um bandeirante foragido que abriu caminho a partir de São Paulo, passando por Jundiaí, atravessando "as Campinas do Mato Grosso" seguindo para Mogi-Guaçu, Casa Branca, cortando o Rio Pardo, Rio Sapucaí até o Rio Grande, num lugar chamado "Desemboque (5).

Aberto o novo caminho para "Goiasés", por volta de 1722, os bandeirantes começaram a passar pelas Campinas do Mato Grosso. São concedidas as primeiras sesmarias ao longo do caminho, e pousadas foram construídas...

...O Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, ... em seu trabalho "Reminiscência do Distrito de Campinas em bairro,

freguesia e vila", informa que a então estrada de Jundiáí às Minas dos Goiases, passava por onde foi o Sítio de Samambaia e Chácara de Da. Maria Fausta, alcançava o lugar depois conhecido por "Campinas Velhas", tomavam o caminho que corre em frente da chácara do Dr. Joaquim de Sampaio Peixoto (antigo cambui-zal, hoje bairro do Cambui), até cair na estrada do Taquaral ou de Mogi-Mirim (6)

Ao lado das pequenas pousadas foram se abrindo clareias, construindo outros ranchos para o descanso depois das longas caminhadas. Formou-se um pasto para recolhimento dos animais até o amanhecer, onde é atualmente a Praça Bento Quirino, e, outro na atual Praça Fluminense.

Em 1767 foi realizado, por ordem do Morgado de Matheus, um recenseamento feito pelo "Arquivo do Estado de São Paulo", pois este queria conhecer melhor a capitania que estava dirigindo. Destaca-se que o "Bairro do Mato Grosso" contava com 53 fogos, uma população de 130 homens, 138 mulheres, ao todo 268 pessoas contando as crianças. Escravos não eram contados sendo suposto, com estes, a existência de aproximadamente 500 moradores .

Frei Manuel da Ressureição (3º bispo de São Paulo) uniu esforços com Francisco Barreto Leme para que fosse criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, o que ocorreu em 1774.

Até a metade do século XIX, na região predominava a plantação de cana, mas a lavoura cafeeira começa a ganhar terreno, na década de 40 é fundado o "Clube da Lavoura" que cuidava da divulgação do consumo de café na Europa.

Já em 1852, o Visconde de Indaiatuba, iniciou na Fazenda 7 Quedas, colonização com trabalho livre, trazendo alemães com contrato de parceria. Em 1877 trouxe os primeiros lombardos para dar continuidade ao programa:

A Campinas de outros tempos foi ativa e retraída metrópole agrícola, povoada dessa elite de nobreza austera dos paulistas, que viviam nas mansões patriarcais de suas fazendas ou em suas solarengas residências urbanas... (7)

Era uma elite que se considerava o centro da aristocracia rural paulista. Foi aqui que, lutando pelo bem comum, surgiram os grandes clubes e personagens da República.

Mas, desde 1858, a lavoura de Café e a Guerra de Secessão Americana, trouxeram muitos imigrantes com diversas profissões. Vieram, principalmente, os alemães, italianos e os americanos, que abriram as fábricas de cervejas, de máquinas agrícolas, gelo, sabão, chapéus, marcenaria e carpintaria, de massas, e outras.

No final do século Campinas contava com diversos

jornais embora todos de pouca duração. Firmaram-se "A Gazeta de Campinas" (até 1930), depois em 1912, foi fundado o "Diário do Povo" e, em 1927 "O Correio Popular", ambos existindo até hoje.

Em 1913, havia 3 cinemas: Cassino São Carlos, ao lado do Clube Campineiro; Cine Recreio na R. Cesar Bierrenback; e o Radium, na R. Conceição. Nesta época Campinas possuía 100.000 habitantes no município e 33.000 na cidade. Contando com 2130 estabelecimentos comerciais e 83 estabelecimentos industriais.

Era uma cidade bonita, bem arborizada, com ruas calçadas e saneamento básico. Além disso, tinha uma vida sócio-cultural- científica e política muito ativa...

Campinas era mais armazéns atacadistas e fazendas, mas os italianos iniciaram a industrialização: entre outros, Ferramola-fiação de algodão; Milani- indústria de sabão; Borghi- indústria de vassoura e sabão; Vannucci- indústria de refrigerantes; Gallo- fábrica de macarrão; Selmi- fábrica de macarrão (montada pelo bisavô deles. (depoimento de OPG da família "F")

BOTUCATU- segundo a obra do entrevistado da família "G" (8) teve suas origens a partir de duas fazendas de jesuitas fundadas a partindo de Sorocaba, indo para o "Caminho para o Oeste" seguindo o caminho indígena "Peabiru". Se-

gundo relatórios do Colégio dos Jesuitas eram de grande ajuda pois estavam no "caminho das minas"(9). Alguns outros fazendeiros foram chegando e se radicando no alto da serra. No final da 1ª metade do século XIX ocorre, tanto do lado de São Paulo como de Minas, uma migração de trabalhadores livres, os paulistas eram agricultores e liberais, os mineiros criadores e conservadores. Tendo aumentado a população branca, surgiu a necessidade de construção de uma capela e ao redor dela formou-se o arraial que deu origem à cidade de Botucatu.

O primeiro planejamento urbano da cidade, foi um traçado ligando a Matriz Velha à Estação da Sorocabana, a avenida foi construída por dois empreiteiros da cidade: José Bertotti e Giacomino Benedeto. Destacando, assim, no final do século XIX, a presença de italianos na vida da cidade.

Por volta da década de 70, o café chegava à serra, mas antes dele chegaram os ...

americanos sulistas inconformados com a derrota militar em seu país. Aqui, continuaram a plantar algodão, a ter escravos negros, a dar ordens. E, um quarto de século, foram-se daqui, todos. Quase nada materializa sua estada. Eram imigrantes privilegiados. Transportaram sua estrutura familiar, seu clã, sua biblioteca, sua religião, seus negros, seu mundo de plantadores de algodão. Depois deles, vieram os imigrantes despojados de quase tudo isso, à procura de casa, de trabalho, de ajustamento. Ficaram. Testemunhos de seu trabalho e de sua vivência estão

por toda parte com suas realizações, seus nomes, seus descendentes(10)

Os portugueses foram os primeiros a chegar e se dedicaram de forma absoluta ao comércio (11), seguidos pelos franceses, suíços, espanhóis e finalmente, em grande número, os italianos. Os primeiros registros são de 29/11/1880 falando sobre Nicolau Xifoni(Chiffoni) e Anello Farnitano contratados para cuidar de 300 pés de café existentes e plantar 2000 novos no sítio de Boa Vista. Há notícias de italianos donos de uma fazenda em 1881.

Os italianos chegam para as lavouras mas trabalham nelas apenas algum tempo, e, aos poucos se dirigem à cidade, se tornam "mascates", padeiros, comerciantes, farmacêuticos, o hoteleiro Victorio Leone (Leão como o registraram no país) avô materno do entrevistado: o mais antigo hoteleiro da cidade "antes de 1894" "dono de vasta adega da Rua Curuzu na qual, aos domingos, recolhia-se a força proletária dos campos e da cidade(12), industriais, donos de "pouso para tropeiros", carroceiros, ferreiros, carpinteiros, pintores, barbeiros, sapateiros, construtores, marmoristas, teatrólogo(A.Faconti), cenarista (A. Nadini).

A grande festa da comunidade, como já foi citada numa entrevista de Mocóca, ocorria em setembro para comemorar a queda de Roma e Unificação da Itália, havia bandas, encenação do evento na praça principal e muita comida.

Havia sempre um grupo de italianos se reunindo para formar um grupo teatral, no ano seguinte esse grupo se desentendia e se dividia em 2, brigavam de novo e acabavam desaparecendo. Eram grupos que poderiam ser considerados como "anárquicos" porque o fundamental era a expressão da individualidade.

Outra sociedade predominantemente italiana, se reunia na casa do sacristão- um dos maiores comerciantes da cidade- toda vez que morria algum indigente, 3 badaladas eram acrescentadas ao toque dos sinos. Assim ao meio dia, ou 18:00h, era organizado um "fantástico rega bofe" à italiana. Os homens, enquanto esperavam a refeição, jogavam "boccia" com latas redondas de queijo importado. Ao ouvirem: "La pasta se sfreda" se reuniam para tomar a refeição pela qual pagavam, o dinheiro era para cobrir as despesas com caixão, enterro e hospital, caso houvesse: era uma sociedade sem regulamentos, sem estatutos, mas que funcionava. Digamos que funcionasse dentro do espírito anárquico organizado"(HD).

Havia, também, um costume florentino conhecido como "caldeirão dos artistas", numa propriedade na parte baixa da cidade onde produziam vinhos, vermutes e gazoza, nela reuniam-se os artistas da cidade para se alimentar e deixavam como pagamento o que podiam para ajudar os que não podiam. Mas, acabou lá pelos anos 30, porque estava aparecendo "artistas demais"

Na cidade existia, ainda, a "Società Italiana di Beneficenza" à qual o pai do entrevistado pertencia e que resultou da fusão de outras duas: "Società Italiani Uniti" e a "Società Croce di Savoia". Mas com o advento do Fascio

formado por italianos bem situados economicamente, houve entre os italianos uma reação contra, apoiado pelos espanhóis formando um centro anarquista, que provocou protesto e desfile nas comemorações de 1 de maio. Dia do Trabalho.

Ele considera que essas duas facções sempre existiram entre os italianos, apenas endureceu como reação ao grupo fascista. Essa ruptura acaba com a Società que possuía propriedades como o Teatro Espéria e o prédio da Escola de Comércio.

No final dos anos 20, aproximadamente 25 % da cidade era composto de italianos e seus descendentes; no campo, a percentagem era muito maior. Depois do "crack" financeiro de 29 e a geada do ano seguinte, os fazendeiros "quebraram" e os bancos venderam as fazendas, muitas vezes divididas em sítios, aos italianos, antigos colonos que se tornaram sitiante com as economias avaramente guardadas em garrações... (HD) Não foram apenas italianos, o entrevistado se lembra de alguns negros (5 ou 6 pelo menos) que também adquiriram proprieda-

des rurais e lavouras de café. nesse momento, foram vistos como intrusos, mas já...havia um avassalamento da sociedade por italianos e seus descendentes: na imprensa, na política, nas atividades liberais (HD)

Depois das rupturas devido ao fascismo, as mudanças econômicas e sociais ocorridas depois de 29, não houve oportunidade para refazer qualquer sociedade só italiana.

Os tempos já eram outros, a cidade estava maior, os imigrantes, na sua maioria mortos, seus filhos brasileiros, já disputando outras situações, muitos já casados com filhas ou filhas dos coronéis do café..."(HD)

ARARAQUARA, BAURU- eram cidades novas que estavam se formando e desenvolvendo na época, como um entrevistado viveu na fazenda e a entrevistada morou ainda muito nova em Bauru, tendo ambos vindo para Campinas, estou apenas citando essas cidades, cujas histórias são muito semelhantes à de Botucatu e outras do "oeste paulista".

SÃO PAULO- a cidade estava organizada em regiões bem distintas, havia a zona central com seus comércio, bancos; na região das Av. Paulista e Angélica moravam os grandes fazendeiros, financistas e comerciantes.

PINHEIRO, P.S. e HALL, M.M. (13) trazem textos traduzidos do Jornal "FANFULLA" (editado em São Paulo desde 1893 até a II Grande Guerra) cuja linha ideológica poderia ser, no máximo, considerada liberal, fazia reportagens criticando as condições de vida dos operários italianos- que era a maioria na indústria e comércio da cidade.

Os imigrantes italianos se restringiam aos bairros do Bráz (que se desenvolveu ao redor da "Hospedaria do Imigrante"), Barra Funda, Bom Retiro, Bexiga e Bela Vista onde haviam casas melhores, palacetes rodeados de jardins e era um bairro já mais bem cuidado, com poucas indústrias, predominantemente comercial, sendo caracteristicamente de classe média.

Mas, os outros não tinham qualquer condição da salubridade, cheios de cortiços, ruas com esgoto correndo a céu aberto, casas sem água encanada, com latrinas que eram simples buracos a céu aberto e sem qualquer saída, quando enchiam, eram tapadas e outro aberto.

No Bráz, com um parque comercial, industrial e muitos depósitos, havia belas avenidas calçadas, iluminadas, mas ao lado dessas, a maioria das ruas eram sem iluminação, mau-cheirosas, um risco para a saúde pública.

Bom Retiro e principalmente Barra Funda, até as

ruas principais eram sem pavimento e sem calçadas. Casas com as mesmas condições de higiene que no Bráz, o ar era pestilente e as epidemias se sucediam.

Mas, o que é mais marcante, na São Paulo do operário, são os cortiços, um tipo de moradia que compreendia uma construção de um andar, com duas filas de aposentos baixos, úmidos, pouco arejados e sem qualquer condição de higiene. Os Cômodos eram todos voltados para um pátio interno, com uma única bica de água que a todos servia, lá se lavava roupas, panelas, e as pessoas. No fundo, havia um banheiro para todos os habitantes, e em cada cômodo moravam famílias de 8 a 10 pessoas, em média.

Algumas indústrias, a exemplo do que ocorria na Europa começaram a construir "casas para os operários", mas estas ainda eram insalubres, mesmo assim caras, os aluguéis custavam quase a metade do salário do chefe de família, assim tendo que escolher entre comer e morar, ficavam sempre com a primeira opção, morando nos cortiços.

C - Vida Social: assimilação e discriminação- como já citei, as entrevistas deixaram transparecer que nas cidades mais tradicionais havia mais discriminação, entretanto observei que com a ascensão social ocorria uma tendência maior, das famílias, de seguirem os padrões tradicionais.

Assim, em Campinas, a família "L" não frequentava clubes, não gostavam desse "tipo de vida social". As irmãs mais velhas gostavam de carnaval e de "fazer o corso". A vida da família era escola, igreja e, depois de ambas, fazer o "footing" na Barão de Jaguara.

Viajavam muito, indo às Estações de Águas e várias vezes, os pais levando alguns dos filhos foram à Itália visitar a avó paterna que moravam em Firenze. Não tinham contatos com famílias italianas, o pai era mais amigo dos portugueses, o que é compreensível se nos lembrarmos que ele era importador e as maiores casas importadoras de Campinas eram, na época, de portugueses.

O que ocorria, com mais frequência, eram reuniões familiares com todos os parentes, como não tinham ninguém do lado paterno no Brasil, os convidados eram todos do lado materno. A casa estava sempre aberta e aos domingos ocorriam almoços e jantares reunindo a família toda.

A entrevistada deixou bem claro que no Colégio, as freiras faziam discriminações por serem filhas de italianos, entretanto, os enxovais delas eram os mais bonitos e ricos. O que havia, segundo ela, parecia ser um certo desconforto porque... os italianos trabalhavam muito, ficavam "bem de vida", enquanto os brasileiros perdiam seus bens por não gostarem de trabalhar.

Seu pai e irmãos não gostaram, sequer discutiam política em casa, com isso a família toda nunca se envolveu em qualquer manifestação, ou se posicionou quanto aos movimentos que estavam ocorrendo no país ou na Itália.

As filhas e a mãe sempre foram muito religiosas, o pai não, só depois que ficou muito tempo doente.

Na família "N", conversei com uma senhora já da segunda geração aqui no Brasil, tendo sua família se destacado econômica e socialmente, deixou claro que discriminação é mais um problema econômico do que de nacionalidade e este a família não tinha. Mas, Campinas sempre teve "os narizes empinados" mas isto nunca a afetou pois, sempre foi mais ligada às atividades culturais, artísticas do que sociais. Por ter sido, durante 20 anos, jornalista penetrou com muita facilidade na "alta sociedade" e sempre foi bem aceita, mas esta nunca foi preocupação dela.

A família sempre gostou de frequentar clubes, uma parte era do Clube Regatas, outra do Tênis Clube, da Hípica, do Cultura, do Concordia, eram sócios de quase todos os clubes.

Seus avós eram muito ativos, muito arrojados, de

uma certa forma passaram um postura política, mas sempre parece que houve uma certa alienação das pessoas que estavam "bem de vida"...

eu fui educada na escola, na família como se política fosse um mundo à parte onde não se deveria penetrar, sem que houvesse uma conscientização, mesmo no jornalismo, eram os próprios anos dourados.

Um dos tio entrou para a política, foi muito estimulado pela família, chegou a ser prefeito. O próprio irmão iniciou-se em política, mas desistiram... não era bem o que queriam...

O tio (político) era sócio do pai na "Casa Di Lascio" e no restaurante "Marrecos" e, eles perderam muito dinheiro promovendo eventos culturais, mas patrocinavam os eventos mais pelo prazer de ter em Campinas as grandes Companhias de óperas, os grandes artistas do teatro brasileiro. O avô com alguns outros idealistas (J.Zigiati, Licin C.Gomes, Vitorino Prata) foram os financiadores do primeiro filme nacional, realizado em Campinas: "João da Mata".

Dessa família gostaria de destacar que a entrevistada não teve problemas em afirmar que em ambos os lados da família, embora houvesse bens para repartir entre todos, os filhos sempre ficaram com as melhores partes, os melhores imóveis, melhores negócios. Na própria geração dela, os homens foram mais protegidos financeiramente, entretanto, destaco de novo, as filhas também receberam herança.

Religião nunca foi atividade de muito destaque, embora fossem religiosos.

A família "F" por estar toda ela envolvida nas atividades comerciais, como a "N" era muito bem relacionada, os filhos todos se casaram com descendentes de italianos e, as filhas com brasileiros (14). Embora tivesse dito que não havia discriminação, destacou que em casa só eram recebidos os "patrícios".

O pai e os irmãos pertenceram ao "Fascio", à "Società Circollo Italiano", ao "Doppo Lavoro", onde se reuniam com outros italianos. "No início foram fascistas seguindo o sonho da Itália grande, mas depois com o desenrolar da guerra, foram perdendo o entusiasmo e ficaram descrentes". Gostavam muito de política, em casa discutiam muito, mas nunca tomaram parte ativa na vida política da cidade.

A mãe levava todos os filhos, o pai não ia, aos concertos, óperas, operetas. Fazia assinatura da récita toda e tinha um camarote fixo, ela se lembra bem de Tito Schipa.

Os passeios eram: "footings" depois da escola e da igreja, no largo do Rosário. às matinês do Tênis Clube e do Cultura. Mas só ficavam olhando, não era permitido dançar; bailes à noite de forma alguma.

Os filhos e filhas podiam namorar , mas só depois que a mãe aprovasse. A mãe e as filhas sempre foram muito religiosas, mas nada disse sobre o pai e os irmãos.

Os membros da família "K" viveram em Bauru onde a vida social era muito movimentada, afinal a cidade tinha apenas duas ruas e onde todos se conheciam ! O pai sempre se reunia com outros italianos da cidade, como ela não se lembra do pai , era muito novo quando ele morreu, não soube dizer que tipo de reunião que ele frequentava e do que tratavam.

Quando se mudaram para Campinas, formaram um grande grupo de amizades através do trabalho e da escola, saíam muito, as irmãs mais velhas gostavam muito de dançar (Tênis Clube).

Não se lembra de discussões políticas em casa, mas a mais velha pertenceu à JOC.

Também não eram muito religiosos, a mãe não se importava muito com a igreja, mas também não soube explicar a razão.

A família "J" se formou em Araras, mas muito cedo se mudou, com um grupo de amigos, para uma fazenda em Araraquara de italianos, também, conhecidos. Uma fazenda muito distante da cidade todos eram muito amigos, mas ignoravam o que ocorria "no mundo lá fora", sabiam apenas um pouco sobre preço e crise do café pois os afetava diretamente.

Eram todos muito religiosos; o ponto alto, na fazenda, eram as Comemorações da Semana Santa quando toda a colônia e a sede se preparava e se enfeitava. Vez ou outra ocorria um baile, e isso era um grande evento, bem como o baile de Carnaval que era realizado na tulha que estava vazia no tempo da festa, o destaque é que poucas mulheres iam ao baile eram mais homens e homens fantasiados de mulher.

Fora isso, era muito trabalho de sol a sol, todos os dias, menos domingo à tarde, quando iam pescar, jogar bola, ou visitar os amigos. Não falou nada sobre sua vida aqui em Campinas.

BOTUCATU- A figura central e de destaque, na família "G", foi o avô materno, extremamente sociável, gostava de ter sempre pessoas em casa, principalmente na hora das refeições. Sua vida social foi muito ativa, pertencia a vários grupos italianos como o "Il trenta tre contenti" cujo nome transmite idéia de alegria a mistério (33 da maçonaria

ria), era um grupo que se reunia cada duas semanas para discutir arte, principalmente poesia; política local e italiana; comer e beber. Supõe que o avó tenha vindo para o Brasil por motivos políticos ou religiosos, mas não teve tempo para descobrir pois este morreu quando ele era ainda criança.

Seu pai sempre se aconselhou com o sogro que tinha "muito discortínio intelectual". Sua mãe parece que tinha muito do pai, pois estava sempre atenta às necessidades dos parentes, amigos e vizinhos.

Não falou de discriminação social, não sentiu isto na cidade, apenas quando quis se encaminhar para a carreira diplomática ficou sabendo, já estando cursando o Itamarati, que "diplomacia não era para italianinho". Lembrou, também, que na cidade havia duas maçonarias, uma dos fazendeiros tradicionais e outra dos italianos, e a discriminação ocorria de ambas partes.

Em Mocóca, na família "A" discutia-se muito política; a mãe, no início foi simpatizante do fascismo, mas quando Mussolini começou a tomar outros rumos, ela não gostou.

O pai não gostava de igreja, tanto que o primeiro filho era para se chamar "Giordano Bruno" mas o padre não deixou, ele aceitou deixando ser só Giordano, mas afirmou que o próximo seria Bruno; nasceu uma mulher, foi chamada Bruna. A mãe, também, não era muito ligada à religião, apenas ia, com as filhas à missa (quase como uma atividade social mais do que religiosa. Quando o irmão entrou para a Maçonaria, ficaram muito marcadas, bastava entrarem na igreja que o padre começava a atacar os maçons e suas famílias; até que protestaram, dizendo a uma das "beatas da igreja" que não irem mais à igreja, aí os ataques diminuíram e ficou mais fácil.

A vida social era muito movimentada, a casa estava sempre aberta, para receber amigos, com muita alegria e música. O irmão mais velho era verdadeiro líder na cidade pelo seu dinamismo e sociabilidade. Recebiam, em casa, todas as autoridades que visitavam a cidade. Faziam festas para os membros da maçonaria e da banda.

Mesmo assim, com toda essa atividade social, a entrevistada lembra das discriminações que sofreram por parte das senhoras importantes da cidade que não se misturavam, só depois que "rodaram" (referindo-se à crise econômica) é que começaram a se relacionar com os italianos. Na família, todos (menos uma que é solteira) se casaram com filhos de imigrantes, embora já bastante abastados, nenhum deles se casou com pessoas da elite da cidade, o que ocorreu na geração seguinte.

a entrevistada da família "D" não falou sobre política, embora seus irmãos tenham sido citados por outros entrevistados, como figuras de destaque na vida política e social da cidade.

Em nenhum momento deixou transparecer que tivesse sofrido qualquer tipo de discriminação por ser filha de imigrante, mulher e solteira. Mas os amigos, com exceção de uma família de brasileiros, eram todos italianos e todos os 9 filhos se casaram com descendentes de italianos.

Nessa família, como na "L" de Campinas, ficou claro que consideravam "brasileiro" como sinônimo de "pouca vontade de trabalhar".

Não eram de frequentar clubes, seus divertimentos eram: cinema, leitura, viagens e o "footing" no jardim.

Na família "B", o entrevistado afirmou nunca ter sofrido discriminação, pois pertencia a um time de futebol onde havia crianças das diferentes classes sociais e todos eram amigos. Entretanto, afirmou que havia famílias italianos que discriminavam os brasileiros e que a cidade tinha dois cinemas, o Cine Mocóca frequentado pela elite, e, o Cine Teatro Variedades frequentado pelos italianos, a classe média em geral !

Uma família muito religiosa, ele era para ter sido padre, só não o foi por ser o único filho homem, mas tem um filho que é padre e pároco da cidade.

Tem lembranças do avô falando sobre integralismo, fascismo, de italianos vestindo camisas pretas e se reunindo no "Doppo Lavoro", mas considera que o Getúlio, com suas reformas básicas, conseguiu acabar com o integralismo e com Plínio Salgado. Recorda-se, também, do avô ouvindo, escondido, a BBC de Londres e, de como ele e os amigos ficavam tristes com as derrotas do "Eixo".

Da sua vida quando criança guarda alegres lembranças da Filarmônica Mocoquense (o pai era um dos músicos) que ensaiava numa casa "de parede meia" com a dele. A banda foi fundada, mantida e dirigida, até hoje, por italianos e seus descendentes. Lembrou-se, também, que ele outros garotos ajudavam os músicos: carregando caixas dos instrumentos, partituras, etc. porque a banda encerrava sua apresentação em frente ao "Variedades", antes do início da sessão de cinema, e as crianças que ajudavam entravam "de graça" podendo assistir aos filmes "lá da geral". Recorda-se que fazia tudo que podia para ganhar "uns tostões", juntá-los e ter dinheiro suficiente para assistir "Flash Gordon", um seriado que passava nas matinês e do qual se lembra até hoje.

O entrevistado da família "E" disse que o fascismo chegou a entusiasamá-lo, e que admirava Plínio Salgado, mas nunca tomou parte ativa no movimento. Quando o "Doppo Lavoro" foi substituído pelo "Círculo Operário", passou atuar ativamente (foi uma organização idealizada por De Santi para harmonizar trabalho e capital, mas que funcionou melhor em Santos e São Paulo onde havia mais operários). O presidente era um dos filhos da família "D" (eram os patrões, os representantes do capital) e ele era o secretário (representante dos operários, do trabalho). Esse grupo era assistido pelos freis capuchinhos que orientavam as discussões sobre os problemas sociais baseados na Encíclica "Rerum Novarum" de Leão XIII.

Não se lembra de ter ouvido sobre anarquismo e socialismo.

Recorda-se que naquela época havia muita discriminação, a sociedade era muito fechada, não apenas em relação aos italianos, mas também às pessoas que viam de fora. Este depoimento foi reafirmado pela esposa que pertence a uma família tradicional da cidade. Enquanto cursava a Escola de Comércio fazia um jornalzinho que, às vezes, era chamado de "coisa de italianinho".

Mas, foi com muito orgulho que falou sobre a década de 50 quando a cidade foi "dominada pelos filhos de ita-

lianos": o prefeito era da Família "D", o presidente da Câmara da família "M", os diretores da Escola Normal, e da Escola Profissional, também filhos de italianos. Foi a ascensão política e social dos "italianinhos", era "tutti quanti italiani".

A cidade nunca mais foi comandada pelos fazendeiros de café, nem (depois da década de 50) pelos italianos que se misturaram, de tal forma, com os brasileiros que nunca mais ocorreu hegemonia de nenhuma das partes. Mas na década citada havia uma luta surda entre fazendeiros conservadores e os italianos que queriam trazer a industrialização e promover o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Os amigos da família "M" eram todos italianos, tinham vindo da mesma região, ido para a mesma fazenda (Santa Teresinha) em Comendador Guimarães, e, na mesma época, mais ou menos, deixaram a fazenda vindo para Mocóca. Eram amigos, também, de outros italianos vizinhos.

O pai era músico da Filarmônica Mocoquense e sócio da "Empresa Teatral Variedades", empresa italiana que havia construído um teatro, dirigia a banda, dava aulas de música "de graça" para crianças, além de administrar o cinema, teatro, música, era um grupo preocupado com o lazer de seus sócios.

Mãe era muito religiosa, entretanto, o pai não

gostava de padres, mas não soube dizer por quê (o pai morreu quando ele tinha 11 anos).

Em casa era lido "O Fanfulla" e depois que foi fechado, passaram a ler o "Diário de São Paulo".

Duvia falar de anarquismo quando aos sábados e domingos, os amigos da família se reuniam no armazém para tomar vinho, jogar "scoppa" (parece que é um jogo de baralho típico da região de origem) e discutir as notícias do Fanfulla, problemas políticos italianos, Mussolini.

O outro irmão (HD) que mais tarde deu seu depoimento completando o anterior, afirmou nunca ter ouvido, em casa, qualquer tipo de comentário favorável ao fascismo.

Ambos irmãos, em momentos diferentes da conversa, destacaram que a vida social, na cidade, era bem separada, as famílias tradicionais frequentavam um clube chamado "Paulicéia" onde italiano não entrava... a classe dominante era dos fazendeiros e eles não davam chances para nenhum Italianinho(MD).

Lembraram que aos poucos a vida social foi se modificando e para os irmãos mais novos foi tudo mais fácil, chegando mesmo a frequentar os clubes que antes eram proibidos para eles, os mais velhos. O irmão (HD) explicou que isso ocorreu depois do "crack" de 29, quando os fazendeiros,

na sua maioria, empobreceram, ficaram "mais humildes" e tive

ram que respeitar os italianinhos que já estavam "bem de vida"

Lembraram que aos poucos a vida social foi se modificando e para os irmãos mais novos foi tudo mais fácil, chegando mesmo a frequentar os clubes que antes eram proibidos para eles, os mais velhos. O irmão (HD) explicou que isso ocorreu depois do "crack" de 29, quando os fazendeiros, na sua maioria, empobreceram, ficaram "mais humildes" e tiveram que respeitar os italianos que já estavam "bem de vida".



D - Escolaridade e Trabalho dos Filhos (homens e mulheres)- vou manter aqui a leitura das entrevistas por cidade, pois conforme já falei, a localização espacial parece ter influenciado diretamente na escolaridade dos filhos.

Mocóca- Na Família "M" o pai trabalhava em um grande armazém e a mãe, além dos serviços de casa (os avós paternos viveram com eles até morrerem, o avô morreu quando os netos eram ainda bem novos, mas a avó viveu bem mais), tomava conta de um armazém de "Secos e Molhados" que tinham montado. O armazém ficava na frente e a casa na parte de trás (prédio próprio).

Mas, à medida que iam crescendo, ela os encaminhava para outro "ofício" (cartório, banco, etc.) nenhum filho assumiu o armazém que ela vendeu quando todos estavam crescidos e trabalhando (os dois mais novos ainda estudavam), passando a viver de rendas.

Um dos filhos mais velhos se rebelou contra a disciplina estrita e autoridade da mãe, aos 18 anos foi para o Rio de Janeiro onde entrou para a Aeronáutica e só depois de casado é que fez curso universitário (odontologia) e deixou a carreira militar.

Outra filha se recusou a estudar, aprendeu a costurar e só depois de adulta e tendo ficado solteira é que começou a trabalhar como funcionária pública.

Como o estudo era considerado fundamental, todos foram obrigados a fazer o grupo, escola profissional ou ginásio (que era de 5 anos). Três filhos, o mais velhos e o terceiro e quarto fizeram Escola de Comércio- curso mais avançado da cidade (1). Os mais novos tiveram uma vida mais fácil (com excessão da que não quis estudar), o filho foi estudar Engenharia Agrícola em Piracicaba e a caçula fez História e Geografia, na FFCL da PUCCAMP, tendo ambos exercido suas profissões até se aposentar.

A história da Família "E" foi contada por um dos seus netos mais velhos. Os avós vieram da Itália: os paternos para uma fazenda mudando-se depois para a cidade onde trabalhou como operário a vida inteira; os maternos, o avô era carpinteiro, morava na cidade e trabalhava nas fazendas, depois comprou um sítio, montou um "bar-armazém".

O pai, analfabeto (conhecia dinheiro e fazia contas de cabeça), foi, também, a vida toda operário e sacristão, moravam numa casa simples, mas própria, e muito bem cuidada. A mãe, semi-analfabeta, fazia todo o serviço de casa, também, costurava as roupas dos filhos.

Os filhos mais velhos começaram a trabalhar mais cedo, enquanto completavam seus estudos. A luta pela sobrevivência era muito grande e os pais não davam importância para os estudos. O mais velho, o entrevistado, parou de estudar no 3º ano primário com a concordância do pai; já o 2º fez grupo, ginásio e escola de comércio sem parar. As duas irmãs, bem mais novas, foram estimuladas pelos mais velhos estudaram tudo que a cidade oferecia, começaram a trabalhar exercendo a profissão escolhida, o que fazem até hoje.

Aos 17 anos, já trabalhando e se sustentando, estimulado pelo grupo de amigos, o entrevistado volta à escola, fez Ginásio, Escola de Comércio e Escola Normal, chegou a ser professor de português, mas fez carreira e se aposentou na CESP.

Ele também ingressou na política tendo sido vereador da cidade.

Na casa não havia jornais, livros ou qualquer incentivo à leitura, o que ocorreu mais tarde através do grupo de amigos e a grande vontade de aprender e superar suas limitações.

Na Família "D", eram 10 filhos (5 homens e 5 mulheres). A mãe sempre trabalhou muito em casa, apesar de ter tido empregadas domésticas, cozinhava, costurava (tudo para todos), bordava, fazia tricô e crochê.

Todos fizeram o grupo e alguns a Escola de Comércio, mas nenhum, embora tivessem condições, quis seguir carreira específica, todos trabalhavam com o pai. Os vários empreendimentos do pai proporcionavam a possibilidade de trabalho para os filhos e genros. Levando todos uma vida de conforto e até luxo..

O estudo não era obrigatório depois do grupo, se quisessem poderiam continuar, se não iam trabalhar (os homens) as mulheres nunca trabalharam fora de casa, embora tenham se tornado, todas, excelentes dona-de-casa em todos os aspectos.

Na família "C" os avós foram trabalhadores braçais nas fazendas da região, vindo depois para a cidade. O pai foi um pequeno comerciante (açougue) e a mãe só trabalhou em casa. Os filhos estudaram porque seus pais queriam que tivessem uma profissão, e enquanto estudaram não trabalharam.

O irmão é técnico em contabilidade- não continuou os estudos porque não quis- estando trabalhando na prefeitura até hoje.

O entrevistado, fez grupo, ginásio (5 anos) em 1938, e foi da 1ª turma do colegial na escola Normal Oficial (2 anos preparatório para o curso superior). Em 1944, foi fazer a Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro e se tornou professor, artista plástico e assessor cultural da prefeitura.

A Família "B" os avós vindos da Itália com profissão a exerceram, na cidade, um avô era construtor e o outro empreiteiro com o qual o 1º trabalhava.

O pai fez primário e foi aprender profissão com um marceneiro com um marceneiro líder e músico muito conceituado na cidade, Valentim Scarlatti, também, se tornou músico.

A mãe sempre ajudou nas economias da casa, tinha um pequeno bar onde vendia apenas doces, frutas e refrigerantes, e depois passou a vender roupas feitas.

Os filhos (2) sempre estudaram, a filha apesar de ter um defeito físico (no braço) estudou se tornando professora e trabalhou até se aposentar. O entrevistado fez grupo, ginásio, Escola de Comércio. Então, começou a trabalhar, mas continuou seus estudos, fez a Escola Normal e mais tarde FFCL de Guaxupé, foi professor e, ao mesmo tempo, contador da prefeitura, onde apesar de aposentado continua trabalhando.

A Família "A" não teve uma história muito diferente das outras. O pai veio para a cidade com alguns recursos abriu, em sociedade, um armazém. A mãe morava com a família em uma fazenda até se casar. A sociedade foi desfeita e ela passou ajudar no armazém, seus pais e irmãos voltaram para a Itália, ela ficou por estar casada.

O marido morreu cedo e ela assumiu toda a responsabilidade do armazém e dos 8 filhos. Todos os filhos trabalharam no armazém, menos uma das mais velhas porque não gostava, preferindo cuidar da casa - era uma verdadeira artista só que não teve oportunidade de se desenvolver por não ter onde ficar no Rio de Janeiro, esta nunca trabalhou fora.

Mesmo, a segunda mais velha depois de casada, trabalhou ajudando o marido que tinha uma marmoraria no quintal

da casa e na frente, um bar que ela tomava conta além de fazer todos os doces e salgados.

Menos de 10 anos depois a mãe morre, e, o irmão mais velho assume a direção dos negócios, continuando todos juntos, os negócios cresceram e o armazém se tornou um dos maiores da região, só não vendiam calçados e roupas.

Os homens e mulheres tinham direitos e deveres iguais.

Eram excelentes músicos, e se reuniam para tocar até o mais velho morrer, na década de 70. Ele tocava piston (era para ter se dedicada à música, mas a morte prematura do pai impediu que continuasse sua carreira), outro irmão violino e a entrevistada piano. Eles, no começo, se apresentavam, profissionalmente, em bailes, igrejas.

A cidade não oferecia muitas oportunidades, assim fizeram apenas grupo, ginásio e escola de comércio, sendo que a mais nova fez a Escola Normal e foi professora até se aposentar. Em casa, era estimulado as artes, leituras, liam jornais da cidade, do estado e o Fanfulla, além de romances.

A Família "H" viveu algum tempo em Mocóca onde o pai era construtor, mas se mudou para São Paulo (Bráz e Tatuapé) em busca de mais oportunidades de trabalho para os 10 filhos vivos (tiveram 14). Todos fizeram grupo escolar, mas apenas o caçula teve oportunidade de fazer curso superior.

Embora o entrevistado seja uma pessoa muito conhecida nos meios publicitários, sua escolaridade regular foi apenas o primário.

Era uma família muito unida que trabalhava fora ajudando financeiramente o pai e, também, em casa ajudando a mãe. O trabalho era considerado honroso e trabalhar motivo de orgulho embora significasse sacrifícios.

O entrevistado fazia tarefas domésticas como lavar louça, encerrar a casa, além disso, entregava marmitas com a comida que a mãe fazia e, carne para o açougue próximo da casa. O pai tentou fazê-lo aprender o "ofício" de barbeiro, mas embora fosse divertido ficar na barbearia, não quis continuar.

Foi com muito orgulho que aos 14 anos começou a trabalhar numa estamperia. Nas horas de folga ficava desenhando e expunha os desenhos numa prancha, seu trabalho foi visto e foi convidado a trabalhar na seção de gravuras onde, a partir de revistas italianas, tinha que enquadrar as estampas às medidas dos teares.

Embora estivesse ganhando 4 salários mínimos, antes dos 17 anos, a propagando que via nas revistas e jornais o atraía muito! Assim, deixou o emprego, com salário certo, para ir aprender publicidade numa escola onde era ensinado

as técnicas de propaganda enquanto trabalhavam, não era paga, havia o ensino, o trabalho e em troca recebiam, apenas casa! A família não aceitou tal decisão, ele apanhou e foi ameaçado de ser expulso de casa, mesmo assim se mudou para a escola onde aprendia e sua alimentação muitas vezes era apenas "Leite para o Progresso", leite em pó. Aos poucos a família foi aceitando sua escolha e a vida ficando mais fácil.

Até que prestou um concurso para a seção de publicidade da "Sears" onde ficou durante muitos anos e que considera ter sido sua verdadeira escola, tendo adquirido a experiência que fez dele um dos grandes nomes na publicidade nacional e internacional.

Destacou a grande importância que a família sempre deu para a informação, embora de maneira informal, a curiosidade era estimulada e cada um deveria buscar por conta própria as informações necessárias.

Tiveram uma vida de muitas lutas para sobreviver com decência, viviam uma casa simples mas própria, onde havia muito amor, respeito ao trabalho e união entre os pais, pais e filhos e os filhos entre si.

Campinas- Na Família "L", o pai tinha um grande

armazém geral em Campinas, nenhum dos filhos trabalhou enquanto estudava. Pretendia encaminhar o mais velho para continuar com o armazém,, mas como este não quis, e, já estando muito bem de vida e com muitas propriedades, vendeu o armazém e passou a viver de rendas até morrer.

A mãe era uma dona-de-casa muito prendada e ensinou as filhas cuidar da casa, boas maneiras, bordados, tricô e crochê, pintura e estimulou as leituras.

Todos os filhos estudaram, as filhas em escolas tradicionais e fizeram até o Curso Normal e nunca trabalharam fora de casa, nem mesmo a entrevistada que ficou solteira. Os dois (2) filhos fizeram curso superior (medicina e engenharia) e exerceram suas profissões a vida toda, o mais velho fez apenas primário e ginásio, não quis continuar os estudos nem trabalhar, só queria "boa vida"- nunca trabalhou, mas levou vida luxuosa até o pai morrer acabando logo com a herança por ele deixada, e o que não aconteceu com os outros.

Todos receberam além da educação formal, a musical, mas apenas a mais velha se dedicou ao piano, chegando mesmo a ser concertista, mas sempre amadora.

A Família "F" foi formada em Campinas, no início o pai trabalhava no Instituto Agronômico enquanto a esposa

cuidava do comércio, depois que abriram um armazém de "Secos e Molhados" no Bairro Guanabara e já tinham prosperado bem, ele abandona o trabalho e ficou com a esposa e filhos no armazém. Todos, os três (3) filhos e três (3) filhas trabalharam com eles e estudaram, alguns fizeram a Escola de Comércio "Bento Quirino" (inclusive a filha mais velha) as duas menores tiveram uma vida mais fácil e estudaram em um colégio tradicional de freiras.

A entrevistada se dedicou ao estudo de piano, só parando quando se casou. Deixou claro que o trabalho era muito importante e o estudo era feito quando sobrava tempo.

A mãe era a cabeça da família, apesar de viver em perfeita harmonia com o marido que reconhecia a capacidade comercial dela. Os filhos continuaram no comércio e se tornaram grandes comerciantes com lojas na região nobre da cidade: o centro, entretanto, não continuaram com a armazém dos pais. A filha mais nova foi a única que nunca trabalhou fora de casa. A entrevistada, depois de casada e mesmo sem ter necessidade teve uma ou outra atividade comercial, se mantendo sempre muito ativa.

Havia sempre o que se ler em casa, a mãe era uma poetisa nata. Como a cidade oferecia oportunidades quanto a teatro e música, nunca perdiam qualquer apresentação. Nas temporadas de óperas e operetas, a mãe comprava a récita to-

da e ia com todos os filhos e filhas (marido não os acompanhava).

Foi uma que reconheceu que italianos fazem diferenças entre filhos e filhas, mas, também, afirmou que seus pais deram oportunidades iguais e condições de estudo tanto para os filhos quanto as filhas.

Na família "N" a entrevistada contou que na geração dela as famílias já eram menores, na sua casa, os pais tiveram um casal de filhos.

Sempre frequentaram boas escolas, desde o "Jardim de Infância" feito num colégio tradicional da cidade, o "Santa Teresinha" dirigido por duas solteironas. Depois foi para a escola de Da. Noemia Avila que despertou nela o gosto pelas artes, a criatividade. Uma escola onde a parte formal não era considerada tão importante quanto a artística, destacou esta época como um período marcante em sua vida.

Fez em seguida o Colégio "Culto à Ciência", uma escola de muita fama e renome, com excelentes professores e muito difícil, mas era muito estudiosa, desenvolvendo assim a parte intelectual, também. Foi o Prof. Francisco Sampaio que a introduziu no jornalismo ao publicar uma crônica escrita por ela em classe.

Quis fazer jornalismo em São Paulo mas, foi impedida pela família. Fez, então, Direito na PUCC que serviu para lhe dar uma boa formação geral, mas, nunca foi sua profissão. Continuou no jornalismo e quando, seu tio cansado do trabalho no Conservatório que a mãe dele tinha fundado para ele, músico, pudesse viver de sua vocação, e, sua filha não quis continuar, ela o assumiu deixando aos poucos o jornalismo, embora tenha sido a primeira repórter mulher da cidade.

Sendo de família abastada, ela e o irmão nunca precisaram trabalhar, nem quando estudavam ou mesmo depois, mas sempre foi uma lutadora e até hoje continua com seu trabalho no Conservatório que pretende transformar em Fundação, é um trabalho mais por amor do que vantagens econômicas.

Reconheceu, também, a grande diferença que sua família fez entre filhos homens e mulheres. Na divisão dos bens do lado materno, as melhores propriedades ficaram com o filho (era único com cinco (5) irmãs). Mesmo na sua geração, o irmão foi, também, privilegiado. Havia o suficiente para todos ficarem bem, mas os homens ficaram em situação melhor, isto é, com os melhores imóveis, melhores negócios.

A Família "K" foi formada em Bauru, mas o pai veio da Itália para Botucatu, onde conheceu e se casou, mudaram,

então, para Bauru- uma cidade nova e com grandes possibilidades de crescimento. Lá, seu pai fundou uma fábrica de fogos de artifícios que ficava do outro lado do rio que atravessava o grande quintal da casa por ser muito perigosa. estava indo muito bem quando faleceu aos 33 anos, depois de 15 anos de casados e deixando 6 filhos. Embora a mãe ajudasse na fábrica quando ele morreu, ela não quis continuar.

Já tinham, além da casa onde moravam, outras duas alugadas, passando a viver dos aluguéis, mas como era muito pouco, cada filho ajudava como podia: o mais velho lavava garrafas na fábrica de refrigerante, a segunda bordava para fora, os menores cuidavam e vendiam os produtos excedentes da horta, do pomar e galinheiro.

A cidade, na época, era muito pequena e sem maiores possibilidades de estudos, todos fizeram o "grupo", mesmo o filho com paralisia infantil teve uma professora que vinha dar aulas, para ele, em casa.

Além da mãe, uma figura marcante na vida da família foi a irmã mais velha, aos 14 anos começou a trabalhar no escritório da "Força e Luz" progredindo rapidamente, se tornando logo chefe de seção. Foi ela que arranhou emprego para o irmão mais velho, que lá ficou até se aposentar.

Depois de alguns anos, resolveu se mudar para uma

cidade maior, veio para Campinas tendo se transferido para a CPFL, assim que teve recursos suficientes para comprar uma casa (um ano depois) trouxe toda a família, menos o mais velho que já estava casado.

Ela fez apenas o primário mas criou condições para todos os irmãos estudarem, o terceiro irmão morreu cedo, a quarta formou-se professora pelo Colégio Progresso (tinha namorado em Bauru, casou-se depois de formada e voltou para lá, onde trabalhou até se aposentar. O quinto, teve paralisia infantil e andava com dificuldades, depois de um derrame cerebral e ficou confinado a uma cadeira de rodas, nunca trabalhou fora.

A entrevistada começou a trabalhar aos 14 anos, logo começou a namorar e se casou cedo, continuando a trabalhar no começo da vida de casada, depois parou. Não disse que curso fez, nem porque não continuou os estudos, uma vez que tinha condições para tal. A irmã mais velha casou-se e parou de trabalhar por uns tempos, mas logo voltou a trabalhar até se aposentar. Cuidou da mãe (morreu com 87 anos), do irmão paralítico e criou dois filhos, praticamente sozinha, uma vez que logo se separou do marido que tinha problemas sérios com bebidas.

Destacou que para a mãe era muito importante a educação, saúde e higiene. Além disso, liam muito, apesar da

"vida apertada" sempre faziam sobrar dinheiro para livros, jornais, cinema, bailes e matinês dançantes.

A Família "J" foi formada e viveu por uns tempos em fazendas de Araras, depois se mudaram e viveram, até o pai falecer, num fazenda de italianos conhecidos, em Araraquara. Os pais e os irmãos (eram sete (7) irmãos ao todo) mais velhos eram analfabetos. Só mais tarde, na fazenda de Araraquara, tendo sido criada uma Escola Rural os mais novos estudaram até o 3º ano, quando acabava a escolaridade para a maioria dos colonos, pois, o 4º ano deveria ser feito no grupo da cidade, e, só os filhos do patrão é que tiveram condições de continuar, pois a cidade era muito distante e não havia condução para levá-los.

Aos 7 anos todos começavam a trabalhar na lavoura e assim ajudar o pai nas atividades da fazenda. Isto é, estudaram e trabalharam ao mesmo tempo. O pai ficou muito doente por muito tempo, mas enquanto foi vivo dirigia a família. Depois de sua morte, cada um "seguiu seu caminho", indo para as cidades a procura de vida melhor.

Não falou nada sobre os irmãos, mas o entrevistado mudou-se para Campinas (não disse porque) foi operário, de uma grande firma, até se aposentar. Embora vivendo em bairro mais distante, possui casa própria, carro, e tentou dar es-

colaridade aos filhos que pararam os estudos só depois do colegial porque quiseram.

Disse: "... os pais não tinham nem noção de estudo. ...o importante, para eles, era trabalhar. Era uma vida muito difícil, achavam que estudo não tinha fundamento nenhum."

São Paulo- A entrevista da Família "I" mostrou que sente muito orgulho pela família, deixando claro a importância que tem para ela a mãe ter pertencido a uma tradicional família mineira radicada em Bragança Paulista. Encontrei, nesta entrevistas, talvez pela influência do lado materno, um reforço dos valores que foram destacados como marcantes na vida dos brasileiros tradicionais: "falar francês", "fazer poesia", "carreira política" dos irmãos".

Descreveu, os pais como "muito cultos", o pai havia estudado em Siena e Milão (não disse o quê) e a mãe "tinha berço".

Contou que fez apenas o primário e frequentou uma escola especial onde recebeu uma "educação primorosa", fundamental para qualquer moça que deveria se tornar uma "dama de sociedade".

Os irmãos fizeram universidade e se destacaram no círculo político, social e cultural da cidade de São Paulo, um foi secretário de finanças e depois prefeito da cidade, o outro chegou a presidente do Sindicato de Exportadores. O pai era dono de uma loja de ferragens e os filhos nunca precisaram trabalhar até se formarem. As famílias de ambos parentes eram abastadas, eles e os filhos tiveram uma vida cheia de luxo e conforto.

Botucatu- Na Família "G " eram 3 filhos sendo o terceiro bem mais novo. Os dois mais velhos, o entrevistado e a irmã, só ajudavam nos pequenos serviços da casa, só trabalharam fora depois de formados. A irmã fez Escola de Comércio e trabalhou, mesmo depois de casada, no serviço público até se aposentar.

O entrevistado, escritor, publicitário e historiador, teve seus primeiros trabalhos pagos como escritor, já aos 11 anos de idade, por um suplemento de um jornal da capital (para o qual escreveram história de aventuras, ele e seu companheiro de infância, F. Marins), escreveu, também, alguns artigos esporádicos para o jornal local.

Estudo e erudição sempre foram estimulados, O avô materno sempre lia à noite para a família e os hóspedes: li-

vros- A Divina Comédia principalmente, jornais e revistas italianas. Além disso pertencia a uma sociedade de poesias.

O pai trouxe da Europa uma semente de biblioteca, era um amante de música e oratória, sempre levava o filho aos concertos que aconteciam na cidade, orientando-o quanto às músicas, temas e autores. Na oratória transmitia aos filhos seu encanto pela fluência das palavras, passando a admiração do uso correto e fluente da linguagem (não é isso que faz um autor?).

Estudou em Botucatu e depois veio para São Paulo fazer Sociologia e fez, também, um curso que foi único, de Teatrologia para Autores. Se interessou pela carreira diplomática, tendo iniciado os estudos no "Itamarati", esses estudos serviram para despertá-lo para um tema que o atrai até hoje: "Peabiru"- provável caminho inca que ligava os Andes ao oceano Atlântico.

Assim, verificamos que cresceu em um ambiente intelectualizado, sua mãe embora tivesse feito apenas primário, teve excelentes professores e estava capacitada para acompanhar a erudição do pai e do marido. O entrevistado considerou que foi crido, em casa, entre os amigos e na cidade, num ambiente que proporcionou oportunidade para se tornar escritor e historiador.

Falou sobre discriminação foi quando contou sobre a tentativa de seguir a carreira de diplomática e que mais tarde, durante os estudos, descobriu que "Diplomacia era fechada para "italianinhos". Também, quando contou que em Botucatu havia duas Maçonarias, dos tradicionais e dos italianos, havendo discriminações de ambas as partes

São muitos os aspectos dos depoimentos que ficaram sem ser tratados neste trabalho por escaparem do objetivo dele.

Assim, com uma sensação de incompleto ou de estar sendo, certa forma, infiel ao total das entrevistas, mas com a esperança de desenvolvê-los mais tarde, como capítulo final buscarei fazer em retrato da história vivida pelos depoentes não mais individualmente, mas como um recorte da história de São Paulo através do cotidiano das famílias dos "oriundi" e estabelecendo paralelos com os relatos da história tradicional tratada nos primeiros capítulos.

Notas

- (1) Cfr. Zulmira ALVIM *Brava Gente* onde temos também, embora mais geral, uma quadro referente ao encaminhamento dos italianos para as diferentes regiões de São Paulo e as cidade onde se fixaram.
- (2) Já falei sobre essa Companhia no capítulo I, p. 24.
- (3) Também citado no mesmo capítulo, p.24.
- (4) Cfr. H. QUEIROZ *A Mocóca, de sua fundação até 1900*
São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1913.
- (5) Cfr. *MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS* Rio Janeiro:IBGE, 1952. Org. por Dr. João de Souza Coelho, Dr. Tasso Magalhaes, Prof. José Vilangelin Neto, Prof. Nelson Omega, Prof. Francisco Ribeiro Sampaio
- (6) idem p. 90.
- (7) idem ibidem p. 255.
- (8) Hernani Donato *Achegas para a História da Botucatu* 3a. ed. reescrita. Botucatu: Prefeitura. Municipal/Sudameris. Uso, também, o relato da entrevista pois descreve o que caracteristicamente ocorreu na colonização do oeste paulista.
- (9) op. cit.p.147.
- (10) O mesmo ocorreu em Campinas.
- (11) op. cit. p. 151.
- (12) idem p.152.
- (13) Paulo S. Pinheiro e M.M.Hall *A classe operária no Brasil, (1889-1930)*- Documentos, vol II Campinas: Eduni camp, 1981
- (14) Coincidência, ou não, em dos textos que li, estava destacado que quando ocorria casamento entre italianos e brasileiros, era sempre entre italianos (homens) de famílias ricas, com moças brasileiras de famílias tradicionais empobrecidas, nenhum das entrevistas desmitiu este detalhe.

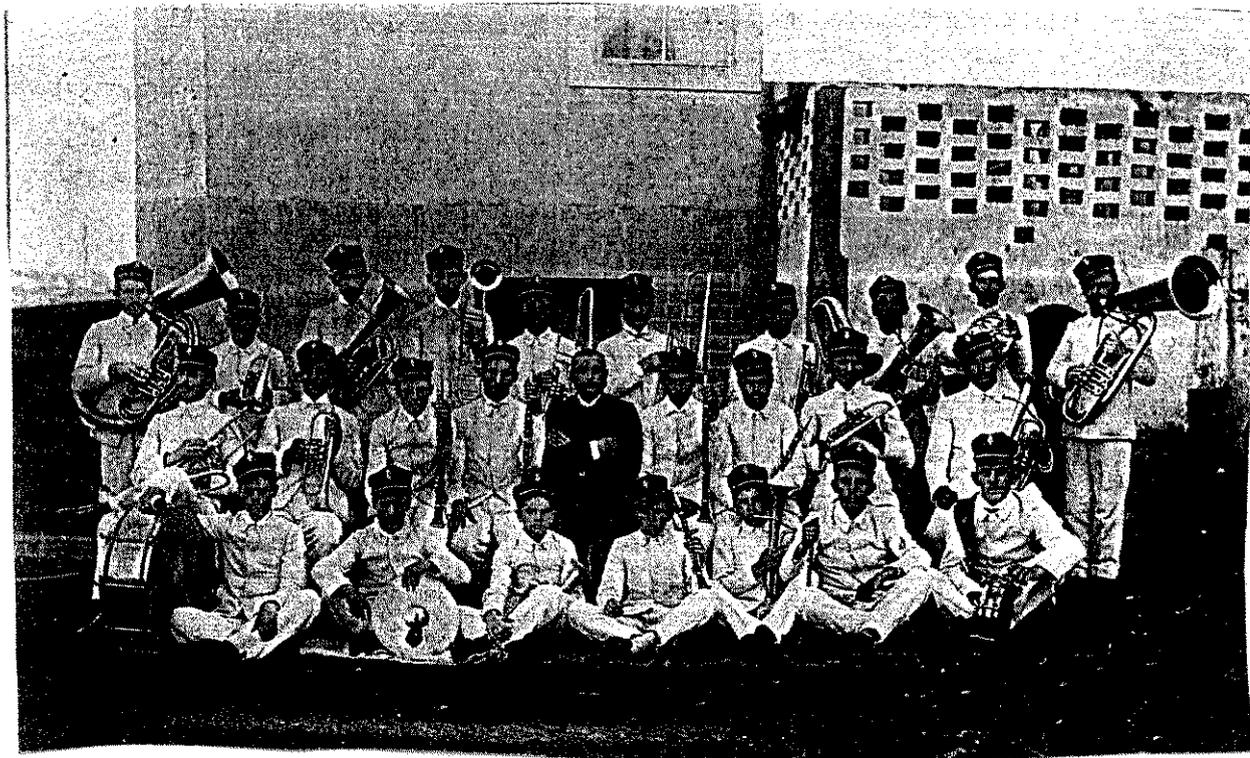
Observações:-

a) As discriminações aparecem com entrevistados que por coincidência ou não pertence à áreas da "Velha São Paulo": Campinas (início da Mogiana), Mocóca (Alta Mogiana), Braganca Paulista. Todas essas cidades foram fundadas por fazendeiros mineiros conservadores. Outra coincidência é que todos eles, com excessão da mãe da família "F", vieram por conta própria, trazendo alguns recursos e se radicaram nas cidades.

b) A "Escola de Comércio" era, em muitas cidades, o curso mais avançado e quem a cursos até a década de 30, teve seu curso considerado como de nível superior.

c) Nas Famílias "D" e "F" verifiquei o mesmo fato, a necessidade de uma escolaridade básica e, se os filhos não quisessem continuar os estudos, não tinha importância pois os pais os encaminhavam e orientavam para exercer as atividades desenvolvidas pela família.

d) Em 1881, já havia em Camppinas, um conjunto musical da Família Di Tullio. Também, um pouco mais tarde, destacam-se as figuras dos médicos Dr. Mário Gatti, Dr.. Toffoli, e Elpinice Torrine na arquitetura e decoração.



CONCLUSÃO

Depois de tentar realizar o contraponto entre o panorama histórico e as vivências individuais procuro ancorar, nesta conclusão, no horizonte do cotidiano europeu e brasileiro do final do século XIX e início do século XX.

Descrição do cotidiano das famílias italianas- Vou falar desse cotidiano nas cidades, pois foram nelas que os filhos dos imigrantes nasceram e/ou cresceram, com uma única exceção, a Família "J", onde tendo vivido muito tempo na fazenda, o entrevistado só a ela fez referências.

É interessante destacar que os pais e/ou avós vieram de diferentes regiões, foram para diferentes cidades, exerceram diferentes atividades. Mas é possível traçar, em linhas gerais, o cotidiano dessas famílias.

Assim, retomando rapidamente os dados sobre as quatorze famílias: cinco representam comerciantes de grande

porte; duas, pequenos comerciantes; uma, de grande industrial; duas, de construtores; uma, de marceneiro; uma outra, de pequeno industrial; e, duas, de operários.

Apesar da variedade, obtive que, independentemente das atividades, a vida diária das famílias começava bem cedo, por volta de 6:00 horas da manhã. Tomava-se café e as crianças iam para a escola. O pai e os filhos mais velhos iam trabalhar. A mãe ficava em casa; se tivesse empregados coordenava pessoalmente o trabalho deles; se não tivesse, ela própria com uma avó, ou alguma filha mais velha, e até mesmo com a ajuda de um filho menor, fazia todo o serviço da casa; em quase todas casas, dirigia a refeições. Isso além de lavar, e passar e costurar todas as roupas (dos homens e mulheres) da família.

Depois do almoço, no período da tarde, algumas crianças iam trabalhar fora, ou ajudando no trabalho dos pais (caso dos armazéns, e da lavoura), ou trabalhando com amigos da família para aprender algum "ofício". Outras, ainda, porque não tinham necessidade de trabalhar, ficavam em casa estudando, lendo, fazendo trabalhos manuais, tendo aulas de música ou - algumas poucas brincando. Mas sempre que necessário iam fazer uma compra, levar algum recado; enfim, ajudavam em alguma coisa na casa.

À noite, depois do jantar, ao redor de uma grande mesa, na cozinha ou sala-de-jantar, reunia-se toda a família para conversar, contar o que ocorreu durante o dia, e fazer as tarefas da escola; a mãe e os irmãos ajudavam nesse trabalho. Se o pai fosse vivo, estaria junto lendo o jornal ou conversando. A mãe estaria passando roupa, costurando ou fazendo as contas do dia no armazém. Depois, nas cidades menores, as crianças iam para a rua brincar mais um pouco até às 21:00 horas.

Os aniversários eram lembrados e comemorados com uma refeição ou um prato preferido - às vezes até mesmo com um bolo. Mas nada de festas ou presentes; estes ficavam para o Natal, onde se recebia, principalmente, pequenas lembranças ou coisas necessárias como uma roupa ou um sapato novo.

Desta rotina familiar, gostaria de destacar que quase tudo, nas famílias italianas, era feito em casa pelos familiares - como já acontecia na Itália (1) onde cada família procurava ser auto-suficiente, vendendo ou trocando apenas os excedentes. Isto é, tinham uma horta e cuidavam dela, da criação e do pomar. Faziam sabão, massa de tomate ou doces em conserva (pois tomate e algumas frutas eram produzidas, apenas, uma vez por ano); o porco era comprado de sítiantes, e depois de morto, limpo e trazido para a casa, onde faziam linguiças e carnes cozidas que eram guardadas na

banha, ou fritavam o toucinho, usando a gordura para cozinhar; enfim, tudo que podia era aproveitado.

Como na velha pátria, muitas festas religiosas e tradicionais foram mantidas: a comemoração da Unificação da Itália, o Natal, o Ano Bom, a Páscoa, e outras festas religiosas características da região de origem. E assimilando a cultura brasileira: o Carnaval (que existia, e existe, de forma diferente em Veneza) e, as Festas Juninas (que sempre foram comemoradas pelos fazendeiros, mesmo no tempo dos escravos, coincidindo com o fim da colheita do café). Eram comemoradas com refeições especiais, com pratos típicos italianos, frutas secas, vinho, mesa farta e enfeitada com o que de melhor a família possuía: porcelanas, cristais, talheres e toalhas, se possível de linho bordado.

Na mesma época, nas casadas brasileiras de classe média, (por alguns relatos que obtive mais através da literatura) (2), nada disso era feito. Sempre havia alguns empregados ou "agregados" para limpar e cozinhar; as roupas e os bordados eram mandados fazer fora; verduras, criação em geral eram compradas dos italianos. Nas famílias mais ricas os produtos que tivessem fazenda viriam dela mas eram cuidados pelos empregados; se tivessem grandes terrenos na cidade, tinham "caseiros" que faziam todos os serviços. Não consegui saber quase nada sobre as famílias mais pobres; só

As moças eram criadas para se casar, ter empregadas; algumas se dedicavam a aprender a "fazer doces", o que era considerado uma "coisa fina", delicada; os rapazes iam ou trabalhar na fazenda, ou se casar com mulheres ricas passando a viver da herança; ou então trabalhavam em empregos públicos (o governo era uma das poucas fontes empregadoras da época); os de famílias mais simples ou empobrecidas aceitavam trabalhar de guarda-livros, caixeiros de lojas, professores; os de classes mais altas, de políticos ou profissionais liberais. Mesmo assim muitos deles tinham profissão que nunca exerceram. No livro já citado, da Sra. Binzer (3), ela se espantava com a aversão do brasileiro pelo trabalho, afirmando que, mesmo os empobrecidos, preferiam viver da caridade dos parentes mais ricos, a que ter que trabalhar.

Reafirmando o que já destaquei anteriormente, o trabalho, para os "oriundi" e seus filhos/netos, em geral (e contrastando com as concepções dos brasileiros) era assumir uma forma de ser integrante da natureza social da sua vida, objeto de orgulho, ponto de honra, tendo tanto valor quanto o fato de se ter propriedades.

Necessidade de estudos - Outro ponto marcante era a ênfase dada, mesmo nas famílias mais simples, à necessidade de se aprender pelo menos a ler, a escrever e a contar; isto é, a escolaridade básica era estimulada. O estudo era visto como uma forma de progredir no trabalho e na vida; por isso "fugiam", ou melhor, procuravam ultrapassar os estudos acadêmicos, completando-os com muita leitura (livros, revistas e jornais) e cursos profissionalizantes toda vez que possível (relembro, aqui, o grave problema da falta de escolas, principalmente nas cidades menores).

Ao falar dos estudos, tenho que relembrar a 1ª Constituição da República que, sendo federativa, determinou a competência dos Estados para legislar sobre suas atividades e administrá-las. Assim, os teóricos paulistas da educação, partidários do ideário liberal (4), afirmavam a necessidade de educação para todos e independente do Estado e da Igreja. Mas, verificaram que só com escolas particulares a maioria da população continuaria alienada, afastada das escolas (por não poderem pagar), como vinha ocorrendo. Assim, estabeleceram uma educação básica pública e obrigatória, nos quatro primeiros anos do "grupo escolar"(5).

Esses mesmos homens preocupados com o tipo e com o conteúdo de ensino, criaram as "Escolas Normais", que deveriam formar professores. Com muito idealismo queriam que o

Estado construísse os prédios, pagasse os funcionários e os professores e não interferisse na forma e conteúdo do ensino. Sabemos, pela história, que isto não ocorreu. O estado cada vez mais influenciou na estrutura, funcionamento e conteúdo ensinado nas escolas, chegando a ponto de a Secretaria de Estado da Educação, através de seus funcionários e técnicos, determinar o que e como deveria ser ensinado, até nas formas de aprovação dos alunos.

Naquele momento, os educadores de São Paulo (Caetano de Campos, Rangel Pestana, Sampaio Dória, e os Mesquitas através do jornal "O Estado de São Paulo") optaram pelo ensino enciclopédico, por considerarem ser o que melhor instrumentava os jovens para a vida (6). Entretanto, se colocavam contra o bacharelismo tradicional (influência jesuítica) e contra o transplante de modelos estrangeiros.

Estas são colocações teóricas. Na realidade, os professores transmitiam um ensino enciclopédico positivista, de forma tradicional (com aulas expositivas e exigindo que se "decorasse os pontos"), usando muitos livros estrangeiros.

Foi essa a escola que os filhos dos italianos frequentaram com os filhos de brasileiros e outros imigrantes. Pelos relatos, nos "grupos escolares" não havia discrimina-

ção nem problemas; os pais tratavam de complementar esse ensino teórico fazendo com que seus filhos trabalhassem, na outra metade do dia, em alguma atividade profissional.

A partir da década de 20, o governo de São Paulo, começa a abrir Escolas Profissionais, em diferentes cidades; não se pode afirmar que isso tenha sido influência direta da cultura italiana; é mais provável que derive de modelos americanos. Indiretamente, acredito que sim, pois no quadro apresentado nos capítulos I e II, vemos que a grande maioria das indústrias (embora artesanais e com poucos empregados) pertenciam a italianos, ou a brasileiros capitalistas, que tinham no seu quadro operários italianos em grande maioria. Estes buscavam maior especialização, ao mesmo tempo que a industrialização emergente exigia mão-de-obra mais especializada. Daí a necessidade das escolas profissionalizantes, para que estes pudessem ganhar mais e ter uma vida mais digna.

Outro ponto que consegui identificar foi que as famílias da "Alta Burguesia" procuravam seguir os padrões de conduta e valores das famílias tradicionais, principalmente na família "I", cuja mãe pertencia a uma família tradicional; nas outras, talvez houvesse uma busca de uma maior identificação social, já que a econômica existia. Ao afirmar que o problema de discriminação social era mais econômico do que de nacionalidade, talvez, a entrevistada da família "N"

possa reforçar este ponto de vista.

As filhas eram ensinadas a serem "prendadas"; os filhos, se quisessem, poderiam seguir um curso superior e ser profissionais liberais, se não, fariam apenas a escolaridade básica (que era, para eles, "grupo" e "ginásio"), podendo depois trabalhar com os pais ou por conta própria com ajuda financeira da família, já que havia recursos suficientes para os filhos e genros. Pareceu-me que a maior preocupação desse grupo de pessoas era manter mais um alto padrão de vida do que uma escolaridade superior

Na "Classe Média", e para o representante da família "E" (classe operária), a escolaridade apareceu como um valor fundamental para os filhos e as filhas, que eram estimulados a continuar os estudos (embora, mais ou menos, aos 14 anos alguns já começassem a trabalhar; às vezes até mais cedo). Na escala de valores, uma coisa não excluía a outra; ao contrário, complementava. Geralmente a escolaridade ia até o mais alto nível que a cidade oferecia. Como os cursos superiores eram poucos, e era difícil sustentar um filho nas outras cidades, apenas os mais novos - quando a vida estava mais estabilizada - ou, com a ajuda dos irmãos mais velhos ou situação melhor dos pais, eram encaminhados para os cursos superiores em outras cidades. A exceção aqui foi a entrevistada da família "N" que, embora tivesse recursos foi

impedida pela família de fazer um curso superior fora da cidade, o que ocorre talvez pelo fato de ser mulher, uma vez que pode obter seu diploma universitário - embora em outra área - em Campinas.

A situação das mulheres- A observação feita acima me conduz ao problema da situação feminina no contexto da imigração. Vimos nos capítulos II e III que, na Europa, com a crescente proletarização, a mulher (bem como os filhos ainda pequenos) passa a trabalhar fora (bem lentamente, adquirindo um pouco mais de independência em relação ao homem) para ajudar nas finanças familiares.

Também citei (7) que, na Itália, a unidade social mais importante da sociedade era a família e que nela, apesar da aparente dominação masculina, por trás do "cappo", a grande força que mantinha unida e coesa a família, coordenando e comandando silenciosamente tudo, era a "mama". Vimos, também, que na zona rural, enquanto todos os braços jovens e fortes eram utilizados na lavoura, ficava em casa uma senhora mais idosa, geralmente, a "nona", tomando conta dos "bambini", da alimentação e das tarefas mais próximas da casa, como criação, fiação, etc.. Era realmente a "Mama" ou a

que viviam em extrema carência e que também não tinham o costume de fazer as coisas em casa!

Outro aspecto, ainda que corriqueiro, foi o relacionado às transformações introduzidas na culinária brasileira, onde a presença marcante era o arroz, o feijão, a carne e a farinha, com destaque para os doces (3). O italiano introduziu, modificou, adaptou muitos de seus próprios hábitos, devido aos recursos que eram maiores aqui: verduras, legumes, massas, caças, principalmente aves, peixes, e outras carnes, que já eram aqui consumidas, mas que foram transformadas, pelos italianos, quanto a forma de temperar, de cozinhar e de servi-las.

Trabalho- é um outro ponto que se relaciona com a rotina familiar. Há ainda outros, que tratarei a seguir, através da comparação entre costumes italianos e os costumes brasileiros. Verifiquei, através de depoimentos fragmentados na mesma literatura citada acima (2), que nas famílias brasileiras o trabalho não era estimulado; muito pelo contrário, era considerado até "degradante", por ser coisa de escravo, de imigrante, de "pé-rapado".

"Nona" que coordenava toda a atividade familiar, por ser aquela que tinha uma visão mais de conjunto da família e informações sobre o que estava acontecendo nas pequenas vilas ou propriedades ao seu redor.

Ao ler as entrevistas, encontrei, três exceções disso: na família "L", onde a entrevistada pouco falou sobre a mãe (embora em sua casa a mãe e sua família estivesse sempre presente em todas reuniões e festa); e, na família "J", onde, em nenhum momento, o entrevistado falou sobre a atuação da mãe; e na família "C", onde não se falou sobre a mãe, pois a conversa versou mais sobre a história dos imigrantes na cidade. Não pude analisar esses fatos por falta de maiores dados e uma vez que eles se voltavam para uma vivência familiar que não foi aprofundada.

Mas em muitas delas como nas famílias "A", "F", "K", "M" e "N" a figura materna (ou a avó) foi apresentada como uma presença forte, como a pessoa que dirigia, comandava, controlava e orientava a família, mesmo quando a "capo" estava vivo e, (espantosamente para mim) sem diminuir a autoridade deste.

Nas famílias "B", "D", "E" e "H" a figura da mãe é citada como uma presença suave, sempre pronta a cooperar com o marido quando havia necessidade de aumentar os rendimen-

tos, cuidando das relações sociais através de amabilidade com vizinhos, amigos e parentes. Ou, então como uma pessoa (caso da família "E") que apesar de muito brava e mesmo amarga (o marido bebia sempre, embora nada fizesse que ferisse a integridade da família), ela cuidava da casa, da educação dos filhos e da finanças.

Este respeito pela figura da mulher levava os pais a incentivarem as filhas a estudar e ter profissão, embora ambas as entrevistadas das famílias "F" e "N" tenham observado que, em suas famílias, como em muitas outras, era feita uma distinção privilegiando os filhos homens.

Gostaria de destacar, agora, que, para mim, foi importante constatar que as filhas mulheres foram estimuladas a terem uma profissão (mesmo que fosse aquelas tradicionalmente consideradas femininas como professoras, funcionárias públicas, etc.) e a trabalharem fora mesmo depois de casadas! Embora casar fosse muito importante [estamos falando da educação no início do século], consideravam perfeitamente conciliável ser esposa, mãe e ter uma profissão "feminina".

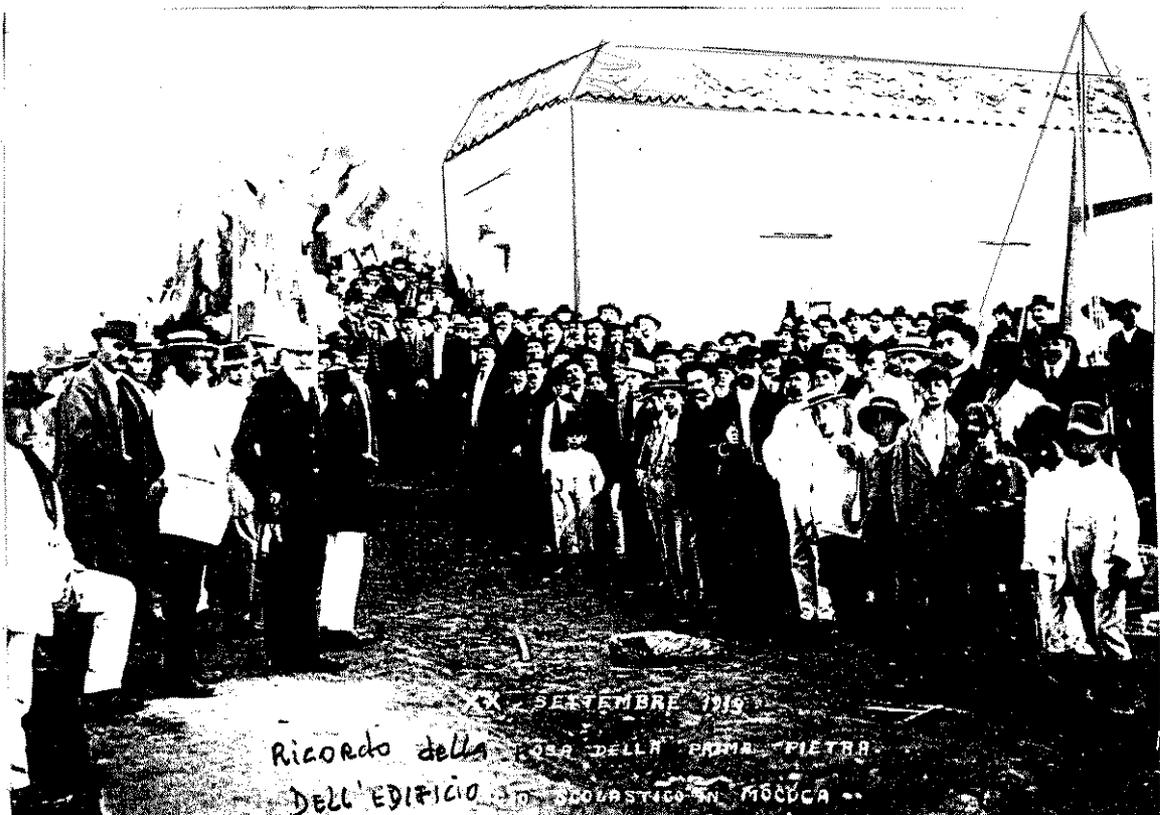
Artes- Finalmente tratarei do aspecto artístico não menos importante, embora não tenha dado muito destaque quando tratei da história tradicional. As artes, em São Paulo, do final do século passado até o atual, não pode ser citada sem a presença constante de nomes italianos. Ou seja, os "oriundi" e seus descendentes, desde as construções das casas, igrejas, palacetes, escolas, monumentos, pinturas, músicas (qual cidade onde chegaram os italianos, por menor que fosse, que não tinha sua banda de música?), fundando escolas de música, companhias de teatro, trazendo e financiando as companhias de óperas, operetas, concertistas, e até mesmo financiando os primeiros filmes nacionais (ver depoimento da família "N"). Isso para não falar nas artes plásticas, onde os nomes são famosos e procurados até hoje. Não quero me alongar neste assunto; apenas cito, porque o considero muito abrangente, apaixonante, merecendo todo um outro trabalho específico sobre ele.

Gostaria de deixar registrado, nestas linha finais, que cada um dos pontos destacados deveriam ser tratados separadamente. Mas como meu objetivo era levantar, através da memória, a cultura italiana que influenciou a vida e a educação em São Paulo, apenas os cito.

Este trabalho pretende ser uma introdução a temas que podem ser aprofundados. Espero ter conseguido, com este

percurso, esboçar alguns pontos que moldaram o desenvolvimento de São Paulo onde houve entre imigrantes e paulistas assimilação e transformação, e cuja miscigenação criou um aspecto próprio e característico do ser paulista.

Espero, também, que através das entrevistas tenha podido traçar a importância da contribuição econômica que esses emigrantes que vieram para a lavoura trouxeram ao desenvolvimento industrial e comercial das cidades. Além disso, a importância que teve a nova mentalidade rural de que a pequena propriedade, com atividades diversificadas, e bem administradas, são tão ou mais produtivas que os grandes latifúndios e a monocultura. De meu ponto de vista, não houve contribuição maior que nas artes e na vida econômica, mudando a mentalidade "agrícola latifundiária", e a "vocaçào agrícola" que, por tanto tempo, segurou o desenvolvimento brasileiro.



21 SETTEMBRE 1919
 Ricordo della
 DELL'EDIFICIO DELLA CASA DELLA PARRA PIETRA
 370 COLASTICA IN MODICA

- Notas

(1) Ver capítulo III-A- *A Vida Cotidiana na Europa*: Cotidiano daqueles que seriam emigrantes.

(2) Conferir as obras "Reminiscências de Campinas", "Campinas era Assim"; "Mocóca da Fundação a 1900", "Filhos do Destino", "Eles vieram de Longe"; Trilogia de F. Marins sobre os imigrantes; "Cadernos Históricos do Correio Popular de 19..", "Memórias do Visconde de Taunay"

(3) Cap. III- *A Vida Cotidiana no Brasil- São Paulo*: vida nas fazendas com escravos.

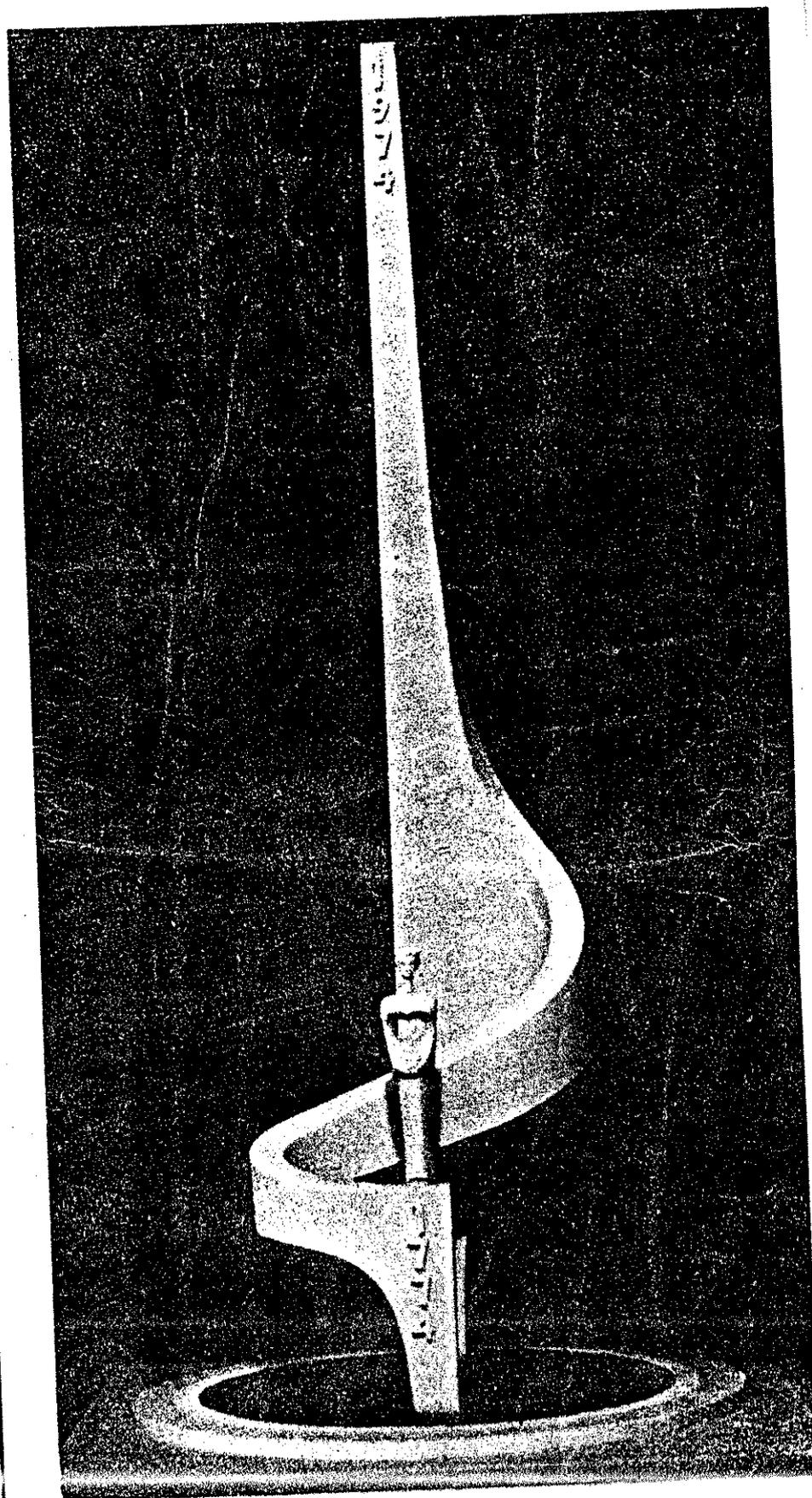
(4) cfr. Casemiro Reis Fº *A educação Liberal* p. 141) e Fernando de Azevedo *A cultura brasileira- A transmissão da Cultura*: 3ª parte 5.ed., São Paulo: Melhoramentos, s.d.

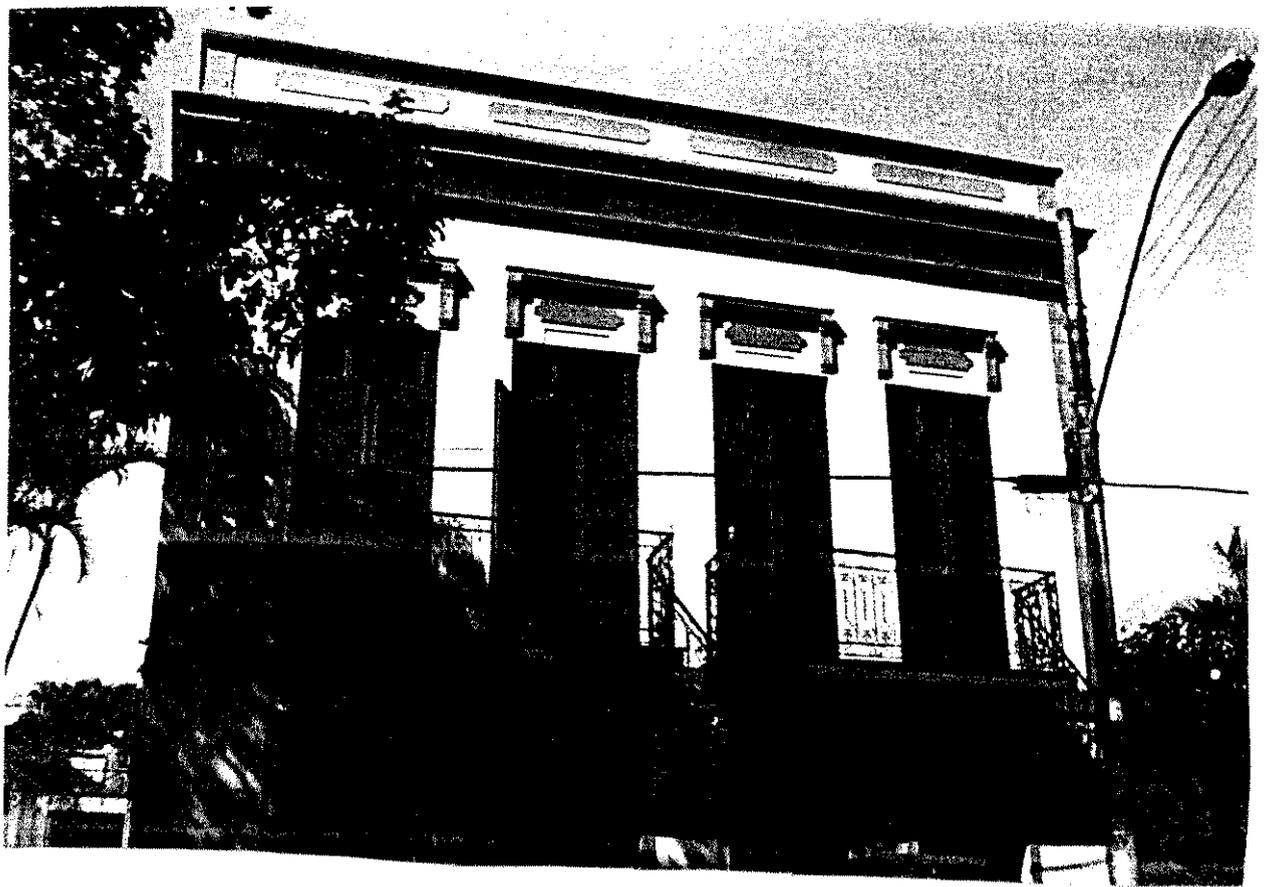
(5) Nas cidades haviam diversas classes, onde aulas eram dadas por professores em sua maioria leigos que ensinavam o fundamental: ler, escrever e contar. Essas classes foram agrupadas, pelo governo que construiu prédios, formando os conhecidos "grupos escolares", seriados, gratuitos, criando o cargo de diretor e que estavam sob a supervisão do governo do estado, para tal, o cargo de inspetor de ensino, diretamente subordinado à Secretária de Educação. Alguns professores continuaram, outros foram substituídos perdendo suas classes e seus empregos. Na mesma época, nas fazendas maiores e com localização mais centralizada (ou o dono com maior poder político) foram criadas "escolas rurais" que compreendiam uma classe com um professor que ensinava, ao mesmo tempo, as três (3) primeiras séries, a quarta (4ª) série deveria ser cursada, na cidade, em um grupo escolar onde o aluno poderia, então, receber seu diploma.

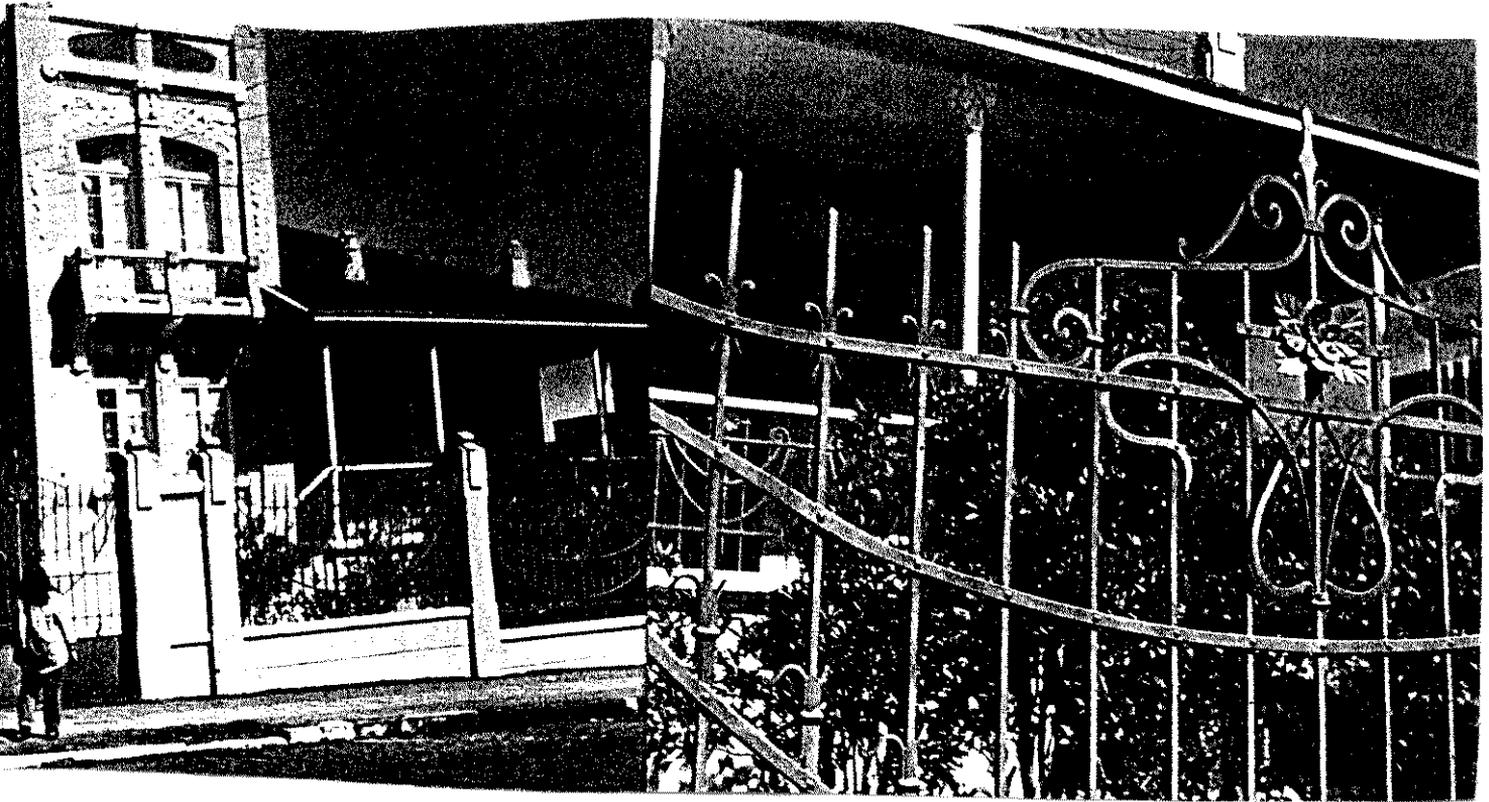
(6) Não posso deixar de falar aqui, além dos já citados Casemiro dos Reis Fº e Fernando de Azevedo; Luis A. Cunha *A universidade temporária* Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; Regis de Moraes *Cultura Brasileira e Educação* Campinas: papyrus, 1989

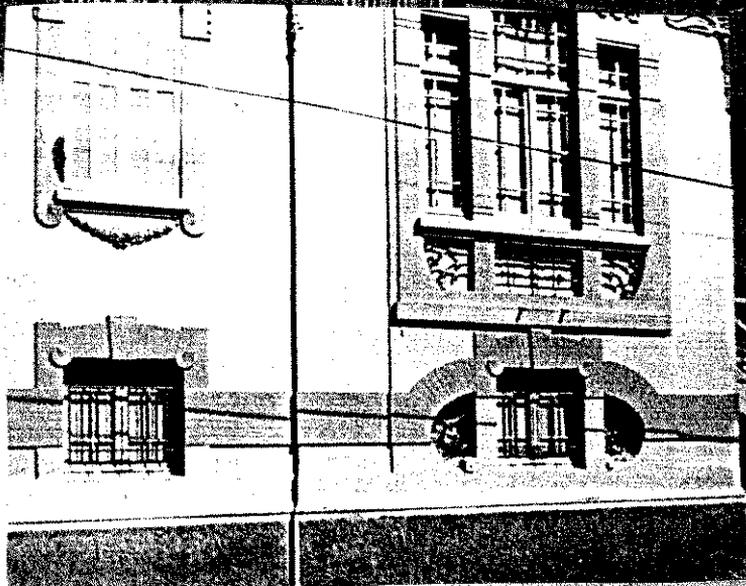
(7) descrito Cap. III *Alguns dados culturais sobre os italianos*

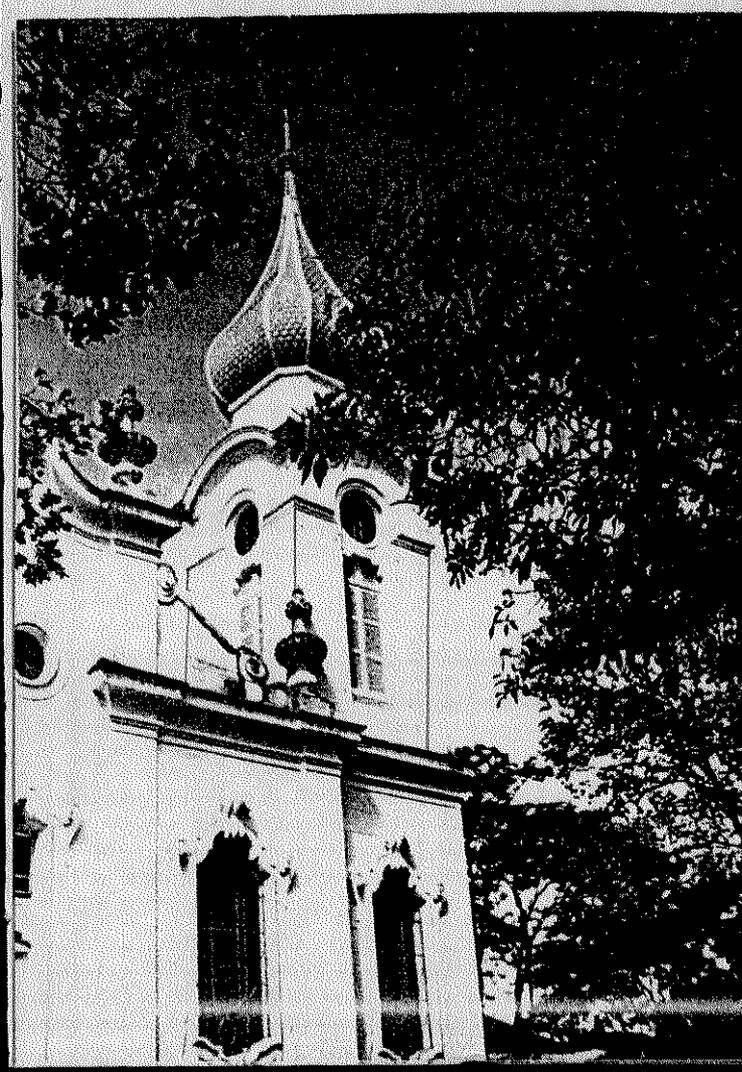
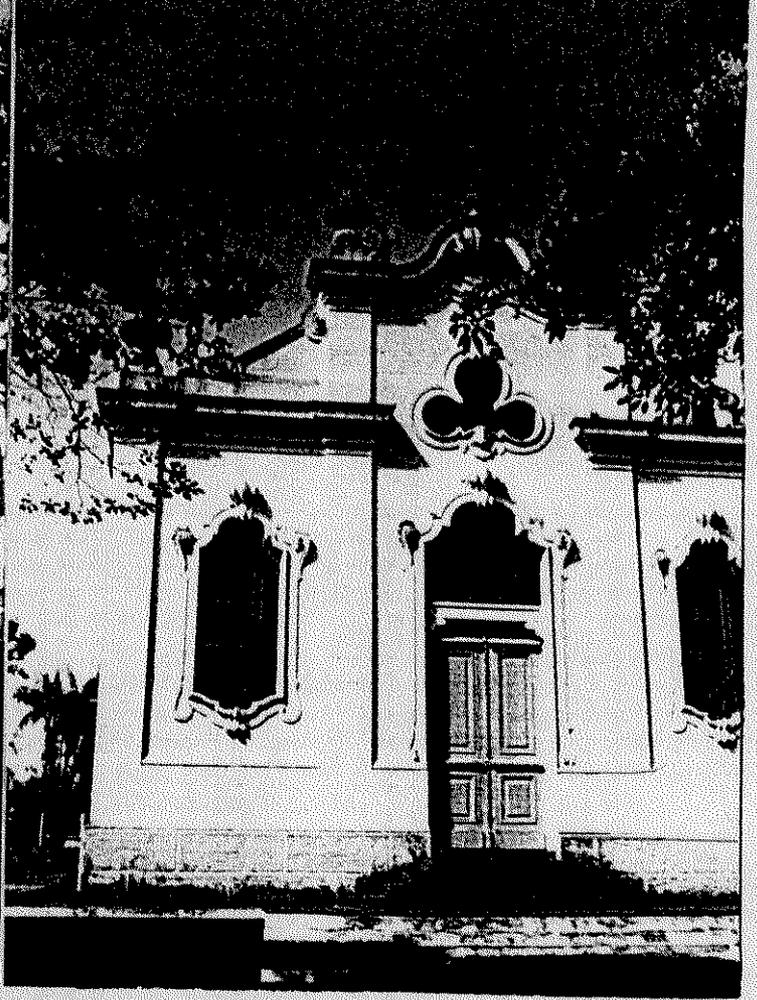
Artes Plásticas: escultura de LÉLIO COLUCCINI :
escultura comemorativa do aniversário da Campinas











BIBLIOGRAFIA

- 1) ALENCAR, F. e outros. História da Sociedade Brasileira 2.ed. São Paulo: Ao Livro Técnico, 1981
- 2) ALVIM, Z.M.F. Brava Gente! Os Italianos em São Paulo (1870-1920) São Paulo: Brasiliense, 1986
- 3) AMÊNDOLA, J. Terras e Gente da Europa São Paulo: Leia, 1951
- 4) AZEVEDO, F. A Transmissão da Cultura São Paulo: Melhoramentos, 1976
- 5) BARZINI, L. Os Italianos São Paulo: Civilização Bras., 1966
- 6) BASBAWN, L. História Sincera da República 4.ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1979
- 7) BACHELARD, G. A poética do Devaneio São Paulo: Martins Fontes, 1988
- 8) _____ Epistemologia-Trechos Escolhidos Rio Janeiro: Zahar, 1977
- 9) _____ O Novo Espírito Científico Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968
- 10) _____ A Dialética da Duração São Paulo: Ática, 1988
- 11) _____ Colloque de Cerisy Paris: Union G.D., 1974
- 12) BLANCHÔT, M. Le Livre à venir Paris: Gallimard, 1972
- 13) _____ Le Espace Literaire Paris: Gallimard, 1970
- 14) BENJAMIM, W. Magia e Técnica, Arte e Política, Obras Escolhidas SP: Brasiliense, 1987, v.1
- 15) _____ Rua de Mão Única, Obras Escolhidas II 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987
- 16) _____ Charles Baudelaires, um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III São Paulo: Brasiliense, 1989
- 17) _____ Documentos de Cultura e Documentos de Barbarie (escritos escolhidos) São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1986
- 18) _____ A Modernidade e os Modernos Rio Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1975
- 19) BERGER, P.L. LUCKMAN, T. A Construção Social da Realidade Petropolis: Vozes, 1983
- 20) BINZER, I.von Os meus romanos: alegrias e tristezas de um educador alemão no Brasil Rio Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- 21) BUEND, R. M. Campinas era Assim Campinas: Palavra Muda, 1988
- 22) BOSI, E. Memória e Sociedade- Lembrança de Velhos São Paulo: EdUSP
1987
- 23) CAIO PRADO JR. História Econômica da Brasil São Paulo: Círculo do
Livro, s.d.
- 24) CARDONE, E. A República Velha São Paulo: DIFEL, 1974
- 25) _____ O Movimento Operário(1877- 1944) São Paulo: Difel,
1984
- 26) CASEMIRO, R.F.º Educação e a Ilusão Liberal São Paulo:Cortez, 1981
- 27) CASTRO MENDES, J. História de Campinas Coletâneas do Jornal Car-
reio Popular Campinas: 1968 (06/06) a 1970 (17/03)
- 28) CENNI, F. Italianos no Brasil São Paulo: Martins, 1975
- 29) COELHO, P.A. (Org.) Surrealismo e Anarquismo. "Bilhetes Surrealis-
tas" de Le Libertaire São Paulo: Imaginário, 1990
- 30) COSTA LIMA, L. Teoria Literária em suas fontes Rio Janeiro: Fran-
cisco Alves, 1983, v.2
- 31) CUNHA, L.A. A universidade Temporã Rio Janeiro: Civ.Brasileira
1980
- 32) DE BONI, L.A. (Org.) A Presença Italiana no Brasil Porto Alegre:
EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1987
- 33) DONATO, H. Achegos para a História de Botucatu 3.ed. reescrita
Botucatu: Pref. Municipal/ Banco Sudameris, 1985
- 34) FAUSTO, B. Trabalho Urbano e Conflito Social (1870-1920) Rio Ja-
neiro: Difel, 1977
- 35) GABEL, J. A Falsa Consciência Lisboa: Guimarães & Ca.,1979
- 36) GOFF, J. Le, História e Memória Campinas: UNICAMP, 1990
- 37) _____ História: Novos Problemas. 3.ed. Rio Janeiro: Fran-
cisco Alves 1988
- 38) HABERMAS, J. Para a Reconstrução do materialismo Histórico São
Paulo: Brasiliense, 1983
- 39) _____ Textos de J. Habermas (Coleção Os Pensadores) São
Paulo: Abril Cultural, 1983,
- 40) _____ Conhecimento e Interesse Rio Janeiro: Zahar, 1983
- 41) _____ Communication and Evolution of Society New York:
Beacon Press, 1979

- 42) - HOBBSBAWN, E.J. A Era dos Impérios 2.ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 1989
- 43) ----- A Era do Capital (1848-1875) Rio Janeiro: Paz e Terra, 1989
- 44) Ianni, D. Itú, uma cidade Antiga Campinas: UNICAMP, 1988
- 45) KUJAWSKI, G.M. Crise do Século XX São Paulo: Ática, 1988
- 46) MAGNANI, S.L. O Movimento Anarquista em São Paulo São Paulo: Brasiliense, 1982
- 47) MALATESTA, Textos Escolhidos Porto Alegre: L&PM, 1984
- 48) MARAM, S.L. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920) Rio Janeiro: Paz e Terra, 1979
- 49) MOTA, C.G. (Org.) Brasil em Perspectiva São Paulo: DIFEL, 1976.
- 50) NAGLE, J. Educação e Sociedade na 1ª República São Paulo: EDUSP/EPU, 1974
- 51) NIZZA DA SILVA, M.B. (Org.) Teoria da História São Paulo: Cultrix, 1976.
- 52) PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso- uma crítica à afirmação do óbvio Campinas: UNICAMP, 1988
- 53) PINHEIRO, P.S. e HALL, M.M. A CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL-1889-1930- Documentos Campinas: FUNCAMP/Brasiliense, 1981, v.2
- 54) PRADO, A.A. (Org.) Libertários no Brasil (Memórias, Lutas, Culturas) São Paulo: Brasiliense, 1986
- 55) REGIS DE MORAES, J.F. Cultura brasileira e educação Campinas: Papirus, 1989
- 56) Revista Trabalhadores: Os Imigrantes Campinas: Fundo de Assistência à Cultura, 1989
- 57) RIBEIRO, M.L.S. A História da Educação Brasileira- a organização das escolas São Paulo: Moraes, 1982
- 58) RICOEUR, P. Temps et Récit Paris: Seuil, 1984, T.1-2
- 59) ROMANELLI, D.O. História da Educação no Brasil 14.ed. Petrópolis: Vozes, 1978
- 60) SEVÁ, J. Eles Vieram de Longe Campinas: João Amêndola, 1961
- 61) Sousa Queiroz, V.P. Reminiscências de Campinas Campinas, s.c.p. 1951
- 62) TAUNAY, Visconde de Memórias do Visconde de Taunay São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1948

- 63) TOMASI, Tina Ideologie Libertaire e Formazione Umana Firenze: La Nuova Italia, 1973
- 64) WOODCOCK, G. Anarquismo: uma história das Ideias e Movimentos Libertários Porto Alegre: L&M, 1962
- 65) VÁRIOS O anarquismo e a democracia Bursuesa 3ª ed. São Paulo: Global, s.d., Coleção Bases

ERRATA

A) Erros de digitação:

Consta:	Deveria ser:
1- Pag. 34, 1ª citação. 2ª linha: duas vezes a palavra "- locavam",	eliminar a 2ª palavra.
2- Pag. 52, citação, estão separadas na 18ª linha: ho mem, 19ª linha: pú blicas, 22ª linha: sujei tos,	homem, publicas, sujeitos.
3- Pag. 56, 1ª linha: por, tarefas,	eliminar a vírgula: por tarefas.
4- Pag. 57, 4ª linha (de baixo para cima): "mens",	correto: menos.
5- Pag. 58, 1ª parágrafo, 3ª linha: "cidade com nas fazendas",	correto: "na cidade como nas fazendas".
6- Pag. 59, Nota (2), 2ª parágrafo, última linha "comuicação",	correto: "comunicação".
7- Pag. 63, Nota (10), 3ª parágrafo, 5ª linha: "pelo educação", 6ª linha: "somadaã noção",	correto: "pela educação". correto: "somada à noção".
8- Pag. 64, 1ª parágrafo, 5ª linha: "faendas", 2ª parágrafo, 4ª linha: "dfendiam", 3ª parágrafo, 5ª linha: "continidade",	correto: "fazendas", correto: "defendiam", correto: "continuidade".
9- Pag. 68, 4ª parágrafo, 2ª linha: "tinham",	correto: "tinha".
10- Pag. 74, 4ª linha: "casa alugadas",	correto: "casas alugadas".
11- Pag. 81, 4ª parágrafo, 4ª linha: "produtos da própria da região",	correto: "produtos da própria região".
12- Pag. 83, última linha: "ouu",	correto: "ou".
13- Pag. 86, 1ª parágrafo, 2ª linha: "masconforme",	correto: "mas conforme".
14- Pag. 94, 3ª parágrafo,	

- 5ª linha: "totalmente dependentes deles", | correto: "totalmente dependente deles".
- 15- Pag. 101, 1º parágrafo, 2ª linha: "reclamações" | correto: "reclamações",
 2º parágrafo, 3ª linha: "àsa reclamações" | correto: "às reclamações",
 1ª citação, 11ª linha: "im-", na 14ª linha |
 está a palavra completa: "impunemente", | correto: "apagar o im-".
- 16- Pag. 103, 1º parágrafo, 2ª linha: "Ribeiro", | correto: "Ribeirão Preto".
- 17- Pag. 106, 2º parágrafo, 3ª linha: "tradicão", | correto: "tradição",
 4ª linha: "constraste", | correto: "contraste".
- 18- Pag. 107, nota (5), | acrescentar "op.cit.",
 nota (15), 1ª linha: "l imigrazione...", | correto: "l'imigrazione...",
 4ª linha: "fazendas", | correto: "fazendas",
 penúltima linha: "purtroppo.", | correto: "purtroppo,",
 última linha: "aõ", | correto: "ao".
- 19- Pag. 117, 1º parágrafo, 3ª linha: "fabriúica" | correto: "fábrica",
 2º parágrafo, 1ª linha: "Compra a compra", | correto: "Com a compra...".
- 20- Pag. 118, 1º parágrafo, 1ª linha: "p. 3", | correto: "p. 111".
- 21- Pag. 119, 5ª linha: "referemen", | correto: "referem em".
- 22- Pag. 123, 5ª linha: "...em estdu...", | correto: "... em estudo...".
- 23- Pag. 127, 2º parágrafo, 4ª linha: "...estada", | correto: "estava".
- 24- Pag. 129, penúltima
 linha: "...fundadas a partindo...", | correto: "...fundadas partindo...".
- 25- pag. 136, 1º parágrafo,
 última linha: "...8 e 10 pessoas...", | correto: "... oito e dez pessoas...",
 2º parágrafo, 2ª linha: "...construírem", | correto: "...construir...",
 3ª linha: "... mesmo assim..." | correto: tirar "mesmo assim" e colocar "e".
- 26- Pag. 137, 2º parágrafo, 3ª linha: "moravam...", | correto: "... morava...".
- 27- Pag. 139, 1ª linha: "...um postura...", | correto: "...uma postura...".
- 28- Pag. 142, 2º parágrafo, 4ª linha: "daa festa", | correto: " da festa".
- 29- Pag. 144, 1º parágrafo, penúltima linha:
 "...irem...", | correto: "...iriam...".
- 30- Pag. 145, 1º parágrafo, 1ª linha: "a", | correto: "A",
 2º parágrafo, 5ª linha: "9", | correto: "nove",
 5º parágrafo, sem estar separado, | correto: separar com "um espaço".

- 31- Pag. 147, 3º parágrafo, 3ª linha: "...viam", | correto: "...vinham...".
- 32- Pag. 151, 4º parágrafo, 3ª e 4ª linhas:
"Três filhos, o mais velho, e o terceiro | correto: " Três filhos: o mais velho, o ter-
e quarto..." | ceiro e o quarto...".
- 33- Pag. 153, penúltima linha: "...dona-de-casa" | correto: "...donas-de-casa...".
- 34- Pag. 154, 5º parágrafo, sem estar separado, | correto: separado por "um espaço",
2ª linha: "com um marceneiro" (2 vezes), | correto: deixar apenas um "com um marceneiro".
- 35- Pag. 156, sem espaço entre os parágrafos, | correto: "deixar um espaço",
3º parágrafo, 3ª linha: "dedicada" | correto: " dedicado",
5º parágrafo, 3ª linha: "10 filhos", | correto: " dez filhos",
4ª linha: "14", | correto: " quatorze".
- 36- Pag. 157, 3º parágrafo, 2ª linha: "encerrar" | correto: "encerar",
5º parágrafo, 2ª linha: "...propagando" | correto: "propaganda",
5º parágrafo, sem estar separado, | correto: "deixar um espaço".
- 37- Pag. 158, 1ª e 2ª linhas: "...era pago...", | correto: "...eram pagas..."
4ª linha: "...casa, mesmo assim se mudou" | correto: "...casa; mesmo assim, mudou-se...",
5ª linha: "...escola onde aprendia e sua | correto: "...escola, onde aprendia, e sua ali-
alimentação muitas vezes..." | mentação, muitas vezes,...".
6ª linha: "Leite para o Progresso", leite | correto: "Leite para o Progresso"(leite em pó)",
em pó,..." |
1º parágrafo: 2ª linha: "'Sears" onde... | correto: "' Sears", onde ... muitos anos; com
muitos anos e que considera... | sidera...",
3º parágrafo: 1ª linha: "muitas lutas" | correto: " muita luta",
2ª linha: "uma casa", | correto: "numa casa".
- 38- Pag. 160, 2º parágrafo,
5ª linha: "com a armazém", | correto: "com o armazém".
- 39- Pag. 162, 1º parágrafo, 4ª linha: "tio cansa- | correto: "tio (cansado do trabalho...vocação)"
do..." 6ª linha: "para ele,..." |
6ª linha: "e sua filha..." | correto: retirar: "e sua filha", ficando"...
vocação) não quis continuar...",
2º parágrafo, 2ª linha: "trabalhar, nem | correto: "trabalhar (nem quando estudavam, ou
quando estudavam ou mesmo depois." | mesmo depois)."
3ª linha: " mas sempre, lutadora e até..." | correto: tirar o "mas", colocar ponto final e,
"Sempre...lutadora, até...",
4ª linha: "Conservatório que...Fundação," | correto: "Conservatório, que... Fundação- "
- 40- Pag. 163, 4ª linha: "...quintal de casa por | correto: "... quintal da casa. Estava indo..."
6ª linha: "casados e deixando 6 filhos" | correto: "...casados, deixando seis filhos..."

ser muito perigoso,..."		
1º parágrafo, 4ª linha: "refrigerante"		correto: "refrigerantes"
3º parágrafo, 3ª linha: "rapidamente, se..."		correto: "rapidamente, e..."
4ª linha: "se tornando... Foi ela arranjou"		correto: "tornando-se... Foi ela quem arranjou"
4º parágrafo, 1ª linha: "...alguns anos, resolveu..."		correto: "alguns anos, esta irmã resolveu..."
41- Pag. 164, 1º parágrafo, 1ª linha: "o primário"		correto: "o antigo primário",
4ª linha: "...em Bauru, casou-se depois de formada e voltou..."		correto: "... em Bauru) casou-se, depois de formada, voltou..."
7ª linha: "...cerebral e..."		correto: "cerebral, ficou..."
2º parágrafo, 1ª linha: "... 14 anos,..."		correto: "quatorze anos."
2ª linha: "logo...namorar e se casou..."		correto: "Logo...namorar; casou-se cedo,..."
4ª linha: "...porque..."		correto: "...por que..."
6ª linha: "... a trabalhar..."		retirar "a trabalhar"
3º parágrafo, 1ª linha: "... a mãe era..."		correto: "... a sua mãe eram...",
2ª linha: "...saúde, e higiene..."		correto: "...a saúde e a higiene..."
42- Pag. 165, 1º parágrafo,		
9ª linha: "...cidade e só...",		correto: "...cidade; só..."
2º parágrafo, 2ª linha: "e assim ajudar"		correto: "... e a ajudar...",
3ª linha: "... trabalharam e ajudaram..."		correto: "...trabalhavam e ajudavam..."
4ª linha: "...doente por muito tempo..."		correto: "...doente, por muito tempo;"
6ª linha: "...a pouca..."		correto: "...à pouca...";
3º parágrafo, 2ª linha: "(não disse porque); foi operário, de..."		correto: "(não disse por que); foi operário de..."
43- Pag. 166, 3º parágrafo, 9ª linha: "Descreveu..."		correto: "Ela descreveu..."
4º parágrafo, 1ª linha: "6"...primário..."		correto: "...antigo primário..."
44- Pag. 168, 1ª linha: "principalmente, jornais"		correto: "principalmente, além de jornais..."
2º parágrafo, 2ª linha: "...Sociologia e fez, também, um curso de Teatologia para autores e se interessou pela..."		correto: "...Sociologia. Fez, também, um curso de Teatologia para Autores que foi único. Interessou-se pela..."
3º parágrafo, 1ª linha: "...verificamos que cresceu intelectualizado, sua mãe... apenas primário, teve..."		correto: "...verificamos que o entrevistado cresceu... apenas o antigo primário, sua mãe teve..."
5ª linha: "crido",		correto: "criado".
45- Pag. 169, 1º parágrafo, 1ª linha: "...discriminação foi..."		correto: "...discriminação, foi..."
2ª linha: "carreira da diplomática e que mais..."		correto: " carreira diplomática e mais..."
3º parágrafo, 1ª linha: "incompleto",		correto: "incompletude",
2ª linha: "...sendo, certa forma..."		correto: "... sendo de certa forma..."
3ª linha: "...mais tarde, como..."		correto: "...mais tarde. Como..."
4ª linha: "... em retrato..."		correto: "...um retrato..."
7ª linha: " "oriundi" e estabelecendo",		correto: " "oriundi estabelecendo".

- 46- Pag. 171, nota (d), 1ª linha: "Campinas",
4ª linha: "Dr.." | correto: "Campinas",
| correto: "Dr."
- 47- Pag. 173, 1º parágrafo, 9ª linha: "...todas
casas, dirigia a refeições..." | correto: "todas as casas, dirigia as refeições"
- 48- Pag. 175, 2º parágrafo, 1ª linha: "na casa-
dos brasileiros...",
2ª linha: "...tudo que podia era
aproveitado..." | correto: "nas casas dos brasileiros...",
| correto: "...tudo que podia, era aproveitado..."
- 6ª, 7ª e 8ª linhas: "...mais ricas os pro-
dutos que tivessem fazenda viriam dela
mas eram cuidados por empregados,
se tivessem..." | correto: "...mais ricas que tivessem fazenda os
produtos viriam dela, mas eram cuidados por
empregados; se..."
- 49- Pag. 186, 3ª linha (de baixo para cima):
"...artes e na..." | correto: "...artes, e na vida..."
- 50- Pag. 187, nota (2)
"p.141"
nota (4) | deveria ter sido feita em "espaço 1" e tirar
| parêntesis depois de "pag. 141".
| data do "Correio Popular" é 1968.

B) Erros no texto

- 1- Pag. 99, 2º parágrafo, a partir da 3ª linha, o correto é:
*"reclamações de italianos coletadas, de diversos autores em dife-
rentes datas, traduzidas por PINHEIRO e HALL (17)."*
- 2- Pag. 106, 2º parágrafo, 2ª linha, o correto é: *" a importância
dada ao trabalho."*
- 3- Pag. 133, 1º parágrafo, depois da 4ª linha, o correto é: *"
formada pelos italianos bem situados economicamente, houve entre
os italianos ma reação contra, apoiada pelos espanhóis- formando-
se um Centro Anarquista, que provocou protestos e desfile nas co-
memorações de 1º de Maio- Dia do trabalho."*
- 4- Pag. 149, 5º parágrafo, acrescentar depois da 5ª linha: *" na
sua maioria, empobreceram, ficaram "mais humildes" e tiveram que
respeitar os italianos que já estavam "bem de vida". "*
- 5- Pag. 167,
1º parágrafo, 3ª linha, colocar "cedilha" em "finanças",
6ª linha o correto é: *" As famílias de ambos os parentes..."*,

2º parágrafo, a partir da 4ª linha, o correto é: "...A irmã fez escola de Comércio e trabalhou no serviço pública mesmo depois de casada, até se aposentar."

3º parágrafo, a partir da 2ª linha, o correto é: "teve seus trabalhos já aos 11 anos de idade, pagos como escritor, por um suplemento da capital (para o qual escrevia histórias de aventuras, com o seu companheiro de infância F. Martins), escrevia também, alguns artigos esporádicos para o jornal local."

6- pag. 172, 1º parágrafo, 3ª linha, incluir depois de... nesta conclusão, alguns pontos que se poderia dizer "subjetivos", pessoais (embora comuns às entrevistas) no horizonte do cotidiano europeu e brasileiro do final do século XIX e início do XX."

FAMÍLIA "A"

ENTREVISTA Nº 13

Os dois vieram da Itália. Meu pai veio de Medicina, província de Bolonha e minha mãe do norte da Itália, do Vêneto. Se conheceram na cidade de Mococa. Meu pai veio direto para a cidade e minha mãe para uma fazenda.

Meu pai trabalhava num armazém, ele fizera sociedade com outro italiano e compraram um armazém, depois a sociedade não deu certo e meu pai ficou sozinho. Ele ficava na porta do armazém, quando minha mãe vinha à cidade passava em frente do armazém. Começaram a namorar e se casaram. Ela era mais dinâmica, mais para frente do que ele, com mais visão.

A família dela era toda de comerciantes na Itália, meu avô montou uma casa comercial para dois filhos, ali perto de Sialazeli, mas eles não trabalhavam muito e quebraram. Meu avô teve que pagar tudo e se achou sem dinheiro, então, decidiram vir para o Brasil. Mas aqui verificaram que com o que deixaram na Itália viveriam melhor lá e voltaram. Minha mãe ficou aqui, porque já estava casada com meu pai.

Já moravam naquela casa que a família sempre viveu, uma casa grande com um quintal enorme, que tinha uma fábrica de guaraná e cerveja, já em 1900.

Tinham casa de comércio e fabricavam guaraná e cerveja. O F. Barreto foi conversar com meu pai para ver se ele

queria abrir uma cervejaria grande, ele não quis, porque se fosse mal o banco pegava tudo.

Meu pai morreu cedo, com 48 anos, minha mãe tocou tudo sozinha, o filho mais velho tinha 15 anos, éramos três homens e cinco mulheres.

- Todos estudaram?

- Estudamos tudo que havia aqui na cidade para estudar: grupo e escola de comércio. Uma filha não tinha como sair da cidade, onde iria ficar? (por isso a segunda filha que era muito talentosa em pintura, embora quisesse não foi para a escola de Belas Artes no Rio). Davam muita importância para estudo, tanto que a caçula, como já havia curso Normal aqui, se formou e trabalhou, até se aposentar, como professora. Os mais velhos tinham que ajudar no armazém, na fábrica de cerveja e de guaraná, limpar as garrafas. Eu e a mais velha que eu (que não se casou) ficamos com a minha mãe. A filha mais velha se casou (faleceu recentemente), depois o filho mais velho, ficou à frente dos negócios (faleceu há alguns anos) até morrer, a irmã seguinte nunca trabalhou no armazém (a que tinha pendores artísticos) e se casou logo depois que a mamãe morreu. Então, as duas seguintes e um irmão ficaram com minha cunhada, e os dois mais novos nunca acompanharam diretamente a família.

Logo, 6 anos depois, minha mãe morreu. Mas ela tinha muita visão, já tinha comprado todo o material para fazer ampliações do armazém. Mas, o que ela

queria, mesmo, era ir para São Paulo, porque lá tinha mais campo e queria que os parentes ajudassem.

- Esta visão, esta disponibilidade como ela passou para vocês?

- Pelo exemplo, ela conversava muito conosco, e os filhos e as filhas estavam sempre trabalhando, na cervejaria, ou no balcão, nós não tínhamos tempo para brincar, era trabalho e estudo. Se via alguém parado e conversando, ela logo perguntava: "Não tem nada para fazer em casa?"

Depois ficamos com o armazém, com tudo. O Giordano com 21, 22 anos assumiu tudo, olha que ficamos sem mãe e sem pai, trabalhando todos juntos e não brigávamos não. A única casada era a Maria, todos os outros eram solteiros e o mais novo bem criança. Cada um tinha seu trabalho. O Giordano fez uma reunião, onde participou aos irmãos que assumiria a liderança e não houve brigas. O Giordano aprendeu a dirigir e era ele que fazia as entregas, assim não conhecia muito bem os fregueses. A Idalina que conhecia todos ia, então, mostrando para ele quem era quem.

Se minha mãe não tivesse morrido ele não seria comerciante, ele iria ser músico. Músicos: eu tocava piano, Silvio violino e o Giordano pistom. Tocamos juntos a vida toda, até o Giordano morrer.

Depois que ele morreu, eu fiquei na direção por mais uns 5 ou 6 anos, mas já estávamos cansados, não havia mocidade, nenhum dos nossos filhos quis continuar... estavam todos

estudando ou já formados, nenhum dos netos mostrou qualquer tendência para aquilo. Tanto é que um dia, um deles disse: "Em vez de botar a gente para estudar deveriam ter botado a gente no balcão". Nós não queríamos que eles tivessem a vida dura que tivemos, queríamos o melhor para eles.

- Haviam festas?

- Era uma casa alegre, houve tempo de haver vinte pessoas morando lá... A Tia Ermelinda com seus quatro filhos... ela ficou viúva em Presidente Prudente e uma pessoa veio de lá e nos contou que ela estava passando dificuldades, com quatro filhos pequenos. A família dela não cuidava dela, e, veja, o pai foi quem abriu a cidade de Presidente Prudente! Ele deveria ter alguma coisa, mas ela estava morando em um paiol! Então, o Giordano mandou buscá-los. Era uma casa muito movimentada e cheia de vida! Havia uma sala de visitas com as janelas para a calçada e uma sala grande que era a sala de jantar, e todas elas voltadas para uma grande varanda e um belíssimo jardim. É uma casa muito antiga, construída pelo pai do Ranieri Mazzili, com um jardim interno e depois um quintal grande que chegava até o rio e onde ficava os depósitos e a fábrica de cerveja e guaraná, mas o jardim era sempre muito bem cuidado.

A cervejaria continuou sempre e passou para o Otávio que saiu da sociedade do armazém e ficou com a fábrica de bebidas, produzindo principalmente o

guaraná e vendia cerveja nas grandes companhias.

- Vocês, em casa, discutiam política? E Fascismo?

- Sim, gostávamos muito. Fascismo era mais na época da minha mãe que gostava muito de política e ela apoiava, porque no começo o fascismo foi uma coisa boa para a Itália, quando entrou na guerra com Hitler, Mussolini botou tudo a perder.

- E anarquismo, anti-clericalismo?

- Meu pai não se simpatizava com a Igreja, ele quis batizar o Giordano como "Giordano Bruno" e o padre não deixou, então ele disse: "Não faz mal, fica só Giordano, o próximo é Bruno", como veio uma mulher, foi Bruna.

Meu pais vieram para tentar uma vida melhor, tanto é que nossos parentes lá, são até hoje comerciantes. Durante os anos que durou, o "Dal Rio" foi o maior armazém: tinha o Pisani, mas o nosso tinha de tudo, de enfeites a material de construção, menos roupas e calçados. Mas tinha louça, ferragem, secos e molhados, importados, material de construção. O Giordano vendia o material, deixava a pessoa construir a casa e não cobrava juros, era uma outra mentalidade!

- Festas:- eram aniversários, depois que Giordano entrou para a maçonaria, ele fazia as festas em casa. Eu pensava o que será que é a maçonaria? Naquele tempo tinham que acreditar em Deus e ser honesto, tanto que o "Zico"

(cunhado) entrou e depois começou a não agir bem: coisas com mulheres, e foi posto para fora.

Quando ele (Giordano) entrou, nós todos sofremos muita discriminação da Igreja. Toda vez que íamos à Igreja, na preleção, o padre só falava contra a Maçonaria. Uma vez eu falei para Dona Filhinha (era uma "carola", de família tradicional, da época) que não iria mais à Igreja, porque era só a gente chegar lá, ele começava a falar da Maçonaria. Serviu o protesto, porque depois a coisa ficou melhor, ele não falava tanto. Hoje não falam mais nada.

- S o f r e r a m discriminação por serem italianos?

- Ah! sim... tinha mulheres importantes e elas não se juntavam com as outras. Tinha a Paulicéia, mas era só de gente rica, não tinha operário, não tinha italiano. Depois foi modificando, quando "rodaram" economicamente é que os tradicionais começaram a falar com a gente.

Não deixavam casar brasileiros com italianos de ambos os lados. Nós casamos só entre imigrantes, portugueses também, mas não com ninguém da sociedade, era muito isolado. Íamos para a escola junto, no primário, mas as festas eram separadas, e depois, iam estudar em São Paulo e ficavam ainda mais separados.

Nossa casa era grande, com festas, a mesa era o centro: com macarronada, leitoa. Doces, não tinha no começo, pois minha mãe não

sabia fazer, ela só sabia fazer "suguli" de laranja e uva. Depois a Bruna que ajudava na cozinha, fez um bolo gostoso e minha mãe começou a perguntar o que ela tinha posto, e disse: "*Também, com tudo isso só podia ser bom, mas saiu caro!*" Minha mãe ficava no balcão e a Bruna preparava as coisas para ela só terminar.

Minha mãe queria mandá-la para a Escola de Belas Artes no Rio, mas onde ia ficar uma moça sozinha? ficar numa pensão não podia, e ela não foi, uma pena pois tinha muito talento. A Maria era muito inteligente, tinha uma escolinha de comércio ao lado da casa dela, ela ficava ouvindo e aprendendo com todas as aulas. Ela queria ser professora, mas naquela época só havia Normal em Casa Branca e era muito difícil ir para lá.

Líamos o "Fanfulla", tanto que quando cheguei na Itália, comecei a falar italiano. Tinha muitos romances que líamos, o primeiro livro que li foi "O Moço Lindo", acho que de M. Delly. A leitura era estimulada e respeitada.

Na Itália, fomos ao cartório e pedimos a documentação, de meu pai está tudo certinho, mas não sei a origem certa da família. Por parte de mãe sabemos tudo, mas de meu pai só que era de Medicina.

DEOLINDA:- Viúva do Giordano, depois que me casei moramos junto com a família, vivemos juntos a vida inteira. A Maria e a Bruna já eram casadas, os outros como a Linda e o Otávio moraram uns tempos comigo quando se casaram.

Vivemos muito bem, com a casa sempre aberta. Mesmo antes de casar havia muita visita de São Paulo, muito amigos, sempre muita gente à mesa. Mesmo no dia em que ele morreu, tinha almoçado com uns dois filhos da minha filha. Ele gostava de dar festas, recebia as pessoas da maçonaria, da banda. Os amigos eram em sua maioria descendentes de italianos, mas tinha também brasileiros. Na maçonaria não havia discriminação, era freqüentada por brasileiros e imigrantes, quem o levou foi o Jaime Rehder.

Nã o h a v i a discriminação entre homens e mulheres na família, ambos trabalhavam igual, tanto que a Idalina, era quem comandava por trás do balcão. Antes de nós casarmos, quando a mãe morreu, ele fez uma reunião com todos os irmãos e disse que iria assumir a firma e todos deveriam obedecê-lo, irmãos e irmãs. Todos estudavam, trabalhavam, passeavam igualmente. A Idalina ensinou muito a ele, ela sabia bem o que fazer, ela conhecia mais e ele a ouvia. A Linda cuidava mais do escritório, a Idalina do balcão, os irmãos tinham que obedecer. Otávio era menor, ele dizia que não gostava de sopa, e o Giordano fazia questão que todos tomassem sopa, eu então dava o jantar para o Otávio antes deles fecharem o armazém e dava o que ele queria: arroz, feijão e carinha. Quando eles chegavam para jantar, ele já havia jantado, e não precisava tomar sopa. Quando ele queria sair, vinha e me pedia: "Arranja um dinheiro para mim?". Eu cuidava para arrumar. Quando eu me casei,

ele era um molequinho, foi criado praticamente por mim, e não esquece disso, até hoje se lembra das minhas ajudas.

A união da família continua até hoje, na mesma casa onde me casei eu estou ainda. Era a casa de meus sogros e é lá ainda que fazemos reuniões de família. A casa ficou só com o jardim, o quintal grande foi todo alugado, pois os armazéns dos fundos estão alugados.

Quando o Ranieri Mazzili esteve em Mococa e era político, ele quis ver a casa que tinha sido feita por seu avô, (foi quando Mococa fez 100 anos). Ele visitou a casa e disse que se lembrava dos passeios de bicicleta que fazia dentro dela quando criança. Ficou sabendo que as enchentes prejudicavam muito o quintal, toda a mercadoria tinha que ficar sempre levantada. Depois, quando ele esteve alguns dias na presidência da República, arrumou verba para canalizar o rio e acabou com as enchentes.

FAMÍLIA "B"

ENTREVISTA Nº 12

Idade:- 66 anos

Avós vieram da Itália, Rovigo e Padova. Da parte de pai vieram naquele grupo do Vêneto que foi para Comendador Guimarães onde plantavam muito café. Ficaram algum tempo lá e depois vieram para Mococa, parece que todos do grupo saíram da fazenda vindo para a cidade. Acho que eram do centro de Padova, mas não me lembro do local.

Aqui na cidade, meus dois avós, um era empreiteiro de obras, morava lá em cima perto da Igreja da Aparecida, pois já tinha alguma experiência na Itália. O outro, Cezar Vicinanza, era construtor e vizinho do Paschoal Pisani. Ele trabalhou junto com meu outro avô, porque ele pegava muitas construções.

Inclusive, me lembro muito bem que ele pegou uma Igreja para construir, comprou um caminhão, daqueles antigos, e levava os empregados de Mococa para Arceburgo, onde estava construindo a Igreja São João Batista, já tinham o projeto que ele executou.

Meu pai era filho único, mas meu avô veio com outros irmãos, inclusive tem Cominatto em Campinas que são nossos parentes. Eram quatro irmãos que vieram de Padova, mas cada um foi para um lado, e meu avô veio para Guimarães: Angelo Natal Cominatto, profissão marceneiro e músico da Banda. Naquela época havia muita facilidade para viajar e meus avós foram para a

Itália mostrar o bambino, depois voltaram trazendo mais familiares.

Meu pai era músico da Filarmônica, composta de italianos e filhos de italianos. Meus pais tiveram só dois filhos, eu e minha irmã. Ele fez apenas o primário e depois foi aprender marcenaria com um cidadão chamado Valentim Scarlatti, um artesão muito bom, uma figura muito querida, e também músico.

Não sei o nome, mas meu pai aprendeu música com um professor italiano, tocava clarineta e saxofone. Ele tinha uma queda para artes, trabalhou com o Ettore Bosco que era um grande marceneiro, depois foi trabalhar com meu tio na marcenaria "São José" que fazia móveis finos, lá ficou até se aposentar.

Ele nos deu todo estudo que pode, minha irmã foi professora no "Oscar Villares" até se aposentar. Era professora primária, mesmo com defeito físico (braço). Eu me formei na Escola de Comércio do professor Barreto, aliás fui contemporâneo do Mário Destro, ele era da 1ª turma e eu da 2ª. Nosso título foi considerado de nível superior, porque era cursado depois dos 5 anos de ginásio e foi antes da Reforma. Éramos um grupo grande de filhos de italianos que faziam o curso de formação técnica.

Só depois fiz um curso para professor em Guaxupé. Fiz o curso enquanto trabalhava na prefeitura com o irmão do professor Paladini e comecei a dar aulas também, porque gostava muito de estar na frente dos alunos, alguma coisa

despertou em mim a vontade de transmitir conhecimentos. Dei aulas por 19 anos na Escola de Comércio, porque o professor Barreto pediu, pois eu era funcionário de uma máquina de algodão lá em cima do Zelanti e o Mário Destro era do Pisani, e eu tinha muito conhecimento de contabilidade pública e iniciei a cadeira de Orçamento. Depois dei aulas na Escola Industrial no cruzo de Secretariado, e fui indo até que me aposentei na prefeitura. Mas, ainda continuo lá até hoje, muda prefeito, mas estou sempre dando minha contribuição.

- Seus pais achavam que sua irmã não precisava estudar?

- Não, minha mãe induziu todos nós a freqüentar a escola, achavam que não tiveram o direito de ir à escola, porque trabalhavam, mas nós tínhamos a obrigação de freqüentar a escola, e quis que ela (irmã) também se formasse.

- Como foi quando ela começou a trabalhar?

- Meu pai achava que ela não tinha condições por causa do defeito físico dela, mas ela trabalhou durante 32 anos e alfabetizou meus filhos, os filhos da Flávia, irmã da Teresa (esposa).

Os italianos faziam questão que os filhos e filhas fossem para a escola. Havia algumas famílias que queriam que as filhas ficassem em casa, mas outras queriam dar educação e profissão, tanto para os filhos quanto as filhas.

Na família de meu avô, parte de minha mãe, minha

tia era costureira, outra estudou na escola industrial, a outra era doméstica (trabalhava só em casa), e meu tio Belmiro Vicinanza era marceneiro e montou uma firma mas, tinha esse discernimento que teria que se sentar nos bancos da escola para obter conhecimento para a vida futura.

- Festas especiais.

- No fim de ano, meu avô, fazia questão que todos os familiares se sentassem à mesa, juntos, para comer e beber. Me lembro que quando houve o que foi o falecimento de meu avô, meu pai conservou a tradição de reunir a família, fazia questão no Natal e Ano Bom.

Nos aniversários também havia reuniões familiares, meu Tio Belmiro e minha tia Rosa que era uma doceira de primeira, gostavam muito de reunir a família.

Lembro de comidas tradicionais como: macarronada, ignoc, muito pão com lingüiça, tenho uma saudade enorme, mas não posso mais comer. Sopa sempre, fosse calor ou frio era sopa no jantar. Doces de goiaba, laranja, de batata, de mandioca com melasco, tudo feito em casa.

Minha mãe era doméstica, fazia tudo em casa e costurava também, quer dizer não trabalhava fora. Mas, depois ela começou com aquele movimento de compra e venda e montou uma loja de venda de roupas feitas, ia até São Paulo comprava e vendia aqui em Mococa. Ela tinha toda esse iniciativa e o apoio de meu pai.

Era uma família mais

aberta, com uma visão de vida diferente, não eram fechados.

Me lembro muito bem que meu avô gostava de sentar-se a porta da casa todas as tardes até 8:00, 8:30h da noite, com o aparecimento do rádio quem não tinha ia ouvir no vizinho como uma grande família, era um entrelaçamento muito importante.

- Você sentiu alguma segregação?

- Não, porque quando eu era criança, joguei bola com os filhos das pessoas de outro nível social, era tudo misturado, jogava com bola de meia. Inclusive quando a gente era criança jogava aqui no Bairro do Brás, então era uma briga! Era Brás, Aparecida, Mocoquinha, nós saíamos no caminhão para jogar bola em Igarai. Tinha, elemento imigrante, que fazia segregação; não deixava a família se misturar com brasileiro, tinha pessoas com essa mentalidade. Mas meu avô veio do meio rural, onde havia preto, branco, mestiço. Ele não separava muito, só que trabalhador italiano era mais operoso, você sabe, a nossa "maldita pinga" sacrifica, até hoje, o trabalhador brasileiro da zona rural. Até hoje há falta de condições econômicas, de moradia condizentes com a época que vivemos, e ele o trabalhador demonstra sua revolta com a bebida, os italianos, geralmente, cultivavam o vinho como parte do ritual da refeição.

Eu me lembro que meu avô falava sobre o integralismo, fascismo, os

italianos vestiam uma camisa preta. Me lembro disso, porque havia um consul aqui em Mococa, chamado Domingos Pavan, se eu não me engano: eles se reuniam no "Círculo Operário" que na época era o "Doppo Lavoro". Depois veio o Integralismo, Getúlio com as reformas básicas acabou com o Integralismo e com Plínio Salgado.

Eu me lembro muito bem que meu avô ligava o rádio baixinho na BBC de Londres para ouvir notícias: "*Foram afundados tantos navios italianos*" eles ficavam muito bravos, torcendo pela Itália pois tinha a formação e o culto ao rei Emmanuel III, ele era de Rovigo.

Para conseguir a cidadania italiana está muito complicado por causa da confusão dos nomes, é preciso achar uma firma especializada nisso.

Na minha família éramos todos muito religiosos, inclusive meu pai queria que eu fosse padre, e o interessante foi que minha mãe não deixou, porque era filho único e agora meu filho é padre.

Acho que os italianos eram mais ligados ao trabalho, no "Doppo Lavoro" tinha carnaval para os italianos. Na maçonaria para outro grupo, na Paulicéia era dos filhos dos descendentes dos fundadores da cidade.

Inclusive meu avô, por parte de pai, trabalhava na Paulicéia onde tinha jogatina do pessoal das famílias dos fundadores, meu avô era zelador, servia café para essa turma que ficava jogando baralho. Quem explorava a jogatina era o Pedro Paulo, um italiano e a turma toda estava nas mãos

dele.

As festas também eram feitas na Paulicéia que era o clube de elite, tinha o Teatro Variedades que era da massa e da classe média e o Cine Teatro Central que era da elite, cujo dono era o Sr. Aguilberto Figueiredo que tinha ramificações com as grande famílias.

- Mais alguma coisa que gostaria de contar?

- É eu gostava muito da Filarmônica, ela fazia divisa, parede meia, com a casa de meu pai. Eles tinham dois ensaios por semana, 3ª e 5ª feiras, e no domingo ia fazer retrata no jardim. Era uma banda muito solicitada, havia duas bandas aqui, tinha a Recreativa e a Filarmônica, uma de brasileiros e outra fundamentalmente de italianos. Quem carregasse os instrumentos e as partituras, tinha direito de entrar de "graça no cinema", então, quando a Filarmônica saía, a criançada toda ia carregando as partituras e as caixas dos instrumentos e podíamos todos ir para a geral assistir aos filmes, porque era difícil pagar entrada de cinema.

A gente catava tudo que pudesse para vender e conseguir dinheiro para o ingresso, assim acompanhar os seriados que passavam aos sábados e domingos. Vendi muita verdura, banana para guardar dinheiro. Os estudantes passavam pela minha casa e eu vendia macaúba, bananas para eles levarem para a escola. Vendia a fruta para guardar dinheiro para a matinê de domingo. "Flash Gordon no Planeta Marte", não esqueço até hoje e tinha 11 anos.

Meu pai me fazia estudar, me levava e ia buscar na escola, só depois comecei trabalhar no cartório, mas o governo pagava mal e demorava para pagar, por isso saí. O Ismael de Castro era professor e contador e me ensinou caligrafia inglesa comercial, que se usa para subscrever convites e fiz muito isso.

FAMÍLIA "C"

ENTREVISTA Nº 11

Em síntese, os imigrantes de Mococa, tinham como características virem trabalhar na lavoura, substituindo a mão-de-obra escrava.

Como todo bom italiano, a família toda trabalhava e na primeira oportunidade ou se tornavam pequenos proprietários rurais ou vinham para a cidade e se estabeleciam como comerciantes, preferencialmente com armazéns de "Secos e Molhados".

Nos armazéns de "Secos e Molhados" havia aquelas balanças de pratos, equilibradas com os pesos colocados nos pratos, colocando-se a mão na travessa de equilíbrio, o peso aumentava ou diminuía, diziam que os italianos "carcavam" a mão, para roubar no peso, daí a expressão "carcamano".

O Carmo Taliberti, por exemplo, veio para cá de Monte Morro, na Baixa Itália, Calábria, (muitos vieram dessa região), começou "mascateando", ia de fazenda em fazenda, e, começou a namorar a filha do fazendeiro José Pereira dos Santos que tinha uma fazenda onde era a Estação de Comendador Guimarães, e foi um dos fundadores da cidade. Em 1840, veio de Minas, do distrito de Lavras, era um daqueles mineiros intransigentes que estavam criando uma elite agrária que se tornou a aristocracia na cidade. Ele não queria permitir um "carcamano" namorando a filha dele,

ficou muito aborrecido e foi, depois de muita dificuldade, que eles, finalmente, acabaram se casando, isto no final do século passado.

Depois, o Carmo Taliberti abriu um armazém grande de "secos e molhados", haviam três armazéns grandes: Carmo Taliberti, Francisco de Marzi e Roque Rosseti, três italianos da mesma cidade na Calábria.

Depois do casamento, tendo se tornado um próspero comerciante, construiu o Hotel dos Viajantes. Carmo Taliberti passou a gozar de um certo prestígio e participar da vida da cidade. Como era um homem realizador que adorava uma banda de música, resolveu convocar uma reunião para fundar uma banda de música aqui, que se tornou a Filarmônica Mocoquense, dela participaram, entre outros, Afonso Destro, Giordano Dal Rio: Silvio Dal Rio, depois essa sociedade construiu o Teatro Variedades, com 33 contos de réis, doados pelos membros da Filarmônica (tenho o recibo da doação de todos eles). Naquela época era regida pelo Paulo Galhardi. Para a banda funcionar, com mais elementos, era necessário um professor de música: então, ele trouxe o Pedro Ângelo Camin, que morava em Casa Branca, e era guarda-livros e músico. Ficou como guarda-livros de seu armazém, e, à noite formou os músicos. Ele formou a Filarmônica e como tinha formação artística na Itália, dava aulas para as filhas das famílias tradicionais. Uma delas, era a outra filha do José Pereira dos Santos, Maria

Luiza a qual começou a namorar. Quando o pai ficou sabendo disse: "*Basta um carcamano na família*". Mas não adiantou, eles acabaram se casando também. Então, ele foi para Comendador Guimarães para tomar conta da contabilidade, lá montou uma pequena fábrica de licor e ensinou música para os colonos. Até chegou a fundar a Banda Santa Cecília de onde veio o João Balan, Paccione que aprendeu a "Requinte" com o Pedro Ângelo Camin aos 14 anos de idade. Ele era tão bom músico que quando dissolveu a Banda Sta. Cecília que era famosa, veio para a Filarmônica e se tornou maestro, vieram também Romulo Gozzo e o irmão dele.

Mococa tem em seu museu um livro escrito, em letra cursiva inglesa, com o registro de todos os italianos e de onde vieram. Tive acesso a este livro, porque queria saber a origem dos Pisanis, dos Dal Rios, italianos que mais se destacaram na cidade na área da indústria e do comércio. A primeira fábrica de cerveja foi fundada por um Pisani, eles são de São Vito, província de Luca. Desde meu tempo de estudante fui muito curioso sobre a história da cidade e o professor Almeida Magalhães (que era professor secundário, mais de nível superior) me deu um livro de Humberto Queiros, o primeiro livro sobre a história da cidade até 1900. Ele foi o primeiro farmacêutico (formado em Ouro Preto) que trabalhou em Mococa, antes haviam apenas boticários e benzedeiros. Um orador primoroso, um intelectual que conheceu os fundadores

da cidade e foi anotando fatos, quando se mudou para São Paulo resolveu escrever este livro e toda a renda foi doada para a construção da Santa Casa. Este é o único livro que registra a chegada dos imigrantes, pois quando o "Doppo Lavoro" se tornou "Círculo Operário" toda a documentação que lá havia, sobre italianos, desapareceu.

O Bruno Giorgio nasceu aqui por acaso, seu pai era da Toscana e era comprador de café, veio com a esposa e ficou por 3 anos e depois voltou para a Itália.

Os italianos tiveram grande participação no desenvolvimento da cidade. A Paccione primeira indústria aqui instalada, na era da máquina, foi a dos Irmãos Nicola (Pedro, João e Mateus) em 1888, depois foi o Alexandre Cunalli com o curtume Ítalo-Brasileiro, depois chamado Santa Emília. A terceira em 1919-20, o Laticínios Mococa, foi fundada por brasileiros, pela Dona Izabel do Prado Barreto, uma pequena fábrica de manteiga mais artesanal do que industrial.

Das indústrias, já não à nível artesanal, que aqui se desenvolveram, 14 foram desativadas ou se mudaram. Os motivos: talvez não tivessem condições de se desenvolver e enfrentar as grandes concorrentes multinacionais. Exemplo, havia seis fábricas de refrigerantes, as principais Zini, Dal Rio, Spinelli e Rigobello. O Élcio Zini que fabricava um guaraná de grande aceitação, me disse que para atender as exigências do Ministério da Saúde, teria que gastar uma fortuna e que não teria

retorno do investimento. Foi mais fácil se tornar depositário, isto é, fazer comercialização dos refrigerantes e cervejas das grandes fábricas, a mesma coisa aconteceu com o Otávio Dal Rio.

As indústrias de sapato do S. Mussarra, do Francisco Castello, Roque Ceravollo, Natal Battistella, produziam e vendiam em lojas ao lado da fábrica, não tinham capital para modernização e acabaram fechando. Foi o mesmo com as fábricas de móveis de Vicenzo Vicinanza, Ettore Bosco. Também, com as fábricas de massa, a do José Sêmola tinha todo o maquinário vindo de Palermo, e outras que foram engolidas pelas grandes indústrias. A grande industrialização fez com que desaparecesse os artesãos, como: alfaiates, sapateiros, marceneiros.

A participação italiana na vida de Mococa foi muito grande e houve um que não veio como imigrante e que marcou a arquitetura em Mococa, o arquiteto BOZZANI que foi contratado pelo Francisco Garcia de Figueiredo para construir a Igreja do Rosário. A Igreja tem um arranjo arquitetônico organizado onde se percebe a criatividade de um arquiteto, diferente de outras que eram construídas apenas por mestre-de-obra. Depois o Joanin Scarparo, o Periscinotto (que depois se mudou para São Paulo): o Cezar Vicinanza, o Lourenço Parolli aprenderam melhor seu ofício com o Bozzani e se transformaram em mestre-de-obras licenciados, eles faziam o que chamamos uma arquitetura maneirista,

procurando imitar o que o Bozzani fazia que era: o Neoclássico italiano eclético, e, também "Art-Nouveau".

Ele construiu a Igreja, porque foi um voto da mulher do Chico Gomes em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, no lugar onde era a Matriz Velha, porque a cidade nasceu ali, onde havia uma capelinha de São Sebastião tendo sido ampliada, transformou-se na Matriz Velha.

Quando o padre Bento Monteiro do Amaral veio para cá viu que a igreja não estava em condições de acompanhar a evolução da cidade no auge do desenvolvimento cafeeiro de 90, construindo a Igreja Matriz Nova que foi inaugurada em 12/05/1896, tendo sido a Matriz Velha desativada, e como tal abandonada.

A promessa precisava da autorização do Bispo de Ribeirão Preto e foi o Monsenhor Feres Brandi quem interferiu para conseguir a permissão de derrubar a Matriz Velha e construir a Igreja do Rosário, com a orientação do Bozzani.

Agora, o que aconteceu foi, os fazendeiros de café viram o trabalho do Bozzani e encomendaram as casas deles na cidade. Então ele construiu a casa do Coronel Juca, a casa do Dr. Quinzinho Camargo, o sobrado do Joãozinho Gomes, a casa do Gabriel Pinheiro, todas essas casas ao redor da Matriz e do Jardim.

O que caracteriza o centro de Mococa, que é diferente das outras cidades, é que a Praça Central, nas outras cidades, tem a Igreja e o comércio em

volta; em Mococa, há a Igreja e um jardim, ambos rodeados de casas dos grandes fazendeiros.

Aquela casa descendo a escola profissional que foi do Venerando Ribeiro e seus descendentes, é arquitetura italiana "Art-Noveau". Dentro da casa, eles conservam, ainda, os móveis originais (feitos por Valentim Scarlato e o pai do Cominatto).

A entrada do cemitério foi o Bozzani que fez, infelizmente eles estão reformando algumas casas sem os cuidados e estão descaracterizando-as, o que é lamentável.

Este Bozzani teve uma participação muito atuante na criação e estabelecimento da arquitetura urbana no auge do ciclo do café em Mococa. Não é uma arquitetura característica do ciclo do café, pelo contrário, mas foi a influência de um italiano formado em Milão.

Para a Fundação da Escola Profissional foi feito um pedido, ao governo da província, Dr. Júlio Prestes de Albuquerque que o atendeu com a condição da cidade oferecer o prédio. Era Prefeito de Mococa o Francisco Pereira Lima, mas conhecido como Dr. Chiquinho e presidente da Câmara o Dr. Deca - Manoel Carmo de Siqueira. O líder de todos era o Oscar Villares, o curioso é que ele nunca quis cargo nenhum, insistiram diversas vezes, ele era um homem vivo, inteligente, de uma habilidade política extraordinária, mas só conduzia por trás dos bastidores. A idéia da escola profissional foi do Oscar Villares e do Dr.

Genésio Arruda de Almeida, porque percebiam que de 40 alunos que saíam do grupo, menos de 10% iam para o ginásio, apenas indivíduos que tinham perspectivas e posses para fazer um curso superior. Os grande artistas de Mococa no campo da marcenaria, sapateiro, etc, aprendiam seus ofícios com outras pessoas que já exerciam essa função. Hoje não existe mais isso, era um ofício artesanal.

Fizeram uma reunião na prefeitura antiga, para escolher o local onde construir a escola. Conta, a tradição oral que o Dr. Deca pediu licença para ir ao banheiro e viu pela janela aquele prédio, sem acabamento; quando voltou, lembrou aos presentes do prédio ao lado que era da Nova Sociedade Italiana "Doppo Lavoro". Foram conversar com os italianos: o presidente da Sociedade era o Paschoal Ranieri, vice-presidente, o Francisco Demazi, eles reuniram a sociedade e doaram o prédio. A escola se chama "Francisco Garcia" porque depois de levantarem, cobrirem o prédio e terem feito as modificações e acabamentos necessários para transformar o prédio em escola, faltou dinheiro, "50 contos de réis" eram necessários, e naquela época era muita coisa. O Chico Garcia deu o dinheiro, deram, então, o nome dele para a escola.

- Sabe de alguma escola italiana na cidade?

- Artur Mantuzzi pretendeu abrir uma escola de formação básica em língua italiana, mas não foi permitido. Outro que fundou uma escola de desenho e

pintura, Gino Lombazi, mas foi uma coisa assim pequena que não se consolidou.

Antes da fundação do Grupo Escolar "Barão de Monte Santo" não haviam escolas, haviam centros onde era dado a formação básica. Em Mococa ocorreram mais de 20 dessas "escolas" que funcionaram um, dois anos, mas não se consolidaram.

- Notícias de algum movimento anarquista entre os italianos da cidade?

- Nada, nada, alguns vieram com isso da Itália, mas não organizaram nada.

O Valentim Scarlatti era muito amigo da Dona Martha Destro e também da família De Vitto, e Dona Martha e o Vicensola (uma pessoa muito difícil) discutiam para determinar onde o Valentim ia almoçar no Natal e no Ano Bom. O Valentim fazia um dos presépios mais bonitos de Mococa, foi perdido depois que ele morreu, pois ele só tinha um sobrinho que não vivia em Mococa. Eu morava no Rio quando ele faleceu. Tinha um coração boníssimo, nunca vi um trabalho mal feito dele, era tudo manual e uma perfeição! Na casa da minha mãe ainda tem móveis feitos por ele. O Valentim tocava na Filarmônica e foi um dos construtores do Teatro Variedades. Ele era o vice-presidente da Comissão Construtora, e o Paschoal Galhardi o presidente.

Em 1897, havia o Teatro São Sebastião que marcou época, o dirigente artístico era o Angelo Camim, ficava em frente de onde hoje é o Clube da Praça em estilo neoclássico. A idéia de construir foi de Benjamin Magalhães e teve o

apoio dos fazendeiros tradicionais.

O Variedades foi interessante, primeiro era da Filarmônica: depois foi vendido para o Alexandre Cunali e aos Irmãos Anzaloni (João e Antonio) para montar um cinema. Onde paralelamente, ocorriam os principais acontecimentos sociais da cidade, os bailes eram realizados lá. Depois foi sendo vendido, servindo para outras atividades, foi todo desmontado, ficou só a fachada.

O Teatro São Sebastião foi derrubado, o "Círculo Operário" foi "destruído" (prédio continua lá) o salão de recepções era todo decorado em baixo relevo e pintado pelo Germinal Artese, agora está todo desfigurado.

Família:- Os avós: meu avô Paschoal Paladini veio primeiro para Casa Branca em 1886, em 1888-89 veio para Mococa, eles são de Santana, província de Paleroso, perto de Luca, pai de meu pai.

O pai de minha mãe: os Peliciari são do Vêneto, ele veio trabalhar em Comendador Guimarães, na roça. Foi juntando dinheiro como todos e depois vieram para a cidade. Não veio para Mococa nenhum conde, apenas trabalhadores.

Curioso é que meu pai era um modesto comerciante (tinha um açougue) que tinha só o primário, mas era de uma formação extraordinária, quando eu e meu irmão saímos do grupo, ele nos matriculou no ginásio, 1938, terminando o ginásio fizemos o colegial (primeira turma da Antigo Escola Normal Oficial) ginásio de 5 anos depois 2 anos de preparação para

entrar no curso superior. Fui a última do ginásio de 5 anos e a primeira do colegial de 2 anos com uma turma de 25 alunos. Nosso diretor era o Leônidas Horta Macedo e quando faltava um professor, ele substituíam para dar orientação em direção ao curso superior. Naquela época, 1944, predominava a mentalidade das profissões nobres: engenharia, medicina e direito, não havia esse leque de diversificação de hoje. Minha turma foi de 60% médicos, depois Advocacia e depois Engenharia e, eu disse que iria estudar "Artes Plásticas" na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, ele não queria admitir isso! Meu pai nunca falou nada, e sempre que queria material para trabalhar, ele comprava incentivava.

Meu irmão fez técnico em contabilidade na Escola do Barreto, e o menor morreu prematuramente. Eu reverencio a postura de meu pai, em relação à mentalidade da época.

- Se algum de seus colegas, de família tradicional quisesse ir para a Escola de Belas Artes, isso seria aceito pela família?

- Não, naquela época não, teria resistência, era: direito, medicina e engenharia, não haviam outros cursos, ou facilidades de estudo, era só São Paulo e Rio de Janeiro.

(Cita o Dr. Jefferson um homem extraordinário de grande competência, tinha uma vocação irresistível para medicina, mas não relaciona com o assunto que

estava sendo tratado).

Os amigos e os pais eram muito religiosos e por tradição era uma família italiana católica.

Comemoração e festas em família:- Natal, Ano Bom e Páscoa comemoradas com uma refeição melhor.

Aniversário:- era comemorado com uma comida diferente, só os da casa, pai, mãe e irmãos, era um dia diferente.

Jornais:- sempre o Diário de São Paulo, das organizações Associadas que também desapareceu.

FAMÍLIA "D"

ENTREVISTA Nº 10

Idade:- 76 anos

Éramos dez irmãos vivos, agora temos só quatro.

Meu pai era de Pisa, San Vito, Alta Itália, veio direto para Mococa, no final do século. Meu pai não veio com dinheiro, só alguma coisa. Tia Bepina, não sei, eles trabalhavam muito, tinham um grande armazém na Vila Mariana que era o único da redondeza, como vieram diretamente para a cidade e abriram logo o armazém, imagino que tivessem vindo com algum dinheiro. Depois, a filha dela teve tracoma e ela foi levá-la para se tratar na Itália, deixou a filha lá para terminar o tratamento, o pai não gostou nada, ficou bravo, mas ela tinha muito outros filhos aqui e não podia ficar tanto tempo, ela ficou lá, se casou e nunca mais voltou.

Mamãe era da Calábria, não sei a região, dela tenho a certidão de batismo. Casaram-se aqui em Mococa, em 1900. Minha mãe veio com o pai, a mãe e uma irmã, mas meu avô morreu logo que chegou. Não sei o que fazia, mas nunca foram para a roça, vieram direto para a cidade. Minha avó casou-se com o Germano que também era viúvo e tinha um filho, Emílio, desse casamento nasceu mais uma filha. Mas ele era muito ruim para as enteadas, elas trataram de casar logo, mesmo minha avó morreu logo, eram muitos os maus tratos. Minha mãe era muito amiga da tia Catarina, mas da irmã só por parte de mãe não, ela era muito confusa: mexia com

macumba, estas coisas e minha mãe não gostava. Interessante é que quando o padrasto ficou doente, foi minha mãe que cuidou dele, arrumou um homem e pagou para tomar conta dele. Quando ela ficou doente, várias vezes repetia o nome do Germano.

Meu pai veio trabalhar com a Tia Bepina que já estava aqui casada, morando na Vila Mariana, onde tinha um grande armazém. Ela trouxe quatro irmãos, mas um voltou para a Itália e ficaram então o Patrício, o Angelim e o Pachcoal, começaram trabalhando no armazém, depois montaram uma cervejaria, mas não deu muito certo. Papai foi para Guaxupé, acho que onde moravam era zona (prostituição) onde nasceu a primeira filha, trabalhou muito de pedreiro, carroceiro, mas era muito duro e vieram embora, minha mãe veio montada, de lado no cavalo, segurando a criança no colo.

Sabe em Guaxupé a mamãe sofreu muito... Nossa Senhora Aparecida! Eles não tinham nada era um casebre, a mobília dela era uma caixa de cebolas, a cama era de tijolos com um estrado em cima e colchão. Parece que ele foi pedreiro, carroceiro, não sei ao certo. Quando ela foi para ter a filha, ele estava trabalhando e ela teve que chamar uma mulher que morava lá perto para ajudá-la no parto, ela era muito nova ainda. No dia seguinte ela teve que passar na cama, até que a mulher chegou e perguntou porque ela estava tão fraca, se o "Seo" Pisani tinha feito uma sopa para ela? Que nada! Ela ainda

estava em jejum completo desde o nascimento da filha! Aí, a mulher, que não tinha boa fama, providenciou sopa e cuidou dela.

Quando voltaram para Mococa, foram morar numa casinha direitinho, perto da Tia Bepina, lá na Vila Mariana. Foram nascendo os filhos, o Jacinto, a Ida que morreu, mas ela deu o nome para outra filha, porque gostava muito desse nome, depois o Emílio. Ela dizia que fazia um frio que era uma coisa louca, o papai trabalhava de dia e à noite tinha que tomar conta da cevada, ela dizia que era uma coisa medonha, descer à noite para vigiar a cevada. Depois eles se mudaram para aquela casa onde ambos morreram. Nós nunca moramos na casa do Dr. Guerra, lá morou a Isolina, e como tinha um apartamento do lado de cá, o "Bertinho" morou lá também.

Com o dinheiro que ganhou em Guaxupé comprou, do marido da Tia Bepina, a cervejaria: tudo ia bem até que o Germano, padrasto da minha mãe, começou baixar o preço da cerveja e a briga foi grande ele acabou vendendo a cervejaria.

Então, ele e o Abrão Ventura, abriram, em sociedade uma fábrica de pregos e uma serraria, o Jacinto cuidava do escritório e papai ia para o sertão buscar as toras; mas a sociedade não deu muito certo. Ele largou e montou uma fábrica de gelo e o armazém na Praça 9 de julho. Mas não parou aí, construiu, com os filhos, o prédio e depois puseram em funcionamento uma firma para beneficiar algodão.

Tinha a máquina de

algodão, a serraria, aqui em baixo já tinha fechado, também o armazém no Morro Azul onde um genro tomava conta. Era na Fazenda Morro Azul, mas era um armazém enorme que servia toda a região. Aos sábados e domingo matavam de 15 a 20 capados, a carne que sobrava era trazida para nossa casa e passávamos (mamãe e as filhas de qualquer idade) os dois dias sábado e domingo fazendo lingüiça para vender nos dois armazéns. Os filhos ficavam na máquina de algodão, foi lá que um irmão perdeu um braço.

Depois, parece que foi o Barretto, do Banco que disse a ele que os Nicolas queriam vender uma parte da empresa e ele comprou uma parte dos "Irmãos Nicola", depois comprou a firma toda e ficou lá até morrer. Os negócios com algodão estavam difíceis e ficaram só com a "oficina".

Houve uma época em que ele tinha a máquina de algodão, a serraria lá perto da estação. Os Irmãos Nicola, duas fazendas com uma olaria entre elas. Ele era uma pessoa muito ambiciosa e com boa visão para negócios, depois ficou sozinho com os filhos na "Irmãos Nicola" que cresceu muito, fabricando máquinas agrícolas e turbinas para usinas.

O Tio Emílio e a Tia Gizelda tinham ficado na Itália, depois com o fascismo as coisas ficaram muito difíceis e meu pai os trouxe para cá. Primeiro foram para o Morro Azul ajudar a sobrinha, mas não deu certo, ele gostava de tudo organizado, meu cunhado era muito descontrolado e teimoso: assim vieram morar

em Mococa com uma outra minha irmã (Isolina), na casa que hoje é do Dr. Guerra, na Praça 9 de julho, e meu pai montou um posto de gasolina para ele onde ficou, até falecer. Ele morreu em outubro de 1945, foi visitar as crianças que tinham nascido naquela época, visitou você, a Maria Lúcia e a Sônia. Chegou em casa, teve uma embolia, e morreu. Ele tinha feblite, mas diagnosticaram "erisipela". Ele andava muito, subia e descia escadas, porque no porão da casa, fabricava vinho. Quando o médico descobriu que era feblite já era tarde, à noite teve embolia e morreu calmamente.

Na Itália só ficou uma filha da Tia Bepina, em 50 quando fui à Itália, só entrei em contato com ela, não fui visitá-la, porque estava em excursão, mas não sei nada mais deles.

Quando a Rina se casou ela morava numa casa do sogro na Vila Del Pretti, o marido era marceneiro, mas não dava dinheiro, então, meu pai resolveu comprar o armazém do Morro Azul para ele tomar conta e acabou dando para ele depois de algum tempo. Ela foi para lá com os filhos, porque ela teve muitos filhos. A cada nove meses ela desembarcava na casa da mamãe com aquele bando, um atrás do outro, você acabava de trocar um era o outro que precisava de cuidados, cada vez ela jurava que seria o último, era um terror. Como aquela mulher sofreu foi uma coisa medonha. Ela ficou diabética depois que um filho dela, o Arnaldo faleceu; ele saiu para pescar e voltou morto. Depois que saiu do Morro

Azul foi morar naquela casa grande esquina na Cel. Diogo, depois se mudou para aquela casa lá em baixo que o tio dele tinha deixado de herança, eles viviam telefonando para eu ir acudir, pois ela estava em coma diabética, ela teve onze filhos, um morto e depois, já morando aqui teve mais uma filha.

Todos fomos à escola, mas ninguém quis prosseguir, ir estudar fora. Era obrigado fazer o primário, alguns fizeram o ginásio. Mas, eles perguntavam: "Quer estudar?". "Não! Então vai trabalhar". Só os caçulas tiveram a vida um pouco mais mansa, sua mãe fez a profissional e foi terminar os estudos em um colégio interno em São Paulo, minha mãe deixou, porque ela dava muito trabalho para comer, nada era bom para ela e minha mãe disse: "Quando voltar ela vai comer até terra". Quando voltou não comia, pedra, porque minha mãe não fazia. O Hélio, caçula, meu pai o levou para terminar os estudos no Diocesano em São Paulo. Dias depois, estávamos sentados no terraço da casa, ele chegou com a malinha na mão de volta; pois, não queria estudar nem morar fora.

Eu fiz o grupo e não queria saber de estudar, então depois do grupo como eu era uma "pinta" ela me mandou aprender costurar na Ada Pelegrini, mas eu mais gastava sapato do que aprendia, porque ela me mandava, o dia inteiro, sair para receber, então minha mãe disse: "Você fica em casa que eu "te" ensino a costurar, bordar e fazer crochê".

Sua mãe arranjou

namorado aqui e não voltou para o colégio, a Isolina estava no Normal, mas não queria saber de estudar, então mamãe falou: "*Senão quer estudar pára e vem trabalhar, em casa*". Nenhuma de nós trabalhou fora, mas em casa como se trabalhava! Às vezes, minhas amigas, lá do Pedrosa, vinham me chamar para brincar, ela dizia: "*Não, tem muito serviço*". Todas trabalhavam, sua mãe era novinha e já ia ensinar nossa cunhada Ondina a cozinhar, eu ficava na cozinha da casa, elas foram se casando e eu fui ficando.

Mamãe costurava tudo em casa, a roupa dos meninos, das meninas, era tudo feito em casa e com o maior capricho, cheio de preguinhas e rendinhas, ela passava na máquina e entregava para nós arrematarmos, mas queria um serviço perfeito! como eu queria brincar fazia um ponto aqui e outro em São Paulo e dizia está pronto posso sair agora? Ela olhava e dizia: "*Quer fazer o favor de desmanchar e fazer direito*". Fazia calça, calcinhas, combinações, cuecas e camisas para o papai e os filhos também, não admitia nada mal feito. Ela só usava panos bons e queria um trabalho bom, também. Depois quando ficou melhor de vida, ela mandava fazer nossos vestidos na Ada Pelegrini que era a melhor costureira da cidade.

Tudo era feito em casa, fazia pão, torrava café, engarrafava tomate, fazia sabão, vinha capado inteiro e a gente cuidava de tudo até a lingüiça. Torrar café era horrível, porque tinha uma velocidade certa para girar e tempo certo.

Pão, só era melhor quando ela fazia com gordura e ovo, mas, papai gostava daquele pão italiano sem nada, eu tinha horror! Eu queria comer pão de padaria, quando o pão feito em casa ficava mais velho, ela mandava comprar na padaria para o papai, mas sempre guardava um pouco para nós...

Quando chegava o Natal, Páscoa, Ano Bom, o pessoal do Pedrosa ganhava cada presente, cada boneca maravilhosa! Mas eles não davam presentes, tinham dinheiro, mas não gastavam com brinquedos. Quando a situação melhorou mais, ele trazia mais presentes: por exemplo, quando foi para a Itália ele nos trouxe uma boneca maravilhosa! Depois já éramos mocinhas quando ele viajava trazia jóias, é que a situação econômica dele já era bem melhor. Ele trazia sapatos, tecidos que mandávamos fazer na costureira, as camisas do papai também eram feita por uma pessoa especializada, não me lembro o nome. Mas isto bem depois quando a situação dele era bastante boa, comprou móveis bons e bonitos para a casa, também.

Veja bem a situação era apertada, dinheiro curto enquanto ele estava construindo o patrimônio. Depois de consolidado, passamos a ter luxo e conforto. Mas comida sempre teve bastante, não que eles fizessem três ou quatro frangos, era um frango com farofa para a família toda, dava um pedaço para cada um: carne também era à vontade, era uma comida muito boa mesmo: fazia arroz com suã, tinha doce-de-leite, doce-de-abóbora, pamonha, curau.

No fim do ano era especial, tinha muita comida mesmo, tinha o "crispelle", pudim de pão, aquele doce de bolinhas com nozes e mel. Macarrão era feito em casa, ela estendia a massa deixava secar, enrolava como rocambole e cortava à mão aquelas tirinhas bem fininhas e todas iguais, fazia capelletti, tordelli, ravióli. Tinha sempre aquelas galinhas grandes, bonitas e fazia com elas o caldo para cozinhar o capelletti.

Só tivemos carro na década de 50, era o Pontiac, sempre tivemos camioneta e caminhões para o trabalho: desde o tempo do armazém tinha uma camioneta que o Jacinto dirigia e ia entregar mercadoria em São Benedito, Arceburgo, Canoas, nunca usou carroças ou animais para fazer as entregas, foi sempre de camioneta e só o Jacinto dirigia.

Fui uma das primeiras mulheres a ter carro, tirar carta e dirigir, mas havia umas outras duas ou três filhas de italianos também que já dirigiam.

O Natal era comemorado na hora do almoço, não tinha ceia, era almoço com vinho e refrigerantes, cabrito refogado, macarrão, frango, leitoa e era a mesma coisa no Ano Bom.

Aniversários eram lembrados, fazia um bolinho, mas era só para os de casa. Nós, mais tarde tínhamos o costume de fazer festas de aniversários, mas não como hoje, era apenas com as pessoas da família. Não davam presentes, não era por não ter dinheiro, mas por não ser o costume mesmo.

Presentes, papai

trazia quando voltava de São Paulo, a roupa dos meninos eram todas da Casa Alemã, e tinha uma doceria especial, não me lembro o nome, ele trazia doces maravilhosos.

Mas, quando ele ia para o interior buscar tora ou entregar turbinas, etc. Minha mãe fazia lingüiça curtiã, fritava e colocava em uma lata de óleo ou gordura, e ele só comprava pão, não comia nada em lugar nenhum! Se acabava a lingüiça, ele comia só pão. Ainda hoje tenho um irmão e minhas irmãs que não gostam muito de comer em restaurante, dizem que não sabem quem ou como a comida está sendo preparada.

Era uma família grande, não dava para fazer bife todos os dias, então era frango com farofa, carne com batata, e as verduras que tivesse na época, tinha que comer, mas não batia... sua mãe deu muito trabalho, não gostava de nada... nada estava bom o suficiente para ela, nem gostava de qualquer comida misturada. Eu não gostava de sopa, não gosto até hoje! Mamãe se sentava na ponta da mesa, meu pai na cabeceira supervisionando e eu do outro lado, ela dizia: "Nida, passa o prato" e eu fazia sinal que não queria, ela punha só um pouquinho no fundo... ele dizia: "Moça, ela vai comer só isso?", ela dizia: "Não depois ela come mais...". Ele não batia, não obrigava.

Nunca vi minha mãe bater em um filho! Uma vez, ela contava que a Rina estava se arrumando brigou com o Bertinho e bateu nele. Ele veio até ela chorando, ela foi para o quarto pegou a Rina pelos cabelos e disse que aquela era a primeira e

a última vez. A Rina chorou tanto que quase não pode sair por ter ficado com os olhos inchados. Eles não batiam e não deixavam que os mais velhos batessem nos mais novos. Eram bravos exigentes, mas não batiam, eu nunca apanhei nem da minha mãe, nem de meu pai.

Ninguém ousava discutir uma ordem dele, às vezes ele falava alguma coisa e se a gente não gostasse ia falar com a mamãe. Uma vez o Emílio, já moço queria ir ao Carnaval, mas ele não admitia! Mas como o Emílio e o Bertinho dormiam na casa do Jacinto que era grande ao lado. O Emílio começou amolar a mamãe, deixa que deixa: o Jacinto, deu dinheiro para a fantasia (de Pirata, era um bloco). Na hora da entrada do baile que era ao lado de nossa casa, Carnaval para nós era só assistir a entrada, papai também se levantou para ver os grupos fantasiados, ele olhou bem e disse: "*Moça aquele ali não parece o Emílio?*". Ela disse: "*Ah vá Pisani, o Emílio está em casa dormindo!*". O Emílio quando viu a família e o papai entre nós, abaixou a cabeça e entrou disfarçando, parece que ele engoliu a desculpa da mamãe. O Emílio não esperava por isso, porque ele ficava sentado no terraço lendo e não se interessava nunca!

Cinema era uma vez por semana, as filhas do Pedrosa iam todos os dias e eu queria ir também e ficava insistindo. Ela me chamou no terraço e mostrou: "*O Pedrosa mora ali na esquina, Pisani mora aqui, assunto encerrado*". Quando eles quebraram e perderam tudo,

ela me disse, o que adiantou todo o luxo agora estão morando em casa-de-aluguel!

Os filhos, quando casavam ficavam morando com eles até poder comprar casa. Bertinho, Pascolino, Emílio ficaram até acertar a vida, e a casa do Dr. Guerra era dele para ali, os filhos que casassem pudessem morar até poderem comprar casa própria.

Depois que a mamãe morreu ele ainda viveu dois anos comigo, mas era horrível, todos os dias ele reclamava da comida, dizendo que não era a mesma coisa e já fazia anos que era eu que cozinhava e não minha mãe. No começo eu ia para o quintal chorar, mas o Jacinto me disse: "*Você não percebe que é a falta da mamãe que ele está reclamando e não da comida*", então, eu fiquei mais calma, mas ele nunca se recuperou! Afinal foram 62 anos de vida em comum!

FAMÍLIA "E"

ENTREVISTA Nº 9

Idade:- 71 anos

- Mococa quando você era pequeno?

- Era bem menor, ia da estação e a Rua Cap. Miguel Ferreira, Bairro do Descanso, e Mocoquinha, o Centro é o mesmo de hoje.

- Os italianos, na rua que era saída para São José, tinha muito italiano de classe mais pobre que morava ali, os outros estavam esparramados pela cidade, a Rua São José até recebeu o apelido de Brás, (por causa do Brás de São Paulo).

Meus pais nasceram aqui no Brasil, meus avós: um veio do Vêneto, e o outro de Monte Nuovo, não sei se é da mesma região, meus avós paternos vieram casados, até morreu uma tia minha na viagem e foi jogada ao mar, esses que vieram de Monte Nuovo, os de Vêneto se conheceram e casaram aqui em Mococa.

Um avô veio para trabalhar na fazenda e depois veio para a cidade, trabalhou de operário nos Irmãos Nicola. O outro era carpinteiro, morava na cidade e ia trabalhar nas fazendas. Depois que parou de trabalhar, comprou um sítio onde foi morar, gostava de comer bem e como tinha um irmão na Itália, este mandava cartola de vinho, caixa de bacalhau, a gente comia muito bacalhau naquela época, montou também uma olaria, ele era uma pessoa bem empreendedora. Mas, o outro não saiu da fazenda, comprou uma casa e

trabalhou de operário a vida toda, veio com a família toda, porque o trabalho rendia mais e prendia o colono aqui.

Leitura não tinha em casa; meu pai não sabia ler, nem escrever, só fazia conta mentalmente e minha mãe só sabia assinar o nome. Nós todos fomos à escola, mas não era muito incentivado, foram mais os companheiros e nossa necessidades que nos fizeram estudar, em casa não tinha estímulo.

Não tínhamos problemas em casa, meu pai é que era um problema porque abusava da bebida, mas era um homem que bebia, não falava nada, não tocava em ninguém. A gente é que não gostava que ele bebesse, mas ele não aborrecia ninguém, não parava com as suas tarefas. Tanto que ele tomava conta da Igreja da Aparecida (era sacristão), e toda manhã às 6 horas ele estava lá tocando o sino, depois ia trabalhar até à tarde, saída do trabalho e ia de novo à Igreja, pois tinha função toda noite, só então lá pelas 7:30, 8:00 h é que ele ia para as "vendas" beber, depois vinha para casa e ia direto para a cama dormir. Ele nunca maltratou a família, minha mãe é que era muito brava, ficava irritada e ia para cima dele, mas ele não...

Ele era muito católico, mas nunca levava os filhos, nunca teve influência nenhuma sobre os filhos (dois homens e duas mulheres), tinha pouco relacionamento, minha mãe era mais enérgica, praticamente foi ela quem criou sozinha os filhos, ele dentro de suas posses nunca deixou faltar nada, mas não

interferia na vida dos filhos.

Naquele tempo comprava-se com caderneta. A "venda" vendia fiado, então ele ia às "vendas" bebia e depois minha mãe é que tinha que pagar, não adiantava nada ela exigir todo o pagamento na mão dela, ele entregava, mas ela tinha que pagar o que ele bebia!

- Você sempre procurou se instruir, ler bastante, de onde veio essa sua vontade?

- Não sei, porque eu nem terminei o 4º ano primário, quando quis parar meu pai disse: "Tá bom, você já sabe mais do que precisa". Voltei a estudar com 16, 17 anos, numa classe onde todos eram bem mais novos, então eu sentia que não podia ficar para trás e fui me desembaraçando. Mas o que me ajudou estudar foi um rapaz que estava fazendo o colegial aqui em Mococa, o José Migliaço, eu às vezes saía com ele e um dia estava descendo com ele e disse: "Teje paciência", ele me corrigiu: "É, Mattos tenha paciência!" aquilo me chocou e então comecei a pensar, comprei uma gramática do "Mattos da Cruz" e acho que em 6 meses decorei a gramática toda. Percebi minhas falhas e comecei a ler de tudo, depois conversando com o Frei Celso, não sei o que estávamos discutindo e ele me disse: "É uma pena, você fala muito, mas se contradiz facilmente, você não tem uma unidade lógica, vamos lá no convento que eu vou lhe dar aulas de filosofia". Aí ele me ensinou um pouco de filosofia tomista e me deu diretrizes de pensamento.

Depois disso, o Migliaço continuou aqui e ele escreve bem, era um bom poeta um bom escritor, ainda é hoje; ele me trazia sempre os textos para eu corrigir o português, e eu me desembaracei. Foi um desafio que eu assumi; depois, cheguei a ser professor de português, só que os vícios de linguagem, que tinha em casa, sempre dificultaram muito.

- Então você estudou depois de adulto?

- Foi, fiz a Escola de Comércio e depois a Escola Normal que naquele tempo era mais puxada um pouquinho.

Eu entrei na política por acaso, eu trabalhava na CESP e no tempo de eleição aparecia muito candidato. Um engenheiro conversou comigo sobre isso e fomos falar com o presidente que precisava acabar com a entrada de candidatos. O presidente, era um político e falou: "É fácil, arranja um candidato de dentro, para evitar a entrada de outros", e me indicaram, mas eu não queria ser eleito, mas não podia ficar sem nenhum voto, fiz um trabalhinho e fui eleito pelo PSP do Ademar.

Fascismo não, eu cheguei a me animar com Plínio Salgado, e tinha um rapaz bem inteligente, não me lembro do nome dele, que de vez em quando, aparecia na cidade e ele me entusiasmava: mas nunca frequentei, só tinha simpatia pela causa.

- Quando mais novo lembra ter ouvido alguma coisa de anarquismo, socialismo?

- Nunca tive contato, não conhecia...

- Você freqüentou o **Círculo Operário**?

- Quando o "Doppo Lavoro" passou para "Círculo Operário Mocoquense", (foi organizado pelo De Santi de São Paulo, para harmonizar trabalho e capital), eu fui o secretário e o Emílio Pisani o presidente, tinha estatuto-padrão, mas se desenvolveu mais em Santos e São Paulo. Aqui, ficou só na parte recreativa, hoje existe ainda o prédio. Cada **Círculo Operário** tinha um assistente eclesiástico, o Frei Celso foi o primeiro, depois que foi embora, ficou o Frei Joaquim de Moema, lá eram tratados problemas sociais baseados na encíclica RERUM NOVARUM de Leão XIII.

- Sua família desenvolveu alguma atividade artística?

- Não.

- Havia reuniões familiares?

- Não.

- Comemoravam alguma festa?

- Comemorava sim, mas os presentes das crianças eram dados no "Dia de Reis", chamavam "dia da vechietta", dia da velha. Na minha casa tinha uma particularidade, minha mãe não matava nada, quando as minhas tias da roça mandavam os animais, galinha principalmente, já mortos, ela fazia, senão ela não fazia.

Meu pai tinha um costume, quinta-feira e domingo eram dias de macarronada, se não tinha, ele emburrava... Eu já não comia macarronada, só arroz e feijão, assim minha mãe fazia também.

Não tinha um prato típico em casa, ela trabalhava muito, fazia de tudo, mas não era uma especialista, o que sempre me lembro é da "porpetta", mas não tinha nada diferente e ela não fazia doces.

Minha mãe costurava roupas para todos, fazia toda a limpeza da casa, porque não dava para ter empregada naquela época, ela tinha que assumir tudo e ela não deixava a casa suja, era uma casa pequena e dava para tocar. Quando estudamos no grupo éramos pequenos, eu não completei o 4º ano, mas meu irmão e minhas irmãs completaram. Me formei bem mais tarde, fiz a Escola de Comércio do professor Barreto e meu ano foi o último a ser considerado curso superior.

Acho que meus pais ficaram contentes, mas não manifestaram, eu acho que era falta de sensibilidade para a coisa, eles não tinham instrução nem interesse. Minha mãe perguntava se tinha ido à escola, se tinha estudado, mas não havia muito calor da parte deles.

As duas irmãs se formaram e estudaram quando novas ainda, fizeram o grupo, o ginásio e depois se formaram professoras. Minhas irmãs estudaram, porque a diferença de idade é muito grande, a diferença minha com a primeira é de 10 anos e dela para a segunda é 16 anos, então as coisas já tinham mudado, havia mais tradição social.

- Sentiu alguma discriminação?

- Naquela época existia sim, existia preconceito, a sociedade era

mais fechada, não era permeável como a de hoje. Eu sentia discriminação quando saía, quando estava na Escola de Comércio fazia um jornalzinho e a gente, às vezes, era chamado de coisas de italianinho, havia alguma coisa, mas não só com italianos, também com outras raças, mesmo com o pessoal que vinha de fora, eles não gostavam.

Uma vez conversando com uma professora cuja avó era tradicional aqui de Mococa, e, ela era mais esclarecida me disse: "Você sabe que a minha avó se sente mal quando alguém fala que uma pessoa ou família vai se mudar para Mococa. Ela pergunta o que é que esse pessoal vem fazer aqui?" Isso existia não é? Agora com essa mudança que houve acabou. Primeiro o que valia era o sobrenome, falavam Fulano de Tal e as portas se abriam, depois foi perdendo tanta importância.

Para você ter uma idéia, em 50, 52: o prefeito era descendente de italianos, Jacinto Pisani: o diretor do ginásio era o Maurício Marchesi: da escola profissional o Carlindo Paioli. As indústrias eram Pisani, Nicolla, Sucadornik, Curtume Cunali, Sementes Costal (espanhol) e a maioria do comércio era de italianos. Houve uma ascensão social, dos descendentes de italianos, na vida social de Mococa. Nessa época, me lembro bem era... "*tutti quanti italiani...*"

Havia muita oposição dos fazendeiros em relação à industrialização. Quando foi para trazer a Votorantim para cá, houve uma reunião na Câmara, então o José

Hermírio de Moraes, pai veio fazer uma exposição sobre a importância para a cidade, mas as pessoas estavam preocupadas com a possibilidade de faltar domésticas...

Esposa: - Minha família é toda de origem portuguesa descendentes do Barão de Monte Santo: do lado materno, eu tinha um tio, já falecido na fazenda dele: todos os colonos eram italianos, sabia o nome de cada um deles, número de filhos, etc,. Se dava muito bem com todos, família Brisighelo, família Rigobelo, foram criados na fazenda dele. Não me lembro o nome da fazenda. A fazenda de café "Pereira Lima" tinha uma colônia bonita.

Lembro que meu avô tinha um irmão na Itália e de vez em quando ele vinha para o Brasil e iam na casa do João Giuntini, num armazém que ele tinha na Rua São José, atrás do armazém tinha uma sala com uma mesa muito grande onde se sentavam, bebiam, e contavam notícias. Me lembro muito bem que uma vez meu avô meio secão, tava lá pagando... e o irmão dele contando vantagens da Itália e a italianada falando que lá era melhor, etc,. até que meu avô falou: "*Se fosse tão bom assim, eu não teria vindo para cá...*" tinham já se esquecido das ilusões que os trouxera para cá, para ganhar dinheiro e voltar rico, mas foram poucos os que voltaram.

É, os italianos tem a fama de serem calorosos, afetivos, mas na minha casa eles não eram não..., não eram calorosos, e meu pai era afastado e quieto, minha

mãe muito nervosa, qualquer coisinha ela estourava, gritava: o serviço dela era, às vezes muito, ela não maltratava, mas era brava.

- Você ouviu falar de maus tratos sofridos por italianos nas fazendas? Você sabe de algum caso aqui?

- Não, nunca ouvi, os fazendeiros gostavam dos italianos, porque eles trabalhavam muito para cumprir as tarefas, com toda a família trabalhando, executavam mesmo.

Esposa:- A gente pode sentir a influência dos italianos na comida: pizza, macarronada, verduras... Na cidade quando a gente queria comprar verduras ia nas hortinhas de fundo de quintal dos italianos que aproveitavam toda a terra que tinham.

Da II Grande Guerra não me lembro de discriminação, propriedades tomadas não. Lembro apenas de um professor muito preconceituoso, que na campanha de ouro para ajudar o Brasil, ele fez um enorme discurso nas escadas da prefeitura velha metendo o pau nos italianos.

FAMÍLIA "F"

ENTREVISTA Nº 8

Eles se respeitavam muito, nunca vi ou ouvi, meu pai erguer a voz com minha mãe, nem minha mãe para meu pai. Ah!... com os filhos eram muito enérgicos, de apanhar mesmo. Tinha que estudar e trabalhar... trabalhar durante o dia e à noite estudar.

- Havia diferenças entre filhos e filhas?

- Sempre o italiano faz um pouco de diferença, mas minha irmã Helena era a filha predileta do meu pai, e a minha irmã mais velha, a Maria muito respeitada.

Mas os filhos e as filhas tinham que estudar, era o mesmo valor para o homem e a mulher, minha irmã estudou comércio com meu irmão, o meu irmão menor e a irmã mais velha, os dois iam juntos para a Escola do Comércio "Bento Quirino".

No dia a dia era trabalho, havia uma refeição que todos faziam juntos, numa mesa grande.

Reunião era na Páscoa quando vinham todos, depois que os filhos foram se casando, minha mãe continuou reunindo todos, minha mãe tinha uma satisfação muito grande em preparar o cabrito, e tanta coisa boa, matava porco, fazia lingüiça, fazia muita coisa boa, a mesa era importante. Nossa... às vezes, à mesa havia umas trinta pessoas, filhos casados com as esposas e seus filhos (os netos), toalha branca, louça especial, era um ritual. Até hoje tenho essa mania, cultivando a família.

Aniversários não eram

comemorados, todo mundo pensava muito em trabalho e o aniversário não era comemorado, era lembrado, mas não era festejado, porque ninguém tinha tempo. Nem mesmo quando criança, minha mãe trabalhava muito então não tinha tempo.

Festa mesmo era Natal, Ano Bom, Páscoa e Carnaval. Ah! no Carnaval minha mãe tinha um doce predileto que ela fazia, um doce vêneto: "Crostolle", era uma massa que se torcia, fritava, secava num papel e cobria com açúcar e canela, era guardada em lata. Não passava um Carnaval sem que minha mãe fizesse "Crostolle".

No Natal era cabrito e risoto, o risoto de minha mãe era uma coisa!... leitoa, também mais tarde, mas cabrito e risoto não faltavam. Massa era pouca, minha família não era de muita massa, e sim de muita verdura, sopa. Meu pai fazia muito um passarinho no espeto, temperado com sálvia, alecrim e toucinho. Ele caçava passarinhos silvestre. Meu pai gostava muito de camarão, também, ele era de uma região próxima do mar.

Eles eram muito religiosos, a fé foi de valor muito grande para meu pai, na vida dele. Não lembro de tê-lo ouvido falar contra o papa, só que por uns tempos ele foi muito fascista, depois perdeu um pouco o entusiasmo. Mas seguiram o sonho de Mussolini da Itália Grande.

Música, gostava demais! "Tito Schipa", ópera, minha mãe era vidrada em música, ela recitava também. Minha mãe fazia poesia. Olhava o tempo, as

plantas e fazia poesia, ela era uma poetiza, mas sempre em italiano, ela falava italiano com a gente. Qualquer coisa, um passarinho cantando ou o abrir de uma janela, era motivo para uma poesia.

Gostava muito de ler. Em casa tinham o costume de ler, minha mãe mais do que meu pai. Jornais vinham da Itália: "Domenica della Corriere", "Fanfulla" era sempre lido, ela lia inteiro, devorava, ela fazia assinatura.

Amigos brasileiros só depois, mais tarde, na época de solteiros, quando todos estavam em casa, os amigos eram todos italianos, eram os patrícios que vinham nos visitar.

Sociedade:- pertenciam ao Fascio, ao "Società do Circolo Italiano", "Doppo Lavoro", um local onde eles, com outros italianos, se reuniam.

- Mas, antes dos anos 40, quando eram crianças?

- Jogavam "boccia", havia um clube de "boccia", jogavam um "jogo" de mesa, não bem baralho, jogavam nas casas não me lembro o que nem como era. Não me lembro do clube onde iam, mas no Guanabara tinha um clube de "boccia", era misturado, não era só italianos.

Em casa, se não fosse italiano, não tinha problema, meu pai tinha amizade com branco, preto, todo mundo. Mas, no princípio, quando meu pai chegou, quis voltar, pois ao ver preto, ele se assustou. Ficou com medo, mas depois trabalhou com pretos no Agrônômico, eram todos amigos, portugueses também,

amigos de trabalho. quando além do armazém, minha mãe começou com a chácara, ela tinha empregado preto, também. Eu gostava muito da chácara, nossa! era tão bem tratada.

- A senhora me contou que quando tinha o armazém na Carolina Florence, sua mãe tinha uma boa visão para negócios e quando sabia de terras mais baratas mandava comprar.

- Ah! mandava e quando tinha um negócio assim, uma casa, meu pai tinha medo, mas ela dizia:- "não tenha medo de fazer dívidas, nós vamos comprar e vamos pagar. Vai lá... e compre". Aquela casa perto da porteira do trem (Av. Barão de Itapura), uma casa de tijolinho que agora derrubaram, também foi nossa, era de um francês. Ela mandou meu irmão a São José do Rio Pardo para comprá-la. Comprava e depois trabalhava até meia-noite para poder pagar, com dinheiro próprio, guardado em casa, nada de banco. Era assim naquele tempo. Era assim mesmo apesar do meu irmão trabalhar no Banco. Só comprava, vender nunca. Ela passava estes conceitos mais para os meus irmãos, eu fui a que menos se interessou por dinheiro, na família.

Mas passou a noção de economia, desperdício nenhum, comida nunca faltava nada, mas não deixava perder nada. Ela até fazia das roupas de meu pai roupas para meus irmãos, também, costurava...

Ela era dona-de-casa, não tinha empregada, só mais tarde, até pegou uma moça que a família toda era tuberculosa, praticamente criou, alimentou e cuidou

dela até que ela se casou, o filho dessa moça é o Dr. Marinho, um juiz aqui de Campinas, ela foi cuidada e criada por minha mãe, era empregada, mas foi criada, minha mãe dava apoio moral e financeiro.

Ela era dona-de-casa, cuidava do armazém, e ainda ia dar injeção nas pessoas das redondezas, ia também, lavar defuntos, ato de penitência. No primeiro armazém, bar que teve, lá na Av. Brasil, ela acordava 1, 1 1/2 da madrugada, pois às 3 horas da manhã já tinha pronto picadinho com batatas fritas, ovos fritos, arroz feijão e café, ela dormia muito cedo.

No armazém, era diferente, tinha hora para começar, mas não para acabar. Depois que fechava o armazém, à noite, fazia as contas, a escrita, que era passada para minha irmã Maria fazer a contabilidade. Tudo era coordenado e organizado por minha mãe.

Minha tia, irmã da minha mãe, na Itália era professora e minha mãe feirante, uma dava aulas e a outra trabalhava na feira, já na Itália tinha a profissão de feirante, de comerciante. Ela sempre teve "tino' comercial.

- E sobre sindicatos, vocês falavam? Existiam sindicatos em Campinas?

- Ficou sem resposta...

Eram quatro irmãos do meu pai, um deles morreu na epidemia de febre amarela. Outro, ia e vinha não parou nem aqui nem na Itália, não acertou. Então ficaram só os dois que se casaram com as duas irmãs, são os da casa Loid e os meus irmãos da

"Casa Picollotto", cada casal teve seis filhos: três homens e três mulheres. Agora a família é enorme, bem relacionada, até agora muito unida, a família é muito importante!

Concertos, nós íamos muito, quando era ópera ela comprava récita inteira e ia a família toda, só meu pai que não era muito afeiçoado, mas ia minha mãe e todos os filhos. Ópera e opereta, comprava a assinatura e ia a família toda. Quando estavam todos os irmãos em casa discutia-se muito sobre política, até hoje minha irmã Maria é politiqueira! davam palpites, conversavam muito, era muito estimulada a discussão, a troca de idéias, eu e minha irmã achávamos muita graça naquela conversa toda, nós éramos pequenas e escondíamos, atrás da porta, para ver o pessoal discutindo e nos divertindo muito com toda a conversa.

Minha mãe foi muito energética, até hoje, eu ouso: "O tempo é ouro", "nunca chegue em casa depois do marido, você tem que chegar antes para recebê-lo".

Tinha várias regras... Segunda-feira, reuniam todas as filhas e cunhadas para comentar sobre passeios, namorados, ela via todas nós conversando e brincando, batia palmas e perguntava "Hoje é domingo?". O trabalho era de segunda-feira a sábado, todos trabalhavam, só os menores como eu fazia o que podia... eu fui mais poupada, pois estudava piano que ela comprou, ficava brava quando fazia serviços de casa, era para estudar. Mas eu adorava serviço de casa, limpava e não queria que ninguém

encostasse em nada para não sujar, e ela ficava brava, porque para mim o piano era mais importante do que ficar brilhando a casa.

Bons colégios eram muito importantes, estudei no Coração de Jesus, em 1929, minha irmã foi para a Europa se tratar do estômago, eles ficaram três meses, tratamento para mudar de ares e à passeio. Minha mãe voltou depois, quando mais velha, numa excursão com a Igreja.

Minha mãe tomava parte ativa na Igreja, era carmelita, da ordem 3ª do Carmo, saía do Guanabara e ia para a Igreja do Carmo, todo sábado, ela estava na Igreja.

- Todas as três irmãs se casaram com brasileiros, não foi estranho?

- Não, não fizeram objeção nenhuma, meus irmão se casaram, todos com filhas de italianos, e nós com brasileiros, por acaso, não foi nada planejado. Quem conheceu, namorou, casou, não houve objeção. Eles procuraram informações sobre os namorados, se eram boas, se ele fosse trabalhador, devia ser respeitado.

Acompanhei o desenvolvimento, o crescimento de Campinas, No comércio, os primeiros foram os Rocha Brito, vieram de Portugal, tinham um armazém de "Secos e Molhados" grande; os Gallos da fábrica de macarrão, os Gallos do armazém de importados. Também, os Pires, casa de importados.

As outras famílias eram mais de armazéns atacadistas, Campinas era mais armazéns e fazenda, depois tinha Sousas, Cabras

com grandes fazendas... Italianos, grandes fazendeiros, não me lembro...

Milani, indústria de sabão: Borghi indústria de vassoura e sabão: Vannucci, indústria de refrigerantes, começou com a mulher lavando garrafas com chumbinhos: Selmi, fábrica de macarrão, começou a muitos anos, com o bisavô deles.

- Bairros de italianos em Campinas?

- Não me lembro bem, no Guanabara tinha poucos italianos, tinha os Vivaldi, todos trabalhavam no Agrônômico, onde havia muitos italianos, porque houve dois diretores que eram europeus: um alemão (minha avó trabalhou, de doméstica, na casa deles) e, o outro era francês, meu pai trabalhou com os dois.

- Quando seu pai veio para o Brasil?

- Não me lembro. Foi na República, eles se casaram... não sei bem, mas meu irmão é de 1902 e o Luiz de 1900, casaram-se antes de 1900, isso mesmo. Quem sabe bem isso são minhas primas, é uma maravilha ouvir o que elas contam.

Vieram todos numa classe só, minha avó trouxe um pouco de dinheiro, ela veio para a agricultura, mas trazendo dinheiro dela. Meu pai, eu não me lembro.

Não havia segregação, mas os amigos eram todos italianos, o mais comum era receber as famílias em casa, mas não era constante, ou comum ter muitas visitas em casa.

Meu pai ia para o Agrônômico e minha mãe ficava no armazém, quando

ele chegava, ia para o armazém e a ajudava, ficava no caixa. Depois, ele saiu do Agrônomo e ficou direto no armazém. Ali, ele se reunia com os amigos, conversava, era o ponto de encontro deles. Meus irmãos forneciam para todas as fazendas, tinham um contrato, forneciam para os colonos e depois o patrão vinha e acertava, os empregados faziam "vales" e depois os patrões pagavam, era as fazendas: Sto. Antonio, Sta. Genebra, tudo cidade agora.

Não me lembro de ter ouvido sobre a Unificação da Itália, sou a mais nova, não me lembro de muita coisa.

- Quando desistiu de ser pianista, ficaram tristes?

- Fui até o 6º, 7º ano, aí casei e parei...

- Vocês se casaram cedo?

- Maria casou mais tarde, mas eu me casei com 19, 20 anos, Helena casou cedo ela era da cozinha, adorava cozinhar, agora d e t e s t a ! M a r i a , contabilidade: Helena, cozinha, Olga: limpeza. Minha mãe chegou um dia e disse para mim: ah! que casa bonita, bem arrumada. Eu fui uma moça simples que queria saber só de limpeza, ela pôs o dedo no meu nariz e disse "Não senhora, tem que saber cozinhar também!". Hoje, é incrível, eu levanto e vou direto para a cozinha, é a primeira coisa que faço! Fiquei assim, minha mãe inculcou o gosto pela cozinha.

- Sua mãe costurava, ensinou vocês a costurarem?

- Não, ninguém costura, ou borda, eu bordei muito, aprendi com a senhora que era dona da fábrica de fiação, ela era de Turim e ele de Milão.

Minha vida era música e serviço de casa, minha irmã era guarda-livro, eu fiz só o ginásio, porque me dedicava à música que gostava muito. Mas como sou de gêmeos, sou muito dispersiva, gêmeos é muito dispersivo, quer fazer tudo ao mesmo tempo e no fim se embasbaca.

Lembranças marcantes da infância:- Lembro como era Campinas, que era uma maravilha, os passeios no Largo do Rosário depois da missa, as matinês nos Clubes Tênis e Cultura (casarão bem perto do Rosário), mas a gente não dançava não, só ficava olhando porque os irmãos diziam que não podia dançar. Nem a baile nós íamos, uma ocasião fizemos vestidos novos, arrumamos e deixamos em cima da cama, meu irmão viria nos buscar. O relógio do Liceu bateu meia-noite e nada... nós ficamos loucas da vida, mas não fomos ao baile, não tinha baile para nós.

Meus pais eram muito severos, às nove e meia, minha mãe batia palmas para os namorados se retirarem e todos obedeciam. Ela já falava quando vinham pedir em casamento, dizia aqui a praxe é nove e meia, porque todo mundo levanta cedo e não tem conversa... mas nunca impediu de namorar não! Só quando ela não gostava, pois ela selecionava os namorados e os filhos obedeciam...

Tinha um irmão meu que gostava de futebol, minha

mãe ia pegá-lo lá, porque naquele tempo, futebol era vagabundagem, ela ia buscá-lo no campo. Minha mãe era assim! Depois, ele também gostava de tocar violino e naquele tempo, quem tocasse era boêmio... tocar, só música clássica, mas ela não deixou, acabou com o violino, não deixou continuar, ele ficou só no armazém, ficou comerciante, ele gostava de música a gente percebia que ele sofreu... ele se revoltou uma ocasião, mas depois pensou melhor e viu que música, como até hoje, não dá camisa para ninguém, deveria procurar outra profissão...

Minha família foi sempre a favor da Igreja. As irmãs (mãe e a tia) foram sempre amigas, até o último dias, e minha avó morava conosco, ajudava em casa, depois ficou velhinha, doente... Lembro muito bem dela, ajudando, protegendo os netos, nossa!... A avó protegia os netos, escondia as artes, as irmãs também protegiam, porque meu irmão Zé, era levadinho, quando minha mãe queria bater nele, minha irmã o escondia.

Nós nos reuníamos à noite para rezar o terço, não para contar histórias ou fazer lição. Estudávamos numa horinha que tivesse tempo, minha irmã estudava no armazém, nas horas vagas, ela estudava no serviço.

O ponto de reunião era o armazém, em casa o local de reunião era às refeições aos domingos, porque durante a semana era trabalho, trabalho, trabalho... Naquele tempo não usava muita visita, porque todo mundo estava sempre trabalhando... tinha visita

aos domingos, não tinha um lugar certo, era mais na sala-de-jantar.

- O mais velho podia bater no mais novo?

- Não, não tinha brigas nem correções, eram muito liberais, sem bailes, mas com namorados. O irmão menor era mais ciumento, se tinha um amigo deles que quisesse namorar a gente, ele cortava a amizade... as irmãs eram intocáveis... a Helena foi muito namoradeira (teve um moço que queria até suicida por causa dela, até escondido ela namorava, e minha mãe ia atrás, naquela época era comum) eu menos, e a Maria menos ainda. Namorar era depois da missa, no Jardim. No Jardim Carlos Gomes, tinha o lado dos homens e o lado das mulheres... dava-se voltas e lá é que se conhecia os namorados.

A Maria estudava à noite em escola mista, eu no Coração de Jesus que era feminino, mas depois da escola a gente ia para a Barão de Jaguará passear e encontrar os rapazes.

Meus pais nasceram ambos na Itália, meu pai era de Abruzzo e minha mãe de... Meu avô era ajudante de farmácia, ao ajudar a carregar um móvel se machucou, quebrou a espinha e morreu. Então minha avó veio para o Brasil, com suas duas filhas, como imigrantes vieram para Campinas, para a Fazenda (não se lembrou do nome). Aqui conheceu meu pai que tinha vindo com mais dois irmãos, mas um deles morreu, então os dois irmãos casaram com as duas irmãs.

Meu pai trabalhava no Agrônômico, minha avó na casa do Diretor do

Agrônomo, na época eram alemães, franceses e minha avó trabalhava na casa deles.

Minha mãe era muito ativa, primeiro junto com a prima abriram um "botequim", um bar na Av. Brasil, perto do Seminário, onde hoje é a PizzaFone, bem cedo as duas faziam comida mesmo: arroz, picadinho com batata, para as pessoas que vinham da Sta. Gertrudes vender carvão, etc. em Campinas, a Av. Brasil era o caminho das fazendas para a cidade. Eles paravam lá para almoçar, mais ou menos às 5:00 horas da manhã. Depois desfizeram a sociedade e minha mãe abriu um armazém, lá na Carolina Florence, meus irmãos (tanto os homens como as mulheres) ajudavam no armazém e depois iam estudar.

Quando os Romanis... uma família muito fina de Milão, abriram a tecelagem onde hoje é o Varejão, vieram operários para construí-la. Minha mãe dava pensão: cama e comida para os operários da construção, minha irmã cozinhava para todos. O Romani ficou sócio do Ferramola, mas depois o Romani foi passado para trás pelo Ferramola e acabou na miséria.

Meu irmão mais velho, falava muito bem francês, foi trabalhar em São Paulo no Banco Francês e Italiano, o outro entregava encomendas do armazém com uma carroça, voltava para casa, tomava banho e ia para a Escola de Comércio "Bento Quirino", ele gostava muito de tocar flauta também, mas meu pai não queria saber, música era coisa de boêmio e o proibiu, ele teimou e ameaçou sair de casa, minha mãe disse:

"Pense bem, se sair não volta nunca mais...", então ele desmanchou a mala e desistiu da música.

Minha irmã, também, fazia contabilidade e cuidava de toda a escrita do armazém.

Devagar, minha mãe ia mandando comprar propriedades, meu pai tinha medo, mas ela insistia e ia comprando.

FAMÍLIA "G"

DEPOIMENTO Nº 7

Origens:- pai, nascido na fração Vanzo, distrito San Pietro Viminário, Província de Pádoa, Vêneto, Itália do Norte;

- Mãe, nascida em Botucatu, São Paulo, filha de Vítório Leone (abrasileirado para Leão, logo depois de sua chegada) e de naturalidade não conhecida, porém do Vêneto; e de Fiorina Forti Leo, sendo os Forti provenientes da região de Módena, Itália do Norte.

Tanto o Leone quanto os Forti dirigiram-se diretamente para região de Botucatu, então (ao redor de 1890) em pleno desenvolvimento graças à chegada e ao prosseguimento rumo ao sertão da Estrada de Ferro Sorocabana, das lavouras de café, de um primeiro surto industrial conduzido principalmente por italianos.

Vítório, que teria sido veterinário prático no exército italiano, desmobilizado, foi convidado a ocupar-se das burradas (tropas de muares) empregadas no "avanço" da ferrovia e no transporte de sacas de café das fazendas para os depósitos urbanos. Atendendo a fazendeiros, abriu um hotel para acomodá-los, ganhando no trato dos homens e dos animais. Fiorina, otimíssima cozinheira deu fama ao HOTEL LEÃO. Ela ainda teve tempo para engravidar dezesseis (16) vezes, sobrevivendo porém os seguintes filhos; pela ordem: VICENTE-alfaiate, líder esportivo,

espírito aglutinador, casado com a portuguesa Ernesta Lopes; EMÍLIA- casada com o italiano encanador na Sorocabana; FELÍCIO Giachetti (abrasileirado para Jaqueta); DUVÍLIO- comerciante lojista, depois de haver sido alfaiate e fiscal da saúde pública, casado com Luiza Ricci, natural da vizinha cidade de São Manoel; LEPANTO, alfaiate, casado com Tita Ribeiro, filha de fazendeiro de café em Itatinga, município vizinho onde o Lepanto teve alfaiataria, o sogro perdeu a fazenda em 1930, depois da quebra e da geada; CYRO, comerciante, líder classista, casado com Yolanda Padovan, de São Manoel; GUERINO, fabricante de calçados populares, casado com filha de alemães, Rosalina Unger; MARCELO- marceneiro, líder classista, depois ferroviário, casado com Rita Pilan; ADÉLIA, casada com Antonio Donato; ALCIDES, marceneiro, depois gerente de cinema em cidades do Noroeste do estado, casado com Aurora.

Eu dizia que duas ou três noites por semana, este homem, meu avô, reunia amigos e hóspedes do seu hotel que quisessem ouvir e lia para eles coisas como a Divina Comédia e notícias correntes. Lembro-me do choro das mulheres, o pasmo e os suspiros de quando ele nos leu sobre a tragédia que foi o naufrágio do navio "Principessa Mafalda" nas costas brasileiras. Minha mãe chorava, todas as outras.

Esse avô, era da região de Módena, tinha um sentido poético muito profundo. Minha avó, também da região do Vêneto e com

quem ele se casou em Botucatu, era uma cozinheira, como já disse, excepcional. Aos domingos, o almoço do seu hotel reunia mais gente do que podia conter. Revejo as compridas mesas montadas com tábuas largas, brilhantes de limpeza, sob a mangueira, no quintal.

Imagine que a cidade era tão fortemente influenciada pelos italianos que, tempos depois, numa eleição municipal, os três candidatos ao cargo de prefeito chamavam Peducci, Lunardi e Delmanto, e por aí, além dos candidatos a vereador. Na imprensa, a presença italiana também era bastante marcante. Estamos já nos anos 20 e esses italianos, nessa altura, já eram os industriais, os grandes comerciantes. Nessa década ainda não estavam na política, mas estavam se preparando para ela, através dos filhos.

Mantinham um grupo chamado "Il trenta tre contenti", Já o nome transmite a idéia de alegria, de estar em reunião e em felicidade, com o mistério próprio das coisas secretas, maçônica, exposto no "trenta tre" = 33. Uma conotação de boemia. Reuniam-se uma vez por quinzena, no porão de uma cantina, evidentemente, e discutiam tudo, mas principalmente arte, poesia. Poesia italiana. Meu avô Vitória, diz-se, era entusiasmado pelos versos de Petrarca, enquanto outros do "trenta tre" aclamavam Carducci, ou Leopardi, ou Stecchetti, já não me lembro mais. Em uma das discussões a c a l o r a d a s que freqüentemente ocorriam, a

pendência poética terminou em pugilato e ele recebeu um golpe de fundo de copo num olho e perdeu este olho. Mas, quando se recuperou disse:- "Bom, por Petrarca valeu a pena". Esqueci-me de dizer que as reuniões terminavam com o dia nascente e uma daquelas grandes carroças de fazenda estacionada à porta para a entrega a domicílio, dos festantes exaustos da comida, bebida e discussão. Discutiam política, dividiam-se entre os partidos locais que se chamavam Armandistas e Cardosistas, mas a política que mais discutiam era a política italiana.

E m s e t e m b r o , comemoravam a queda de Roma, Último passo da unificação italiana, a praça principal da cidade era fechada por "paredes", "muralhas" de papelão nos quais artistas finíssimos desenhavam os muros de Roma. Dentro da praça, mesas imensas com tudo que as culinárias brasileira e italiana pudesse oferecer, o pessoal dos sítios contribuía com capões, cabritos, porcos; as mulheres trabalhavam a semana toda preparando as carnes e a macarronada.

No dia determinado, numa certa hora, que se presumia ser aquela hora histórica, de outra praça, mais acima, no Bosque, partia o exército que deveria arrombar a porta Pia. Não havia rei na apresentação. O personagem principal era Garibaldi, ou seja, todos eram garibaldianos. Um senhor montado à cavalo e segurando uma lança era Garibaldi e, ao lado, puxando o cavalo vinha um

pajem, eu era o pajem. O curioso era que, evidentemente, a tomada de Roma foi a mando do papado, do papa, acentuadamente contra o poder temporal da Igreja. Mas o vigário local, Monsenhor Ferrari (ou seja, até o vigário era italiano) discretamente comparecia a título de abençoar a comida. Mas participava da festa. Então, batia-se na muralha que ruía. Todo mundo gritava "Viva il Itália Unita", "Viva il Re Vitório Emanuele!". Sucedia-se um bacanal de comida, música, de festa geral da qual participavam sempre e numerosamente as autoridades e personalidades locais. No fundo, onde hoje é o Teatro Municipal, montavam um palco onde se encenavam peças, se instalavam as bandas e onde virtuosos e "diseuses" declamavam poesias e exibiam-se em solos. Era a glória dos grupos teatrais. Sempre houve grupos teatrais. Sempre havia um grupo de italianos formando um grupo teatral. Na temporada seguinte, metade do grupo separava-se para formar outro grupo. Na temporada seguinte já eram quatro grupos. Aí acabavam todos.

- Posso ver aí um anarquismo no sentido de liberdade de expressão do indivíduo?

- Sim, esses grupos se esfarelavam, ficavam uns 6 meses sem atuar, aí alguém gritava, aí a comunidade exigia e tudo recomeçava. Nisso tudo tinha a sua importância uma loja maçônica dos italianos, chamada "Silvano Lemmi" (aqui entre nós, Silvano Lemmi foi um importante

reformador da maçonaria da Itália). Evidentemente que na cidade funcionava outra loja, a dos importantes locais, dos coronéis do café.

- Botucatu era uma cidade nova quando os italianos lá chegaram?

- Estava, em 1895-1890 em começo da expansão, graças à ferrovia e ao café. Mas o seu início como ponto referencial no mapa da penetração do sudoeste paulista é de uns 35 anos antes.

- Os fazendeiros se opunham aos italianos?

- Não, houve um entendimento total salvo as rugas comuns entre empregadores e empregados, reclamações coisas que ocorrem mesmo entre de igual nacionalidade. Quando fui à escola primária, vez por outra, nas brigas de saída de aula ouvia que me xingavam: "italianinho manja polenta". Coisas de crianças.

A escola, a igreja, o jardim eram os mesmos, os mesmos teatros, o clube de futebol. Não houve nenhuma separação, salvo a econômica, é claro.

As bandas de músicas eram muito importantes. A maioria teve nomes italianos como Giuseppe, Verdi, G. Puccini e por aí afora. São Manoel e Avaré, cidades vizinhas, iguais em tudo à Botucatu na origem e no desenvolvimento, também tinham suas bandas italianas as quais realizavam concursos e visitas entre uma e outra cidade. A estrada de ferro ligava às três cidades e as bandas se reuniam para exibir

separadamente e então depois num "Gran Finalle", em conjunto, uma peça italiana.

Houve também uma escola italiana que começou ensinando italiano e se transformou em "Instituto Comercial". Era uma escola profissionalizante que começou alfabetizando. Todos os professores eram italianos, ou seus filhos, as instalações eram muito boas.

Os prédios, os principais da cidade, mostraram até os anos 50 nítida influência italiana. A exemplo do prédio do Seminário Diocesano São José que copia um palácio romano, o prédio da catedral que teve arquiteto italiano e construtor português; o de Ginásio Diocesano, o Colégio dos Anjos das Irmãs Marcelinas, o do Teatro Espéria.

As marmorarias, em fundições, eram igualmente italianas em razão do cemitério, pois os coronéis-do-café, os líderes e m e r g e n t e s d a industrialização, rivalizaram-se em repouar em túmulos com algum requinte artísticos. Os pintores das Igrejas, das casas, quando nos anos 20 se tornou moda decorar as paredes e a área-alpendre que dava para a rua, os artistas foram, em sua maioria, italianos. [Eu vou lhe dar um livro onde isto está bem desenvolvido.]

Quanto à minha família:- Somos 3 irmãos, o terceiro veio bem depois, numa diferença de 12 anos para comigo, quando as coisas já estavam social e economicamente bem diferentes. Como foram os anos 1922, meu, e 1933, o

dele. Necessariamente, minha mãe exigia atenção com a escola. Tanto que fui matriculado antes da idade mínima que era de 7 anos. Minha mãe conseguiu essa matrícula com a diretora que era nossa vizinha, e me matriculou aos 6 anos.

Meu avô teve primeiro uma cantina e depois o hotel.

Meu pai saiu de Pádova, onde cantava no coro da Basílica, e foi trabalhar na Alemanha, depois para o Luxemburgo. Ele falava o alemão luxemburguês, entendia bem o francês e trouxe um núcleo de biblioteca com muitas revistas que, bem me lembro, tratavam da África, de coisas exóticas. Creio que uma das atrações que o chamaram ao Brasil foi o exotismo, a cor, o calor, etc.. Ele perdeu um tio na guerra da conquista da Líbia pela Itália.

Em Luxemburgo, foi mestre de obras e durante toda a vida, principalmente na velhice, ele faleceu com 96 anos, nos últimos anos, ele lembrava-se com freqüência do Prédio do Ministério do Comércio ou entidade do gênero de Luxemburgo, que ele havia ajudado a construir. Quando estive lá, procurei pelo prédio, mas fora destruído ainda durante a I Grande Guerra. Então, foi uma mentira piedosa que preguei no meu pai, disse que o prédio estava lá, lindo e firme. Até o descrevi por tê-lo visto em fotografia.

Ele foi um operário diferente, pois, se dizia artista. Aliás, era comum entre os italianos se dizerem artistas traduzindo livremente a palavra

"artigiano", e não operários. Até o fim da vida ele buscava a perfeição no trabalho. Na rua, se visse algo mal feito ou mal executado, não se continha, reprovava o trabalhador querendo ensiná-lo a fazer bem feito. Quanto a isso, nos deu algum trabalho para contê-lo e não melindrar o outro. Tinha leituras, uma cultura musical razoável. Ficou decepcionado com a minha falta de afinação. Porém, sobretudo, amava a oratória. Notabilizou-se, na cidade, por ser ouvinte constante no plenário da Câmara Municipal, imagine o que seriam as sessões nos anos 40! Havia o plenário reservado ao público. Duas ou três pessoas compareciam a todas as sessões, engraçado que todas ou quase todas italianas ou descendente de italianos. Uma delas, nunca faltava, meu pai. Dos juris famosos morávamos perto do Fórum ele não perdia uma sessão. Depois, comentava conosco, em casa, os rasgos dos melhores oradores. E os sermões? Se um padre bom orador fosse pregar em, por exemplo, uma capela distante da cidade, lá ia ele à pé. Sempre com paletó e gravata, exigente consigo. Fui positivamente ensinado a não guardar jamais o paletó sem escová-lo antes, e a engraxar e cuidar dos sapatos. Imitava o choro do sapato mal tratado pelo dono, pedindo cuidados.

Alimentava forte amor pela música. Meu nome é devido a que na noite do meu nascimento, levavam, no Espéria, o quarto ato da Ópera Ernani. Pela manhã meu padrinho também plantou no quintal da casa, um

caquizeiro. Ao nascer minha irmã, plantou-se uma jabuticabeira; quando do irmão, uma mangueira. Isso me causou, mais tarde, um trauma, pois lá em algum lugar diziam que, quando isso acontece, a vida da pessoa fica ligada à da árvore, então cuidei com carinho especial desse caquizeiro, e sofri quando ele secou e morreu. Sempre que tinha aborrecimentos existenciais, amorosos, escolar ou briga de rua, subia no caquizeiro, e imergia em outro mundo.

Operário, mas, de trânsito por vários países europeus, meu pai sempre teve e amou os livros. Ele sempre se deu bem com meu avô, orientava-se com ele, pois meu avô tinha um discortínio intelectual maior. Não tive tempo para descobrir o que meu avô havia feito na Itália, mas ele era um homem bastante social. Todo o quintal de frente da sua casa tinha um muro baixo. Ele postava-se no muro e chamava:- "Fulano vem almoçar". "Eu já almocei". "Venha, a Fiorina fez polpetta, venha!". Não se acomodava à mesa se não tivesse dois ou três convidados.

- Quais as atividades de sua mãe?

- Minha mãe, como a maioria das mulheres, não trabalha fora. Havia, até, acúmulo de trabalho em casa. Mas, penso que isso a mantinha plenamente contente.

- Porque seu avô emigrou?

- Levando em conta a sua situação, o seu modo de ser, creio que não tenha

sido apenas o fator econômico, ou digamos profissional que o tenha tirado da Itália, mas sim alguns aborrecimentos de ordem, por exemplo, sócio-política ou religiosa. Não tive tempo de conhecê-lo o suficiente para saber qual o tipo de vida que teve na Itália e o que o conduziu ao Brasil.

- Quanto a seu pai?

- Não sei... porque ele estava muito bem em Luxemburgo e no fim da vida, na medida em que envelhecia, as lembranças de Luxemburgo emergiam, tornando-se quase obsessivas. Não sei se ele mesmo pensando bem agora não lamentasse um pouco o fato de que uma tia que já era fazendeira em Lençóis, hoje Lençóis Paulista, o tivesse chamado. Porque quando ele chegou foi para Lençóis, para a fazenda da tia, e lá estando um construtor regional famoso chamado Dinucci, sócio de outro construtor famoso, Pardini, menciono os nomes para destacar que eram italianos, ganharam do governo do estado a concorrência para a construção de um grupo escolar em Lençóis e não encontravam pedreiros, artistas e alguém lembrou:- "Olha, lá na fazenda tem um". Então foram até lá. Meu pai tinha vindo com o irmão Cesare, mas esse irmão havia saído da aldeia deles, perto de Pádova, sem vivência fora da Itália. Passaram a trabalhar no grupo escolar. Depois, estes construtores ganharam a concorrência para construir a Escola Normal em Botucatu, em 1911. Assim os irmãos Donato mudaram-se para Botucatu, e ali se radicaram.

Quando da Guerra de 1914, meu pai se apresentou ao Consul para serviços de guerra. O consul teve o bom-senso de aconselhar:- "Lá sobram homens e você não vai decidir a guerra, está realizando um trabalho bom aqui, está casado, registro sua presença, mas esqueça, fique por aqui".

- Tinha algum conhecimento sobre maus-tratos que os italianos estariam sofrendo nas fazendas?

- Na lavoura, sim é... No meu romance "Os Filhos do Destino", um nome horrível não dado por mim mas pelo editor, estando eu ausente de São Paulo na ocasião. Por mim o livro chamar-se-ia "O Sal da Terra". O que é o "Sal da Terra"? O suor do trabalhador. Mas eu estava em Mato Grosso, pesquisando quando alguém lançou uma plaqueta sobre a partícula expletiva "se" e denominou-a "O Sal da Terra". O editor do romance, assustado, mudou o título. Pois bem, é nesse que versa a história do café e do imigrante, trato desses desentendimentos mais ou menos comuns entre fazendeiros e colonos.

- Jornais lidos na família.

- Meu avô lia o "Fanfulla", e, parece-me que vez por outra recebia da Itália ou de alguns concionais da cidade, pacote de revistas e jornais peninsulares. Recordo-me de um jornal italiano que chegava com um mês de atraso (ou não seria italiano?) e que meu avô lia avidamente. Mas, na minha casa propriamente, não tínhamos jornais. Mais tarde começou

a entrar, já então era um ginásiano, o que significa fins dos anos 30, o jornal religioso, diocesano.

- Quando morreram seus avós?

- Posso falar dos avós maternos. Vitória, em fins de 1928; Fiorina, no inverno de 1940. Quase todo esse longo período de viuvez, ela viveu em nossa casa. Mansa, operosa, prestativa, nada exigente, até os últimos dias mostrou uma cútis que fazia inveja às moças. Um único capricho: morávamos perto da Catedral e também da avenida para o cemitério. Ouvindo o sino à defunto, a qualquer hora ninguém a detinha, para que não fosse à esquina, véu na cabeça, orar pelo morto.

- Seu pai era contra os padres?

- Não. Se bem que jamais tenha participado de uma irmandade religiosa, não faltava à missa dominical, levando-me consigo, ambos com a melhor roupa, sapatos engraxados e no meu bolso uma moedinha para a esportula. Retretas nas praças, não perdíamos uma só. Ele me ilustrava a respeito das músicas: "Isto é da ópera tal de fulano de tal".

- Sua mãe os acompanhava a todos os lugares?

- Não. Era extremamente doméstica, amava a sua casa. Fez um curso primário excelente, falava um português corretíssimo. Não chegava à flexão "dir-se-ia", porém exprimiasse em linguagem muito boa. Havia freqüentado o mesmo grupo escolar que as

filhas dos grandes fazendeiros, dos médicos, do juiz de direito. Vale o detalhe para enfatizar nenhuma limitação imposta aos imigrantes.

Os quintais, quando era bem menino, anos 20 e anos 30, não tinham cercas a limitá-los. Sempre uma família se mudava para a vizinhança, minha mãe me dizia:- "Hernâni vai ver se eles têm crianças". Se eu voltasse dizendo:- "Sim, são três crianças", preparava um pouco de leite além do clássico bolo de fubá (ainda sinto o aroma da erva-doce do bolo). Eu ia levar tudo isso, como boas vindas para a nova vizinha. Às vezes, com minha irmã.

Na Páscoa e no Natal, a mãe fazia uma enorme quantidade de "crostolle". Sabe o que é? Uma fritura de massa especial, tenra aromatizada com anis e coberta com açúcar e canela. Dividia em pratos que eu, às vezes minha irmã ia comigo, entregar para parentes, a comadre tal e tal. Era o nosso presente de Natal que ela mandava com o encargo de não esquecer o prato. Às vezes, eu dizia:- "A fulana deu em troca essas peras", ou "Fulana não deu nada". Ela dizia:- "Não tem importância, você foi levar não precisava trazer coisa alguma."

Sempre teve 16 galinhas. Não me pergunte por que 16 e não 15 ou 17, não sei. Eram 16, sempre havia galinha para a fulana, para a comadre tal e tal que eram as grávidas conhecidas. Ela cuidava das galinhas na graduação da gravidez das parentes e das comadres. Porque naqueles tempos, a parida ficava na cama, de

resguardo, por 40 dias. Então era para a canja da comadre, e lá ia eu levar a galinha.

Mais ou menos depois de 10 de outubro, todas as noites reunia-se com as vizinhas, na casa de uma ou de outra, para fazerem coroas fúnebres para o Dia de Finados, 2 de novembro. Coroas de papel. Nós, os meninos, recolhíamos aros de barricas que elas lavavam, esfregavam, enrolavam e cobriam com papel crepom. Isto noites e noites, cortando e enrolando papel de cor roxa. Todas as coroas, iguais para que não houvesse diferença, nem discussão para definir qual delas iria para este ou aquele túmulo.

- Você fez primário, e o que mais?

- O secundário em Botucatu e depois Sociologia em São Paulo. Fiz também um curso raro, Teatrologia na Escola de Arte Dramática. Não de ator, mas, de autor. Foi uma única turma.

- Você já era autor?

- Já.

- Você saiu de Botucatu quando já não havia mais escolas lá para você e eles o enviaram para São Paulo?

- Não, quando terminei o ginásio já havia, de há muito a Escola Normal, Escola Superior de Comércio, Escola Profissional.

Mas, deixe acrescentar umas coisinhas sobre minha mãe, ela costumava cantar para ninar a mim e à minha irmã. Eram, naturalmente, canções italianas. A que me vem a memória é:- "...Oi Mari, oi Mari....". Nós não

falávamos italiano em casa. Ela dizia :- "Vocês nasceram aqui e aqui viverão, falem a língua do país. "Talvez não com essas palavras, mas, o sentido da fala era esse. As histórias que contava eram as universais:- do Lobo Mau, Gata Borracheira, e também, histórias de assombramentos locais.

Lembrei-me, também, que nos anos em que meu pai construía a Escola Normal, não havia alojamentos e ele morava lá no hotel do meu avô. Foi onde conheceu a filha do dono. Nesse período, uma vez por semana, cada um dos operários dormia na construção para vigiar a cal, porque era preciso deitar água de tempos em tempos, havia uma técnica toda especial para "queimar" a cal. Assim, um deles sempre passava a noite no local. Durante esse período começou-se a construir o Colégio Santa Marcelina, então, chamado Colégio dos Anjos. As irmãs Marcelinas eram italianas. Ele sempre contava que uma certa noite, essas freiras, com saudades de suas famílias, da sua terra, começaram a contar o "Va pensiero..." da [ópera Nabucodonosor] de Verdi, ária, que é a canção do exílio. Do lado de cá, então, ele começou a cantar também, de modo que, dos dois lados de uma rua, ainda de terra, numa cidade do interior de São Paulo, construindo-se dois colégios, um religioso e outro oficial, cantava-se uma canção verdiana do exílio. Seguidamente, meu pai se reportava ao fato.

- As mulheres que se reuniam com sua mãe eram Italianas?

- A maior parte, sim.

- Os homens eram também italianos?

- Sim.

- Você conseguiu perceber algum saudosismo em relação à Itália?

- Não sei. Pensar em voltar para lá, não. Meu pai inúmeras vezes lamentava, em palavras diferentes dizia: - "Numa terra como esta, que não tem neve, pode dar duas colheitas por ano, como é que tem tanta gente na miséria!". Isto ele não conseguia compreender, porque lembrava que trabalhando em Luxemburgo, na França, na Alemanha, durante oito meses por ano, voltava para a Itália levando as economias, presentes, para a família atravessar o inverno. Só aqui no Brasil pode-se trabalhar o ano todo, obtendo duas colheitas por ano e esse pessoal está lutando, tem gente na miséria! É evidente que ele não conhecia os problemas da lavoura tropical. Mas eu não me lembro de nenhum deles falando em voltar. O saudosismo talvez se manifestasse no culto da música, da comida.

- Como não havia música brasileira, parece que só poderiam cantar suas músicas?

- Olha, havia na cidade, a música caipira e a música negra. Eram canções, etc. Depois havia italianos batuqueiros, lembro de um chamado Ferrari, que foi presidente de um clube de negros chamado "13 de maio".

- Um italiano branco, presidente do clube de

negros!

- Sim, e houve italianos que dançavam batuque. Não muitos, porém houve, ou seja, a integração se deu para cima e para baixo.

- Sua irmã também foi estimulada a estudar, a trabalhar fora?

- Sim, ela fez a Escola Profissional.

- Então em Botucatu havia Escola Profissional? Você se lembra quem foi o fundador?

- Sim. Havia uma Escola Profissional Industrial, criada pelo governador Armando Salles de Oliveira, no conjunto de um programa de expandir as escolas profissionalizantes no estado. Havia um núcleo feminino e outro masculino. Ela se dirigiu ao Comércio, às práticas comerciais, depois se tornou funcionária pública e se aposentou, como tal, na Secretaria de Saúde do Estado.

Na educação dos filhos, mesmo ela como mulher deveria receber escolarização adequada e ter uma profissão. Mas aprendeu, também, as artes culinárias com a mãe.

Além do "crostolle" natalino, havia comidas típicas. Toda a nossa gente vem da região do Vêneto, do norte italiano, a zona da polenta. Portanto, predominava em nossa mesa, a polenta, massas com molho forte, as saladas. [engraçado, havia algumas vozes austríacas na culinária. Eu nunca entendi como minha avó dizia "tochio". É um molho pesado, com carne, aquele que começa ser feito de

véspera, cozinha devagarzinho, com louro e muitos outros temperos. Só depois de adulto, tendo andado por lá e estudado estas coisas, com ou sem propósito, percebi que era uma voz austríaca incorporada ao vocabulário culinário italianos em razão da longa e dura ocupação do Vêneto pelos austríacos]. Também o arroz, muitos risotos.

Não éramos carnívoros, éramos masseiros. Não existiam geladeiras domésticas. Assim carne, só no dia em que havia abate de gado no Matadouro Municipal. Como lhe disse, tínhamos sempre frangos no quintal. No quintal também tínhamos árvores frutíferas, especialmente duas parreiras. Nunca tentamos fazer vinhos, mas, durante anos colhemos nossas uvas e as oferecemos a um tio, Felício Giachetta, originário de Potenza, sul da Itália, casado com Emília, a uma irmã de minha mãe, ferroviário que amava continuar em Botucatu a vinicultura de sua Potenza natal. Nunca resultou em nada especialmente bom, mas, sempre o encorajávamos. E também estou lembrando que na casa dele havia também parreiras altas. Brincava-se, comia-se, passeava-se debaixo delas [no começo as galinhas ciscavam em baixo para comer os bagaços, no meio da temporada já não ligavam mais, no começo pareciam doidas depois se fartavam e não ligavam mais, então eu marcava está chegando ao fim, era um processo mimemônico meio absurdo, mas eu o fazia. Agora que penso nisso, parece-me curioso

lembrar que nem ele, nem meu pai permitiam a nós, crianças, participar da tentativa de produzir vinho.

- Seria por receio de intimização com o álcool?

- Vejamos, diante da nossa casa morava um não-italiano protestante, na casa grande da esquina também, outras duas igualmente. [do outro lado, morava, duas casas depois, outro chamado Santini, à esquerda outro, à direita outro que era ladrilheiro, e outro comerciante]. Diria que a metade, ao nosso redor, era de casas onde habitavam italianos. Penso não exagerar se disser que ao final dos anos 20, uns 25 % da cidade seria de italianos e seus descendentes. No campo, essa presença era muito mais expressiva. Depois do craque financeiro de 1929 e da grande geada seguinte, o campo foi muito propício aos italianos, antigos colonos transformados em sitiante, graças às economias que guardavam avaramente, até mesmo dentro de garrações.

Os primeiros carros da cidade foram da marca FIAT. Na avenida Dom Lúcio atualmente, e então (anos 20/30) Avenida do Campo Santo, disputavam-se corridas, entusiasmadas competindo FIATs e FORDs.

Assistencialismo? Ocorre-me uma sociedade não restrita aos italianos, mas, com predominância dos mesmos que se reuniam na casa do sacristão de nome Bolognini, não apenas sacristão da vizinha Catedral e ele o era por devoção e fidelidade ao vigário Ferrari, mas, ativo e forte comerciante "em geral". Todos os

comerciantes fortes da cidade eram italianos. Reuniam-se ao dobre do sino de finado, na Catedral. Se tratasse de indigente, havia um acréscimo de três pancadas, o que convocava reunião para o meio-dia (almoço) ou seis horas (jantar). Acontecia um dos fantásticos "rega bofe" à italiana. Morávamos mais ou menos perto. Lembra-me o jogo do queijo no chão poeirento da avenida: jogo de boccie disputado com latas de queijo importado, latas redondas. Enquanto jogavam, as mulheres preparavam a refeição. Quando elas davam um grito clássico e festivamente ouvido:- "La pasta si sfreda". [O macarrão está esfriando], deixavam o jogo, lavavam-se, oravam em conjunto e sentavam-se. Além do preço da comida, pagavam em rateio, o caixão, o enterro e, se houvesse, as despesas de hospital do indigente. Era uma sociedade sem regulamentos, sem estatuto, mas que funcionava. Digamos que funcionasse dentro do espírito anárquico organizado.

Esses cuidados com o bom sepultamento parecem-me enraizados na comunidade. Existiu na cidade não consigo definir se antes, depois ou simultaneamente àquela da casa do Bolognini, a Fraternidade São Tobias. Recolhia mortos pobres, lavava-os (lavar era um ato penitencial severamente observado, com ritual e silêncio cortado apenas por orações embora jamais me tenha sido possível assistir a uma das lavagens) e iam enterrá-lo carregando o caixão no braço de seis

"fraternitas" que se revezavam ao longo do caminho.

Lembro-me que outra vez, na parte baixa da cidade, à montante do Ribeirão do Lavapés, haviam uns vinhedos (produzia-se ali vinhos e vermouths) onde se reuniam aquilo que eu ousaria chamar: "Os artistas plásticos da cidade". Funcionava ali, [havia o Croza que era pintor, o Stefanini que era entalhador], o "Caldeirão dos Artistas", um costume florentino. Quem chegasse, comia. Se pudesse, deixava algo para a compra de mais comida para outros mais necessitados. Mas, o caldeirão terminou nos anos 30 quando apareceram "artistas" demais. Eu freqüentava, porque tudo isso acontecia na casa de parentes de um amigo muito chegado. Havia muita fartura. Essa família fabricava também licores, foram os primeiros fabricantes de licores e gasosas. A gasosa foi um sucesso.

Aqui se entronca outro costume. Essa gasosa e mais uns doces, tipo de "rebuscado", produzido pela mesma família Varoli e sua associada Faconti, eram muito usados em enterros de crianças. Apreciávamos demais esses enterros, porque na saída do cemitério a família do morto distribuía aos pequenos acompanhantes, a gasosa e os doces. As meninas que fossem ao enterro vestidas de anjos, ganhavam dose dupla. Não sei se é costume italiano.

[Essa confraria dos artistas, era também produto da cultura italiana. Tudo

isto lhe dá uma amostra de como era a cidade até a década de 20.]

Aí houve a revolução de 30, mas, foi principalmente a crise do café, decorrente da quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929 que mudou todo o panorama social, cultural, econômico do país, da cidade. Do mundo, também. Os grandes fazendeiros quebraram e tiveram de entregar as fazendas aos bancos credores e estes, não tendo mais grandes fazendeiros a quem entregar as fazendas, picaram-nas em sítios que puderam ser comprados por antigos colonos italianos. Deve-se observar que essa foi, também, a oportunidade em que alguns negros, não saberia dizer quantos, mas, poderia lembrar uns cinco ou seis, tornaram-se proprietários de terras e lavouras de café.

A propósito, Botucatu foi a primeira cidade interiorana a receber agência do "Banco Frances e a Italiana per la America del Sud", atual Sudameris. E havia lá, por essa época, vice-consulados italiano, francês, espanhol, português. Por conta da importância do surto econômico e do volume das colônias.

Mas, os colonos compraram e se instalaram nas terras das velhas fazendas e foi quando surgiu uma certa animosidade contra eles. De algum modo foram tidos por intrusos. Mas já havia um avassalamento da sociedade por italianos e descendentes: na imprensa, na política. Nas atividades liberais. O primeiro

advogado filho da cidade, foi um filho de italiano, Alcides Ferrari; o primeiro padre foi um Sanctis que abraçou o nome para Santos.

- Como reagiram os italianos de Botucatu em relação ao fascismo?

- Formou-se um Fascio. Desde sempre houve entidades assistenciais na comunidade. Lá não ocorreu diferenciação por regiões de origem, isto é, não houve associação que reunisse apenas de piemonteses, ou apulianos etc.. Houve sim a "Società Italiana de Beneficenza" que englobava todos os italianos. Mas que fora o resultado da junção de duas outras: a "Italiani Uniti" e a "Croce di Savoia". Meu pai foi sócio da Beneficenza.

Não me recordo de atividades desse Fascio a não ser almoços domingueiros, de tempos em tempo, no quintal do vendeiro Potiens, nosso vizinho de frente. Não recordo de comícios, por exemplo e nesse grupo estavam apenas os italianos bem situados economicamente, os abonados, tranqüilos. Houve sim reações, mesmo dentro da colônia com a formação de centro de anarquistas e desfiles, no 1º de maio, com bandeira vermelha à frente.

Mas, entre os italianos e nisto apoiado pelos espanhóis sempre houve fração anárquica, a qual, parece-me, porém, não disponho de dados nem depoimentos, endureceu a sua atuação com o aparecimento do grupo fascista. O fato é que com isto aquela "Sociedade di Beneficenza"

se extinguiu e sendo ela a proprietária daqueles prédios bem bonitos onde funcionavam o Teatro Espéria e a Escola de Comércio, um problema resultou criado. Lembra-me haver sido o meu pai convocado para várias reuniões para decidirem o fim a ser dado ao pecúlio da Societã e vagamente evoco o quanto ficou indignado diante do que lhe pareceu ser um "cambalacho" para favorecer alguém ou alguma entidade naquelas transferências de bens. Agora também me vem à mente os protestos dos mais velhos sócios da SIB quando o seu cobrador de mensalidades, tão antigo no posto, quase, quanto ela, começou a fazer as cobranças envergando o uniforme fascista. Houve protestos e discussões bem à la italiana. O prédio do teatro, depois de aplicado a vários usos e "confiscado" durante a II Guerra Mundial acabou sendo devorado por um incêndio. O da escola, agasalhou por anos o Tiro de Guerra local e, por antigo, demolido.

Outros conflitos na colônia?

- Ficou notório o das bandas. Uma delas. digamos a banda "B" resultante, naturalmente, de cisão na banda "A" partiu de um extremo da rua principal; a banda "A" em direção contrária. No meio, claro, chocaram-se. O conflito não foi exatamente musical, foi briga mesmo, com os instrumentos servindo como porrete.

- Não houve um reencontro depois da quebra que o fascismo trouxe?

- Não, os tempos já

eram outros, a cidade estava maior, os imigrantes, na maioria mortos, seus filhos brasileiros já estavam inseridos na sociedade, já disputando outras situações, muitos já casados com os filhos ou as filhas dos coronéis do café.

Sempre fui um leitor inveterado. Nos dias da minha infância, por exemplo, a carne, pão, eram vendidos envoltos em papel de jornal, ou de embrulho. Freqüentemente minha mãe mandava:- "Vai comprar pão, ou carne ou sabão". E como eu demorasse a voltar, ela saía a minha procura. E me encontrava invariavelmente sentado no meio fio da calçada lendo os jornais que envolviam as compras.

Recolhia garrafas vazias todos os meninos faziam isso até a metade dos anos 30, já lhe disse que diante da nossa casa havia uma adega ou um depósito, junto a um bar-armazém onde italianos e portugueses jogavam baralho até altas horas. E jogavam ganhando ou perdendo garrafas de vinho. As garrafas eram postas na calçada. Eu recolhia, lavava no tanque de casa, sob os protestos de minha mãe, pois as rapas do rótulo podiam entupir o ralo e vendia para a farmácia que as usavam para os remédios então aviados em seu laboratório. Vendia para a Farmácia Glória junto da qual havia a melhor livraria local, a "Casa Carlos". Saía da farmácia e comprava livros. Conseguí um caixote de querosene, gasolina e querosene eram apresentados em caixas de madeira contendo duas latas. Do caixote fiz minha primeira estante. Ao entrar para o

ginásio teria uns dez livros o que foi escândalo no bairro.

Brincávamos muito na rua. Não havia rádio, não tínhamos dinheiro para o cinema. Restava, a rua. Futebol, soldado-ladrão. Escurecendo, contava-se histórias debaixo do poste de iluminação. Cada qual contava uma. Logo se verificou que eu era um bom inventor de histórias. Assim, me descobri capaz de "fabular". Um dia, arrisquei e mandei a um jornal local um artigo com pseudônimo. Na seção "Conversa com leitor", pediram mais. Ousei, imagine! Escrever sobre a crise do Oriente Médio. Minha mãe receava a atividade jornalística, pois havia então, por toda parte, forte repressão a esse trabalho. Jornalistas eram presos, com frequência alvo de agressões. Ela tentou me dissuadir do jornalismo.

Aos 11 para 12 anos, estava na 2ª série ginásial quando era publicado aqui em São Paulo um suplemento do "Diário de São Paulo", chamado "O Guri", com matérias diversas, inclusive colaborações. Ao meu lado no ginásio, sentava-se o Francisco Marins, cuja mãe era da família Ferrari, filha de italianos do então distrito de Pratânia. Decidimos escrever uma história a quatro mãos. Nas aulas tidas como chatas, ele fazia um capítulo, eu o capítulo seguinte. Mandávamos esses capítulos para "O Guri" e, não só foram publicados como também foram pagos. Então, fomos autores pagos aos 12 anos! Encorajador, não é? Essa história se chamou "O Tesouro", história

espantosa de piratas, mulheres lindas, canhões fumegantes, velas enfunadas, etc. Cedo nos envaidecemos dessa dupla produção e extrapolamos as diretrizes do jornal. Ocorre-me o detalhe que enfureceu o diretor do suplemento: Um de nós botou o navio, com todas as velas cheias, para dentro da praia, porque é preciso dizer que começamos a provocar armadilhas, um para o outro, criando dificuldades difíceis de serem resolvidas. Como sair da quele problema lítero-naútico? O outro escritor simplesmente mudou a direção do vento e o navio voltou ao mar. Coisas de quem tem 12 anos e pensa ter um público. O diretor nos escreveu:- "Se pensam que o leitor é bobo, eu não sou, terminem a história em dois capítulos". Assim fizemos. Mas com "O Guri", os jornais locais se abriram e começamos a frequentá-los.

Eu me apaixonei pelo folclore. Como devia acompanhar minha mãe à feira dos domingos, enquanto ela fazia as compras, eu me perdia entre os sitiantes ouvindo, interrogando, anotando. Minha mãe tinha vários parentes sitiante num bairro próximo da cidade. Ia com frequência até eles. Creio que com 13 ou 14 anos, já lia em italiano, devido ao que meu pai e avô me legaram, não devido as conversas, pois todos eles falavam mais o dialeto "Vêneto" do que o italiano.

Muitos, muitos anos depois, eu já estava muito a fundo nas pesquisas sobre os caminhos incas no Brasil, ia muito ao oeste paranaense,

ao norte do Paraguai, Bolívia, etc.. Numa ocasião, na mediterrânea matogrossense, numa época de campo inundado, na região de Vacaria, atente para o fato de que estamos falando dos anos 40 quando por ali não havia asfalto, não havia cidades e os caminhões surpreendidos pelas cheias, necessitavam colocar em cima da carroceria um homem armado com "carabinote" papo amarelo, e ao qual homem o dono do veículo dava uma capa campeira, chapéu impermeável, um fogareiro e passava uma vez por semana deixando comida. Este indivíduo ali ficava durante as cheias, um mês, dois meses. Sempre que eu passava me apiedava e, levando pão e chocolate, subia no caminhão e conversava quando não tinha muita pressa ou ameaçava anoitecer. Numa das vezes o homem sobre o caminhão lia, mas lia com terror! Como quem reza, mas como quem reza com medo, um caderno desfolhado, só um caderno desfolhado, sujo, de um dos "cantos" do "Inferno", da "Divina Comédia" de Dante Alighierieri. "O que é isto?" "Ah! É uma história de um homem que foi para o Inferno e voltou, e, aqui está escrito como é o inferno, o senhor nem queira saber!" "Mas, o senhor está entendendo?". Era uma tradução de Xavier Pinheiro, correta, mas, difícil. O bom homem apenas retirava do poema entre os poemas, o medo ao Inferno. Aquilo souu-me como revelação de missão a cumprir. Lembrei-me de meu avô, meu pai e decidi traduzir a "Divina Comédia", tão fiel quanto possível, mas, em linguagem acessível

ao entendimento do homem simples. A tradução, pela Cultrix, com edições especiais pela Abril e Círculo do Livro, está aí com várias edições, prova de que fui entendido no meu propósito de facilitar a compreensão do poema. Uma homenagem ao meu avô, ao meu pai, àquele homem do caminhão, ao meu filho.

E há o mistério que eu diria ser influência do telurismo. Veja, no porão do nosso ginásio, Cornélio Pires havia escrito os dois principais entre seus livros, depois de pesquisar e ouvir os cablocos que eu também ouvia e pesquisava; a janela da nossa classe avistávamos, 100 metros abaixo, a chácara onde vivera e produzira seus primeiros escritos M. José Dupré; nos mostravam a casa onde nascera Zalina Rolim primeira mulher a escrever no Brasil e uma das fundadoras da Literatura Infantil do país: "Tenho um Gatinho chamado Cetim", quem não cantou ou não ouviu cantar esses versos nas escolas até os anos 40? Entre os primeiros professores da cidade houve um Konstantin Knuppel que se correspondia com Bismarck e em Botucatu escreveu a "História da Guerra de 1870". Então, havia, na cidade e há ainda, um clima intelectual, nós somos melhores intelectuais do que comerciantes, políticos, etc.. Anote só, além dos nomes citados, os de Ibiapaba Martins, Regis de Castro, hoje em Campinas e campeão nacional de vendas, Zaé Jr, Leilah Assunção, Mafra Carbonieri, Claudia Vilas Boas, Rubens Rodrigues Torres Filho e outros.

O Marins e eu crescemos juntos, continuamos trabalhando juntos. Meu primeiro livro foi o "O Livro das tradições", no qual trato a mística local. Aqui também estão as raízes do "Dicionário de Mitologias Americanas", embora esta recolha toda a mitologia das Américas e algo da africana no que esta influenciou e informou aquela. Por isso é, quem sabe terá influenciado, fui chamado a integrar a Comissão Paulista de Folclore. Fui secretário da Revista de Folclore, viajei pelo país pesquisando folclore.

Um certo momento, tendi para a diplomacia. Disseram-me depois que por aquele tempo a diplomacia estaria fechada para "italianinhos". Mas, fazendo o curso de sociologia, um professor pediu um estudo sobre a quebra do Tratado das Tordesilhas. Mas, disse ele, "Não quero nada do que já existe publicado por aí". Pesquisei muito, inclusive na Biblioteca do Instituto Histórico de São Paulo. Ali, com respeito, pensei, "Será que um dia poderei assistir a uma reunião desses senhores?". Bem, hoje, sou o Presidente do Instituto. Mas, daquelas pesquisas, uma palavra saltou dos papéis e se tornou obsessão para mim: a palavra PEABIRU, um caminho pré-cabalino, inca ou pré-inca ligando São Vicente a Cusco e de Cusco, por um outra via, ao Pacífico. Não era dotado de todos os recursos comuns às melhores estradas Incas, por ser, àquela altura da história, apenas uma estrada de penetração. Os

construtores não estavam interessados em dominar essa área, mas, mantê-la como caminho para São Vicente de onde exportavam coisas para a Europa, mesmo antes da vinda de Cabral. Principalmente, índias, muito do agrado de Paris.

Tive em mãos um mapa que teria pertencido ao Morgado de Mateus. Nessa carta ele situava as vilas existentes e as que planejava fundar. Dei-me conta que os jesuítas requereram sesmarias nas mesmas regiões em que o Morgado decidira criar tais vilas ofensivas-defensivas, mas, porque o Morgado e os jesuítas requerem quase que as mesmas terras? Até certo ponto o traçado do Peabiru passava por locais cujos nomes me eram familiares da infância: o Rio Santo Inácio, o Morro da Onca. Foi quando essa estrada fantástica me fascinou! Mais viagens e viagens, mais pesquisas foram empregadas no seu estudo. Hoje, 3 metros cúbicos de anotações para se tornarem em livro que se eu não fizer será feito por alguém, pois o tema está muito na moda.

Os aniversários eram pouco comemorados em nossa casa. Havia um jantar melhorado com o prato de preferência do aniversariante e pronto. Jantar porque o pai almoçava fora, no trabalho. Nada de bolo, de velinhas, etc., enquanto fui criança. Tudo isso foi introduzido quando os filhos assumiram a orientação.

O Natal sim, era uma festa levada a sério. Vestia-se roupa nova, pronta desde o começo do mês. Também se festejava bastante

o Ano Novo. O Natal era muito familiar, restrito ao pequeno grupo, cada grupo na sua casa. Mas o Ano Novo o "Cappo d'anno", era mais gregário, com certas práticas disciplinadoras. Por exemplo: o menino da casa, ao amanhecer do dia 1º do ano, era mandado bater à porta do padrinho, do tio, do amigo do pai, do compadre e apresentar votos de Feliz Ano Novo. Só homem podia fazer isso, pois a crença era de que se a primeira pessoa avistada ao abrir do ano fosse mulher, aquele seria um ano de pouca sorte. Portanto, dava-se presentes ao portador da Boa Sorte. Porém minha mãe nos proibia de receber presentes. Recebíamos como recíproca a visita de três rapazes filhos de um compadre e todos, todos os anos, recebiam um corte de tecido para fazer uma camisa.

Minha mãe costurava, bordava, engomava. No mês de maio era requerida para engomar as toalhas do altar de Nossa Senhora. No tempo das formaturas nas escolas, com a fama das toalhas do altar, também um sobrinho ou um vizinho, ou filho de uma amiga pediam-lhe para bordar a camisa do grande baile de formatura. Mas, no mês de maio, ela trabalhava bastante. Às vezes meu pai dizia:- "É muita coisa!". Mas, ela dizia:- "É para Nossa Senhora".

Divisão das tarefas da casa. Meu pai ajudava na cozinha, mas não todos os dias. Não sei se era quando minha mãe estava mais cansada, ou se quando era um dia especial, por exemplo, em que ela houvesse feito sabão, ou pão, pois, todo o pão, bem como o macarrão era

feito em casa até os anos 40 terminarem. Ele ia à cozinha, enxugava os pratos e arreava as panelas, porque ao lado da pia havia uma lata com areia. Areia que eu recolhia, peneirava, lavava e tendo jurado para minha mãe que não se tratava de areia onde cachorro tivesse urinado, areia que recolhera no rio, e lavava e ficava revirando e secando durante semanas numa folha de zinco debaixo do sol. Todo o paneleiro era areado.

Sabão, doces, licores eram feitos em casa, compotas no tempo certo das frutas, feitas para todo um ano, também, licor. Minha mãe preferia os de folha de figo ou jabuticabas. Durante largo tempo as roupas também foram feitas em casa. A família, quase poderia sobreviver sozinha. Também tínhamos horta, galinhas, pombal. Na horta meu pai fazia a cerca, preparava canteiros, minha mãe plantava, eu regava.

Meu pai ia economizando tanto quanto pudesse. Meu avô o induziu a comprar uma casa, que veio a ser aquela onde nasci. Depois de alguns anos, comprou um terreno, em um bairro, o do Mercado. Decidiram construir uma casa para alugar. Construiu com as próprias mãos. Quando ele largava o trabalho, já minha mãe, eu e minha irmã, o esperávamos no tal terreno. Ele chegava, ela amassava o reboco, eu levava (minha irmã era muito pequena e ficava junto, mas, brincando com sua boneca) em uma latinha do tamanho de minhas forças. Ele assentava os tijolos, rebocava as paredes. A casa foi construída pela família. Ao

chegar a hora do madeiramento, veio o marceneiro Marcelo, irmão de minha mãe e seu filho e fizeram o serviço. Na hora do encanamento, tocou a vez do tio Felício, cunhado de minha mãe. Quando eles fizeram sua casa, meu pai devolveu o favor. Mutirão familiar.

A reunião da nossa família acontecia na cozinha se estivéssemos a sós. Enquanto a mãe arrumava a cozinha com a ajuda, desde muito cedo da minha irmã, falávamos de coisas. Quase sempre procuravam por exemplos e notícias mostrar aos filhos como se deveriam conduzir. Ou comentava-se acontecido na vizinhança, na área familiar, etc.. Se acontecia de eu ou minha irmã quebrarmos uma louça, não éramos castigados fisicamente porém, meu pai dizia, compungido:- "Coitado do fabricante, ele fez com tanto amor e vocês quebraram por não tomar cuidado". Geralmente depois de arrumar a cozinha, minha mãe forrava a mesa e passava a roupa com ferro de brasas que meu pai e eu alimentávamos com braseiro. Ela terá sido a primeira ou a segunda mulher na cidade a possuir ferro elétrico, porque meu pai recebeu os efeitos da fumaça do carvão sobre a saúde dos filhos. Passando ou costurando, as conversas continuavam. Com muita frequência aparecia um vizinho ou compadre, ou parente para contribuir com o seu conhecimento de fatos novos. Quando me alfabetizei e descobri os livros, comecei a me afastar desses serões. Fechava-me no quarto e lia, mesmo à luz de velas que me esfumaçavam a cara.

Lembro de que a professora chamou minha mãe quando me viu lendo a "História da Comuna de Paris", de Lissagaray: "Este menino está lendo coisas proibidas para sua idade". Eu chorei por causa disso e do alerta que a denúncia significou. Que monstro estaria sendo formado por aquelas leituras obsessivas?, mas, acabaram fazendo um grande bem. Um professor de geografia, o Seo Amaro, vizinho nosso e uma figura interessante, me compreendeu e começou a me presentear com livros. Então, aos 12 anos ganhei "História da Civilização", de Oncken. Tenho-a, ainda. Pouco antes havia recebido, de outro professor, o de francês, o livro "Os Cossacos" de Tolstoi. Li os russos todos, entre 12 e 14 anos.

Quando tínhamos visita em casa, passávamos à sala de jantar e de visitas. Nos dias comuns comíamos na mesa da cozinha. Seguindo o costume do tempo, a família e a visita, sentávamos à mesa e não em cadeiras, poltronas afastadas da mesa. Aos homens era servido vinho e para as mulheres café ou licor de jabuticaba. Às vezes, biscoitinhos. Porque além de tudo que fazia em casa, minha mãe fazia às quintas-feiras o macarrão, nas sextas-feiras uma latada de biscoito e no sábado doce de abóbora ou outro para a semana toda. Levávamos de lanche à escola e presenteávamos com eles os amigos, parentes, vizinhos.

Podíamos participar da visita. Mas quando o assunto se tornava "delicado" éramos mandados brincar lá fora. Em nossa presença, por exemplo,

jamais se pronunciava a palavra gravidez. Esse estado era anunciado com paradas súbitas de voz, gestos, acenos, até pigarros ou discretos movimentos de mão indicando barriga estufada.

Tudo na minha casa era comprado de saco e isto era guardado no meu quarto, porque não tinha outro lugar. O açúcar era mascavo, tipo rapadura.

FAMÍLIA "H"

DEPOIMENTO Nº 6

- Meu pai tinha duas ofertas, Boston e São Paulo, preferiu São Paulo, pois queria sair da Itália, do frio e Boston era frio também, aqui era quente e todas aquelas promessas... a abundância da terra, a promessa de riqueza, do clima bom.

- Meus pais eram de Veneza, da região de PIAVE, no norte de Veneza Piave, Noventa de Piave, toda a região do Rio Piave, MESTRA, aquela parte de Veneza, quando se chega de carro e não se pode seguir mais, a não ser de barco ou trem. São regiões vizinhas, perto uma da outra. São ambos de lá, já vieram casados, tinham um filho pequeno que ficou com os avós, e veio mais tarde como estava maior, pois não poderia viajar no porão do navio, devido a umidade, a alimentação. Mesmo por que vieram para experimentar, verificar se daria certo. Com 12 ou 11 anos veio, já tinha irmãos brasileiros.

Minhas família veio com recursos próprios, mas através daquelas campanhas para arregimentar os emigrantes. Com a triagem, em São Paulo, escolheram Mococa, outras pessoas da mesma região seguiram também para lá.

Tinha um conhecido em Morro Azul, outro parente em Mogi, chegaram num grupo onde 2 ou 3 tinham a mesma profissão. Como a cidade estava desenvolvendo precisavam de carpinteiros. Nunca trabalhou na lavoura, a Igreja de Mococa foi

construída por meu pai, o convento também, era um marceneiro, um carpinteiro que tinha outras qualidades, sentiram que ele sabia desenhar, construir, noção de equilíbrio, peso. Assim começou a pegar a obra toda, se tornando construtor, ficando especialmente responsável pela estrutura de madeira das casas. Mas, quando ele fez a cadeia pública, o status dele caiu. Fazer igreja o tornava importante, mas cadeia não.

Tenho uma história que ouvi a uns dois anos atrás, quando participei de um "workshop" com pessoas do mundo inteiro, na Califórnia. Num determinado dia, verifiquei que o conferencista seria LEE YACocca. Para minha surpresa, é um homem mais alto que imaginava, forte, olhos bem claros, bem colocado, falando sem script, muito comunicativo. Ele afirmou que os americanos estavam apostando demais no fracasso do Mercado Comum Europeu, que este seria muito prejudicial aos americanos. Pois apostavam que os japoneses não teriam interesse em desvalorizar o dólar por serem, os americanos, seus maiores compradores. Mas, quando estiver funcionando o MCE, o "yen" será segunda moeda e o dólar a terceira. Mas, o que quero destacar aqui, referindo ao seu tema, foi o que ele falou sobre a juventude americana não estar pronta para levar o país à frente, pegando de onde os mais velhos deixaram. Ledo engano! Os jovens americanos estão sendo mal preparados pelas universidades americanas, eles estão drogados, mal

acostumados, já nasceram motorizados. Mas, o que é o pior, eles não terão a ajuda dos imigrantes, os imigrantes europeus não estão vindo mais para os USA, não são como aquela "leva" que veio no início do século. O europeu terá novas chances em seus países e, aquela conjugação de esforços, do imigrante chegando e ao crescer desenvolver o país não tem mais acontecido.

O crescimento do USA se deve aos esforços dos imigrantes, desde os imigrantes holandeses (lembrar que ilha de Manhattan foi comprada por US\$ 24 dos holandeses). Insistiu que o desenvolvimento americano era uma decorrência do trabalho e esforço dos imigrantes e não dos Nativos.

Quando conversamos por telefone, me lembrei desse depoimento. Os USA não estão mais recebendo essa força, os que para lá se dirigem, vão em busca dos benefícios, se tornam um peso social, não são produtivos.

Além do mais, há uma concorrência com a mão-de-obra melhor de outros países. Nunca se pensou antes, que hoje, se estaria comprando carros de outros países no USA, não apenas carros, praticamente quase tudo vem de fora. Nossa juventude está despreparada e é ela que vai exercer o poder... Veja, no Japão o metalúrgico ganha US\$ 13 por hora, um ótimo salário! Na Jugoslávia, US\$ 1,00 - que já é problemático do ponto de vista social. Mas no USA o salário é de US\$ 23,00!

E, não estão satisfeitos, além disso sua

produção não pode ser considerada como a melhor.

Outro problema, nos USA há 10 advogados para cada engenheiro, no Japão 10 engenheiros para cada advogado. O que se quer aqui é destacar a importância que ele deu à imigração para o desenvolvimento dos USA.

- Minha mãe teve 14 filhos, sendo que não conheci todos, pois nem todos sobreviveram, eu convivi com 10. Uma moça - a outra morreu antes que chegasse a conhecer. Na época era tudo mais difícil em relação à saúde, havia muita morte de crianças. Então essa minha irmã - era uma das mais velhas - era o esteio, a ajuda de minha mãe na casa. Acontece que um dia ela casou e não sobrou ninguém, a não ser eu e 2 irmãos caçulas, para ajudar minha mãe. Os outros já trabalhavam fora, e os caçulas eram muito pequenos. Assim, o serviço de casa: lavar louça, encerrar a casa se tornou meu serviço...

- Veja este é um dado importante que você está dando, o "machismo italiano" não considerou inconcebível que um homem fizesse o serviço de casa, trabalho de mulher?

- Quando comecei essa tarefa de ajudar em casa já estávamos morando em São Paulo, meu pai estava construindo o prédio da Caixa Econômica na Praça da Sé. Eu morava numa rua de terra, sem nada, foi em 34-35, depois nos mudamos para outra. Era "Grupo Escolar" e ajudar em casa. Minha mãe, para ajudar meu pai, começou dar pensão para fora, eram 11 pessoas: meus pais e 9 filhos, uma já tinha se

casado. A casa era com dois quartos, e uma cozinha-sala grande, o banheiro na primeira casa era fora, na outra já era dentro. Era uma casa comum igual a muitas outras na época.

Só comecei trabalhar fora quando completei 14 anos, no dia que completei 14 anos e fui trabalhar em uma fábrica, entrando às 7 horas e saindo às 5 horas, era uma "Disneylandia" para mim.

Foi na Matarazzo da Av. Celso Garcia. A minha casa era mais para trás. Lá em Vila....., perto do Tatuapé. Ficava uns 40 quarteirões da fábrica, ia de manhã, voltava para almoçar, sempre a pé. Quando comecei a ganhar 2 salários mínimos, parei de ir almoçar em casa, passei a levar lanche que ficava cheirando a manhã inteira, depois comprava banana despencada. Perto da fábrica, tinha um fruteiro que vendia a banana despencada mais barata, e completava meu lanche, e depois, jogava futebol, com bolsa de meia, não de borracha, tinha também o problema dos fio de bonde. Era uma coisa assim muito boa, todo mundo estava muito à vontade, ninguém se sentia menosprezado por isso.

- Esse tipo de vida, banheiro fora, minha mãe cozinhava em fogão de lenha, não tinha dinheiro para comprar carvão, então cozinhar à lenha significava que a gente alugava um caminhão grande e comprava, nos lugares onde meu pai trabalhava, restos de madeiras. A gente, ia à noite, carregava o caminhão com tábuas até em cima, com pregos cimento, tudo. Enchia o caminhão, sentava em cima

da madeira, precisava tomar cuidado com os fios de eletricidade das ruas. Chegava em casa por volta da meia noite, ainda tinha que descarregar o caminhão para não pagar mais e não podia fazer barulho porque era muito tarde. Tinha que pegar as tábuas, uma a uma, e amontoar perto da casa. Na manhã seguinte recolhíamos a madeira e levava tudo para o quintal. Dava para a minha mãe cozinhar mais ou menos um mês. Esse trabalho era geralmente feito no sábado à noite ou na sexta-feira. Por fazer isso, como olhava com inveja as padarias que tinham a lenha toda empilhada limpa e organizada nas calçadas! a nossa tinha cal, prego, era áspera, cimento que caia em nós quando se pegava as tábuas, pois era lenha de construção que além de suja, era difícil de pegar e de empilhar na calçada e no quintal.

Quando se tinha que fazer isso, havia uma mistura de felicidade e tristeza, porque era uma alegria estar junto, mas, era uma tarefa sofrida. Era uma família que saía junto, realizava alguma coisa e junto, voltava para casa. O seriado dos "Waltons" me agradava muito pois, representava uma família unida que, também, trabalhava com madeira. Toda a recessão americana me lembrava muito do trabalho de conjunto, de uma família toda produzindo, e, que era uma coisa muito parecida com a minha casa.

- Foi meu pai que fez os móveis da casa, na cozinha tinha uma mesa grande, fogão de 6 bocas, o que para mim era chato, pois

tinha que limpar tudo sendo que a panela de polenta ficava na última boca e vazava, sujando tudo.

A gente tinha um cuidado com a chuva! eu tinha que cobrir para não molhar a lenha, pois lenha molhada faz fumaça pela casa toda. Então, quando percebia que vinha a chuva recolhia bastante lenha e colocava debaixo do fogão.

Todas essas atividades faziam com que nos sentíssemos gratificados pelo trabalho feito.

- A família se reunia no jantar para a grande refeição, no almoço uns levavam lanches, outros marmittas, só os que ficavam em casa almoçavam junto. A reunião era no jantar. A conversa era boa, meu pai era um tipo intuitivo, com uma sabedoria gostosa, e sabia brincar, sabia armar as brincadeiras. Dizia sempre que não se devia ter vergonha de trabalhar, nunca pedir aumento, ele impedia a gente de pedir aumento: se você merece, tem que fazer por merecer, tem que fazer a coisa que gosta, se fizer além do pedido será reconhecido.

Meu pai não falava em escola, falava em aprender um ofício: queria que eu aprendesse o de barbeiro, então fui trabalhar em uma barbearia para aprender a fazer barbas, eu ficava olhando, gostava das pessoas que chegavam, um após o outro, das conversas, mas fazer a barba! A primeira que fiz foi em um homem que tinha espinhas, que coisa horrível um sofrimento, então ficava ali olhando limpando, o barbeiro era muito simpático, os assuntos bons, era ele e uma cadeira

auxiliar, um homem que quase não aparecia. Mas, meu pai queria que aprendesse uma profissão e não deu certo, então, eu fui entregar carne em um açougue, junto com as marmittas da minha mãe. Ganhava um quilo de carne por dia como salário, o que era de grande ajuda para a família. Meu pai dizia o seguinte: - "olha o Matarazzo começou vendendo bananas, meu irmão perguntou como foi a vida dele então? Bom, ele tinha 200 navios, carregava todos de banana e ia vender na Europa". Ele era espirituoso, de gênio engraçado, havia um relacionamento muito gostoso, não era autoritário.

A única coisa chata da época é que o irmão mais velho podia bater no mais novo, que era praxe, não é? Todo mais velho podia bater no mais novo, mas não o mais novo no mais velho.

- Todos os irmãos, menos o mais novo que fez a faculdade, quando a situação econômica já era melhor, fizeram apenas o primário, nem ginásio, só o primário e então iam trabalhar.

- Poderia, se assim quiseser ser chamado de "Self made man", pois não foi possível fazer nada mais que o primário. Mas, tinha que terminar o primário, mamãe ia à escola saber das notas, tinha que estudar. Lembro dessa época que como o português era complicado para ela, não podia nos ensinar e não podíamos aprender italiano, era a época da guerra, o que foi muito triste, entendo perfeitamente o italiano, pois meus pais conversavam em italiano. Quando estive em Veneza, fiz parte o jurí

do "Festival de Cinema de Veneza", ao tomar uma barca, conversando com o "gondoleiro" não só entendi o que ele falava, era o dialeto "toquetim", como reconheci o timbre de voz de meu pai.

- A mesa era o centro de tudo, nela fazíamos as refeições, lições, nela mamãe passava à ferro enquanto fazíamos a lição. O fio do ferro era ligado à luz que balançava conforme ela passava, e nossas lições de casa seguiam a sombra da luz. Lembro que toda minha lição era feita com a sombra da luz balançando de um lado para outro. Ela não ensinava a não ser um pouco de filosofia e matemática, pois não acompanhava nossas aulas que eram em português. Mas, era tão gostoso ficar junto, nos enriquecia, ela estimulava, fazia a gente perguntar ao que estava mais adiantado. Todos se ajudavam um pouco, havia um sentimento de proteção "o que eu não souber pergunto na mesa". Isto era feito sem que existisse a palavra "ajuda", não havia necessidade de falar.

- À noite, na mesma mesa onde se comia, estudava, passava à ferro, escolhia o equivalente a uns 5kg de feijão, enquanto o outro estava moendo café, estávamos todos juntos na sala.

O chão era encerado e tinha apenas a passadeira de linóleo, que chamo de passadeira de dentista, todo dentista tinha em seu consultório. Eu tinha que levantar com todo cuidado para encerar embaixo, encerava ajoelhado e com calças curtas, ficava com o joelho todo vermelho da

cera. Como eu encerava, cuidava protegendo o chão com jornais; então, comecei fazer cópias dos desenhos que via nos jornais comecei a me interessar pelo desenho.

Os jornais eram "Correio Paulistano", "A Gazeta". Meu outro irmão estudava taquigrafia e, eu tinha que ler os "artigos de fundo" do Menotti del Picchia para ele. Na época, achava que era uma desgraça ter que ler os artigos e tentava fugir dessa tarefa.

Veja, era fazer a lição, moer café, lavar a louça, recolher a lenha, já era quase 9 horas e eu queria brincar! Ouvia, de casa, o barulho das brincadeiras na rua, o que eu chamo da trilha sonora, que me avisava se tinha muita gente ou não.

Me lembro que uma vez lavando a louça, tinha ainda a panela de polenta para lavar, e, a trilha sonora me dizendo como corria a brincadeira, então pensei: "deixo com água dentro e amanhã acordo mais cedo e lavo". Fiz isto e coloquei embaixo do fogão, Minha mãe quis saber que era aquilo, eu fiquei chateado, pois queria brincar, reclamei e tal.

Embaixo da pia ficava, o sabão de cinza, sapóleo e o "escracho" (pano para lavar as louças e panelas) que tinha um cheiro horrível. Ela pegou aquele trapo e me bateu, ela era tão rápida! Aquele pano ficou enrolado em meu rosto com aquele cheiro horrível e todo molhado, escorrendo... fiquei uma múmia de "escracho", mas não chorei, não me mexi.

Quando ela ficava

irritada, era tão rápida! Batia com o tamanco, você não sabia de onde vinha! Sentia só aquela batida seca na cabeça, doía muito, não a pancada, o tamanco era de uma madeira mole-especial para tamanco, mas nele ficavam as pedrinhas da terra do quintal, o que machucava eram as pedrinhas que se soltavam com a batida, pois a pancada não era violenta, era apenas o susto.

Essa coisa de mesa era muito gostosa, às vezes se trocava as brincadeiras de rua para ficar à mesa, principalmente, no inverno quando estava frio. Era muito bom ficar, com os irmãos, sentados ao redor da mesa conversando, ouvindo histórias e a lâmpada balançando. Mamãe contava histórias, ficava lembrando do nascimento de cada um, de seus parentes e amigos que tinham ficado na Itália. Uma vez, me lembro que minha mãe foi ao cinema pela primeira vez, ela nunca havia ido a um cinema! No entanto umas amigas insistiram muito, ela era muito religiosa, era um filme religioso que tinha sido lançado, acabou cedendo e foi. O filme era "Marcelino pão e vinho", umas duas horas de filme, lá no cine Piratininga. Depois ela contava, à noite, o filme todo para nós. Acho que ver o filme não era tão bom como ouvir contar. Só depois, não sei, do décimo dia, é que ela nos disse: - "Mas, compreendam o seguinte, se fosse de novo ao cinema, levaria um travesseiro". - Mas por quê? perguntamos. - "Eu sou muito magra e a cadeira é muito ruim!". Depois fomos investigando e descobrimos

que ela tinha sentado na cadeira levantada, tinha sentado no sarrafo da cadeira, imagine duas horas sentada em um sarrafo estreito! Esta é uma das histórias mais contadas na família. Alguns zombavam da burrice de minha mãe, mas não foi burrice, foi desconhecimento, ela não sabia que as cadeiras ficavam levantadas. Chegou e sentou no que achou.

Contava histórias reais, lembro de uma sobre a irmã que era condutora de bondes na Itália, depois recebemos uma foto dela com as roupas especiais. Hoje, fico imaginando a saudade que ela devia sentir da família, dos amigos!

Os amigos deles eram... a família do Aquiles que é Periscinoto, mas de outro tronco, eles moravam em Itaiquara, eram imigrantes que trabalhavam como ferreiros e foram para a usina.

Papai tinha amizade com as pessoas com as quais trabalhava, italianos ou brasileiro, os Nicolas, Tito Brisighello, os Vilares, os Barretos.

Minha mãe tinha muito leite, numa das vezes que estava amamentando, uma vizinha nossa, uma senhora preta teve uma criança e não podia amamentar, minha mãe amamentou o filho dela, o Afonso, ele foi um verdadeiro irmão para nós, eu tive um irmão preto, mas isso nunca nos passou pela cabeça, nunca se fez distinção, brincávamos juntos.

Meu pai tinha uma carroça sem animal para puxar, na qual se levava água para as construções. Onde morávamos em Mococa,

entre a piscina e a igreja, não tinha água encanada, quase que na cidade toda não havia: era perto da Olaria do Mingucci, que foi namorado da minha irmã, no Boqueirão. Com quatro barricas grande, aquelas nas quais meu pai fazia vinho de laranja, que enchíamos de água e empurrávamos e íamos levando no embalo, era um na frente puxando e dois atrás empurrando, o Afonso estava sempre conosco. Haviam poucos pretos em Mococa, me lembro de uma outra família de pretos que eram muito religiosos, de uma pureza incrível!

Falando sobre família e problema de relacionamentos há uma história de um árabe para o qual perguntaram:

- Você é feliz?

Respondeu.

- Tenho saúde.

- Você é rico?

Respondeu.

- Não tenho dívidas.

- Você tem problemas?

Respondeu.

- Tenho filhos.

- Você tem inimigos?

Respondeu.

- Tenho família.

Nas nossas famílias percebe-se uma natureza muito criativa, veja como nossas mães realizam coisas, faziam calças, camisas, lençóis, tudo em casa. Minha mãe descobriu que na "J&J" vendiam quase de graça esparadrapos estragados, então íamos com um carrinho de mão buscar as peças estragadas de esparadrapo. Eram tiras com cola e a gente depois em casa, colocava as tiras no chão, com água e uma escova ia esfregando, tirando toda a goma. Brincando, competindo para ver quem ia mais

depressa ou estava mais atrasado. Com o pano que se obtinha, minha mãe fazia lençóis, fronhas, até camisa, era de uma natureza criativa incrível! Não havia sofrimento, as situações eram vividas sem sofrer, sem ter noção de pobreza, de riqueza. Sabe, aquela casa de sapatos que até hoje existe em Mococa, meu pai comprava um par de botinas do tamanho "X", eu calçava um pé e meu irmão o outro, assim saía mais barato e isto era comum. O primeiro par de sapatos que tive era de sola de pneu, confortável mas feio: então, eu pintava do lado para disfarçar.

- Fale sobre sua trajetória para chegar onde está hoje.

- Os empregos, sobre os quais já falei, antes eram todos antes dos 14 anos. Os 14 anos era uma idade mágica, depois de completar 14, podia ir trabalhar nas fábricas e ganhar um salário! Antes dos 14, todos os trabalhos que minha mãe não dava conta, eu fazia. Mas mesmo depois, quando chegava da fábrica, lavava a louça, encerava a casa. Era muito trabalho! Tanto que numa época, minha mãe resolveu trabalhar numa fábrica. Coitada! Estava tão cansada, com stress como se diria hoje, que resolveu descansar, trabalhando em uma fábrica. Aí eu até cozinhava para mim e meus irmãos.

Tenho um santo respeito pelo trabalho na cozinha, tenho pânico de dar trabalho para a empregada, fico até com complexo de culpa pela quantidade de trabalho para preparar uma refeição, depois limpar tudo só para uma pessoa, são 6 ou

7 horas de trabalho, ainda se fosse para um batalhão! Prefiro comprar pronto! Lembro do trabalho de limpar fundo de panela, preto do fogo, a dificuldade para tirar o preto com sabão de cinzas e palha grossa, semelhante àquela que eu passava no chão com os pés.

Entregar marmitta era também muito chato, às vezes chovia, tinha vergonha. Colocava dois cabo de vassoura, de cada lado, com uma marmitta na frente e outras atrás, eram quatro marmittas de cada vez. Quando passava em um dos quarteirões do Tatuapé, pois andava uns vinte quarteirões, me via indefeso e havia uns moleques que se escondiam e com canudinhos sopravam agulhas que me espetavam, algumas caíam longe, mas cinco ou seis sempre me acertavam e escorria um pequeno filete de sangue. Além do mais, no último prato da marmitta, ia sempre sopa ou feijão, então tinha que ter muito cuidado para não deixar derramar. Eu parecia um São Sebastião com as flechas e sangrando. Era uma parte muito chata do trabalho, eles sempre descobriam meu caminho e na volta não os encontrava, eles desapareciam. Era muito chato por causa dessa troça e da minha posição indefesa.

Com 14 anos fui trabalhar na Matarazzo da Av. Celso Garcia, com teares e ficava com o rosto, ombros cheios de algodão, tinha um macacão e estopa no bolso de trás, e como era importante ter aquela estopa no bolso! Eu tinha que azeitar uns 80 teares. Via os modelos, e nas folgas ficava desenhando e colocava meus desenhos numa prancha. Aí, passou uma

pessoa do serviço de gravuras e me perguntou se não queria fazer um teste com eles. Fiz, fui aprovado e passei para a seção de gravuras. Usava, então, calça e camisa com bolso no qual colocava lápis, me sentia muito importante.

Desenhava para tecidos, fazia estamparias, tinha que fazer a "raportagem" que é colocar o desenho dentro de medidas adaptada aos teares. Olhava as revistas italianas e tirava os desenhos. Aquilo era gravado e ia para a impressão. Meu salário aumentou, passei a ganhar 4 salários mínimos, era uma fortuna! O tratamento era excelente e foi com 16 ou 17 anos. Aí comecei a ter cócegas com aquele negócio que via nos jornais, desenho de propaganda, comecei a fazer mais e mais desenhos, até montar uma pasta para ver se arrumava um emprego, procurei em algumas agências e não consegui.

Mas havia um lugar chamado "Nosso Lar" onde gostaram dos trabalhos e me convidaram para fazer estágio, mas não ganhava nada. Era só aprender e eu topei! Levei uma surra em casa! Imagine deixar 4 salários mínimos por uma coisa incerta! Mas eu sabia que meu caminho era por ali, era uma intuição, pois na fábrica era só olhar e repetir os desenhos, não era criativo.

Felizmente fui aprendendo rapidamente, não recebia, mas dormia lá, o dono recebia leite da "Aliança para o Progresso" e a gente comia leite com colher e ficava alimentado. Aí, o ambiente em casa foi melhorando.

Então, prestei um concurso na "SEARS", para desenho. Queria ser desenhista da "SEARS", no exame me mandaram desenhar um ferro elétrico, eram 10 candidatos, 3 passaram e fui um deles. Então comecei e tinha uma verdadeira paixão para saber como os americanos trabalhavam, foi uma grande escola. Acabei me tornando chefe.

Não tínhamos muita informação, mas a formação de caráter era impecável. Nunca ninguém disse você tem que ser honesto, tem que se esforçar, mas isso era passado sem que houvesse necessidade de falar, de verbalizar. Por exemplo, a atitude de minha mãe, ela achava que não devia amolar ninguém, nenhum vizinho. Depois de muito tempo, comprei um carro e a levei comigo para o interior, ela se sentou atrás e não se encostava. Perguntei por quê, e ela disse que era para não estragar. Passava o "não incomodar", respeitar as pessoas. Ela tinha essa delicadeza que passou para a gente.

Mas faltava a informação formalizada e essa falta de informação desenvolveu em nós todos, a curiosidade. Garimpava-se informações, para descobrir como funcionava as coisas. A gente perguntava, buscava a informação com muita curiosidade. Isso é do sangue, meu pai era muito curioso, queria sempre saber como as coisas funcionavam.

Desenvolveu em nós, também, muita habilidade manual, como tinha que aprender ofício, isso era desenvolvido.

FAMÍLIA "I"**ENTREVISTA Nº 5**

Idade:-.....

Nacionalidade dos pais:- mãe: sudoeste de São Paulo; pai: italiano da região sul, da Província de Salermo

Profissão: - Comerciante de ferragens.

Lazer:- festas, aniversários, casamentos, muitas amizades na sociedade.

Atividades culturais:- cinema, exposições de quadros. A mãe era concertista, ela se apresentava em festas e era muito aplaudida.

Não freqüentava clubes.

Os irmãos jogavam futebol, menos o mais velho que gostava de tênis. O pai gostava muito de futebol.

Liam:- Jornais do Rio - O Globo, São Paulo - Estado e Gazeta.

Revistas:- O Cruzeiro e a italiana "Correo de la Sera" - para estar a par dessa revista que era muito boa, só folheava pois não lia muito bem em italiano. Havia muitos livros na casa, livros técnicos, romances, era uma biblioteca muito boa.

Amigos e política:- dos moços, principalmente, porque gostavam muito dos colegas, inventavam viagens para Serra Negra, Rio.

Estudaram no Álvares

Penteado e depois na Faculdade (não disse qual).

Tinha amigas, foram muitas, mas as que eram do bairro Bexiga não se relacionavam com os membros da nossa família.

Só o pai se reunia com um grupo de italianos para falar da Itália, das atividades que desenvolviam no Brasil. Bebiam vinho e comiam queijo, nesses encontros e pareciam se divertir muito riam, falavam alto, discutiam, confraternizavam-se. As reuniões não eram abertas às esposas, ou outras mulheres.

A neta, filha da entrevistada, participava por que era criança, e essa participação se restringia a sentar-se à mesa com eles e tomar "sopa de cavalo cansado", era pão molhado no vinho e colocado em um cálice! Os assuntos tratados não são conhecidos, mas o avô contou mais tarde à neta que se tratava de política, essencialmente política nacional e italiana. Eram contra Mussolini a quem o avô gostava de ouvir. Dizia também que admirava o esforço, daqueles contrerrâneos, para vencer no Brasil.

Tinha amizade com italianos que se destacaram no cenário econômico paulista como os Dedini (Mário) de Piracicaba, o qual visitava sempre.

Meu pai, como se diz..., era muito comunicativo com os colegas, com os que trabalhavam na firma,...

Na política ele era do PRP, tinha muitos amigos mas não me lembro deles. Os amigos eram os da vizinhança, os que trabalhavam junto, os do

partido não eram amigos da casa.

O partido de meu pai era o do governo.

Estudos:- Minha mãe estudou, fez o primário e entrou em uma escola muito credenciada, antigamente eram cursos mais especializados, ela estudou uns 6 anos línguas. Gostava muito do francês. Ela foi à escola primária e depois na mesma escola tinha cursos, adiantados, onde ela se aperfeiçoou. Ela era muito culta, era cultíssima, falava francês e português.

Meu pai gostava muito de línguas, falava italiano, francês e português. Seu português era corretíssimo. Ele estudou em Milão.

Minha 1ª escola foi em Piracicaba, foi jardim - tinha 4 anos, a professora era parente do Adhemar de Barros, Dona Estefânia de Moraes Barros. Depois frequentei o primário e o curso complementar, e estudei piano por 6 anos. Meus colegas eram todos de ótimo nível, era uma escola particular.

Meus pais davam muita importância para os estudos, obrigavam seus filhos a estudarem, se alegravam ao ver seus sucessos, ficavam muito felizes quando a gente se distinguia na classe porque queriam que fôssemos bem informados e tivéssemos bom nível na vida.

Religião:- Ninguém era "carola", eram católicos apostólicos, mas ninguém era "carola".

Família era sagrada e o casamento muito importante, o papel do homem era sustentar a família, mantê-la o melhor possível.

Nas horas vagas, a família recebia e fazia visitas, recebia muitos amigos, jantares ia ao cinema - à matinê, passeios para fora, para o interior... Viajava bastante.

A mãe bordava muito bem, fazia tricô e crochê.

E x p e r i ê n c i a importante:- vida política do irmão mais velho, foi Secretário das Finanças, 1º cargo, depois foi Prefeito de São Paulo.

Formatura, nem se fala! Era uma maravilha, a família inteira ia.

Não foi só o mais velho que teve carreira política, o mais novo também com grande projeção, foi até Presidente do Sindicato dos Exportadores, foi importante.

Na família os pais falavam muito de anarquismo, fascismo, mas eram à favor do governo, eu não participei porque era muito criança.

Festas na família:- uma mesa de doces, amigos, depois o bailinho das moças, a gente gostava porque reunia a família inteira, as amigas, era muito gostoso.

Reuniões aos domingos, havia muito convite para almoço, os colegas do M. vinham, almoçavam em casa, a gente passeava um pouco, lá mesmo, depois tinha um chá. Era uma vida muito comum.

Meu pai adorava ler e às vezes comentava as leituras. Eram leituras sobre política, sobre a situação do país, às vezes, contava passagens sobre a Itália.

Achava a pátria dele maravilhosa, falava sobre a

família dele que era grande, bem constituída. A mãe morava lá e muito bem, o pai trabalhava aqui no Brasil.

Meu pai veio para o Brasil para passear, para conhecer e ficou porque gostou. Inventou de passear mais, conheceu mamãe... Veio direto para a Bahia, ele não fazia nada, estava apenas passeando. O pai dele era fazendeiro, tinha uma fazenda na Bahia. Nunca se dedicou a isso, ele não gostava e veio se radicar em Bragança.

Ele fazia poesias, ele compunha, escrevia cartões rimados, acrósticos de cada pessoa; de meu avô, ele fez um lindo, com o nome dele. Ele escrevia poesias e as enfeitava, à nanquim, usando caneta de 2 ou 3 penas, fazia cada desenho... no acróstico de meu avô, fez as letras enfeitadas e à nanquim, imagine você!

Livros que ele gostava: o do De Amici, "Cuore" que ele lia sempre para minha filha quando era pequena, também, a "Divina Comédia". Eu não tenho mais, perdi tudo nas mudanças, ou emprestado e que foi esquecido e não devolvido...

Eu achava meus pais super, em tudo, em todos os pontos de vista da instrução, da maneira de viver, isto em relação a qualquer pessoa da época, eu sempre achei, não sei por quê...

Numa conversa, nas atitudes, eles eram super, superavam os outros. Por exemplo, eram muito rígidos na educação dos filhos, não aceitavam o errado, não deixavam você largar, tem que ter direção. Não sei se todos eram assim na época, não convivia com muita

gente, mas acho que não era. Os amigos do Tio M. também eram bons, mas nunca entrei em detalhes sobre a educação deles.

Eu acho que eles eram mais... tinham mais cultura, mais sabe o quê, inteligência. Isto devido o meio deles, veio da família.

Meu avô, pai de mamãe ele era super inteligente, fez uma fortuna e não se tornou um "nouveau riche", ele já era... fez muita coisa, fundou a "Luz Elétrica" - coisa mais importante - teve a Empresa Elétrica Bragantina, e Companhia de Telefone. Também a Companhia de Trem que chegou até a divisa do Sul de Minas. Recebia pessoas importantes do exterior que vinham para visitar o estado, a cidade era ele quem recebia. Minha mãe contava que ela participava de tudo, quando D. Pedro II ficou hospedado em Bragança, meu avô foi quem o conduziu. Esse era o berço especial que minha mãe teve.

Meu pai também era assim mais os de minha mãe eram mais cultos. Minha avó era da família Paes, de Minas Gerais, muito tradicional eram mais cultos, com mais raiz do lado materno.

Só convivi com meu avô paterno. Recebia cartas da Itália que ele lia para a gente ouvir. Ele cultivava as amizades à distância. Mandava e recebia cartas, sabia como todos estavam, ele tinha duas irmãs estudando em Florença.

Meu pai contava sobre Siena, que era um povo tão culto que até uma empregada sabia falar e se comunicar através de poesia. Quando

chegou, uma vez em Siena e, precisou de uma informação qualquer, perguntou a uma camponesa que encontrou e ela respondeu com uma poesia. Lá havia um convento onde consertavam livros antigos e que deixavam novinhos, eles faziam restauração. Meu pai não estudou lá, ele passeou lá, ele estudou contabilidade em Milão.

Ramo de negócio:-
comércio de ferragens.

Tradição italiana na família:- pratos típicos no Natal - um nhoque frito com molho de mel, nozes e avelãs.

FAMÍLIA "J"**DOCUMENTO Nº 4**

Idade:- 67 Anos

Nasceu:- em Araras de onde saiu com 2 anos e meio indo morar na zona de Araraquara. A cidade de Araraquara com economia agrícola, era uma cidade pequenina, então não tinha quase indústria nenhuma, só máquina de beneficiar café, uns laticínios, cooperativa de leite e uma fábrica de meias LUPO que existe até hoje lá, é só o que me lembro.

Na época morava na fazenda "Restauração" que era de uns italianos que vieram da Itália e compraram a fazenda. Era uma fazenda de café. Naquela zona, a maioria era de lavoura de café, com pouco de cereais, tinha uma parte de campo, uma invernada onde tinha gado que o patrão criava, um pouco de carne e leite para comércio, era, então fazenda de café cereais e criação.

As pessoas da fazenda, eram mais ou menos umas 60, 70 pessoas com um pouquinho de tudo, a maioria era italiano, português, algum espanhol, algum negro, um pouquinho de tudo.

Nacionalidade dos pais:- Eram da Europa, meu pai veio da Itália, da província de Treviso e minha mãe da Calábria. Vieram para cá de navio, era só navios que transportavam naquela época imigrantes, eles eram crianças, meu pai tinha 5 anos e minha mãe 2 anos, mas não vieram no mesmo navio, vieram em navios e épocas diferentes.

Eles vieram da Itália e foram morar em Araras, Cordeirópolis, Rio Claro, naquela zona, meu pai cresceu e trabalhou. Depois se casou, meu pai sempre trabalhou como colono, como empregado da fazenda, por dia.

Morava uns 40 minutos da sede da fazenda, 40 minutos à pé, atravessava uma mata virgem, morava na colônia do outro lado da mata e tinha que atravessar a mata de madrugada, tinha que levar a marmita. Também levava um lampiãozinho, uma lamparina de querosene com vidro em volta que ele carregava para assustar bicho, porque tinha muito bicho no mato e também porque voltava à noite, no escuro.

Tinha que estar lá às 6 horas em ponto, na hora que o administrador chamasse o nome da pessoa, ela tinha que estar presente, se não estivesse, se chegasse 5 minutos atrasado, poderia voltar para trás que tinha perdido o dia. Saía de madrugada, levava a comida e voltava à noite, porque trabalhava até às 6 horas, voltava para a fazenda para entregar a ferramenta e vinha para casa. Chegava em casa à 8 horas da noite.

Então ia ver os filhos só no domingo depois do almoço, pois era obrigado fazer "serão", das 8 até o meio dia, ele ia ver os filhos só no domingo depois do almoço. Durante a semana não via porque saía de madrugada e voltava à noite e eles já estavam dormindo, porque naquele tempo não tinha nada: rádio, TV, diversão. Às 8 horas já estava tudo dormindo.

Naquele tempo, o tempo

que sobrava era muito pouco, porque chegava em casa domingo depois do meio dia, almoçava então ia jogar baralho ou bocha, essas eram as diversões na fazenda, jogo de malha, chapa de ferro redondo, ou senão ia pescar. Porque o finado meu pai gostava muito de pescar, em Araras tinha muito peixe, então de tardezinha ia na lagoa pescar. Essa era a diversão dele.

Não me lembro de Araras se tinham muito amigos porque era muito criancinha, depois que mudou para zona de Araraquara, na fazenda lá, inclusive já os patrões, que compraram a fazenda lá, eram amigos que tinham morado em Araras também, eles já se conheciam, então mudaram para lá, e as outras famílias já eram conhecidas e tinham muita amizade. Se encontravam no sábado à noite, se divertiam jogando bocha, baralho, naquele tempo não tinha muita coisa.

Meus pais não freqüentaram escolas, naquele tempo não tinha condição, nas fazendas não existiam escolas e não tinha condição para ir a cidade que era muito longe. Tinha só uma jardineira que era toda aberta, bancos inteiros sem porta do lado, passava uma só por dia cedo e de tarde 4:30, 5 horas voltava para as fazendas, não tinha condição nenhuma deles estudar.

A família era de 8 irmãos, bom, na época alguns eram menores, mas com 7 anos já começavam a trabalhar, porque tinha lavoura de café, depois de cortado o café, porque não tinha preço, então começou a influência do algodão e

começou serviço para criança também.

- Vocês estudaram?

- Sim, na escola da fazenda.

- Nessa escola até que ano ia?

- A escola foi improvisada, era uma casa de moradia, demoliram as paredes e fizeram um salãozinho, o piso era de tijolo acentado no chão e lá a professora dava aula para 1º, 2º e 3º ano, não tinha 4º. Não havia espaço para tanta gente, porque vinha gente de uma fazenda vizinha que ficava mais ou menos uns 2 km retirado da nossa fazenda, lá era muita criança para um professor só e não tinha condições de ter outra classe, era tudo num horário só, então estudava criança de 7 a 14 anos, porque uns já estavam na escola com mais idade, começava, estudar com 10 anos, então tinha criança de 7 anos e marmanjão de 12 anos, estudando lá, no meio do pessoal.

- Todos seus irmãos foram nessa escola?

- Não, não porque quando começou esse sistema de professora, meus irmãos eram um pouquinho mais velhos, não que tivessem muita idade é que precisavam trabalhar para ajudar meu pai, porque foi na época em que acabou o café e começou a plantar mais cereais e algodão, e meu pai precisava de mais pessoas que ajudassem ele na roça, então meus irmãos mais velhos não tiveram oportunidade de aprender nada. Começou do meu irmão acima de mim que estava com 8 anos, e depois

daí para baixo, os outros 3 começaram estudar. Foram 5 irmãos, nós éramos 8, os outros não tiveram oportunidade de aprender nada. Eu fui até o 3º ano porque não tinha condições de ir para a cidade fazer o 4º ano, não tinha dinheiro para pagar a condução. Os patrões levavam os filhos deles porque tinham um carro velho, e um caminhão que puxava lenha e dava duas viagens, tinha muita lenha na fazenda. Então, tinha condição de levar os filhos dele, no caminhão ou no carro para fazer o 4º ano na cidade. Nós, que não tínhamos poder nenhum, tivemos que parar no 3º ano.

A amizade entre as crianças na fazenda era muito boa, a gente se entendia bem. Durante a semana não tinha condição porque todo mundo trabalhava, tanto os empregados quanto os filhos do patrão: filhos e as moças também, tinha uma faixa de 7 ou 8 moças já com idade de 17, 18 anos, como o patrão não tinha muito poder, as filhas ajudavam, eles plantavam mandioca porque tinha uma fábrica de farinha de mandioca, e as moças iam trabalhar quando chegava a época de fazer farinha que era do meio de abril até agosto, então as moças trabalhavam na fábrica de farinha de mandioca. Nós, na nossa vida, trabalhávamos também, não sobrava tempo. Mas, nos domingos a gente se encontrava, ia jogar bola, pescar, caçar com estilingue, a diversão nossa era no mato, não tinha rádio nem TV, a gente se divertia como podia.

Naquele tempo os pais não tinham nem noção de

estudo, porque não tinha condição de estudar nada, ou saber a importância do estudo naquele tempo, para eles o importante era trabalhar, não tinha dinheiro, era uma vida meio difícil, achavam que estudo não tinha fundamento nenhum, tanto fazia estudar como não estudar.

Igreja e Padre:- respeitavam muito, a maioria era católica, os patrões eram católicos, construíram uma capela que eles freqüentavam, toda semana tinha reunião deles na igreja, inclusive meu pai fazia parte também. Nós crianças participávamos, íamos à igreja de noite, era sempre de noite que tinha as cerimônias. A Igreja era de Sto. Antonio, e, todo ano tinha festa de Sto. Antonio, lá festa era o dia todo! Cedo vinha um padre e a festa era encerrada com uma procissão de Sto. Antonio. Vinha gente das fazendas vizinhas, então, era uma coisa muito bonita.

A turma lá era muito religiosa, tinha muita coisa na igreja, se respeitava muito esse negócio de religião. Inclusive na Semana Santa, naquela época, tinha respeito, guardava jejum na quaresma toda, na 4ª e 6ª ninguém comia carne nem gordura de porco, depois na sexta-feira Santa deixava de trabalhar às 19 horas do dia e só retornava no sábado depois do almoço.

Sexta-feira tinha aquelas cerimônias, vinha gente de todo lado participar, inclusive nós que morávamos na colônia perto da fazenda, preparava tudo, fazia duas fileiras de bambú - abria a ponta e

punha papel de seda colorido, botava uma vela dentro, se tratava de roça, um negócio assim, de vez em quando botava um arco de bambú com um tipo de balão com vela dentro, então ficava tudo iluminado. A procissão passava por baixo daquele balão todo; cada casa tinha 4 casas, indo depois para a casa da fazenda onde faziam um altar, assim na entrada da sala, botava os santos, velas. Então, a procissão parava em todas as casas, era como uma "Via Sacra", assim então, depois que terminava a procissão do Senhor Morto, a turma tinha um respeito! uma coisa muito bonita, não tinha bagunça nenhuma.

Governo e Política:- não tinha nada disso, não tinha porque não tinha comunicação, não tinha rádio, TV, ninguém lia jornal, então poucos sabiam dessas coisas. Não ouvia falar, pois nem eleição existia naquele tempo, então, ouvia falar que trocou de governo, mas não tinha influência nenhuma, ninguém torcia para ninguém lá.

Revolução de 32:- A turma ficava assim, mas, ninguém sabia explicar o que significava aquilo, porque não tinha informações diretas, quando ia saber já tinha passado muito tempo.

Casamento, família:- Casamento era uma coisa muito séria, eles tinham muito respeito naquela época; então, consideravam um compromisso muito sério não é? Era difícil acontecer coisa que se vê por aí, de

casar e depois de um ano se separar, no meu tempo não tinha dessas coisas. Os pais interviam no casamento dos filhos, sabe, faziam parte quando os filhos iam casar, os pais faziam recomendações então, os filhos como se fala, obedeciam as ordens dos pais e tinham um respeito muito grande pelo casamento.

Mulher:- naquela época, lá, ninguém trabalhava fora, a vida delas era cuidar de casa, dos filhos, e por exemplo, muitas mulheres casavam e no dia seguinte já iam para a roça ajudar o marido, porque todo mundo trabalhava na roça. Não fazia diferença nenhuma, casava no sábado e na segunda-feira ia para a roça, enquanto não tivesse filhos, ou algum problema que atrapalhasse, ajudavam o marido na roça e fazia a vidinha de casa, as roupas: a maioria delas costuravam as próprias roupas.

- A família fazia algum tipo de passeio junto?

- Não, a família sempre ficava por ali nos domingos à tarde, as mulheres se encontravam com as comadres, todo mundo era compadre um do outro, porque dava os filhos para os vizinhos batizarem ou crismar, então num domingo almoçava com uma comadre, no outro ia visitar a outra. Durante a semana não tinha tempo para nada, era só trabalhar, então só sobrava tempo no domingo de tarde e ia visitar as comadres, batiam um papo assim, não tinha muita coisa para contar, porque não tinha informação nenhuma.

- Como eram as festas: Carnaval, Páscoa, Festas Juninas, Natal?

- Era muito legal, porque o pessoal ficava muito ansioso, porque não tinha diversão nenhuma naquele tempo e não viam a hora de chegar Natal, Carnaval. Tinha um salão lá que era a "tulha" de guardar café, mas estava sempre desocupada na época do Carnaval, então o pessoal fazia baile lá. Os homens se vestiam de mulher, a maioria era homem que participava, as mulheres quase não freqüentavam o Carnaval. A maioria eram os homens que se vestiam de mulher, faziam casamento assim de homem vestido de mulher, improvisava um padre lá então, tinha tudo perfeito, depois um sanfoneiro e uns caras que tocavam violão e formavam um baile lá na "tulha".

Quase todo sábado tinha baile lá, vinha gente de outras fazendas, ficavam até amanhecer, porque lá não tinha outra diversão e aproveitavam para dançar.

Páscoa - não comia carne de vaca durante o ano, porque a gente não ia para a cidade e não tinha condição de conservar a carne fresca, era sempre carne seca-jabá, peixe salgado, porco, algum frango. Tinha muito porco, porque se criava porco pois tinha espaço. Então, quando chegava o Natal, vinha uma pessoa matar boi ou uma vaca e era uma festa, comprava 2, 3 kg de carne: naquele tempo, não tinha carne de 1ª ou 2ª, era tudo misturado. Meu pai ia à cidade e comprava um garrafãozinho de vinho daquele mais barato, guaraná e era uma festona!

Natal - era a mesma

coisa, matava um boi, uma vaca, vendiam a carne para a gente e nós festejávamos.

Véspera de Ano Novo, o finado meu pai, ele era muito divertido, muito alegre, apesar de ter um sistema nervoso, era alegre. Gostava de cantar, cantava umas musiquinhas italianas muito legal, recitava uns versinhos muito legal, a turma lá gostava do jeitinho dele, então, nas Vésperas do Ano Novo, na passagem do ano, tinha um sistema de fazer uma serenata e começava à meia-noite, na colônia (nas casas da colônia) na outra com 7 casas e depois na casa do patrão. Então começava na 1ª casa, à meia-noite, batia na 1ª porta, as pessoas levantavam: meu pai recitava uns versinhos muito engraçados sobre a passagem do ano, depois tinha uma turminha que tocava violão, cavaquinho, pandeiro e começava a batucada. O dono abria a casa e servia anizete ou licor ou o que tinha lá de bom, pão, fazia pão em casa naquele tempo e dava para a turma comer ali com café, essas coisas.

Então, ficava 1/2 hora em cada casa e chegavam na fazenda, na casa do patrão às 6 horas da manhã, mais ou menos, era controlado para chegar lá às 6 horas, aí o patrão já sabia de tudo, preparava uma mesada: tinha muita fruta, tinha um pomar grande: com uva, pera: tanta fruta lá no pomar! Comprava vinho, não tinha cerveja, a turma não gostava de cerveja, gostava mais do vinho, do anizete feito em casa, pinga no gengibre, licor. Dava umas coisas para comer, um bolo para a turma e encerrava a serenata na

casa do patrão. Aí, quando chegava lá estava todo mundo de "fogo" e acabava de completar, o patrão tolerava a turma até acabar a festa, quando iam para casa, lá pelas 7 horas da manhã, estava todo mundo de "fogo"!

Experiência marcante:-
quando faltou meu pai, coitado faleceu novo, era forte, era muito assim... um espírito forte, tinha sistema nervoso, mas era sadio: teve um problema de tumor na bexiga, naquela época não tinha especialista naquela zona para fazer um tratamento, uma cirurgia e ele não tinha condições para ir para outro lugar, não tinha recursos, e, ele não queria operar de jeito nenhum, tinha medo porque qualquer operaçãozinha naquele tempo era perigoso, os médicos não garantiam nada. Então, ele foi agüentando... 7 anos depois, quando pensou em operar, não tinha mais recurso, não conseguia urinar, entupiu a bexiga, quis operar, mas não teve jeito! Foi para o hospital mas morreu na mesa de operação, pressão alta, sistema nervoso sei lá, complicou e morreu na mesa de operação.

Ficamos muito chocados, porque a maioria era criança ainda, eu era um molecão quase, e, meus irmãos também, apesar de fazer anos que trabalhávamos sem ele na roça, ele ia só dar uma voltinha assim, mas não tinha condições de trabalhar. Então, já viu né? Um queria mandar, outro também, ficou aquele problema na família, e tinha só dois casados na época, o resto era solteiro, então suportamos todo aquele

problema e fomos levando a coisa.

- Em casa, entre amigos ouviu alguma vez falar em anarquismo?

- Não, porque a turma não dava muita bola para essas coisas, essas coisas não tinham influência nenhuma, ninguém falava de política, não ia político lá para aquela zona. Ninguém falava nisso; o pessoal lá não se interessava, queria era tranqüilidade, poder viver uma vida sem problemas. Era muito sem dinheiro, ninguém tinha dinheiro naquele tempo era uma vida difícil, queriam sossego, ninguém procurava essas coisas assim.

- Mais alguma coisa para contar?

- Outra coisa interessante é que a gente sente saudade, hoje, um dia a gente se encontra com pessoas idosas daquela época e conversando sobre o sistema de vida que nós tínhamos, aquele lado de ser tudo analfabeto, não ter comunicação nenhuma.

Vivia uma vida mais tranqüila, a gente pelo menos comia coisa boa, coisa sadia, porque plantava e criava, não comia essas porcarias que se come agora que é tudo contaminado. A única coisa que sobrou para a gente é isso aí, que a gente sente saudade daquela época.

Não tinha diversão, mas a gente se divertia entre nós, não tinha problemas que tem hoje, não tinha receio, problemas de violência de jeito nenhum, era muito difícil um caso de violência assim de briga, então apesar de que naquele

tempo não existia quase polícia, o policiamento era muito pouco naquela zona, mas era muito difícil briga assim, e todo mundo era amigo, então a gente tem saudade até hoje daquela época.

FAMÍLIA "K"**DEPOIMENTO Nº 3****Idade:-** 72 Anos**Cidade de nascimento:-**

Bauru, era bem pequena, ruas de terra, brincávamos todos na rua, era bem pequena mesmo. Mas, não era agrícola não, era entroncamento de ferrovias, da NOROESTE E PAULISTA, era uma cidade com muito comércio, diziam que era cidade de terra ruim, não era boa para agricultura.

Casa:- muito simples, construída junto da calçada, nada de jardins, casa de parede meia, bem juntas; uma ou outra com jardins ao lado, mas as janelas e portas davam para a calçada. Tinha 2 quartos, sala-de-jantar e visita, cozinha e banheiro fora, era um quadrado. O quintal era grande, muito grande com um rio passando no meio e depois do rio havia um barracão onde funcionava a fábrica de fogos de artifício que era de meu pai. Ficava do outro lado do rio, isolada por ser perigoso.

Aliás, eu não conheci meu pai, ele morreu quando eu tinha 1 ano. Éramos 6 irmãos, eu sou a caçula, ele morreu com 33 anos, ficaram mais ou menos 15 anos casados, o mais velho tinha 13 anos, é 12 anos mais velho que eu. Assim, minha mãe criou sozinha todos os filhos, ela trabalhava junto com meu pai, além de todo serviço de casa, ela tinha função na fábrica. Trabalhavam de dia e de

noite, naquele tempo era direto, mas, como tinha muitos filhos era pouco o que ela fazia na fábrica.

Depois que ele morreu, ela não continuou com a fábrica, ele deixou 3 casa, a que morávamos e outras duas de aluguel, ele foi muito trabalhador e aplicou o que ganhou em casa, assim passamos a viver de aluguel, de uma que era vizinha à nossa e outro mais bem localizada, que era comercial.

Minha mãe era de muita fibra: não tenho fotografia dele, não me lembro dele, mamãe preencheu muito bem a ausência dele, nunca fez falta, ela sempre tomou conta de tudo, sempre fui muito apegada a ela, uma mulher maravilhosa!

Com uma certa idade, todos começávamos trabalhar, meu irmão mais velho foi trabalhar numa fábrica de guaraná, lavando garrafas. Minha irmã, a segunda, mais velha das mulheres, começou a bordar para fora, também, vendíamos frutas e verduras que plantávamos no quintal, dele tirávamos nossa subsistência e vendíamos os excedentes:- frutas, verduras, tinha também, galinha, ovos. Era um quintal grande e bem aproveitado, porque papai tinha deixado um pedaço de terra para a casa ao lado que era nossa, e todo o resto formava nosso quintal. Tinha horta, galinheiro, pomar com banana, laranja, amora, manga, goiaba. Era uma renda extra conseguida com a venda desses produtos para a dona da quitanda, afinal éramos 7 para comer!

O mais velho já trabalhava, a segunda quando fez 14 anos e já bordava

para fora... mudou um senhor - chefe geral da "Força e Luz" e ela decidiu pedir emprego para ele, mamãe disse: "Mas você não sabe fazer nada - só bordar e serviço de casa"! Ela cuidava de mim também. Mas, mesmo assim ela foi, ele achou tão engraçadinho o jeito dela que lhe deu emprego. Ela começou logo a trabalhar e era tão viva que foi sendo promovida, foi chefe de toda seção por onde passou, depois se transferiu para Campinas continuando na "Força e Luz" trabalhou até casar. Depois teve que voltar a trabalhar porque o marido bebia muito, e o próprio médico recomendou que voltasse, pois ela se sentiria melhor e mais segura.

Ela era uma pessoa formidável, tinha o mesmo tipo da mamãe, melhorou nosso nível de vida porque foi sempre muito competente; interessante uma pessoa realizar um serviço que nunca tinha visto! Tão desembaraçada, sempre chefe e ganhando muito bem, tivemos uma vida melhor depois que ela começou a trabalhar, ela dava tudo para a casa e tínhamos uma vida muito simples: Não é como agora que só se pensa em vestir, gastar, ela usava roupas sóbrias, sem luxo, uma roupa para todos os dias da semana e outra, a "roupa domingueira", era muito simples. Tanto que ela fez com que a minha segunda irmã se formasse professora aqui no Progresso. Porque depois que ela veio para Campinas, com 25 anos, veio para cá porque queria uma cidade maior, ficou um ano aqui, sozinha, morando em uma pensão e depois nós nos

mudamos de Bauru para cá. Veio trabalhar sozinha, logo comprou uma casa e trouxe a família toda. Pode-se dizer que ela era a cabeça da família, porque meu irmão mais velho, ficou em Bauru, trabalhando e casou-se logo, ela arranjou emprego para ele, na "Força e Luz". Tenho boas lembranças dela, minha primeira boneca foi ela quem deu sabe, coisas assim; livros aprendi a ler com ela, me deu toda a coleção de Monteiro Lobato. Comecei a gostar de ler por causa dela, ela me dava livros infantis. Ela estudou só "grupo", mas sempre se interessou por livros. Meu irmão mais velho fez o "grupo", estudou um pouco de comércio porque em Bauru não tinha muita escola, e ficou com o emprego que minha irmã arrumou para ele na CPFL, ficou anos lá, saiu mais tarde para montar uma firma. Às vezes acham que dei muita atenção a ela, mas ela mereceu!

Do primeiro já falei, segundo é esta irmã que tenho falado. O terceiro foi um irmão que morreu muito cedo. A quarta, foi aquela que se formou no Progresso e foi para lá casar e lá trabalhou. O quinto foi outro irmão que teve paralisia infantil.

Eu, a caçula que com 14 anos já comecei a trabalhar num escritório de representações comerciais, e depois o noivo de minha irmã mais velha, me arranjou um emprego na Swift, trabalhei lá até depois de casada, depois parei.

Depois mamãe voltou para Bauru, mas eu fiquei aqui, ela foi e voltou várias vezes. A primeira vez, morou na Cel. Quirino,

era a última rua da cidade, agora é centro! Era bem na esquina com a Conceição, uma casa bem bonitinha. Depois compraram, minha irmã e meu irmão, uma casa na Rua Luzitana, mas ele morreu muito cedo do coração, todos na família têm problema com coração.

O meu irmão que teve paralisia, também, morreu do coração, ele teve paralisia com um ano, nunca andou. Quando vi aquele filme "Meu pé esquerdo" chorei tanto! Porque me lembrei de meu irmão, da infância dele. Porque não andava, mas tinha muitos amigos, a porta de casa ficava sempre encostada, nem se dava o trabalho de fechar por causa dos amigos: Era um dá licença Dona Ernesta, todos tão educadinhos, entravam e iam para o quintal, faziam carrinho de "roleiman" punham ele dentro e iam para todo lugar com ele. Que horror, levavam para o lado do cemitério que era lá no alto, uma subida enorme e depois desciam correndo! Onde iam, levavam meu irmão, nunca foi discriminado por não andar. O filme é idêntico, a criançada toda em volta de meu irmão alegrinho, quando iam "catá fruta", o colocavam nas costas e lá ia ele, sempre junto!

Depois foi operado várias vezes, em São Paulo, porque apareceu um primo em Bauru, e não se conformou em ter alguém da família que não andava, era de uma família de médicos e decidiram que deveriam operá-lo. Depois de diversas operações ele conseguiu andar, com muletas, ficou muito tempo no hospital (não lembrou o nome), era só de

crianças e adolescentes, era de graça. Ele andou até ter derrame, aí ficou paralisado de um lado e não andou mais ficou na cadeira de rodas até morrer do coração, o que foi uma sorte porque não sofreu para morrer! Foi uma vida inteira de sofrimentos!

Até ter derrame ele trabalhou com meu irmão que tinha uma loja de materiais elétricos lá em Bauru depois que saiu da CPFL. O fato de ser deficiente físico não o impediu de trabalhar e ser útil, trabalhava no balcão sentado. Depois do derrame não deu mais para trabalhar, que judiação, foi uma pessoa marcada mesmo! Ela era ainda moço e ficou com o braço paralisado, não deu mais para trabalhar.

Minha mãe viveu enquanto ele viveu, ela falava: "Eu rezo para ele morrer antes de mim, porque eu sempre cuidei muito dele, dei a ele meu tempo integral e os outros filhos não terão tanto tempo assim para ele, e não vão poder cuidar como eu", e, ele morreu antes. Parece que depois que ele morreu, ela se tranqüilizou e morreu em seguida, pois ele era o "ai, Jesus" dela, formidável, não é? Ela morreu com 87 anos estava firme, só as mãos, ela não gostava de tratamento médico, a gente dava os remedinhos, mas ela não queria saber, no fim não conseguia nem acender um fósforo por causa da artrose, mas não reclamava, era dura. Ela entendia de tudo, lia o jornal todo dia, de ponta a ponta.

Jornais:- Diário de Bauru, o de Campinas.

Não sei dizer o que meu pai lia, se lia o

"Fanfulla", sei que ele se reunia com os amigos italianos, ia jogar "bocha", se aprontava todo bonitinho e ia encontrar os amigos, e mamãe dizia que ela ficava em casa cuidando dos filhos. Não sei sobre o que conversavam...

- Como era religião?

- Minha mãe nunca foi muito chegada a muita religião, ela ia às "rezas", eu saía muito com ela porque quando meu pai morreu, ela me colocou na cama com ela, até casar dormi na mesma cama. Íamos à procissão aquela da madrugada da Páscoa ela gostava, o encerramento era na matriz do Carmo, mas missa ela não ia, nem obrigava os filhos a irem. Mas, minha irmã mais velha foi mais religiosa, filha de Maria, por escolha dela, pertenceu à JOC, também.

Como era terrível o poder da igreja, estava lendo o livro sobre Miguelangelo, "Agonia e Extase" fiquei horrorizada! Como faziam e desfaziam as coisas!

Os pais:- pai era napolitano, veio com os pais dele ainda pequeno. Mãe era do Vêneto, uma cidadezinha perto de Veneza, não sei qual, veio para o Brasil recém-nascida.

Ambos vieram direto para a cidade, não para o campo. Meu pai foi para São Paulo e depois para Botucatu. Minha mãe direto para Botucatu que era uma cidade bem pequena, os amigos deles eram de todo tipo, mais a maioria era de italianos pertenciam também às sociedades italianas, não sei qual, sei apenas que

pertenciam. Havia uma em Botucatu em Bauru não, pois não havia muitos italianos, era uma cidade de apenas 2 ou 3 ruas.

Meu pai achou que era um bom lugar para começar a vida e realmente ia bem, pena que morreu cedo de pneumonia, ficou doente algum tempo, foi tratado mas não conseguiu se curar, infecção forte e naquele tempo havia poucos recursos.

As crianças com quem brincávamos eram de todas nacionalidades, havia italianos também. Bauru tinha um único "Grupo Escolar", todos iam para lá, meu irmão com paralisia tinha uma professora que vinha em casa ensiná-lo.

- Você está dizendo que sua mãe se preocupou com a educação dele?

- Sim, para ela era muito importante educação, saúde e higiene, por exemplo tenho dentes perfeitos até hoje, eu vejo meu marido e a família dele que são todos brasileiros legítimos, não tiveram os cuidados necessários, todos têm dentaduras a séculos, parece que em casa deles não havia estes cuidados que são básicos.

Alimentação também, talvez, você sabe que ele não comia verdura, no quintal de nossa casa tinha tudo e comíamos de tudo, ele não comia nada, nem sopa tomava, eles moravam em uma fazenda, mas não devia ter horta, pois não tinham o hábito de comer verduras. Estranho não é? Não era problema de terra, deve ser cultural. Ele aprendeu a comer comigo, também depois de 50 anos juntos, é fizemos 50 anos de casados no ano

passado, precisava aprender alguma coisa com a gente não?

Quando mocinhas, já em Campinas, as duas mais velhas dançavam muito, eu não porque comecei a namorar muito cedo, não deu tempo, namorei dos 14 aos 21 anos quando me casei. Onde iam dançar? No Tênis Clube tanto daqui como de Bauru. A mais velha sempre jogou tênis, foi até campeã de Tênis de São Paulo, ela sempre teve muitos amigos e amigas porque se casou tarde, muitos amigos homens também, nunca namorados, sempre amigos mesmo.

Em casa, nós duas líamos muito, sempre tivemos livros, apesar de vida apertada, sempre havia livros e jornais em casa.

Um dia na casa:- éramos muito disciplinados, mamãe sempre foi muito exigente, fazíamos tudo direitinho:- serviço de casa, ela era sozinha e em 7 pessoas. Tínhamos todas obrigações: primeiro era estudo, depois os serviços de casa e depois brincávamos.

Natal:- era tão bom! eu me lembro de um quando o Dr. M. mandou uma linda cesta de frutas e flores, tínhamos, eu e minhas irmãs, ido à Missa do Galo, aquela à meia-noite e mamãe recebeu a cesta e colocou sobre a mesa, quando ao voltarmos acendemos a luz, aquela beleza. Uma linda cesta com frutas e flores, uma coisa muito simpática. Mamãe preservava as reuniões. Quando me casei fiquei tão desolada no primeiro Natal, ela estava morando em Bauru e a família de meu marido

não comemorava, nada era um dia comum e eu não poderia passar com ela. Ah! meu Deus do Céu, não havia nada, nem um almoço melhorado! mas, daí em diante fui passar todos com ela. Nós apesar de sermos mais simples, sempre comemorávamos. Sabe o que ela fazia na Epifania, dia dos reis magos, colocávamos capinzinho no sapato e ela punha uma moedinha dentro de cada sapato, ou um docinho, sempre tinha uma lembrancinha. Apesar de ter pouco dinheiro, ela achava sempre como presentear os filhos.

Aniversário dos filhos:- ela melhorava o almoço - era uma dia especial para a família porque ela se lembrava e melhorava o almoço, fazia o que o aniversariante gostava e dava sempre algum presentinho, uma graça!

- Alguma vez, houve discriminação entre homem e mulher?

- Não, mamãe era formidável você vê, íamos muito ao cinema ela confiava em nós, sem nenhum problema, mas, se ela não quisesse, não se ia mesmo! Lembro de uma vez que minha segunda irmã queria ir a um baile, chorou a noite inteira, mas ela não deixou mesmo. Não, era não! Mas quando dizia não, era porque tinha algum motivo. Porque tivemos uma família muito gostosa, dentro de nossas possibilidades tivemos de tudo! Claro não tivemos viagens, nada disso, mas não era comum, também, nós nem cogitávamos isso.

Relacionamento com parente, tios, amigos:- Sim,

com uma irmã da mamãe, eram uns tios de Botucatu, nos divertíamos muito quando íamos para lá. Tinham uma oficina que fabricava máquinas de beneficiar arroz, em cima da oficina havia uma casa muito grande, ela tinha 9 filhos, aquela mesa parecia de aniversário!

- Então vocês viajavam para visitar parente?

- É, íamos lá porque era uma irmã dela. Aquela mesa grande com travessas imensas de pimentão recheado, macarrão (2 ou 3kg) que ela punha no molho! A casa era sempre uma festa. A oficina embaixo e a casa em cima; além dos filhos, tinha a sogra e um cunhado que ficou viúvo e morava com ela. Todos trabalhavam na oficina, inclusive os filhos (eles têm a oficina até hoje), no tempo da guerra ganharam muito dinheiro. Sei que era bem divertido, também, o namoro entre primos, é engraçado como isto acontecia, não é?

Da parte de papai, é a família Longo de São Paulo, não tínhamos muito contato, apenas minha irmã mais velha no tempo de mocinha, como era muito sociável, começou a ir a São Paulo com 15 anos e sozinha, não tinha nada de mais não é? Ela saía muito com os primos de lá, mas eu não. Na minha infância, o maior contato foi com os parentes da família da mamãe de Botucatu.

Outra comemoração importante era a Páscoa, toda vida mamãe fez almoço de Páscoa, outros não. Apenas no Natal, 1º do Ano, Páscoa e aniversários.

A. casou-se com 30 anos era já considerada velha para casar e também

uma solteirona. Mas, mamãe via naturalmente essa independência dela, ela foi sempre muito aberta. Veja, ela era de 1888 e no entanto, A. ia jogar em campeonatos, no estado todo, ia dançar, tinha colegas da "Tração", da "Swfit", viajava sempre, e, mamãe via tudo com naturalidade, aceitava tudo muito bem.

- Posso então concluir que não é questão de escolaridade que torna uma pessoa aberta?

- E mesmo não? Uma pessoa tão simples como a mamãe, com uma visão tão aberta, tão boa e tão esclarecida! Que maravilha não, era uma pessoa tão especial por causa da época. Quando vejo minha sogra como era absolutista com os filhos, ela era tão dura, tão severa que meu cunhado, já médico, dizia que até depois de formado tinha que lutar com a timidez decorrente da rigidez da mãe, para a qual tudo era proibido. Com a mamãe não, é impressionante! e no entanto ela se impunha. A gente obedecia sem retrucar.

- Você quer dizer que autoridade não é sinônimo de castração de filhos?

- Não, não mesmo! Ela era firme, direta, com 6 filhos adolescentes criou todos sozinha, sendo bem aberta.

- Como eram as conversas com ela?

- Ela conversava sobre tudo! Vida comportamento, certo, errado; parte sexual não, nem se pensava nisso, mas, sobre comportamento corretos, dava exemplos,

castigava sim... batia mesmo! Até grande, comigo não sempre fui mimada, era o "Ai Jesus, dela"... mas, era muito boa, muito chegada, mas, se precisasse batia em todos na hora certa, e nunca tivemos traumas... parece que a ausência de castigos é que traumatiza.

Me lembro dela sempre com tanto carinho, uma pessoinha tão simpática, tão boa, mas na hora certa castigava, exigia, exigia mesmo e fazíamos o que ela pedia! Ela nunca teve problema nenhum com os filhos, e, educou a todos sem a presença masculina, parece que na adolescência a figura paterna é tão importante! No entanto, eu não tive problema nenhum. Também, com 14 anos já começávamos a trabalhar, tínhamos obrigações e sempre alegres. Arrumávamos a cozinha cantando, trabalhávamos fora, chegávamos em casa e ainda tínhamos serviço em casa, no entanto, sabíamos todas as músicas de um radinho redondo. Eu tirava as letras e a A. o tom das músicas e a irmã mais velha só acompanhava porque não sabia nem uma nem outra, mas as três ficavam na cozinha cantando.

Era uma casa sempre alegre. Recebíamos sempre os amigos, era uma casa aberta. Por causa de meu irmão paralítico, era uma loucura o que havia de mocinhos dentro de minha casa. Nos acostumamos sempre ter gente. Acho que é por isso que gosto tanto de gente em minha casa.

Ela se preocupava com os menos favorecidos, sempre tinha um dinheirinho no bolso, gostava sempre de

vestido de bolso, sempre se preocupava. Até outro dia minha arrumadeira comentou como ela era formidável, sempre tinha alguma coisa no bolso, se preocupava muito, mesmo na fase mais difícil havia sempre pessoas que comiam em casa, porque ela, como boa italiana, cozinhava muito bem. Meu marido sempre teve paixão pela sopa dela, diz que ninguém fazia sopa como ela. Eu sempre procurei fazer igual a dela, e ele diz que não é igual! Nada como a sopa da Dona Ernesta!

Comida simples, mas muito bem feita, ou era a fome de criança? Comíamos o que pusesse na mesa, o que punha na mesa era para ser comido, porque se ela tinha comprado e feito, era porque era bom.

- Tão diferente dos de hoje! São os filhos da abundância? Pode ser, mas não era para comer de tudo? Acho que comem muito fora de hora... Nós tínhamos horário, mamãe exigia que na hora todos estivessem à mesa, a família toda reunida, no almoço e no jantar. Não admitia atraso de um minuto! Até hoje meu marido diz que é mania minha por a mesa com toalha, tudo no lugar, era porque sempre tivemos tudo muito simples, mas bem arrumadinho. Todos à mesa, nada de comer andando, era café da manhã, almoço e jantar. Sem marido poderia ter deixado, mas não... Eu até hoje, mesmo sozinha, tenho que "por a mesa", nada de comer em frente a TV. Era sempre refeição na hora certa e ninguém se atrasava mesmo!

Poderia sim, dizer que a mesa era o lugar de nossa reunião, era onde

conversávamos bastante, mamãe sempre participou de tudo, sempre acompanhou nossas conversas, era do outro século, mas sempre acompanhava o momento presente, isso era muito interessante, acompanhava as mudanças, era uma mulher interessante.

- Você se lembra de alguma reação interessante dela na época da II Guerra?

- Só que ela achou ruim porque queriam que ela se naturalizasse, e ela disse que era brasileira, veio com 40 dias, nada se lembrava da Itália. E, ela estava certa, não é? Nunca voltou para lá, nunca gostou de ter cartão de estrangeira, ela se sentia brasileira, era brasileira.

- Seus avós eram vivos durante a guerra?

- Não, eles morreram muito antes, minha avó que foi a última morreu quando eu tinha 7 anos, não me lembro deles. Lembro que eram claros, com olhos azuis, meu pai era moreno, ninguém nasceu com olhos azuis!

FAMÍLIA "L"

DEPOIMENTO Nº 2

Idade:- 75 anos

Nasceu e foi criada em Campinas, todos da família.

Ah! Campinas quando eu era criança era tão bom, era uma delícia, se saía na rua, não tinha essa gente feia, todos se conheciam, em todo lugar que se ia se encontrava conhecidos. Hoje não se conhece mais ninguém.

Além de se conhecer todo mundo, tinha tranqüilidade, eu saía sozinha, passeava sozinha, ia ao cinema, à escola.

Fui ao Colégio Coração de Jesus e à Escola Normal, fui a ovelha negra da família, pois todos os outros ficaram só no Colégio Coração de Jesus.

- Meus pais vieram da Itália, de Firenze, da Toscana, os dois são da mesma região, mas vieram se conhecer aqui, como?

- Não sei se freqüentaram o mesmo grupo, não meu pai tinha um armazém, uma casa comercial importadora na Rua 13 de Maio com Saldanha Marinho, mamãe vinha do sítio de vovô para aprender a costurar. Ela passava em frente do armazém e ele, também, ia ao sítio do vovô, e gostou dela.

- Você sabe de onde vinha o conhecimento das famílias?

- Não, mas eles eram da mesma região na Itália.

Não freqüentavam clube não gostavam disso, a vida social era apenas em casa, as minhas irmãs mais velhas

iam ao carnaval, ao Corso, clubes não. Só íamos à escola e a igreja. Teatro, sim íamos a todas peças, concertos, óperas.

Todos estudamos, todos fomos à escola, e recebemos educação musical, mas só uma se tornou concertista, mas não profissional, era uma artista.

Todas fizeram só até o segundo grau, mas os rapazes, que quiseram se formaram: um engenheiro e outro médico o mais velho não quis nada.

Tínhamos uma vida pacata, passeávamos, papai viajava muito, íamos para estações de água, ou então passeávamos pela cidade, íamos do colégio para casa e vice-versa.

Em casa costurávamos, bordávamos e líamos, não me lembro do tipo de livros, da coleção M. Delly, era o que todo mundo lia na época. Jornal era o "Fanfulla".

Os mais velhos poderiam falar mais, pois a diferença é grande entre nós, quando eu nasci as coisas já eram diferentes, ia sozinha para São Paulo, Santos, tinha mais liberdade, as outras não.

Não tínhamos muitos contatos com as outras famílias de italianos, papai era mais amigo dos portugueses, trabalhava o tempo todo e depois voltava para casa.

Nossa casa era sempre muito movimentada, aberta, recebia todo mundo.

- Você se lembra da rotina de casa?

- Acordava, tomava banho, café e saía correndo, sempre atrasada para a escola, entrava às 7:00 e saía às 12:00 h, era mais

puxada a escola daquele tempo. Gostava mais de sair de casa do que da escola, às vezes me atrasava e perdia o almoço.

Sempre tínhamos visitas, tias, tios, primos, a grande família se reunia muito até às 21:00 h quando, a casa se fechava, eram conversas e reuniões da família constantes. Aos domingos tínhamos almoços e jantares com a família toda, isto é, a grande família: tios, primos, amigos, etc.

- Parentes dos dois lados?

- Não, porque papai não tinha ninguém aqui, teve um irmão, mas morreu, eram todos os lados da mamãe.

Festas:- Natal, Reis, Páscoa e aniversário do papai só dele, não sei porque, mas nunca fomos muito chegados a festas, só quando os netos foram chegando.

Aniversário, não tinha nada, recebíamos um presentinho e acabou, mas era lembrado, só não tinha estas festas de agora, só se cumprimentava, bolo e um presentinho.

Éramos 10 filhos: 3 homens e 7 mulheres.

- Você sentiu alguma vez diferença na educação de filhos e filhas?

- Não, éramos todos estimulados para estudar e ter profissão, mas a mais velha só estudou piano, se formou professora de pianos, outra não estudou muito, não gostava, só gostava de ficar em casa. Cada um fez o que quis, com muita liberdade, mas todas as mulheres se formaram professoras primárias, e os irmãos foram

para a universidade. Mas, todas as mulheres tiveram profissão feminina, formaram-se professoras, mas não trabalharam fora, foram se casando e ficando em casa. Eu não me casei. Comecei a dar aulas, mas não agüentava a falta de educação das crianças, preferi ficar em casa. Minha vida era passear, ajudar os outros, acompanhar os sobrinhos, etc. Além disso, cuidei de papai e mamãe até a morte deles e criei uma sobrinha.

Meus irmãos, 1 médico, 1 engenheiro, o mais velho, o que papai queria que seguisse a carreira dele, comerciante tinha um armazém importante de importação. Papai ficou muito bem, tanto é que em 1924, com 42 anos ele parou de trabalhar e queria passar para o meu irmão. O armazém tinha de tudo, coisas do norte, importados e vendia por atacado, tinha despachantes em todos os lugares, meu irmão não quis assumir e ele vendeu, passou a ser "capitalista", estava muito bem de vida. Como meu irmão mais velho não quis assumir os negócios, papai encerrou suas atividades, passou a viver de "rendas", mantendo um escritório de hipotecas.

A cidade era Liceu, Cambuí, São Bernardo, Swift, vivíamos na Vila Industrial.

Em 1932, fugimos de Getúlio e fomos para o São Bernardo, numa chácara que era bem longe da cidade. O que me lembro de 1932 era das pessoas da alta sociedade pedindo ouro, dinheiro para o bem de São Paulo - se foi eu não sei. As mulheres costuravam, faziam tricô, para os

soldados. Lembro também, de papai fugindo de uma bomba que estourou perto do escritório, que era próximo da estação, entrou debaixo de uma mesa, não se sabe como ele conseguiu entrar, foi difícil tirá-lo, pois ele era enorme! Incrível!

Ficamos umas horas no túnel da Estação, na Vila Industrial. Foi na época que o Eduardo Gomes estava jogando bombas em Campinas e o alvo era a Estação, é uma sujeira a política, eu não gosto de soldados, nós não gostamos de soldados, de militares, embora o avô de papai tenha sido soldado na França.

Católicos, papai era arredio, mas todos nós seguimos a religião, todos muito católicos. Não sei porque papai não ia? Talvez não tivesse o hábito, mas nos orientou para o catolicismo.

Sempre tivemos amigos de todas as nacionalidades e religiões. Sempre rezávamos o terço, depois que ele ficou doente, voltou a praticar a religião. Ele costumava dizer que o melhor dia da vida dele foi a 1ª Comunhão. Ele se lembrava muito desse dia, falava muito sobre isso.

Não se falava sobre fascismo ou sobre anarquismo, papai não gostava muito dessas coisas, os outros é que contavam eu não me lembro da guerra de 14. Ele estava na Itália com o filho mais velho e tinha idade para servir o exército, teve que fugir para não ser chamado. Em 1928 ele voltou com mamãe, uma irmã (uma das mais velhas) e meu irmão mais novo, ficaram um ano lá, alugaram casa, automóvel,

morando em Firenze, só tomavam refeições na casa da mãe dele, não trabalhava, só passeavam. Os filhos, aqui em Campinas ficaram no colégio, no internato, depois as mais velhas já casadas podiam ficar com os mais novos, era muito bom.

Na 2ª Guerra, eu não me lembro, meu pai não gostava de italianos, tanto que se relacionava bem com brasileiros e portugueses, não sei porque, não é que ele não se relacionasse bem, sei lá...

Durante, ou antes de começar a guerra, ele distribuiu, entre os filhos, os bens que possuía, fez doação porque o governo poderia se apoderar. Eu estava em São Paulo, na casa de meu irmão, viemos todos para Campinas, e teve uma grande festa. O pessoal do cartório foi em casa para fazer a documentação das doações.

Italiano não gosta de brasileiro, porque o italiano veio da Itália para trabalhar e ganhar dinheiro e só gastava com a educação dos filhos, e, brasileiro não gostava de trabalhar. No colégio as irmãs não gostavam dos italianos, elas nos discriminavam, mas, a verdade é que os italianos trabalhavam e ficavam logo bem de vida, enquanto muitos brasileiros perdiam seus bens por gastarem muito e não "gostar" do trabalho.

Os alimentos ficaram difíceis, não tinha mais comida estrangeira, substituímos pelas nacionais, de repente ficou sem nada, as coisas sumiram. O enxoval das mais velhas eram lindos, tudo da Itália, uma beleza, depois as que se casaram depois de 1942,

tiveram um enxoval mais simples, de cambraia, mas mesmo assim rico, para os padrões da época.

No Natal, tínhamos muita comida, não me lembro de nada diferente, macarrão era aos domingos e quintas-feiras. Doce que eu me lembro era a "Zuppa Inglesa" - um tipo de pavê, com bolachas inglesas, licor, creme, etc., todo enfeitado. Tinha o panettone, frutas da época e frutas secas, tinha de tudo, tudo.

Na mesa era tolha de linho branco todo dia, tínhamos lavadeira, cozinheira, arrumadeira, mas a mamãe cozinhava, e papai gostava de fazer macarrão, havia um quartinho fora da casa, onde meu pai gostava de preparar o macarrão: fazia comprido, furadinho.

Na mesa gostava de enfeites, era a garrafa de vinho, de água, vaso de flor, imagine se poria na mesa uma toalha de plástico, que horror! Era fácil seguir todo esse ritual, porque tinha muita moça na família e todas ajudavam em pequenos serviços, além dos empregados. À mesa depois que meu pai se sentava todos se sentavam, ele se servia antes. Primeiro passava a sopeira e então todos se serviam cada um como queria, à vontade, e, se não quisesse comer tudo bem - tinha uma irmã terrível que sempre reclamava, mas ele não dizia nada.

Todos tínhamos mesada para gastar e passear. Eu fazia o movimento de caixa, de banco, comprava o que precisava e então pedia a minha mesada e ia guardar. Brincava muito com o papai e como tomava conta da

contabilidade e do dinheiro da casa. Quando o papai dava a mesada, ele recomendava que guardasse o dinheiro. Eu então dizia: "Tudo bem, eu guardo o meu e você dá o seu para eu gastar".

Papai era uma pessoa liberal, brincalhona, minha mãe era muito formal, depois ele ficou muito doente, mais ou menos 10 anos e ele se modificou pouco a pouco, não se soube bem o que foi, foi um erro médico que aplicaram radioterapia indevidamente. Você imagina, a 50 anos atrás conheciam muito pouco do medicamento e ele ficou com uma ferida que nunca mais cicatrizou, e foi tratado por um cunhado da minha irmã !?! Foi piorando perdendo a voz, imagine ele adorava conversar, ele falava alto, com todos que passassem pela nossa casa, então foi ficando triste. Morávamos na Vila Industrial, numa chácara, conhecíamos todo mundo e brincávamos na rua.

Com o papai ficando doente, na cama, eu passei a cuidar dele, não me casei e fui ficando sem trabalhar fora, vida de solteirinha, tomava conta dele, dava injeção, fazia a barba, mamãe fazia a comidinha dele, e, minha irmã das outras pessoas da casa. Eu só tratava dele, pois as outras já eram casadas e eu era, então, a mais velha na casa.

Depois enquanto ele ainda estava doente veio a V. com 14 meses, eu cuidei dos dois de 44 a 48. A V. veio porque a mãe ficou doente, por 2 anos, veio para ficar até que a mãe sarasse e está aqui até hoje. Se tornou minha filha, é uma filha que eu não tive.

Foi ficando e não quis voltar, chorou muito quando chegou, era muito pequena e sentia falta da mãe, aí se acostumou e não quis mais sair, minha irmã teve mais outros 3 filhos depois que sarou.

A A. também veio morar comigo, quando a mãe dela morreu, mas foi muito depois, ela já tinha 18 anos e a V. 12, ficou aqui até se casar e eu sofri tanto! Ela era "danada"! Meu irmão e minha cunhada não me davam sossego, era o tempo todo falando do que ela fazia, o que não era nada perto do que as netas deles fazem hoje. Meu irmão e minha cunhada se preocupavam com a sobrinha que foi morar em casa, alegavam aspecto social: "O que os outros vão falar?". Alegavam também o fato da menina ter perdido a mãe (já tinha perdido o pai antes).

- O que fez com que você se dedicasse tanto aos outros?

- Bom, acho que sou um tanto diferente das outras irmãs, sempre fui diferente, sempre gostei de ajudar, papai e mamãe sempre ajudaram muito aos outros, isso era uma coisa normal. Papai tinha muitos afilhados, é uma coisa da casa.

Sempre gostei de conversar, sair, tomar chá com as amigas ou receber as amigas para tomar chá, papai gostava muito disso. Era um relacionamento aberto, cheio de amigos, com muita fartura. Por ser a caçula tive mais liberdade para passeios. Além disso, ajudava um pouco as irmãs mais velhas, já casadas. E nessas visitas, inclusive na

casa de uma delas, em São Paulo, aproveitava para passear.

Era divertido, tomar o trem e ir passear com a família toda, fazer "picnic". Papai passeou, se divertiu, construiu bem sua vida e minha mãe aproveitou isso tudo. Agora eu não, quando estava na idade para os passeios, viagens maiores, papai ficou doente e não deu mais para viajar.

Eles ficaram casados 46 anos, ele morreu em 1948 e se casaram em 1902, não chegou aos 50 anos, ele morreu com 71 anos e ela 13 anos depois com 76 anos, relativamente cedo, não é?

- Não, não meus sobrinhos não sofreram discriminação, no tempo deles já não tinha mais isto. A Madre M., no meu tempo, era moça e terrível, quando você estudou lá, ela já era velha e distante das alunas, mas não no meu tempo. Nosso dinheiro era bom para pagar, mas conviver conosco não, ela falava isso. A minha irmã D. conta que, são recordações de cerca de 60-70 anos atrás, as freiras prestigiavam as "brasileiras de 400 anos", faziam diferença no tratamento. Mas reconheciam que o enxoval das "italianas" eram superiores. Eram comentadas as roupas brancas de nossa família. Até hoje, em encontros com pessoas que conviveram conosco, são comentados os enxovais, as roupas de cama, banho, mesa, lingeries, etc.

A vida era fácil todos tinham que estudar e aprender todo o serviço de casa, tem coisas que a mamãe fazia que nunca aprendemos, só nos lembramos e não sabemos como fazer. As noras

"brasileiras" não sabiam fazer nada! Isso mostra a preocupação que a família italiana tinha com a casa! Mesmo com empregadas, as moças tinham que saber cuidar da casa, bordar, costurar e principalmente cozinhar!

A mãe de A. não fazia nada, só tocava piano, mas quando se casou, passou a fazer de tudo e com perfeição. Sabe, meu pai incentivava a aprender todas as atividades caseiras. Mas, ela era uma artista e foi poupada e outra irmã não estudou porque não quis, mas foi muito incentivada, ela era muito brava e por isso o papai a "paparicava".

Meu irmão mais velho foi um "playboy", gastava muito e não tinha "tino" para negócios. Quando ficou viúvo pela primeira vez, meu pai o mandou para a Europa, ficou lá um ano. Voltou e logo em seguida casou-se, mas como o segundo casamento não "amadureceu". Acabou casando mais outra vez, sempre com mulheres ricas, mas acabou gastando tudo. Quando papai morreu ele "quebrou".

FAMÍLIA "M"**ENTREVISTA Nº 1**

Idade: 73 anos.

Cidade onde nasceu:-

Mococa, São Paulo.
Localização: alta Mogiana,
NE do estado.

Quando nasceu:-

A economia da cidade era agropecuária, principalmente lavoura cafeeira e pequeno comércio;

- possuía 10.000 habitantes;

- população composta de brasileiros, alguns portugueses, espanhóis e italianos.

Clubes:- o da elite (fazendeiros) Paulicéia; "Sociedade Italiana de Beneficência" (amparava os italianos associados, segundo suas necessidades pessoais, caráter assistencial, médico e jurídico. Reuniões mensais, os associados pagavam uma mensalidade obrigatória de 2.000 réis.

Festas:- 20 de setembro, comemoração da Unificação da Itália.

Escolas:- havia uma escola para a educação de filhos de italianos, mas como o número foi diminuindo, acabou sendo doada ao estado e deu origem à Escola Profissional. Esta escola só cuidava da alfabetização em português, o ensino profissional veio mais tarde quando o prédio foi doado para o estado, era apenas uma orientação profissional de acordo com a vocação do aluno.

Nacionalidade dos pais:- italianos, pai: região de Rovigo, Vêneto; a mãe: Rosário de Santa Fé, Argentina, mas seus pais eram italianos da região de Suassollo, Régia Emilia.

Descrição da Família:-

Atividades econômicas dos avós na Itália: ambas as famílias eram da cidade. Nada tinha com a lavoura.

- mãe: avô - fabricante de bebidas, avó não me lembro;
- pai: avó família de lavradores, não sei se proprietários ou empregados, avô era marceneiro.

Minha avó paterna vivia em nossa casa, ela contava que a vida na Itália, antes da Unificação era boa; depois, ficou muito difícil com uma superpopulação, então começaram a emigrar para o Brasil e outros países também.

Só me lembro que meu avô, com os dois filhos mais velhos eram marceneiros, meu pai era pequeno quando veio para cá.

Meu pai, no Brasil se tornou cervejeiro e trabalhava no comércio, e o mais importante, era músico e um armazém de "secos e molhados".

Minha mãe apenas trabalhava em casa, mas depois que meu pai morreu, ela passou a tomar conta do pequeno armazém que era deles. Não, antes dele morrer, ela já tomava conta pois ele tinha o armazém e trabalhava em outro de uns conhecidos, ela tinha a função de dona-de-casa e tomava conta do armazém.

Meu pai veio para o Brasil em 1894, com 6 anos, ele nasceu em 1888. Veio com a família: pai, mãe e dois

irmãos, era o 2º filho, nenhum outro nasceu aqui no Brasil. Eram apenas 3 irmãos.

Minha mãe, embora tenha nascido na Argentina, não viveu apenas lá, meu avô materno era um "etinerante", juntava um dinheirinho e viajava. Veio da Itália para o Brasil, do Brasil para a Itália, voltou para a Argentina e depois, de novo para o Brasil, onde se fixou definitivamente porque os filhos já adultos preferiram ficar aqui onde não havia obrigatoriedade de serviço militar. Não acho que ele fosse contra o serviço militar, faltava "instrução", mesmo porque meu avô materno tinha sido carabineiro na Itália e quando veio para cá, achava que não precisava servir.

- Você vê isto como falta de instrução e não como convicção contra serviço militar?

- Não saberia dizer...

Clube:- como meu pai era músico, freqüentava a "Empresa Teatral Variedades", uma empresa de italianos e da qual ele era diretor-secretário. Uma empresa com finalidades culturais: cinema, teatro e música, tinham uma Banda, ele era o 1º pistom da Banda Filarmônica. Os membros dessa sociedade também ensinavam música para as crianças, de graça. Não eram profissionais, todos amadores. Essa banda fez uma retrata no Jardim da Luz em 1900, junto com outras bandas.

Jornais:- "Fanfulla", era leitura obrigatória, de revistas não me lembro, só

quando nós, os filhos e netos foram crescendo é que as revistas foram aparecendo em casa.

Livros:- havia os que a escola pedia e um que me lembro com saudade, um livro que o Matarazzo fez contando a história da família desde que ele chegou no Brasil até por volta de 31-32. Os livros da escola passavam de um irmão para outro, se não me engano era do João Roque, era um livro só que servia para todos, ia mudando de uma série para outra, mas me lembro desse.

Os amigos de meus pais eram italianos que vieram com a família dele e que residiam na mesma fazenda, quando aportaram no Brasil vieram para a Fazenda Sta. Teresa, na estação de Comendador Guimarães. Eram todos da mesma região da Itália, da mesma cidade, Pádua.

- Você se lembra ter ouvido, alguma vez, comentários contra italianos de outras regiões, ou cidade?

- Não, não havia nada, não havia distinções, eram todos amigos, companheiros, eram uma grande família, não tinham amigos fora do grupo.

Na cidade havia apenas um grupo escolar, todas as crianças iam para a mesma escola, fazia-se amizades com facilidade, não havia discriminação por causa da nacionalidade.

Mas, a classe dominante era dos fazendeiros e eles não davam chance para nenhum "italianinho" crescer. À medida que meus irmãos foram crescendo, a sociedade foi se modificando e recebendo melhor os filhos de

italianos. Eles tiveram mais facilidades, inclusive de freqüentar os clubes, aí já apareceram novos clubes. Mussolini, na Itália criou o "Doppo Lavoro", que passaram a existir aqui no Brasil, também, sendo freqüentados por fascistas e não-fascistas.

Lembranças da Infância:- um fato muito curioso, tinha em Mococa, um descendente de italianos, bom jogador de futebol, magnífico dançarino que tinha o apelido de "Príncipe" e que só conseguiu freqüentar a "Paulicéia" depois que o administrador desse clube, um português, morreu; tendo sido substituído por um descendente de italianos, assim o que era proibido passou a ser permitido aos italianos.

O italiano era aceito para trabalhar, porque ele era um "pé-de-boi", mas na hora do divertimento eram só eles, nada para os italianos ou seus descendentes, tratados perjorativamente de "italianinhos".

Escolaridade dos pais:- Meu pai apenas primário, eles sabiam ler e escrever, inclusive minha avó, conhecimentos adquiridos na escola da fazenda; minha mãe aprendeu na Argentina, em casa, parece que não existiam escolas lá naquela época.

Escolaridade dos filhos:- todos tiveram escolaridade mais completa possível na cidade, e os mais novos foram até estudar fora, pode-se dizer que, com exceção de uma que não quis estudar, todos tiveram

formação de nível superior.

Freqüentei o Grupo Escolar "Barão de Monte Santo", embora fosse o único era uma excelente escola. As crianças das fazendas iam às escolas das fazendas, e as da cidade a esse grupo escolar, independente da nacionalidade, cor ou situação econômica.

Depois do grupo freqüentei o "Ginásio Municipal de Mococa" era assim chamado, mas não era da prefeitura, era particular e leigo, do Professor José Barreto Coelho, um professor primário que veio de Taubaté para Mococa. Deixou de ser professor primário e fundou o ginásio e posteriormente a Escola de Comércio de Mococa.

A escola era particular e as mensalidades acessíveis, mas não para todos. Para o Ginásio pagava-se 80 mil réis por mês, e o salário mínimo era de 200 mil réis, isto de 33-34 até 37. Todos nós freqüentamos essa escola, mas muitas famílias italianas não tinham condições para mandar os filhos para essa escola.

- Não mandavam os filhos por não terem dinheiro ou por não considerarem importante?

- Não mandavam porque os ganhos eram poucos, muito pequeno levando-se em conta que as famílias eram grandes.

- Você está dizendo que seus pais davam muita importância para a escolaridade?

- É isso mesmo. Isto não era encontrado nas outras famílias porque eram

muito numerosas e os pais não tinham condições de mandar todos os filhos para uma escola paga, faziam apenas o primário (que era gratuito) e paravam.

- Nas famílias de italianos que você conhecia, filhos e filhas iam para a escola?

- Algumas sim, outras não, em algumas os filhos terminavam o grupo escolar e iam trabalhar de sapateiros, tipógrafos, alfaiates, barbeiros, os primeiros seguiam a profissão dos pais e os outros eram encaminhados para trabalhar com amigos. A profissão era ensinada apenas para os homens, naquele tempo mulher não tinha vez. A elas era ensinado ficar em casa: lavar, passar, cozinhar, cuidar da limpeza da casa, também, costurar, bordar, tricotar, me lembro ter ouvido, entre amigos, dizerem que atividades de mulheres eram as domésticas.

- Interessante, sua mãe além de doméstica, tinha outra profissão, não é?

- Não, ela não tinha outra profissão, apenas era a doméstica, mas que cuidava da casa e do pequeno estabelecimento que tinha, era uma vocação natural que ela tinha!

- Então, ela tinha essa vocação e ninguém impediu que ela "tocasse o armazém"?

- Não, ninguém impediu... ela sempre exerceu essa profissão, a profissão dela era ser comerciante, o que exerceu com dedicação e sucesso até.

- Alguma vez ela foi

discriminada, desrespeitada, na cidade, por ser uma mulher que exercia uma atividade não meramente doméstica?

- Não ela não tinha contato com ninguém, ela não saía de casa.

- Havia muitas mulheres com profissão, na época dela?

- Não, eram poucas, algumas professoras, enfermeiras, parteiras e as costureiras eram consideradas domésticas, mesmo que ganhasse dinheiro com isso. As costureiras que me lembro, trabalhavam para ajudar o marido e ganhavam muito pouco. Uma das melhores costureiras da cidade trabalhava com as filhas, o marido era padeiro, tinham 11 filhos, ela trabalhava para ajudar na subsistência da família.

Minha mãe sempre quis que todos estudassem aliás, na minha casa, todos têm uma profissão de nível superior, menos a irmã que não quis estudar e mais tarde se tornou funcionária pública.

Lembranças do pai:-
meu pai não acreditava muito nos padres, não me lembro dele ter dito alguma vez por quê. Ele morreu muito cedo, eu tinha 11 anos. Eles se casaram em 1920 e ele morreu em 1932, foram 12 anos de casamento e 7 filhos, eu com 11 anos e a caçula não tinha nascido ainda. Tenho poucas lembranças dele, era muito enérgico, duro no tratamento com os filhos. Ele assobiava, podia estar longe, eu ouvia e vinha correndo, porque esse era o chamatório.

Tinha um gerente de banco, lá em Mococa, um

descendente de italianos, muito bom, que às vezes passava pela nossa casa para dar "um dedo de prosa" com meu pai e eu ficava entusiasmado, orgulhoso quando ele chamava meu pai de "Sr. Affonso", isto eu me lembro bem.

Lembranças de amigos da família:- lembro-me de muitos, tinha um que era compadre de meu pai, um marceneiro, um homem espetacular que mais afilhados tinha na cidade, era um solteirão, amigo de todos, um gozador, alegre, brincalhão, sempre fazendo piadas, era também, músico da banda, Valentim Scarlatto. Não me lembro de muitas histórias dele, mas lembro que ele contava que um dos farmacêuticos da cidade fez uma peça teatral chamada "Mococa no Tempo", nessa peça tinha um fiscal que ficava na entrada da cidade e quando os lavradores, colonos, iam chegando na cidade com galinhas, ovos, frutas, verduras, para vender, o fiscal pedia a cota dele. Um dia um colono disse: "Como? eu só trouxe uma dúzia de ovos!", "Não faz mal, você deixa um e vende 11!". Desde aquele tempo já havia suborno.

- Você está me dizendo que na cidade, naquele tempo, havia grupo de teatro? era italiano ou brasileiro?

- Eram peças em português mas apresentadas na empresa teatral dos italianos - **Empresa de Teatro Variedades** - eram peças escritas por outras pessoas, não por eles mesmos. Esse farmacêutico

que me referi, era de São Paulo, o filho dele doou, se não me engano, o original da peça a que me referi, ao Museu de Mococa. Não me recordo de outras peças porque no meu tempo já não faziam mais. Me lembro muito bem quando chegavam as Companhias de óperas e operetas italianas que vinham para o Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas e Mococa onde havia um teatro excepcional quanto a acústica, acomodações, o teatro da Sociedade sobre a qual já falei fundou, construiu e mantinha o teatro. Era uma sociedade bem estabelecida com normas e propriedades, possuía cotas distribuídas entre os membros da Banda que foram os fundadores e depois seus descendentes. Essa sociedade existiu até 1940 aproximadamente.

Outro clube era o "Círculo Operário" que foi fundado pela "Sociedade Beneficente da Nova Itália", era assistencial e funcionava onde hoje é o museu da cidade, entre a Prefeitura Velha e a Escola Profissional. Um dos últimos diretores dela, não me lembro bem se foi o Cássio Demasi, o José Laureano, ou André Mazzili. Ela amparava o trabalhador de forma jurídica, moral e às vezes até materialmente.

- Seria uma espécie de sindicato de hoje?

- É, mais ou menos, sim, mas era mais beneficente, me lembro que essa sociedade doou o terreno e o prédio em construção que foi terminado e se tornou a "Escola Profissional Francisco Garcia", doaram também a

madeira para construir as arquibancadas do 1º estádio do Rádio Futebol Clube. Era uma sociedade muito bem organizada, bem rígida, um dos alicerces dela foi o Valentim Scarlatto, pouca gente sabe hoje quem foi ele, a não ser que se vá ao cemitério e veja o túmulo dele.

A primeira escola era italiana que depois virou profissional, não me lembro nada sobre ela, acho que tinha apenas um professor de língua portuguesa para ensinar aos italianos, para melhor adaptação deles, parece que quem ensinava eram pessoas de fora e pagos pela sociedade italiana.

Tivemos aqui muitos engenheiros, arquitetos italianos que construíram a Igreja do Rosário, prédios e casas importantes do largo da Matriz, vieram trazidos por conhecidos da cidade.

Dia-a-dia em casa:- lembro que a gente ia para a escola, de pé no chão, e levava o material escolar em um embornal. A escola era das 8:00 às 12:00 h. Entre 6:00 e 6:30 h todos acordavam, o dia começava cedo, não tinha hora de abrir o comércio, abria quando queria e fechava na hora que quisesse.

- Vocês trabalhavam no armazém?

- Ajudávamos, mas comíamos mais do que trabalhávamos.

- Você disse que seu pai trabalhava em outro lugar e sua mãe tomava conta do armazém sozinha ou tinha auxiliares?

- Não, minha avó morava conosco (mãe do meu

pai) e ajudava na casa. No armazém era só minha mãe e os filhos mais velhos, a partir dos 11 anos todos começavam a ajudar.

- Quem fazia as compras para abastecer o armazém?

- Ela mesma, passavam os vendedores das grandes casas de São Paulo que percorriam o interior, num dia certo do mês, as maiores firmas eram: Matarazzo, Gamba, Gessy, Cia Açucareira Esther.

- Sua avó era, também, responsável por vocês?

- Sim, como na casa, nos afazeres domésticos. Levava as crianças ao catecismo, na missa... minha vó não castigava ninguém, quando minha mãe castigava, ela intervia em favor dos netos.

- Mesmo seu pai não gostando de padres?

- Nessa época meu pai já era falecido.

- Mas, você deve ter ido ao catecismo antes dele falecer?

- Fui sim, lembro até de minha professora de catecismo ela ainda é viva, mora em Mococa, e é a dona da fábrica de manteiga, Dona Marina Barretto.

- Como eram os castigos?

- (risadas) por exemplo tirar um doce da vitrine, comer mortadela fora da hora das refeições, era peraltice porque não havia necessidade de tirar escondido.

Brincadeiras de rua:- futebol com bola de meia,

todo mundo menos as meninas brincavam, era divertido quando a bola caía do lado do "turco", era uma festa! Ele tinha 2 cachorros enormes no quintal, então, um grupo ficava de um lado chamando os cachorros e o outro pulava no quintal para pegar a bola.

"Turco" era todo mundo que fosse árabe, não conhecíamos as separações entre libaneses, sírios, etc., nada disso, todos eles eram "turcos". Por sinal, esse "turco" mais tarde veio se tornar meu "irmão", o nome dele era Domingos Elias. Essas brincadeiras de rua, pular muro, se ela soubesse, ah! então todo mundo levava o dele.

Brincadeiras em casa:- não havia, o relacionamento era muito duro, ela era uma pessoa muito seca, apenas nos contava histórias.

Festas:- batizado e aniversário. Era comemorado o aniversário de cada filho com um bolo, não deixando ninguém sem festa. Não era festa, era apenas um bolo com velinhas. Mas, não era coisa que existisse em todas as casas, era difícil de acontecer nas outras famílias.

Não havia festa em que ela não reunisse a criançada, os vizinhos todos estavam lá, eram 5 meninos e 2 meninas em casa, assim éramos amigos de toda a criançada da vizinhança que vinha beber soda limonada (bebida da época), lembro muito bem que a garrafa ainda era do tipo que tinha bolinha de vidro fechado, não tinha a tampinha de hoje, era de pressão e se abria empurrando a bolinha

para dentro e se quebrava a garrafa para aproveitar a bolinha para jogar "biroca" - eram 4 buracos no chão, 50cm um do outro e quem chegasse em 1º lugar, ganhava.

Natal:- era bom porque todo mundo ganhava um presentinho, dava presentes para todo mundo, era um brinquedo, uma roupa, meia, sapato, aproveitava o Natal para dar o que se estava precisando ou querendo. Tinha um almoço, ceia não, e a expectativa do Papai Noel que tinha chegado! na manhã do Dia de Natal, os presentes eram encontrados. Apesar de ser muito católica, ela não ia muito à missa, e se fosse levava apenas um ou dois filhos com ela, não levava nunca todo mundo. Não havia muitas exigências, eram religiosos, mas sem exigências, nem no Natal. Almoço, geralmente só a família, às vezes alguns parentes. Nossos amigos de São Paulo, que eram compadres, no Natal e na Páscoa nos mandavam frutas e verduras que eram nosso regalo. Era servido macarronada, bebia-se vinho e comia-se as frutas da estação e as secas, e verduras comuns do interior. Em troca, minha mãe mandava para os compadres engradados de frangos. Isto ocorreu durante muito tempo, era a troca de presentes entre as famílias, até que começaram a sumir na estrada-de-ferro os engradados e se decidiu parar.

Lembranças do Natal:- o sapato era colocado na janela e nele aparecia o presente que Papai Noel tinha deixado, me lembro que

muitas vezes, meus irmãos ganhavam dentro do sapato, uma moeda de 400 réis que era grande, e naquele tempo dava para a entrada do cinema.

Festa junina:- só havia em São João, por causa do meu irmão João e do Domingos que fazia aniversário nas vésperas, era uma fogueirinha no quintal com "buscapés", tinha também um prato com balas e bolachas que a meninada que chegasse ia pegando, não soltávamos Balões, só "buscapé".

Ninguém ia mal na escola, porque quando chegava de tarde, depois das 18:00 h, ela colocava todos os que estavam na escola, em volta da mesa da sala-de-jantar, e ensinava todo mundo. Ninguém ia mal na escola, todos foram muito bem. Ela sentava junto para estudar, exigia as lições feitas diariamente e quando alguém tirava alguma nota baixa, entrava no "coro", não era bem "coro", era um maço de barbante enrolado que servia de "rabo de tatu".

A casa que morávamos era do tipo popular melhorada, com 3 dormitórios: imagine mãe, avó e 7 filhos dormindo em 3 quartos! uma sala-de-jantar com uma mesa grande (feita por um marceneiro compadre (Valentim) que era para que quando todo mundo estivesse ainda desse para comer nela. Uma mesa de 4m de comprimento, maciça que, por sinal, não sei para onde foi... era o local central para reuniões da família, em torno da mesa grande, na

frente da casa ficava o armazém, atrás dele, do lado direito 3 dormitórios, sala-de-jantar no centro, do lado esquerdo o depósito do armazém; mais ao fundo: cozinha, banheiro e toalete.

Todos os dias ela fazia comida a mais e mandava levar nas casas daqueles que fossem mais necessitados, ela não esperava que viessem pedir, quando percebia a necessidade mandava entregar, mas, a casa era, relativamente, cheia de agregados.

- Se por acaso, algum filho não quisesse estudar, comer, como sua mãe agia?

- Não tinha discussão, era a lei do "crê ou morre", devia comer tudo que estivesse à mesa, se não comesse não ia comer mais nada. Na hora das refeições, ela tinha à mão, uma pazinha de mexer polenta com cabo comprido. Ela se sentava à cabeceira da mesa, de onde alcançava os 7 filhos, ao seu redor. Era comer ou pau na cabeça e ninguém morreu por isso, não. Por exemplo, se brigasse na rua, apanhava em casa, então era bater sempre na rua para apanhar apenas em casa uma vez só.

Ela conversava muito conosco, era uma autodidata, dizia do valor que tem quem vai à escola, da importância do conhecimento, e conhecimento para ela era diploma. Fazia questão absoluta de ir, no fim dos cursos, receber com o filho ou a filha, o diploma. Em casa, ela não deixou nunca ninguém ficar no meio do caminho, tinha que terminar

o curso começado.

Comportamento moral:-
 não se falava em roubo naquela época, mas ela não aceitava nem que se roubasse uma laranja, qualquer apropriação do que fosse de outro, não era aceito, fazia devolver e pedir desculpas.

Ela era uma grande contadora de histórias que tinha ouvido dos pais, na Itália, na Argentina; à noite, depois de terminadas as tarefas, em roda da mesa, antes de ir dormir, enquanto costurava, ela contava as histórias. Não me lembro delas, apenas a que falava quando não se queria comer e que acabava assim: "você come essa sopa ou salta da janela; aqui dentro, sem comer, não fica ninguém, a história se chamava: "manja pipaco". Mas, não me lembro de outras, apenas pedaços. Veja, ela teve muita vivência, morou na Argentina, na Itália duas vezes. Não guardei as histórias nem os documentos dela! Não sei onde foram parar!

- Mas, ela era uma pessoa que guardava tudo, como foram perdidos estes documentos?

- Pois é, com a morte de meu pai, muita coisa se extraviou, também, ocorreram muitas mudanças nas quais ela não participou diretamente, e a pessoa que fez as mudanças deve ter deixado extraviar por não ver a importância dos papéis, não sei onde foram parar!

GENEALOGIA:-

- **ELA, MARTHA**, Rosário de Sta. Fé, Argentina, quando

fui a Argentina, estive lá, visitei até a casa que ela nasceu, onde morava uma irmã do pai dela, tinha mais ou menos 90 anos, trouxe para ela uma carta escrita por uma das primas e assinada pela tia.

- **Pais dela** - Régia Emília - Sassuolo: mãe Catarina Speranza - morreu quando ela era ainda criança, não sei os nomes dos pais dela. Pai - Domingos Zini, um gozador, fazia bebidas, juntava dinheiro e estava constantemente viajando, Lembro-me bem dele, quando era menino de 6 ou 7 anos, ele vinha à Mococa passear, morava em Rio Preto, eu saía com ele porque gostava de tomar umas e outras, e então tinha que trazê-lo de volta para casa. Com os netos era um homem bom; mas quando moço, minha mãe dizia que era muito enérgico, bravo, do tipo que quando a mulher ou as filhas não estivessem trabalhando dentro de casa, ia buscar terra no quintal, jogava dentro de casa para que elas tivessem o que fazer. Ensinou todos os filhos a arte de fabricar bebidas, todas excepcionais: licor, conhaque, vermute, guaraná e soda limonada. Na Itália, essa não era a profissão da família dele. Só ele que mesmo lá, num vilarejo, tinha uma pequena fábrica. Pais dele: Josefina e Benedito Zini.

ELE - AFFONSO - pai João Batista Destro, Mãe - Regina Bassani. Não sei falar sobre as origens deles. Sempre moraram com meu pai, lembro muito pouco do meu avô. O que me lembro é do que me contaram, num domingo, depois de ter comido uma bela macarronada, foi ao

banheiro e morreu na hora. Meu pai disse que tinha sido uma morte bonita, porque ninguém tinha sofrido. Foi uma morte diferente da dele que foi difícil e custosa. Ficou doente uns 6 meses, 4 meses na cama. Por sinal, havia dificuldades quanto a médicos no interior, quem tratou dele foi um companheiro de infância lá da fazenda Sta. Teresa e que era um dos filhos do dono. Tratou dele em Mococa, quando não deu mais jeito, foi mandado para a Casa de Saúde Campinas, Circollo Italianno, depois operaram e mandaram de volta, dizendo que teria apenas uns 2 meses a mais de vida, e foi o que ocorreu.

Enquanto ele esteve doente, um irmão de minha mãe que morava em Mococa, vinha ajudá-la. Lembro-me muito bem dessa época, pois tinha 11 anos, o que mais me impressionou, foi quando ele morreu, o corpo foi velado em casa e a Banda Filarmônica veio, em casa, tocar, uma homenagem que ainda hoje fazem aos músicos.

Eu tinha um caderno de música dele como 1º pistom da banda, também desapareceu em uma das mudanças - **"Caderno de Músicas do 1º Pistom Affonso Destro"**. Eu não estudei música, ninguém em casa porque éramos muito crianças quando ele morreu, entretanto, onde ele trabalhava, eram mais velhos, e todos os 4 filhos aprenderam a tocar com ele, os 2 filhos pistom, e as filhas piano. Era um apaixonado pela música, os filhos todos, com exceção do que tem o nome do avô-João, tem nome de cantores ou personagens de óperas.

Revolução de 1932:- tinha 11 anos e meu pai estava doente naquele ano, a revolução passou, para nós, quase que despercebida; a tropa mineira estava aquartelada na Loja Maçônica, perto de nossa casa, lembro que trocávamos pente de bala de fuzil por um maço de cigarros, tirávamos a pólvora e usávamos a bala vazia para assobiar.

II Guerra:- éramos brasileiros descendentes de italianos, não sofremos nada, os italianos tiveram algumas dificuldades, porque o governo ameaçou confiscar os bens. Me recordo, nessa época, ter no cartório, onde trabalhava, muito documento justificando os bens de italianos que deveriam ser apresentados ao Banco do Brasil, eram justificativas de porque tinham casa, sítio, etc., pegava a escritura, verificava o comprador, o vendedor, a época da transação; então dizer que tinha sido adquirida antes da guerra, não poderia ter sido durante a guerra, pois havia o confisco para ressarcir os prejuízos que o Eixo havia causado ao Brasil com o afundamento dos navios brasileiros, mas isto não foi em frente, apenas propaganda. Não houve problemas, porque os italianos com mais recursos trataram logo de se naturalizar ou pegar título declaratório de cidadão brasileiro: dado a quem fosse casado no Brasil, com filhos brasileiros.

O **"Fanfulla"** foi fechado quando da guerra, então o jornal lido em casa

passou a ser "O Diário de São Paulo", na minha casa sempre teve jornal e todos eram obrigados a ler para se manterem atualizados. Curioso, minha mãe lia e queria que os filhos lessem os jornais, e nos ensinou que o jornal ensinava tudo!

Sempre que foi necessário comprar livros, ela comprava, se fosse necessário escolher entre o livro e outra coisa, ela deixava que a própria pessoa escolhesse, não impunha nada. Tínhamos posses limitadas, mas nunca passamos qualquer tipo de necessidade, todos foram à escola sem sacrifícios, mas não se passeava, outros iam à São Paulo, Santos, nós íamos apenas à casa de um tio, isto era o passeio de férias quando se tirava uma boa nota, quando tinha merecimento. Eu viajava de trem, pegava a "Mogiana" até Campinas, em Campinas pegava a "Paulista" até Araraquara onde "baldeava" para Rio Preto. Gastava um dia para chegar em Campinas e uma noite para chegar em Rio Preto, eram quase 24 horas, ficava 15, 20 dias e voltava. Ele fazia a mesma coisa no fim-de-ano, ele mandava as filhas (só tinha filhas) passearem em Mococa, ele também vinha, às vezes íamos para São Paulo na casa de outro tio ou da "Comadre" e ficávamos uma ou duas semanas, tudo dependia de como íamos na escola.

Escola era primário e Ginásio, à medida que ia terminando o ginásio ela arranjava uma colocação (emprego), numa época não tinha onde colocar mais ninguém, então um filho foi para São Paulo, outro para o Rio de Janeiro, outro estava

em Piracicaba fazendo engenharia agrônômica e as duas meninas não tinham ainda idade para estudar fora. Assim, depois do ginásio todos os filhos trabalhavam e continuavam os estudos, cada um fazia o que queria, mas em Mococa só se podia fazer o Curso de Contabilidade (três fizeram esse curso), outro Agronomia e o outro foi para o Rio, tinha feito apenas primário em Mococa, entrou para Aeronáutica, fez Supletivo e depois odontologia, quando então deixou de ser militar, passando apenas a exercer sua profissão, mas até hoje no Rio de Janeiro. A minha irmã caçula, fez curso primário, ginásial e colegial (normal), na época dela já havia ocorrido a reforma do ensino em São Paulo. Depois foi para Campinas e se formou em História e Geografia, na PUCC e foi professora até se aposentar. A outra fez apenas primário e Escola profissional, não queria saber de estudo! só mais tarde, já em Campinas, começou a trabalhar como funcionária pública.

Depois de 44, 45 foi criado o 2º grupo em Mococa, já era um professor em cada classe, eram 12 salas-de-aula, mas embora tenha ido à escola antes dessa época, nunca estudei em escola onde havia um professor e várias séries juntas. Ainda me lembro de meus professores: 1º ano - Dona Filhinha, 2º ano - Dona Marietta, 3º ano - Professor João Guimarães, 4º ano - Dona Esther.

Nessa época só havia o Grupo e o Ginásio Municipal (1933), em 1938, o Adhemar de Barros, criou a Escola

Normal de Mococa que absorveu o Ginásio que deixou de ser particular e passou a oficial. O professor Barretto, dono do ginásio ficou na maior miséria, sem qualquer apoio, remuneração ou indenização. Ficou na cidade vendendo Seguros para sobreviver, até que obteve licença para instalar a "Escola de Comércio". Este é um dos homens menos lembrados e que foi o maior formador de caráter durante várias gerações, em Mococa, o Professor José Barreto Coelho de Taubaté.

Quando encampou o Ginásio, o Adhemar de Barros contratou novos professores, sabe, sempre houve política, e política sempre foi madrasta. Foram contratados professores de fora, mas os primeiros professores do Ginásio eram todos concursados e excelentes pessoas, uma equipe maravilhosa.

A cidade vivia da agropecuária, pequeno Comércio, indústria de laticínios, beneficiamento de algodão e café, e uma indústria grande que era dos Irmãos Nicola, com mais ou menos 100 empregados, produzia material para a lavoura: arado, plantadeira, colheitadeira e turbinas para usinas hidráulicas. Eles eram austríacos ou italianos, eram da fronteira, e tinham a nacionalidade que fosse mais conveniente. Eram três irmãos, depois a família Pisani que fizeram a grandeza de Mococa na indústria. Os laticínios Mococa foi sempre de brasileiros, fazendeiros, pessoal ligado ao Banco F. Barretto, donos da cidade.

Além disso, havia uma pequena indústria de calçados, bebidas, prego, serraria e beneficiamento de algodão e café.

Do meu conhecimento, a maioria dos italianos que vieram para a agricultura, na medida que faziam seu "pé-de-meia" vinham para a cidade e com eles traziam todo o conhecimento que tinham adquirido na velha Itália; eram alfaiates, sapateiros, pintores, marceneiros, carpinteiros ou fabricantes de bebidas. Aceitaram vir para lavoura só para sair da Itália, o objetivo não era a lavoura, era melhorar as condições de vida. Vieram para a lavoura para substituir os pretos escravos, então estavam precisando de outros escravos - os imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, que chegando aqui eram tratados como se fossem escravos, na maioria das fazendas. Às vezes vinham para a fazenda de italianos casados com brasileiras, havia então uma amizade mais favorável, exemplo o médico que tratou do meu pai, era filho de um desses casos, e sempre foram grandes amigos.

- Se você quisesse ter feito medicina, por exemplo teria condições?

- Não, não tínhamos condições de mandar ninguém estudar fora, só alguns poucos italianos com recursos mandaram, a maioria ficava na cidade mesmo, apesar disso em Mococa havia vários médicos filhos de italianos: Taliberti, Pricolli, Imperatriz. Mas eram italianos que já tinham vindo com alguns recursos, um dos maiores armazéns de Mococa que distribuía

produtos pela região era Demasi, família de imigrantes italianos.

Histórias sobre a cidade:- no início do século, Mococa era um celeiro extraordinário, produzia café de excelente qualidade. A Estrada-de-Ferro "Mogiana" chegou a Mococa e conseguiu caminhar apenas mais 6km, até Canoas, porque os donos das fazendas, fazendeiros tradicionais e conservadores não deixaram a estrada continuar, porque tinham medo que os empregados, os colonos fossem trabalhar na cidade. Assim, os empregados da estrada colocavam os trilhos de dia e os capangas dos fazendeiros arrancavam de noite. Até que a direção da Estrada-de-Ferro resolveu mudar o traçado, ao invés de ir para o sul de Minas, deu a volta por Rio Pardo, Itaiquara e Guaxupé (MG) onde havia um homem excelente, o Conde Ribeiro do Valle que cedeu suas terras para a estrada passar pelas suas fazendas, pois sabia que isto iria valorizar suas terras. Um de seus genros construiu uma usina de açúcar, que ainda está funcionando, a usina Itaiquara.

Os fazendeiros de Mococa eram contra, porque tinham medo de perder os empregados, não viam a estrada como progresso, como forma de escoamento da produção, mas como uma ameaça à mão-de-obra barata. Essa mentalidade perdurou até 53-54 quando fui a São Paulo para uma reunião entre vereadores da cidade e industriais visando trazer a industrialização para a cidade, em um órgão de

desenvolvimento do estado. No meio da reunião um moço se levantou e disse: tudo isso é besteira, Mococa não será industrializada nunca, minha sogra não permite. Aí descobrimos que a sogra dele era uma das pessoas que mandava arrancar os trilhos, enfim a mentalidade de 54-55 era a mesma de 1914.

Outra lembrança era a dificuldade para freqüentar a "Paulicéia", a fundação do "Círculo Operário" que se chamou inicialmente "Doppo Lavoro" - um clube fascista - mas, não havia outro, então era freqüentado por fascistas e não-fascistas, seus encontros eram mais culturais, recreativos, sem doutrinação.

Anarquismo, ouvia falar, quando vinham beber vinho, aos sábados e domingos, no armazém de meu pai, jogar "scoppa" e falavam constantemente porque todos liam o "Fanfulla" pelo menos uma vez por semana, tinham conhecimento e discutiam sobre o que estava ocorrendo pelo mundo, pela Itália, com Mussolini, e também sobre aqueles que fizeram a reconstrução da Itália: Cavour, Manzini, Garibaldi, Mazzilini, eram nomes que mais ouvia no meu tempo de criança.

Havia uma grande festa na "Sociedade Italiana de Socorro Mútuo", no dia 20 de setembro, data da Reunificação da Itália, era maravilhosa, banda de música de madrugada circulando pela cidade e chamando o pessoal para a festa.

1º de maio, dia do operário, era muito comemorado e os pic nics aconteciam em vários locais. Em um desses pic nics foi

fundado o clube de futebol de Mococa em 1919 - Radium Futebol Clube. Era uma data comemorada por todos trabalhadores e não apenas italianos.

Havia, também, as festas religiosas, Mococa sempre foi um maná para os padres, conheci 3 ou 4 que morreram milionários, de 2 me lembro muito bem, deixaram os bens todos para as entidades da cidade. Outros não morreram lá, morreram em outros lugares, mas todos muito bem economicamente. Tinha um que usava os carros de quem tinha e algumas vezes quando o carro quebrava, deixava na estrada e o dono que mandasse buscar, usava e abusava.

Da II Guerra, lembro de uma família que morava numa região mais alta conseguia notícias pelo rádio da guerra e lá se reuniam, aos domingos, às escondidas, para ouvir um programa. Iam chegando devagar, separadamente, sem qualquer espírito de beligerância, apenas queriam ouvir notícias da fonte, era um programa italiano feito por uma estação de rádio de Berlim e gerado para o Brasil, ouviam e comentavam as notícias entre eles.

A oficina dos Nicollas fazia festejos maravilhosos, nas festas juninas, porque eles se chamavam João, Pedro e Matheus, as festas eram para os operários e toda a vizinhança. Estes 3 irmãos juntavam moedas o ano inteiro e no dia 1º do ano distribuíam para a meninada da cidade, uma moeda para cada uma, moedas de 400, 500, 1000 réis, como "Boas Festas", formavam uma fila

enorme de meninos.

(Rindo) o dinheiro era guardado em caixas de madeiras dentro de casa, também havia cofres. Na minha casa era guardado em uma gaveta de madeira com chaves, embaixo do balcão, não havia ladrões, o dinheiro ficava em casa e quando compravam as coisas pagavam com dinheiro, não havia cheques, banco só quando o "pé-de-meia" ficava maior e no banco rendia 6% ao ano, era uma fortuna! O rendimento é igual ao de hoje só que hoje você dorme rico e amanhece pobre, naquele tempo qualquer dinheiro no banco rendia, era um pessoal sério, honesto, o que não ocorre hoje quando todo mundo quer enriquecer o mais rápido possível, guardava-se dinheiro com sacrifícios, trabalho e economia, alguns tiravam até comida da boca para poder economizar.

Pedaços de conversa com outro elemento da

FAMÍLIA "M"

Não haviam casamentos entre italianos e brasileiros, haviam preconceitos de ambas as partes, eu mesmo namorei um moça, e minha mãe não quis saber, porque ela era brasileira. Apesar que, mais tarde, casei com brasileira, mas de família melhor, de mais consideração.

Os clubes também eram separados, havia a Paulicéia que era o clube da elite, até 20/39 havia uma grande separação, eu não me lembro, mas, Seo Gerônimo é que me contou, era uma separação desgramada, só de ricos; pobre não entrava de jeito nenhum!

Na cidade antigamente, onde é o Jardim e a Matriz, o Cine Mococa e onde é o clube hoje, era uma região que não morava italiano! Dessa rua aqui, depois subia onde é o grupo, depois descia até o Miguel Garófalo, lá embaixo era o limite. Lá embaixo morava o Joãozinho Gomes, subindo tinha um terreno e o Olímpio Garcia, depois o Dr. Quinzinho Camargo, que era o neto do Chico Gomes, depois subindo tinha o pessoal da fazenda Morro Azul, subindo, de lá para cá era a casa do major Quintino, subindo era a casa do pai do Alberto Giudice, que se eu não me engano, foi casado com a irmã do Dr. Gentil, (com certeza algum italiano trazido por causa da profissão), não veio com a leva de imigrantes para a lavoura, na esquina a casa da Dona Filhinha, depois a casa do pai do Dinga, depois

vinha o Tijuco, o Ferraz, virando o Oscar Villares e depois o Chico Barretto descendo, depois era o Gabriel Dias, o Gabriel Pinheiro, o coronel Juca, ...Barreto e na esquina a Dona Zezé, em frente morava a sogra do Otavio Pinho, que era mãe do Dr. Chiquinho.

Os italianos moravam de outro lado, na casa do Maurício Marchesi, não lá embaixo do pai dele, aqui em cima era casa do Vincenzo, não tinha fábrica de macarrão, ele morava ali no meio de fazendeiros, depois subindo era a casa do João Batista de Souza, o João Sapé, e a casa dos avós de minha mulher, os Dias, do outro lado da rua a casa do Ignácio Rehder, depois a casa da Nininha Nogueira, depois a Escola Industrial, cujo prédio estava sendo construído pela sociedade italiana e foi passado para a prefeitura fazer a escola, depois a prefeitura velha e fechava o círculo, estamos ao redor do jardim de novo.

Dessa sociedade italiana não me lembro nada.

- É perto de sua casa?

- Lembro do Pacchione, maestro da banda, do Paschoal Galhardi, eu era molecote, a banda ensaiava lá embaixo, ao lado de onde morava o Cominatto antigamente, naquela rua que ia para a piscina. A banda está aí até hoje na mesma sede que o primeiro maestro, o Pacchione fez campanha para construir, depois o Dito Burrone, depois o Zé Carlos Spina, continua com os descendentes de italianos.

Não podia ir à Paulicéia, mas não tinha outro clube, só mais tarde,

em 24 foi fundado o "Doppo Lavoro" que era fascista, depois virou o "Círculo Operário", mas não freqüentávamos, porque éramos pequenos. Mas, nunca ouvi nada sobre fascismo e anarquismo, sei que minha mãe era muito amiga do Valentim Scarlatti, que era socialista. Ela nunca falou a favor de Mussolini nem nenhum dos filhos, o Valentim e o Antonio tinham uma influência muito grande, muito apoio moral, não financeiro, pois meu pai morreu em 32, com as dificuldades de 29 ainda persistindo, a vida era muito difícil para todos, só depois por volta de 39 é que as coisas voltaram para o normal. Valentim morreu em 52/53 ou 54 e influenciou muito nos filhos pela amizade e pela alma boníssima.

- Outros amigos da família?

- Tinha o Antonio Marra, os Nicolas, que eram fregueses nossos, tinha um pessoal todo, porque era um bairro muito amigo, o Giordano depois que meu pai morreu deu muito apoio. Mas, tocar mesmo quem tocou foi minha mãe, foi ela que agüentou tudo, quem poderia ter ajudado eram os irmãos dela que estavam todos bem, mas, não quiseram nem saber, só vinham a Mococa passear. Tanto que quando a tia Ada ficou viúva em São Paulo, minha mãe mandou buscá-la, deu casa para morar, comida e ajudou a educar os filhos dela, eu me lembro quando o filho mais velho, o Nenê foi para São paulo, ia às 10 horas, às 9 horas foi lá em casa pedir uma gravata emprestada, porque nem isso

ele tinha, foi com a cara e a coragem, se muito tinha uns 20 anos, foi para a casa do Tio Carlos, logo começou a melhorar e mandou buscar a mãe e o irmão, que trabalhava comigo no banco, por sorte saiu do banco, primeiro tiveram uma padaria, depois foi melhorando, o Nenê morreu muito moço, mas o Pedro está muito bem de vida, mora na Rua Emílio Ribas, lá no Pacaembú.

FAMÍLIA "N"

ENTREVISTA Nº 14

Na minha geração todos foram nascidos e criados aqui em Campinas, na geração de minha mãe e meu pai as famílias eram enormes, já a minha são dois ou três filhos, na minha somos dois: meu irmão e eu.

Nascemos bem no centro, naquela casa onde hoje é o Mac-Donald, no largo da catedral, era casa da minha avó e onde passamos momentos tão felizes. Fiquei muito contente que o casarão da minha avó tenha sido conservado.

Clubes:- Bom, a família assim era bem distribuída, eu freqüentei bastante o Concórdia, meu pai era do Regatas, outra ala freqüentava a Hípica e o Tênis, fui debutante pela Hípica. Freqüentávamos quase todos clubes, o Cultura também.

Discriminação:- Não, não teve, porque eu acho que a discriminação é sempre econômica. Se penetrou na parte econômica não tem mais discriminação. Nunca senti isso! Bom, se sempre achei que Campinas tinha "uns narizes empinados", mas eu, pessoalmente não senti, porque fui muito pouco social, fui mais da parte artística e cultura. Eu logo me envolvi em jornalismo, fui jornalista durante 20 anos, no "Diário" e no "Correio". Depois assumi o Conservatório. Meu mundo sempre foi outro, embora penetrasse naquele mundo como jornalista e sempre fui muito bem tratada. Mesmo porque vida social nunca foi

a minha.

Escolas:- Tinha um Colégio tradicionalíssimo que todas as pessoas faziam, era o Colégio Santa Teresinha, dirigido por duas solteironas que preparavam as crianças que depois iam para o "Colégio Coração de Jesus". Mas, eu era um "enfant rebelle" e fiquei lá só o "jardim de infância", achei muito chato e fui para uma escola maravilhosa de Dona Noemia Mafra, esta mulher que inculcou em mim todo esse gosto pela arte, desenvolveu minha sensibilidade, uma mulher maravilhosa! Era uma escola particular que teve uma influência enorme sobre todo mundo que a freqüentou. Era uma escola em que praticamente a parte artística era muito mais importante que a parte escolar. Então ela fazia aquelas festas maravilhosas: Fazia teatro, dança, música. Todas as crianças fazendo "Gata Borracheira", "sonho do Pintor", umas coisas lindas, eu vivi muito o mundo dos bastidores do Teatro Municipal, aquele palco mágico, então foi fascinante, não é? Marcou para a vida inteira, foi essa a parte do "primário" como a gente falava.

Depois fui direto para o "Culto à Ciência", era um "tabu", mas eu era muito estudiosa queria o melhor. A escola da Dona Noemia desenvolvia a parte artística e a sensibilidade, desenvolvendo com isso, também, a intelectual. Seus alunos não precisavam ficar muito em cima dos estudos, pois captavam as coisas e iam em frente. Fui para o "Culto à Ciência" e outras

para o "Coração de Jesus". Fiquei lá 7 anos, fiz Ginásio e Colegial, o "Clássico" (com 3 aulas de latim por semana!). Foi aí que comecei demonstrar certa tendência para escrever, o Professor Francisco Sampaio que era meu professor fez a surpresa de publicar, no jornal, uma crônica que tinha feito em classe. Foi o começo da minha vida como jornalista.

Profissão:- Eu queria fazer jornalismo em São Paulo, aí é que entrou a castração da família. Imagine estudar em São Paulo! Então fiz direito aqui na PUC, não gostava de direito, mas me deu uma cultura geral bem abrangente.

Meu tio tinha o conservatório que fora fundado por minha vó, então eu quis ficar com o Conservatório, ele já estava cansando e minha prima, já bem casada não quis continuar, e passou para mim.

Não estudar em São Paulo foi minha única frustração, aí surgiu uma vaga para redator no "Diário do Pave", entrei e comecei a fazer crônicas, numas dessas crônicas sofre os Ipês Brancos, o Luso Ventura que era o redator-chefe, me chamou para fazer reportagens. Fui a primeira mulher a fazer reportagens de páginas inteiras, o jornalismo era bem fechado para mulheres. Ele foi uma pessoa com muita visão. Aí eles me mandaram para o Nordeste fazer reportagens, era um "auê" de primeira página, mantive no "Diário" uma página semanal por sete anos. Depois, deu um

problema qualquer lá e fui para o "Correio", fiquei quatorze anos no "Correio". Mas o conservatório começou me absorver muito, porque ao lado do jornalismo, mantinha o Conservatório que era realmente meu "modus vivendi", realmente onde posso desenvolver todo meu potencial criativo.

Deixei o jornal, mas tenho uma saudade imensa, mas de vez em quando ainda escrevo. Continuo escrevendo pecinhas infantis, histórias para crianças, que eu gosto muito.

Dados Familiares:-

Minha mãe nasceu em São João Del Rey, pois meu, avô veio da Itália com 16 anos, sem dinheiro nenhum e foi trabalhar em Minas, depois para São Paulo, e depois ainda para Campinas. Ele era da Nápoli-Lascio, Lauria parte de minha mãe.

Minha avó também era italiana, meu avô chamava-se Fidelis Mazzela, depois mudou para Mazzeli, porque mazela significava doença, e acrescentou o nome de minha avó ao dele, porque o Di significava nobreza. Então ficou Fidelis Mazeli di Lascio. Ele fundou a "Casa Di Lascio", no largo da Catedral. Foi um dos pioneiros da confecção pronta, geralmente as roupas eram feitas por costureiras e alfaiates, tudo sob medida. Ele criou moldes no tamanho pequeno, médio e grande, depois era só ajustar para as pessoas. Foi, assim um dos pioneiros a lançar confecções. Tinha bastante empregados, tanto que logo se aposentou e ficou só cuidando de imóveis. Vivendo de aluguéis, negociando. Ele era alfaiate na Itália,

inclusive lá uma coincidência, porque o pai de meu pai também era alfaiate. Eram concorrentes.

Da minha mãe era Mazeli Di Lascio, e, do lado paterno era Zigiatti lado da minha avó, fundadora do conservatório. Ela era Marotta e se casou com Zigiatti. Ela já havia nascido aqui, meu avô era italiano. Ele, também, fez fortuna com a alfaiataria, mas ela é que era uma pessoa dinâmica, uma mulher que não tinha tido mais que o primário, como qualquer outra da época.

No entanto, fundou o Conservatório, colocou cada um dos filhos homens em uma profissão (eram sete) e criou uma coisa para cada um. Por exemplo, o conservatório para o filho que tinha estudado no Seminário e estudado música e que dava aulas de música em casa. Para os outros dois irmãos com muito bom gosto, ela criou um bazar de coisas importadas. Ela iniciou o bazar, fazia de tudo, coroas de flores, aprendeu a fazer espartilhos e punha na vitrine, era assim muito dinâmica. Na época da Revolução de 32, ela fornecia alimentação para os soldados. Depois fundou outra loja na Rua 13 de maio, Loja dos "2 irmãos", esse era mais pacato. Para meu tio médico, ela criou a Clínica Sto. Antônio, tanto que aquele Sto. Antonio foi encomendado para o Lélío Coluccini. Meu outro tio, o menor, nasceu quando ela tinha 50 anos, e este último ela encaminhou para ser engenheiro. O primeiro trabalho deles foi o ginásio do Regatas, ninguém dormia de noite com medo da

construção cair. Com meu pai ela não teve que se preocupar, porque ele casou bem e ficou com meu tio materno cuidando da "Casa Di Lascio". Essa foi minha avó paterna.

Do lado materno, era ao contrário, meu avô era mais dinâmico, fez coisas importantes, fez a Di Lascio, confecções, tinha um restaurante chamado "Marreco" que foi muito famoso, ele era uma pessoa que comprava as coisas, nos lugares de mais destaque. Tinha um tio que trabalhava com ele, mas era uma pessoa difícil afetivamente, ciumento de minha vó, mulherengo de marca maior, mas morria de ciúme de minha avó. Só tinha casa em frente de praças, porque não queria ter vizinhos por ciúmes de minha avó.

Ela foi uma vítima cruel da situação, foi um carneirinho, a Domingas. Já a outra avó, a Catarina era a dominante. Mas a avó Domingas achava que era assim mesmo a vida, sofrendo, se fechava, ele fazia aquelas cenas de ciúmes e ela saía, apenas com os olhos cheios de lágrimas, eu cheguei a assistir isso, e ele sempre com a mulherada.

Ele era tão interessante que, mais tarde, ficamos sabendo que em São Paulo, ele fundou um restaurante japonês e mandou vir as geishas do japão e trouxe um irmão para tomar conta do restaurante. Mas, você já imaginou não é, um homem mulherengo rodeado de geishas, afundou. Fez umas coisas muito interessantes, a visão dele era incrível, via longe apesar de não ter muita escolaridade ou muita

"cultura" fazia coisas de grande empresário, é o caso do restaurante japonês teria dado muito certo se ele não fosse mulherengo.

Foi sócio dos fogões "Paterno", mas também brigou. Inclusive não sei se havia ou não mulher no meio. Inclusive até pouco tempo havia uma série de documentações familiares.

Os avós paternos, tinham um relacionamento muito tranqüilo, ele a adorava, deixava fazer tudo, desde que não mexesse no bolso dele! Ele era uma pessoa, muito religiosa, era da Irmandade de São Vicente de Paula, também a Irmandade do Santíssimo, com aquelas roupas todas. Era mais religioso do que ela, inclusive ficava na porta do cemitério com aquela sacolinha pedindo esmolas para os pobres de São Vicente. Ele enveredou mais para esse lado, enquanto ele gozava das mordomias da aposentadoria, ela dinamizava. Ela criou o Bazar Conceição e deixou para os filhos. Criou o Conservatório, foi muito interessante, porque não havia professores aqui para dar aulas, ela trazia todos de fora, aqueles italianos se despejavam naquele casarão do Lardo da Catedral e cada um queria um menu especial, e ele comandava, lá na cozinha, macarronada à bolonhesa para um, sopa ministrone para outro, era um restaurante de Hotel 5 Estrelas. Trazia os professores de São Paulo para darem aulas aqui.

Ela era extremamente possessiva quanto aos filhos e noras, ela controlava a vida de cada um. Meu tio tinha alunos particulares,

na casa dele, mas ela considerava todos alunos do Conservatório. Como o Conservatório não dava dinheiro, ela mandava almoço e jantar para a casa dele, a essa altura coitada da minha tia! Ela era bem assim. Até hoje, todo mundo brinca, quando alguém começa querer controlar os filhos: "Ai, Catarina".

Ela sabia fazer serviços de casa, mas mandava mais do que fazia, mas era dinâmica, sabia fazer tudo, uma frase dela era: "*Trabalhar não cansa!*". Ela não admitia gente sem fazer nada, não viveu muito, acho que não chegou aos 70 anos, teve arteriosclerose. Ela foi numa viagem para a Europa, era o sonho dela, e lá, não sei, ela foi com uma nora que ficava preocupada e controlando o dinheiro dela, ela sendo uma pessoa que sempre teve dinheiro, sempre fez o que queria, aquilo repercutiu muito mal. Ela veio muito mal de lá, em decadência. ela chegou a me ver jornalista, no Conservatório acho que não.

- Dos neto, você foi a única que continuou o trabalho dela, não é?

- Ah, sim tudo foi construído por meus avós: a Di Lascio (que foi uma potência), o Restaurante "Marreco", a Clínica Santo Antonio, "Bazar da Conceição" (que era uma beleza). A única coisa que permaneceu foi o Conservatório. Eu disse, não, eu sou a herdeira natural, a 3ª geração, provavelmente entrará na 4ª, porque eu tenho uma filha que é violoncelista e um filho arquiteto que está apoiando aqui quanto aos

espaços. Ambos se dirigiram para as artes, seria então a 4ª geração.

Foi fundado em 15/11/1927 e logo ela passou a direção para meu tio, ele ficou 35 anos, tinha apenas uma filha que se casou bem e não queria saber, eu estou a 30 anos e vou ver se agüento mais uns 15 anos, ah! eu não sei, existe uma semente muito bem plantada, então você sente a energia dessas pessoas que passaram por aqui, sabe? Não só de meus parentes, inclusive tivemos um incêndio que destruiu toda a sede em 1982, era alí perto da Catedral, onde é a "Modelo" hoje, tinha a "Casa de Chocolate" e o Conservatório. Foi no meu tempo quando comecei a unir música, artes plásticas. Olha! nós perdemos um piano de cauda, um órgão Harmony, toda a aparelhagem de som, luz de teatro. E, a gente se reergueu, até parece que nos deu uma força, porque reunimos tudo aqui.

Agora a gente está se espalhando, em função da necessidade de tudo se renovar. Percebemos que estávamos trabalhando muito com a classe média e estava ficando difícil sobreviver assim, tivemos que investir também na classe alta. O imóvel aqui é também central. Dentro da minha gestão o que fiz foi dinamizar o Conservatório, transformá-lo de uma visão muito conservadora, musical, para um complexo, um centro de cultura, acho isso muito importante, desenvolver a biblioteca, o teatro de bonecos, uma galeria de artes. Minha concepção já quando assumi era mais global.

Acho que tive, na

parte do jornal, uma atuação que marcou, porque era uma forma diferente de escrever, fazia crônica ilustrada, era um tipo de linguagem jornalística muito diferente, era bem dinâmica. Por exemplo, como não tinha recurso gráfico nenhum, meu marido é que fazia as fotos. A gente era repórter, redator, paginador, fotógrafo (inclusive revelava as fotos) e fazia a diagramação.

Meus pais me deram a maior força, minha mãe detestava serviço de casa e foi sempre uma doméstica. ela fez piano, guiava depois meu pai não quis que ela guiasse mais.

A música atravessou toda nossa educação, mas eu era mais genérica, não consigo ser perfeccionista como minha filha, musicista é. Nossa educação foi sempre acompanhada pelo lado artístico, pelos quatro avós. Inclusive meus avós iam para o Rio para assistirem as temporadas de óperas especiais. As temporadas aqui em Campinas, eu era pequena, mais ia, chegava a dormir na cadeira, mas assistia. Inclusive meu pai, dono da Di Lascio com meu tio Gegero, promoviam, entravam de empresários, era uma agência de trazer companhias para cá: Renata Fronzi, Cia de Operetas. Eu assisti tudo isso. Eles perderam muito dinheiro! Havia o Rui Pupo que também era empresário. Meu avô paterno, marido da avó Catarina teve uma influência muito grande no cinema, porque ele foi um dos patrocinadores do primeiro filme feito em Campinas.: "João da Mata".

Tinham, meus avós, uma

missão muito ampla, alguma coisa trouxeram como semente, embora a escolaridade não fosse muita, era essa amplitude de visão, que não é bem brasileira, é mais européia. Inclusive, eu senti, quando estive na Itália, muito forte os meus antepassados, no gesticular. Uma vez até, o Luso Ventura que me deu todas as oportunidades no "Diário", ele falou que eu escrevia gesticulando, isto é, dava a impressão que estava gesticulando, enquanto escrevia.

Eu passava um dinamismo que é de uma raça, de uma origem. Convivi bastante com meus avós. A minha avó materna foi a que morreu primeiro, eu tinha 18 anos, não! Meu avô paterno morreu quando eu tinha 14 anos. Quando minha avó Catarina morreu, eu já tinha terminado a faculdade, eu morava com ela. Eu nasci na casa dela. O vovô Domingos foi o que viveu mais, até 101 anos, lúcido e foi o que teve a vida mais desregrada.

- Coisas, valores que passaram para vocês.

- A questão do trabalho, eu senti em todos eles, não discriminando que mulher não tem que trabalhar, provavelmente, isso ocorreu na geração das filhas mais velhas, talvez fossem educadas para trabalhar só em casa, mas com as mais novas já tinham a preocupação com o trabalho, mas sem esquecer a preocupação com o casamento. Era fundamental a constituição da família, do convívio na hora do almoço, da janta, esse convívio todo. Minha mãe era muito rígida nisso. Tinha que

estar em casa na hora do almoço e jantar. Mesa posta, aquela mesa enorme.

Aos domingos, a família toda ia para a casa da avó, almoço na casa dos avós maternos e o jantar na casa dos avós paternos. Todos os filhos, primos, até que desapareceu o tronco e a coisa toda se desfez. Enquanto vivos mantiveram a família unida. Inclusive uma tia, até hoje, reúne a família para a ceia de Natal, lá na casa dela. Ela é casada com um irmão do meu pai. Uma grande reunião de família, ninguém paga nada, não tem nada de dividir pratos ou despesas, é uma fartura.

Engraçado, eu sempre senti essa coisa de dar, meu avô paterno era o mais segura, mas minha avó era mais de se dar. Meu pai, meu avô materno também, aquela abundância de comida, nunca faltou para a comida, estudo, talvez poderiam deixar de comprar alguma coisa mais supérflua, mas a gente achava que tudo era muito fácil. Eu até fico admirada de como eu gosto de trabalhar! É esquisito, porque eu nunca precisei trabalhar, mas era muito importante trabalhar. Eu não sei, era uma realização pessoal, tanto que se o Conservatório está em crise, eu sou a última a receber junto com os da família.

Sempre é importante investir, eu sinto que eu não posso deixar morrer, o Conservatório, é uma missão, é uma coisa profunda que eu tenho que manter, não sei explicar as razões, mas sei que não posso deixar. Não sinto que meus filhos irão continuar, não sinto que eles estejam prontos para

assumir toda essa responsabilidade da parte administrativa. Pode ser que mude, mas a minha predisposição é fazer uma Associação, doar todos os bens móveis, os imóveis não posso, e formar um Conselho. Porque a filosofia de doação não pode morrer, senti isso na minha vó, no meu tio (embora mais tímido), é isso mesmo que eu sinto em mim, o Conservatório é uma prioridade.

Meu pai era um comerciante, era sócio da Casa Di Lascio e do Restaurante Marrecos, foi o único com o qual minha avó paterna não teve que se preocupar, porque ele se casou numa família já com bens. Ele gostava de música, tocava piano, todo mundo, em casa gostava, tocava, a música estava sempre presente.

Eu acho que o italiano é um povo que tem a música na alma, se você for visitar Veneza e não passear de gôndola ouvindo aquelas canções, não conhece Veneza. O canto, principalmente, é uma presença na vida italiana, ocorre nas feiras, no mercado. É um traço marcante.

- Notou algum anti-clericalismo em sua família?

- Não, na minha família isso nunca ocorreu, eles eram super religiosos. Meu pai foi para o espiritismo, minha avó brigou muito, foi contra. Havia uma religiosidade enorme, eu acho lindo a Igreja, a Catedral, por exemplo, me fascina! Agora mesmo nós fundamos os "Meninos Cantores de Campinas", eu sonhei que

eles todos se vestiam de franciscanos, então lancei a idéia. Quando fui saber, o regente fora educado em Bebedouro, em um educandário de franciscanos. Nosso coral, ganhamos do Consulado da Itália, uma coleção de fotos de Assis, e a gente inaugurou com eles entrando na Catedral cantando aquela música... Lá vai São Francisco... (que o Ney Matogrosso canta) foi muito bonito.

Assis, por exemplo, foi uma cidade dentro da Itália que me tocou muito.

- É a região de vocês?

- Não sei, porque meu avô paterno é da região de Padova e veio direto para Campinas, ele era alfaiate. Veio da cidade, já tinha essa profissão lá, e veio com direção, já tudo planejado, não como uma aventura. Não me lembro quando foi, da parte dos avós paternos, eu tenho menos gente que me conte sobre a família. Na parte materna eu já tenho uma tia que se lembra e conta as coisas.

Avô materno veio de navio sozinho com 16 anos, porque vivia com a madrasta e ele não combinava com ela, depois ele trouxe os irmãos da mãe dele e arrumou a vida de todos. Vieram todos para a cidade. Ele tinha chácara, adorava sítio, mas veio para a cidade. Ele era altamente cidadão.

Meu pai lia muito, comprava tudo em português, ele não falava italiano, meu avô materno sim, inclusive tinha um irmão jornalista na Itália, não temos mais nenhuma relação com eles, minha tia esteve lá.

- Qual a idade dela?

- Ela não é muito idosa, não, deve estar com seus 70 anos, tem uma mais nova ainda com 65 anos, minha avó teve o último filho com 50 anos. Quando minha mãe se casou, meu tio tinha 5 anos e já namorava a irmã de minha mãe, que também tinha 5 anos.

- Anarquismo, fascismo?

- Eu acho que eles não se envolveram, meu avô inclusive na ocasião da guerra se apavorou, porque o governo ia "empastelar" os bens e então, meu avô Di Lascio se naturalizou, porque ele já tinha se integrado inteiramente. Inclusive o "Bazar Japão", da minha avó, mudou o nome para "Bazar Conceição".

- Houve problemas por serem italianos?

- Acho que eles se apavoraram, ficaram assustados, mas não sei se tomaram alguma providência além de mudar o nome da loja. Sei que não perderam nada.

- Política.

- Não, não eram políticos, com exceção de meu tio Gegero, que gostava muito de fazer "Bazar dos Pobres", "Natal dos Pobres", foi vereador, vice-prefeito e prefeito. Meu irmão tentou, o Lúcio tinha tudo para ser um bom político no sentido de trabalhar para o bem comum, mas acabou desistindo.

Eu não gosto de política, mas participo dos Conselhos de Cultura, Preservação do Patrimônio Artístico, acho isso muito importante. Como campineira

temos que preservar os nossos bens.

Aquelas casa lá na Padre vieira foram todas construídas pelo vovô Di Lascio, ele morou numa, o tio Gegero morou noutra, ele tinha uma cunhada noutra. é uma parte histórica da cidade que está sendo destruída. Nós temos que lutar pelo nosso centro da cidade! Eu acho que deve ser preservado, pois ainda tem certas referências históricas, é só tirar essa poluição, esse número enorme de camelôs.

Se você analisar bem, não se pode ir pelo lado dos direitos humanos, não tem porque nesse caso, qualquer pessoa tem o direito de colocar uma banquinha no melhor ponto da cidade. Direito é de quem adquiriu a propriedade, acreditou nela, deixou para os filhos. Eu acredito nisso! Procuro preservar e não abaixar o nível. Direitos humanos dá direitos aos bandidos e não à vítima. Esses direitos estão meio confusos, eles nascem da sensação de culpa das pessoas que são ricas em relação às pessoas que não tem nada. Direitos humanos para quem atenta contra a vida, os bens da pessoa? Essas não podem ter direitos! É por isso que estamos vivendo nessa impunidade! Como se vai entrar em um lugar onde estão acuados feras humanas, você entra já se defendendo! É um absurdo tudo isso! Porque preso não trabalha? Estão protestando, porque os puseram para trabalhar, porque eles não.

Passaram uma postura não um ativismo, mas foi uma época de alienação dos que estavam bem, mesmo eu vivi

momentos políticos e mesmo sendo jornalista, estava alienada, uma alienação dos próprios anos dourados. Não houve uma conscientização, como deveria ter havido, nas escolas. Você foi aprendendo por si só, a política era uma coisa da qual você não fazia parte, era um mundo que não era para você penetrar.

A gente não tinha muita afinidade com o tio Gegero, ele era mais afastado, minha tia, a mulher dele, mais fechada, e era o único irmão de mamãe, a postura do meu avô, por exemplo, era tudo para o meu tio, melhores imóveis, melhor tudo, discriminava descaradamente. Era um homem e cinco mulheres, ele prejudicava todo mundo para beneficiar o filho. Elas nem sabiam o que fazer, nem como se defender. Ele deixou herança para todos, porque a fortuna que ele ganhou foi enorme. Sabe aquele posto em frente a Prefeitura, onde era a Sears, o Bozzano Simonsen, tinha casa na Rua Conceição, na Padre Vieira. Tinha as melhores coisas e fez uma divisão acintosa entre os filhos, e no final quem tomou conta dele, quem "agüentou o baque" foram as filhas.

- E os netos?

- Filhos dele? Não, a minha tia era assim, muito reservada, e os filhos não tinham liberdade com o avô, mas ele tinha uma paixão pelo filho.

- Seu tio realizou o sonho de seu avô?

- Não, não porque, eu acho que foi muita facilidade, se tivesse menos, talvez, ele tivesse

realizado mais, mas ele era dinâmico. Ele e meu pai faziam coisas que nunca tinham sido feitas, eles inventaram aquelas marmitas térmicas, "as quentinhas" e as pessoas vinham buscar a comida no restaurante, foi ele que criou. Ele fundou uma fábrica de bolachas de mel "Fa bene", mas ele não tinha constância, não tinha "aquela garra", a mesma coisa com meu irmão.

Meu irmão foi muito protegido pelos meus pais, não me marcou, porque fui sempre desprezado, sempre, mas por exemplo, ele recebeu as melhores coisas, era também muito criativo. A primeira galeria, a "Barão Velha", foi ele que fez, foi a primeira naqueles moldes. Ele era advogado, mas não gostava muito de estudos.

- Vocês herdaram e mantiveram a tradição brasileira do "bacharelismo"?

- É porque as profissões, na época eram: médico, engenheiro e advogado. Ele era comerciante nato, deveria ter se dedicado apenas a parte de marketing. Tinha uma visão incrível, nada a ver com advocacia! Não sei se você se lembra como ele pegou o "Bosque" e tudo o que ele fez lá. Foi uma revolução maravilhosa, foi a primeira vez que ele trabalhou de verdade! Mas, você vê o que política, arrasa com a pessoa! Ele era muito idealista, tirava dinheiro do bolso, aquela loucura! Fez uma coisa linda que nunca mais ninguém cuidou ou deu continuidade, Para você ver como tudo é mau administrado! Isso foi uma prova. De um lixo, ele

fez uma coisa maravilhosa que as pessoas iam ver encantadas. Isto é, se você tiver vontade política, você pode transformar a realidade.

Minha avó era amada e detestada ao mesmo tempo, ele era enérgica, exigente com os filhos e netos. Gostei muito do romance da Zélia Gattai, eu me identifiquei muito, porque meu avô morou na Alameda dos Santos, paralela à Avenida Paulista. Meu avô não se ligou à política, porque tinha outras preocupações. A energia dele era gasta do outro lado.

Leitura era muito estimulada, eu, por exemplo, na adolescência fui muito fechada, só lia, não tinha televisão, pegava um livro, mas não de forma dirigida, racional, era mais o que captava na escola, era o imediatismo.

Comidas Típicas:- No Natal, na casa de minha avó materna, primeiro eram as caças: coelho à caçadora, depois a macarronada, doce de leite com nozes; minha avó paterna: eu me lembro dela fazendo aquela macarronada em uma máquina vermelhinha importada, ela fazia toda a macarronada em casa, estava sempre comandando os serviçais, eu me lembro dela na cozinha que era muito bem construída pelo meu tio engenheiro, cheio de idéias novas (como uma kitchen atual), ela comandava tudo. Fazia as macarronadas com aqueles molhos especiais. Fazia um frango com um molho de ovos, ficava todo amarelo e era delicioso! Eu preciso procurar com minhas primas a

receita. Muita "porpettona" recheada, muita almôndega (a outra avó também fazia). Tinha uma carne assada com molho que ela fazia todo domingo à tarde.

Minha mãe fazia os doces: "gripella" (conheço como cripelle), biscoito frito passado no mel, em forma de flor. Fazia, também, "turbillo" (minha avó paterna também fazia) era feito com vinho, óleo e depois passado no mel com vinho. Era delicioso! Tinha, também, a "pignolatta" umas bolinhas fritas jogadas no mel e se fazia uma coroa e enfeitava com "ovelinhos" (variação cobertas com mel e amêndoas). Depois tinha uma torta de nozes com uma calda que parecia fios de ovos. Tinha "piccito", um biscoito duro com nozes que a gente adorava, também, uma pizza doce, massa pura doce e assada.

Nós nos reuníamos no Natal, Ano Bom, Páscoa e todos os domingos ia almoçar na casa de minha avó, que tinha uma chácara na Vila Marieta e depois jantar na outra que era no Largo da Catedral. Isto quando mocinha, porque meu avô não parava, quando eu era criança ele morava em São Paulo.

A n i v e r s á r i o
comemorava, tinha bolo, isso era muito comum entre nós.